



FATIPI
Faculdade de Teologia de São Paulo
da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

ANAIS DO 2º CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DA FATIPI

TEMA: A RELEVÂNCIA DAS ESCRITURAS NO SÉC.XXI

Nº 16 ■ Outubro 2025 ■ São Paulo - SP

TEOLOGIA

SOCIÉDADAE

PALAVRA DE ABERTURA

Rev. Dr. Sérgio Gini

LAVADOS POR SUA PALAVRA;
SABEDORIA EM COMUNHÃO COM DEUS;
ADOTADOS PARA ACOLHER E ADOTAR: NOSSA
IDENTIDADE ESTÁ NAS ESCRITURAS

Sofia Quintanilla Ramírez

BÍBLIA E PASTORAL

Shirley Maria dos Santos Proença

PRINCÍPIOS PARA UMA LEITURA SAUDÁVEL

Valdinei Ferreira

MISSÃO NA E DA BÍBLIA

Timóteo Carriker

LECTIO DIGITALIS: TRANSFORMANDO O ESTUDO DA BÍBLIA COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

José Roberto Cristofani

DIACONIA, EMPODERAMENTO E PROFECIA

José Adriano Filho

NARRATIVAS BÍBLICAS COMO LITERATURA: TEORIA E PRÁTICA

João Leonel

COMUNICAÇÕES

Prof. Dr. Esny Cerene Soares

Hildson de Moraes Pires

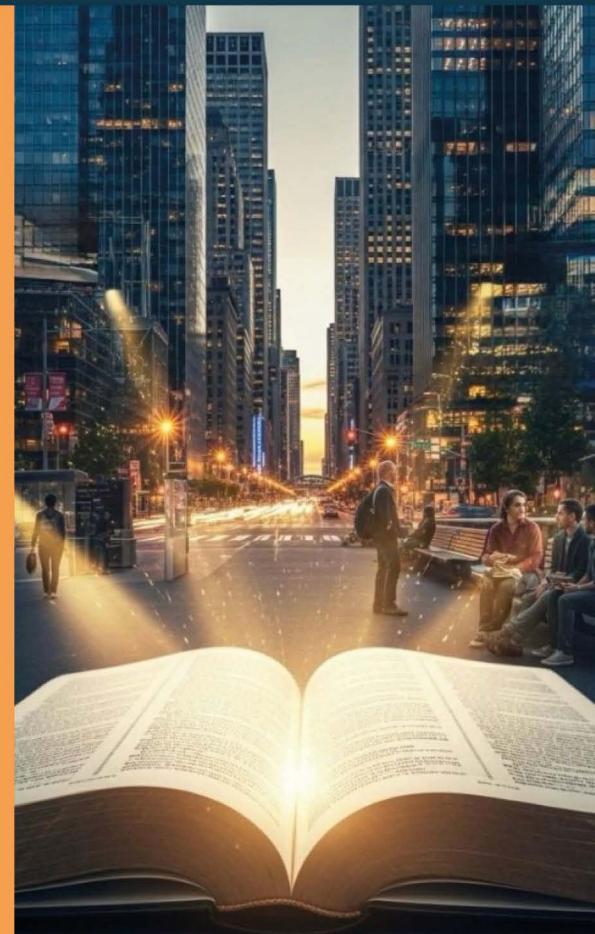
John Wesley Alves Silva

Luciane Pereira de Araújo

Paulo Fernandes da Silva

Richard Strazza da Silva

Samuel Pereira Valério



Nº 16 ■ Outubro 2025 ■ São Paulo - SP

TEOLOGIA e SOCIEDADE

Expediente

Editores: Prof. Dr. Esny Cerene Soares,
Prof. Me. Marcos Nunes

Colaboradores deste número:
Prof^a. Dr^a. Sófia Quintanilla
Prof. Dr. Esny Cerene Soares
Prof. Dr. Timóteo Carricker
Prof. Dr. José Roberto Cristofani
Dr. José Adriano Filho
Prof. Dr. Valdinei Aparecido Ferreira
Dr João Leonel

Revisão:
Mary Ferreira

Conselho Editorial:
Prof. Ms. Marcos Nunes
Prof. Dr. Esny Cerene Soares
Profa. Ma. Shirley Maria dos Santos Proença

Planejamento gráfico e capa:
Ana Paula Pires G. Cabral

Diagramação
Ana Paula Pires G. Cabral
Prof. Dr^o. Marcos Camilo Santana

Presidente da FECP
Heitor Pires Barbosa Junior

Versão eletrônica:
www.fatipi.edu.br/teologiaesociedade

Teologia e Sociedade é editada pela Faculdade de Teologia de
São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil
Rua Genebra, 180 – São Paulo / SP – CEP 01316-010

www.fatipi.edu.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
Teologia e Sociedade / Faculdade de Teologia de São Paulo
Vol. 1, nº 15 (2024).

Anual
ISSN 18006563-5

1. Teologia – Periódicos. 2. Teologia e Sociedade.
3. Presbiterianismo no Brasil. 4. Bíblia. 5. Pastoral.
CDD 200

As informações e as opiniões emitidas nos artigos assinados
são de inteira responsabilidade de seus autores.

ACESSE

www.fatipi.edu.br/teologiaesociedade

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	6
<i>Prof. Me. Marcos Nunes</i>	
PALAVRA DE ABERTURA.....	9
<i>Rev. Dr. Sérgio Gini, presidente da Assembleia Geral da IPI do Brasil</i>	
LAVADOS POR SUA PALAVRA.....	18
<i>Sofía Quintanilla Ramírez, Ph.D.</i>	
OFICINA – BÍBLIA E PASTORAL.....	32
<i>Shirley Maria dos Santos Proença</i>	
BÍBLIA E A ESPIRITUALIDADE	
PRINCÍPIOS PARA UMA LEITURA SAUDÁVEL.....	43
<i>Prof. Dr. Valdinei Ferreira</i>	
BÍBLIA E MISSÃO.....	48
<i>Dr Timóteo Carricker</i> 48	
OFICINA: LECTIO DIGITALIS: TRANSFORMANDO	
O ESTUDO DA BÍBLIA COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.....	57
<i>Prof. Dr. José Roberto Cristofani</i>	
BÍBLIA E DIACONIA	
DIACONIA, EMPODERAMENTO E PROFECIA.....	70
<i>Prof. Dr. José Adriano Filho</i>	
NARRATIVAS BÍBLICAS COMO LITERATURA	
TEORIA E PRÁTICA.....	90
<i>Prof. Dr. João Leonel</i>	
SERVIÇO E COMUNHÃO EM TEMPOS DIGITAIS	
DESAFIOS PARA A IGREJA CONTEMPORÂNEA.....	112
<i>Paulo Fernandes da Silva</i>	

ORAR COM A ÍBLIA A LECTIO DIVINA COMO MÉTODO DE DISCERNIMENTO VOCACIONAL PARA JOVENS.....	116
<i>Richard Strazza da Silva</i>	
BERESHIT EN ARQUE: A CONEXÃO ENTRE O PRÓLOGO JOANINO E A COSMOLOGIA EM GÊNESIS.....	132
<i>Hildson de Moraes Pires</i>	
TEOLOGIA COACHING NEUROLINGUÍSTICA ERCKSONIANA E PSICOLOGIA POSITIVA COMO PROCESSOS DE PERSUASÃO ENTRE COACHES E COACHES RELIGIOSOS.....	143
<i>Samuel Pereira Valério</i>	
SABEDORIA EM COMUNHÃO COM DEUS.....	157
<i>Sofía Quintanilla Ramírez, Ph.D.</i>	
ÉTICA E RELIGIÃO: NEGACIONISMO E INCLUSÃO DE LGBTQIA+ NO PROTESTANTISMO BRASILEIRO.....	170
<i>Luciane Pereira de Araújo</i>	
ANTON THEOPHILUS BOISEN: UMA REDESCOBERTA NECESSÁRIA	181
<i>Prof. Dr. Esny Cerene Soares</i>	
COMUNICAÇÃO A RELAÇÃO ENTRE BÍBLIA, REVELAÇÃO E HISTÓRIA NA TEOLOGIA DE HENDRIKUS BERKHOF.....	195
<i>John Wesley Alves Silva</i>	
<i>Prof. Dr. Júlio Paulo Tavares Manovani Zabatiero</i>	
ADOTADOS PARA ACOLHER E ADOTAR: NOSSA IDENTIDADE ESTÁ NAS ESCRITURAS.....	205
<i>Sofía Quintanilla Ramírez, Ph.D.</i>	

APRESENTAÇÃO

Prof. Me. Marcos Nunes¹

Nos dias 21 a 24 de outubro de 2024, no auditório da Catedral Evangélica de São Paulo, realizamos o 2º Congresso Internacional de Teologia, com o tema: A relevância das Escrituras no séc. XXI. Foram dias para se encontrar e rever amigos e amigas, colegas de ministérios, egressos da FATIPI e conhecer irmãos e irmãs que vieram participar. Mas, acima de tudo, foram dias de ouvir e refletir sobre a importância das Escrituras Sagradas em várias áreas da vida, da igreja e da teologia.

Foram convidados vários preletores e preletroras para ministrarem no congresso. As palestras da noite, foram conduzidas pela Profa. Sofía Quintanilha, costa riquenha, doutora em Bíblia e vice-reitora do SETECA – Seminário Teológico Centro-Americano em Guatemala. Dra. Sofía compartilhou conosco sobre a relevância da Bíblia para nossa vida pessoal, da importância de sermos lavados pela palavra. Também da relevância das escrituras para nossa comunhão com Deus, como também a sua importância para responder aos problemas sociais na sociedade. Ela estava acompanhada pelo seu esposo, pastor e missionário Paul Garret e suas presenças aqui muito acrescentaram ao nosso congresso. Nossa gratidão a Dra. Sofía e ao seu esposo Paul. Deus os abençoe!

As oficinas proporcionaram o diálogo da Bíblia com as várias áreas do saber teológico: Pastoral, espiritualidade, diaconia, missões, literatura e o uso da Inteligência Artificial no estudo das Escrituras. Foram realizadas no dia 22, nas dependências da FATIPI, contando com os docentes da FATIPI: Bíblia e Pastoral – Me. Profa. Shirley Proença; Bíblia e Espiritualidade – Prof. Dr. Valdinei Ferreira; Bíblia e Inteligência Artificial – Prof. Dr. José Roberto Cristofani; e docentes convidados: Bíblia e Literatura – Prof. Dr. João Leonel (Universidade Mackenzie e Seminário Presbiteriano do Sul); Bíblia e Missões – Prof. Dr. Timóteo Carriker e Bíblia e Diaconia – Prof. Dr. José Adriano Filho (Faculdade Unida

¹ Mestre em Ciências da Religião pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo (2007). Graduação em teologia pela Seminário Teológico de São Paulo (1991) e pela UNICESUMAR (2007). Licenciado em História pela Unicesumar (2025). Diretor Acadêmico e docente da FATIPI – Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

de Vitória). Nossa gratidão aos nossos docentes e aos convidados pela participação importante em nosso congresso.

Neste ano tivemos participação de pesquisadores/as apresentando suas comunicações, pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico, que trouxeram contribuições importantes nos estudos teológicos, bíblicos, eclesiológicos e pastoral. O nível das comunicações foi elevado, mostrando a importância da pesquisa nos estudos teológicos para a vida da igreja. Estão todos/as de parabéns pelas apresentações e agradecemos o interesse em participarem do Congresso com suas comunicações. Agradecemos ao apoio dos nossos parceiros: Aipral – Aliança de Igrejas Presbiterianas da América Latina, Aste – Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, Revista Visão da 1^a IPI de São Paulo, IPI do Brasil, Revista Ultimato, Editora Vida e Caminho, CETI – Comunidade de Estudos Teológicos Interdisciplinares, Catedral Evangélica de São Paulo, Fundação Presbiteriana de São Paulo e a FECPI – Fundação Eduardo Carlos Pereira, nossa mantenedora, pelo apoio e recursos para que o Congresso fosse realizado. Gratidão aos docentes, colaboradores/as, alunos e alunas da FATIPI, pela participação e ajuda na logística do evento. Menção especial aos alunos e aluna do EaD – ensino a distância da FATIPI. Nathália(Florianópolis), John Wesley(Vitória), Hildson(São Luís) e Guilherme(Londrina).

A distância não foi impedimento para participarem presencialmente do congresso. No próximo ano, trabalharemos numa logística que favoreça a vinda de mais alunos e alunas do EaD, havendo um momento de encontro e interação entre os discentes do presencial e do EaD. O 2º Congresso Internacional de Teologia cumpriu seu propósito, pois toda reflexão teológica visa o ensino-aprendizagem, a construção do saber, a edificação da igreja e a participação na sociedade. As Escrituras Sagradas são relevantes, pois vivemos numa sociedade que está cheia de perguntas e como igreja precisamos ter a sensibilidade de ouvir para responder aos desafios presentes. Muitas vezes, a igreja não tem ouvido a sociedade e por isso tem respondido perguntas que não estão sendo feitas. Pior, é quando a igreja mesma formula suas próprias perguntas para ela mesma responder. Precisamos levar a sério a Bíblia, tanto na leitura, como na interpretação. Precisamos de bons métodos exegéticos, boa hermenêutica, boa teologia para uma interpretação séria, que leve

a uma prática consciente, que traga respostas aos desafios contemporâneos, pois muitas vezes ou na maioria das vezes as pessoas estão lendo as Escrituras Sagradas através das nossas vidas.

É com alegria que apresentamos os textos das palestras ministradas no Congresso, para que seja um documento de pesquisa, reflexão e discussão sobre tema relevante, tanto para a academia, como também para pastores e pastoras, lideranças e igrejas de nosso país.

Boa leitura!

PALAVRA DE ABERTURA

*Rev. Dr. Sérgio Gini,
presidente da Assembleia Geral da IPI do Brasil*

Texto bíblico: 2 Timóteo 3: 14-17

“14Tu, porém, permanece nas coisas que aprendeste e de que foste assegurado, sabendo de quem as tens aprendido, 15E que desde criança, sabes as santas Escrituras, que são capazes de fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. 16Toda Escritura é dada pela inspiração de Deus, e é proveitosa para doutrina, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça, 17para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra”.

Introdução:

Todo estudante de Teologia em uma instituição reformada aprende que as raízes da teologia bíblica estão na Reforma. Foi o conceito de “Sola Scriptura” que lançou a semente da teologia exegética. Os comentários de Calvino são os primórdios de uma exegese histórica e grammatical: a futura teologia bíblica. Porém, o estudo dessa teologia se define com o teólogo alemão Johann Philipp Gabler em Altdorf, em 1787. Antes dele, não havia distinção entre teologia dogmática e bíblica. Não havia separação entre teologia do NT e AT. Ele definiu os princípios básicos pelos quais, num enfoque macro-exegético, a Teologia Bíblica ressalta a primazia do texto e a prioridade do texto sagrado.

A Bíblia não é sistemática nem filosófica. São textos vivos e dinâmicos que delineiam a relação do Criador com o ser humano. O hebraísta, pastor e teólogo norueguês, Thorleif Boman, com razão, afirma que a mente hebraica é “dinâmica, vigorosa e apaixonada, e de vez em quando até explosiva; enquanto a filosofia grega é estática [harmônica, serena, moderada]”. A ideia pura é que a sistematização é o caminho da verdade filosófica, por isso, lidar com a vida é usar abstrações, modelos organizadores da realidade. Essa abstração pressupõe um distanciamento da realidade, de construção de um mundo que não toca o cotidiano. Já a linguagem

bíblica é concreta, vigorosa e sensorial; em vez de abstração, descreve a experiência vivencial do homem em sua relação com Deus.

Lutero chamou isso de “energia especial” no vocabulário bíblico. Assim, a realidade bíblica é dialética, em oposição ao reducionismo aristotélico, que tanto dominou a teologia, especialmente a de fundo Tomista. A Bíblia não se incomoda em afirmar realidades ditas opostas (complementares). Deus é um ser infinito, mas encarnou num bebê em Belém da Judeia. Deus pode ser um e três ao mesmo tempo. A Bíblia é Palavra de Deus e foi escrita por homens. Somos salvos pela fé e por obra exclusiva do Espírito Santo. Deus é soberano e nós somos livres.

Hoje, foi-me confiada a tarefa de abrir o 2º Congresso Internacional de Teologia da FATIPI que vai abordar “A Relevância das Escrituras para o século 21”. Por isso, ciente de que as abordagens nesses dias irão tratar diretamente sobre isso, escolhi falar sobre a doutrina do “Sola Scriptura”, que é fundamental para darmos as bases desta relevância já anunciada no título do Congresso. Que privilégio é falar sobre a Bíblia, quanto a amamos e quanto ela significa para nós.

Assim, vamos passar os próximos minutos considerando juntos essa doutrina. Queremos realmente dar honra àqueles que correram o risco de perder a vida pelo Evangelho, enfrentando muitas doutrinas para preservar sua pureza. Assim, gostaria de introduzir meu assunto falando sobre um dos momentos-chave da Reforma Protestante, ocorrido no intenso período do início do século XVI.

Quero me referir a um evento que muitas vezes não é tão lembrado quanto outros, mas que teve um impacto enorme na história da Reforma e da Igreja Cristã. Refiro-me ao debate entre Johann Eck e Lutero, ocorrido na cidade de Leipzig. O debate em Leipzig aconteceu alguns anos após a publicação das 95 teses, que marcaram o início da Reforma em 1517. Essas teses, que tratavam da venda de indulgências

— documentos que prometiam reduzir o tempo no purgatório — foram promovidas pelo frade Tetzel. No entanto, em 1519, o debate alcançou um novo nível de importância.

Uma das questões que estavam em segundo plano, mas que veio à tona no debate de Leipzig, foi: “Com qual autoridade o Papa pode falar sobre as indulgências?” Isso trouxe à tona várias perguntas: “Como uma pessoa é salva? O homem é salvo apenas

pela graça ou ele contribui com algo?” Todas essas perguntas foram levantadas, mas foi em Leipzig que a questão principal emergiu como uma lua cheia em uma noite clara: “Quem tem a autoridade final para decidir o que se deve crer?”

O oponente de Lutero, Johann Eck, não perdeu tempo em levar a discussão da questão das indulgências para a questão da autoridade papal, pois sabia que isso poderia colocar Lutero em um terreno perigoso. Ele tentou basear todas as questões relacionadas à fé e às indulgências na autoridade do Papa. Foi durante o debate em Leipzig que Lutero fez afirmações que talvez nem ele tivesse percebido o profundo significado que teriam.

Lutero afirmou que “não está no poder do Papa ou da Inquisição criar novos artigos de fé” e que “nenhum crente deve ser forçado a crer além do que está nas Escrituras”. Lutero estava se aproximando perigosamente de uma posição que muitos antes dele haviam tomado, como John Wycliffe e Jan Hus, que questionaram a autoridade do Papa e pagaram caro por isso.

Mas Lutero continuou afirmando que “um concílio pode errar” e que “nenhum concílio tem autoridade para estabelecer novos artigos de fé”. Ele declarou que “um homem simples, armado com as Escrituras, deve ser acreditado acima de um Papa ou concílio que age sem o suporte delas”. Sobre os decretos papais e indulgências, Lutero disse que o Papa não tem o poder de estabelecer novos artigos de fé, pois eles devem vir das Escrituras.

Com essas palavras, Lutero cruzou o Rubicão. Ele percebeu que havia cruzado uma linha sem volta. Mais tarde, ele fez considerações sobre o que havia acontecido em Leipzig e referiu-se a esse debate com termos de gratidão, dizendo que “foi em Leipzig que eu acordei para essas verdades”. Foi em Leipzig, onde, segundo outro teólogo, o britânico Carl Trueman, ficou claro que a verdadeira questão da Reforma era a questão da autoridade.

O destino de Lutero não estava apenas relacionado à questão da justificação, mas à questão da autoridade. Esse evento em Leipzig foi mais importante e significativo do que muitos pensam, porque naquele momento a doutrina da “Sola Scriptura” foi reforçada e redescoberta.

Esta conferência é intitulada “A Relevância das Escrituras”, e devemos nos lembrar de que é o dever de cada geração garantir a



preservação do Evangelho e das doutrinas relacionadas a ele, que são o fundamento da nossa fé. Eu gostaria de fazer uma oração, pedindo a Deus que nos encontre fiéis. Que Deus nos encontre fiéis.

ORAÇÃO

A conferência de Leipzig deu uma nova arma ao movimento da Reforma: as Escrituras, focando-as como a fonte de autoridade para o cristianismo, como o padrão contra o qual todas as doutrinas e práticas devem ser medidas. Não devemos subestimar o grande presente que esses homens nos deram, um presente que esperamos não desperdiçar.

Com esta introdução, vamos repassar três coisas que gostaria de destacar sobre a doutrina da “Sola Scriptura”. Primeiro, queremos ver juntos a definição da doutrina da “Sola Scriptura”. Em seguida, consideraremos a base bíblica da doutrina da “Sola Scriptura”. E, por último, vamos considerar o pedigree ou a autenticidade da origem desta doutrina.

I – DEFININDO “SOLA SCRIPTURA”

Primeiramente, a definição de “Sola Scriptura”: O que queremos dizer quando falamos da doutrina da “Sola Scriptura”? A doutrina da “Sola Scriptura” significa que as Sagradas Escrituras são a única autoridade final e infalível em questões de fé e prática. “Sola Scriptura” refere-se à autoridade final para qualquer questão de fé e prática. Não devemos crer em nada para nossa salvação que não seja ensinado nas Escrituras, e não devemos praticar nada para nossa salvação que não seja encontrado nas Escrituras.

Vamos começar considerando o fato de que toda doutrina deve ser medida pelo padrão da Bíblia. Se quiserem, podemos olhar para II Pedro 3, onde vemos algo interessante. O apóstolo Pedro está confirmado o que acabou de dizer sobre o fim de todas as coisas e, para confirmar o que disse, ele faz referência às cartas de Paulo. Ele chama os escritos de Paulo de “sabedoria dada a ele”. Mais adiante, ele diz que aqueles que distorcem as Escrituras, incluindo os escritos de Paulo, o fazem para sua própria destruição. Aqui, vemos a alta consideração que o apóstolo Pedro tinha pela Palavra de Deus e pelos escritos de Paulo.

Qualquer doutrina deve ser medida pelo padrão da Bíblia,

e o mesmo vale para as práticas. Se formos ao exemplo de Gálatas 2, vemos que Paulo se recusou a circunciduar Tito porque os falsos irmãos haviam se infiltrado “para espiar a liberdade que temos em Cristo e queriam nos escravizar”. Paulo afirmou que nenhuma prática deveria ser imposta aos crentes se não estivesse de acordo com as Escrituras.

Este foi um tema muito importante durante o período da Reforma e continua sendo muito relevante hoje. Não podemos permitir que qualquer coisa que não esteja especificamente descrita na Bíblia seja imposta às consciências dos crentes. A única força que pode obrigar a consciência de um crente é a Palavra de Cristo por meio das Escrituras.

Agora, quero falar sobre a importância da palavra “sola” em “Sola Scriptura”. Às vezes, subestimamos o impacto dessa pequena palavra, mas ela era o ponto central do debate entre os reformadores e a Igreja Católica Romana. A Igreja Romana afirmava que a Escritura era autoritativa, mas também colocava as tradições no mesmo nível de autoridade. No artigo 82 do Catecismo da Igreja Católica Romana, é afirmado que a Igreja não obtém sua certeza apenas das Escrituras, mas também das tradições.

Esse foi um ponto importante na Contrarreforma, no Concílio de Trento, onde a Igreja Romana afirmou duas fontes de autoridade: as Escrituras e as tradições. Em contraste, os reformadores, em clara continuidade com os profetas e apóstolos, afirmavam que as Escrituras sozinhas eram a única autoridade final.

Ao ter duas fontes de autoridade, uma inevitavelmente prevaleceria sobre a outra. A Igreja Católica hoje afirma que Maria foi concebida sem pecado, apesar de a Bíblia dizer que Maria reconheceu que precisava de um Salvador (Lucas 1:47). Aqui vemos que a tradição foi elevada acima das Escrituras.

Quando falamos de “Sola Scriptura”, não negamos o lugar das tradições com “t” minúsculo. Ao afirmar “Sola Scriptura”, estamos dizendo que a autoridade final em questões de fé e prática está nas Escrituras. Isso não significa que devemos descartar o que a Igreja aprendeu ao longo dos séculos, mas precisamos sempre medir tudo pelo padrão da Bíblia.

Cada geração de crentes precisa se lembrar de que está sobre os ombros de gigantes como Agostinho, Anselmo, Lutero e Calvino, que

foram fiéis em transmitir o que aprenderam da Palavra de Deus. Embora não devamos idolatrar as tradições, também não devemos rejeitar o que os crentes fiéis do passado nos transmitiram.

Por fim, a iluminação do Espírito Santo não é uma nova revelação, mas a aplicação de verdades já reveladas. Isso é algo muito importante a se lembrar quando pensamos sobre a doutrina da “Sola Scriptura”. Mas devemos dar valor àquilo que nos foi transmitido de geração em geração por nossos antepassados.

2- A BASE BÍBLICA DO “SOLA SCRIPTURA”

Falamos até aqui com relação à definição de “Sola Scriptura”, e agora vamos considerar a base bíblica para a doutrina da “Sola Scriptura”. O cristianismo é a religião do livro, e é uma fé ensinada a partir de um livro. E é deste livro que todas as coisas que acreditamos provêm, incluindo esta doutrina de que a Bíblia é a autoridade final. Ela é uma categoria à parte de todos os outros livros. Há muitas verdades, muitos campos de estudo. Pode-se dizer que toda verdade é a verdade de Deus e que toda verdade pertence a Deus, mas a verdade revelada nas Escrituras é a soma da verdade.

O Salmo 19:7 afirma: “A lei do Senhor é perfeita e restaura a alma; o testemunho do Senhor é fiel e torna sábio o simples.” O salmista aqui afirma a doutrina da “Sola Scriptura”. O profeta Isaías, em Isaías 8:20, também afirma esta doutrina. Ele fala no contexto de uma controvérsia com seus inimigos, dizendo que alguns queriam consultar outras vozes em busca de uma segunda opinião. Isaías responde: “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles.” Aqui, Isaías destaca que a única fonte de luz e verdade é a palavra de Deus, a lei e o testemunho.

Um exemplo do Novo Testamento é Marcos 7:1-13, onde Jesus debate com os fariseus sobre suas tradições. Os fariseus acusam os discípulos de Jesus de não seguirem as tradições de lavar as mãos antes de comer. Jesus responde, citando a tradição do “Corban”, que permitia que os filhos doassem ao templo o dinheiro que deveria ser usado para sustentar seus pais, anulando “E assim, com a tradição que vocês transmitem, anulam

a palavra de Deus”. Aqui vemos uma clara distinção feita por Jesus entre a tradição e a palavra de Deus.

Outro exemplo bem conhecido está em II Timóteo 3:16-17, o texto que lemos no início, onde Paulo afirma: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”. Alguns dizem que Paulo aqui se referia apenas ao Antigo Testamento, mas a palavra grega para “Escritura” usada por Paulo, GRAPHEI, também é aplicada ao Novo

Testamento, como vemos em II Pedro 3:16, onde Pedro classifica as cartas de Paulo como Escritura, isto é, “GRAPHEI”.

Portanto, a doutrina da “Sola Scriptura” está firmemente enraizada nas Escrituras.

3 - O PEDIGREE DO “SOLA SCRIPTURA”

Agora, vamos considerar o pedigree desta doutrina, sua antiguidade e pureza. Alguns críticos dizem que Lutero foi um inovador e que, antes dele, poucos acreditavam que as Escrituras fossem a autoridade final. Contudo, essa acusação não é verdadeira. A Reforma foi um momento crucial em que a questão da autoridade final foi trazida à tona, mas isso não significa que a doutrina da “Sola Scriptura” fosse uma novidade. Ela tem um pedigree puro e incontaminado.

A palavra “pedigree” tem origem no termo francês “pied de grue” (pé de grou), referindo-se ao formato de uma árvore genealógica, cujas ramificações lembram os dedos de um pé de grou, uma ave exótica. Seu uso evoluiu para significar a linhagem ou a origem de um animal, principalmente em relação à pureza de raça.

Hoje, “pedigree” tem dois usos principais: refere-se à documentação da ascendência de um animal, como cães, gatos ou cavalos, para atestar sua pureza genética e linhagem. Um animal com “pedigree” é aquele cuja ascendência é conhecida e registrada por uma organização oficial, o que é importante para criadores e compradores que buscam características específicas.

O termo também é usado para pessoas ou instituições, indicando sua origem, qualidade ou reputação. Por exemplo, quando dizemos que

a FATIPI tem “pedigree”, estamos nos referindo à sua tradição de 120 anos e prestígio.

Podemos fazer o uso figurado de “pedigree” para falarmos de herança sólida ou pureza. Quando falamos do pedigree do Sola Scriptura, estamos falando da pureza da origem desta doutrina. Vamos considerar algumas citações de figuras da Igreja Primitiva que afirmavam a “Sola Scriptura”.

Um exemplo é Clemente de Roma, que escreveu uma carta aos coríntios no final do primeiro século. Nessa carta, Clemente faz referência a treze livros do Novo Testamento, mostrando que, já naquela época, os escritos do Novo Testamento eram considerados de uma qualidade especial e única.

Relativo a esses treze livros citados, não sei se sabiam, mas pode ser interessante para vocês saber que a lista mais antiga de livros da Bíblia está em um fragmento chamado “Fragmento Muratoriano”, que se encontra em Milão, na Biblioteca Ambrosiana. Esse fragmento data de aproximadamente o ano 170 d.C., e já naquela época, na Igreja Primitiva, havia essa consciência de que os livros que hoje compõem os 27 livros do Novo Testamento e os 39 do Antigo Testamento tinham uma qualidade especial.

Falemos agora sobre Justino Mártil, um outro cristão dos primeiros séculos e professor influente. Ele foi o primeiro a falar sobre a qualidade intrínseca das Escrituras. Justino não apenas elogiava a beleza e a completude das Escrituras, mas também sua qualidade intrínseca e divina. Ele disse: “Quando você ouve as expressões dos profetas faladas em primeira pessoa, não deve supor que foram ditas por homens comuns, mas sim por aqueles inspirados pela palavra divina que os movia”. Justino Mártil fez essa declaração por volta do ano 150 d.C.

Outro exemplo é Basílio de Cesareia, alguns séculos depois, por volta de 330 d.C. Ele participou do debate sobre a Trindade, combatendo aqueles que a negavam. Seus oponentes apelavam para suas tradições para justificar suas crenças, mas Basílio disse: “Se eles propõem suas tradições como base para aceitar ou negar algo, eu também poderia fazer o mesmo. No entanto, se ficarmos apenas com nossas tradições, não chegaremos a lugar algum”. Então ele afirmou: “A Escritura inspirada por Deus deve decidir entre nós, e qualquer um que seja verdadeiro será demonstrado por ela”. Aqui vemos a alta consideração de Basílio pelas Escrituras.

Em Leipzig, Lutero falou claramente sobre a supremacia da Bíblia acima de qualquer outra autoridade, mas, ao fazer isso, ele não estava dizendo nada de novo. Os apóstolos e crentes dos primeiros séculos já haviam dito o mesmo.

Gostaria de terminar com uma ilustração para reforçar este ponto. Esta história fala de um vilarejo distante no passado, onde havia um ferreiro. Ele tinha uma bigorna larga, pesada e muito usada. Certo dia, um menino veio da zona rural para a cidade com seu pai, e, enquanto caminhavam pela rua principal, o menino ouviu um forte som de marteladas. Ele perguntou ao pai: “O que é isso?” O pai respondeu: “Vou te mostrar.” Eles se aproximaram da loja do ferreiro, e o menino viu um homem enorme e forte, com cerca de dois metros de altura, martelando um pedaço de metal incandescente sobre a bigorna.

O menino observou o grande martelo subindo e descendo, golpeando o metal repetidamente. Ele ficou impressionado com a força dos golpes e pensou que a bigorna não resistiria a tanta pressão. O pai, percebendo sua preocupação, sorriu e disse: “Esta bigorna está aqui há cem anos, e muitos martelos se desgastaram sobre ela, mas a bigorna não sofreu nenhum dano.”

Nos dá uma bela ilustração do que a Palavra de Deus é, como uma bigorna. Pensaríamos em um martelo, como todas as filosofias, ideologias e heresias que tentaram quebrar a bigorna da Palavra de Deus, mas não conseguiram. Os reformadores descobriram que a Palavra de Deus é indestrutível, e se apoiam com toda a força sobre ela. Isso é o que devemos fazer também, porque é a Palavra de Deus o fundamento sobre o qual a Igreja está edificada. “Sola Scriptura” é o fundamento sobre o qual a Igreja permanecerá firme até o retorno do Senhor.

A Ele seja a glória. Amém.

LAVADOS POR SUA PALAVRA

Sofía Quintanilla Ramírez, Ph.D.¹

RESUMO:

A presente palestra tem como objetivo discutir a relevância das Escrituras nos dias de hoje, refletindo sobre como nos aproximar dela buscando pureza por meio do Espírito Santo. Serão abordados alguns simbolismos que a água assume nas Escrituras, seja como fonte de vida, juízo divino ou provas turbulentas. Por fim, aprofundaremos a metáfora de Paulo, na qual ele descreve que somos lavados pela Palavra. Essa imagem paulina é derivada do Pentateuco, e o apóstolo se dá a liberdade de reinterpretar o rito sacerdotal de purificação com a bacia de bronze. A busca pela pureza é inerente ao ser humano; por isso, diversas culturas e religiões atribuem à água e aos rituais de lavagem um significado significativo. Quanto à metodologia desta investigação, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre certas passagens, buscando uma hermenêutica contextual e atualizada. Também levamos em conta aspectos culturais para dialogar com nossa realidade global não cristã. Como seres humanos, buscamos uma pureza espiritual e, em nosso caso, nos aproximamos da Palavra em oração e humildade, permitindo ao Senhor mudar as nossas vidas. Não buscamos apenas conhecimento intelectual, mas sim um conhecimento integral que combine ideias frescas com uma espiritualidade saudável, sem legalismos ou moldes rígidos que negligenciem o amor por Deus e pelo próximo. A quietude e o silêncio nos ajudam nessa busca pelo Senhor.

Palavras-chave: Simbolismo. Água. Tabernáculo. Purificação. Convicções.

Geertz (2003) considera que a cultura determina os simbolismos, além de estipular a conduta humana. A cultura também estabelece

1 Sofía Quintanilla possui a Licenciatura em Jornalismo pela Universidade da Costa Rica (1993), Mestrado em Administração Educacional pela Universidade Latina da Costa Rica (1997), Diplomada em Bíblia pelo Instituto Bíblico Cristo para as Nações de Guadalajara (2008) e Mestrado em Divindade pela Harvest Bible University (2017). Sofía também possui um Ph.D. em Teologia com ênfase em Eclesiologia pela Universidade Evangélica das Américas (UNELA-PRODOLA) (2021). De nacionalidade costarriquenha, ela é casada com Paul Garrett, com quem tem um filho, Sebastián. Por mais de 30 anos, serviram na área pastoral, ministrando a jovens e famílias na Costa Rica e em Guadalajara, México. Nos últimos 14 anos, foram pastores na Igreja Cristã União, em San José, Costa Rica. Sofía também foi docente de Bíblia com especialização em Antigo Testamento e ocupou diversos cargos administrativos no Seminário ESEPA. Em 2022, mudaram-se para morar na Guatemala, onde Sofía atualmente leciona Hebraico e Antigo Testamento no Seminário SETECA.

como os simbolismos são estruturados e funcionam. Embora existam “princípios universais”, ou seja, elementos comuns em todas as épocas, é certo que cada grupo humano pensa e age com base em categorias próprias de simbolismo.

O simbolismo, apesar de comum a diversos povos e culturas, possui elementos únicos pelos quais suas significações são construídas. Como exemplo, Geertz (2003) menciona a política (p. 262): embora a organização política esteja presente em todo grupo humano, ela se manifesta de forma diferente de região para região.

A água, sendo um símbolo de vida e sobrevivência, assume diferentes significados em regiões desérticas quando comparadas a lugares chuvosos. Inclusive, em um mesmo país, como no Brasil, as trágicas enchentes de 2024 mudaram a percepção sobre a chuva em áreas impactadas, diferindo daquelas que não sofreram com a tragédia.

No que se refere ao simbolismo das águas, Eliade (1981) destaca dois aspectos: primeiro, que as águas existiam antes da terra, segundo o Gênesis; e, segundo, que possuem valores religiosos que ajudam a compreender melhor “a estrutura e a função do símbolo (...) As águas simbolizam a soma universal das virtualidades” (p. 79). “Elas precedem toda forma e sustentam toda a criação” (Eliade, 1981, p. 79). O autor relaciona a imersão tanto à morte quanto à vida, afirmando que “independentemente do contexto religioso, as águas mantêm invariavelmente sua função: desintegram, anulam formas, ‘lavam os pecados’; são ao mesmo tempo purificadoras e regeneradoras. Seu destino é preceder à Criação” (p. 80).

Não é necessário muito conhecimento científico para entender o quanto a água é vital como elemento de vida para o planeta. Sem ela, não existiremos, dependemos da água para a sobrevivência. Talvez por isso ela carregue um simbolismo de vida. Nossa texto sagrado começa nos dando uma perspectiva da criação, em que o caos está presente ao mesmo tempo em que “o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas” (Gn 1:2). Observemos que nos mandamentos não há nenhum que mencione explicitamente a criação da água. Ela simplesmente está ali, e dela surge a vida.

O texto de Gênesis 1 descreve como das águas a vida vai surgindo para o restante da criação, tudo se submete humildemente aos mandatos

divinos. Deus falava, e aquilo acontecia; e Deus via que aquilo era bom, e foi a tarde e a manhã de cada dia. O que foi criado se submetia às ordens divinas².

As palavras “os céus e a terra” (Gn 1:1) devem ser entendidas como um hebraísmo para expressar tudo o que existe; ou seja, o universo que conhecemos. Dessa forma, os dois primeiros versículos do texto bíblico funcionam como uma introdução, comunicando que, no princípio, Deus criou todas as coisas. Utiliza-se o verbo bará, que no hebraico é empregado somente com o Senhor como sujeito. Parece, então, que esse verbo é reservado a Deus, significando a capacidade exclusiva de criar do nada ou criar algo de uma maneira que só Ele pode fazer. Por exemplo, Ele bará a criação (Gênesis) e Ele bará o retorno de seu povo do exílio (Isaías).

No que diz respeito ao contexto cultural antigo, Walton (2017) afirma que os deuses existiam na medida em que podiam ser percebidos de maneira manifesta. As pessoas acreditavam que os deuses se revelavam nas forças do mundo natural, assim como nos fenômenos celestiais (p.30-31). Na verdade, para Israel e para os povos antigos, um deus era definido pelo que fazia, não pela substância de seu ser. O texto bíblico nos apresenta Deus como único: somente Ele é Deus. Mas, culturalmente, não se tratava de sua substância, e sim de sua ação. Somente Ele criou tudo o que existe; além disso, fez uma criação repleta de bondade, algo extremamente bom.

Walton (2017) também desenvolve o conceito comunitário, destacando que as pessoas agiam em comunidade e encontravam sua identidade nela. Dentro dessa mentalidade, os deuses também funcionavam em sociedade, sendo o panteão sua comunidade. Então, por que um Deus escolheria agir sozinho e fazer tudo por si mesmo? (p.38). O texto bíblico, na verdade, fala de um Deus único e excepcional que não precisa da ajuda de ninguém para realizar a sua obra.

Sobre Gênesis 1:2, Tertuliano faz uma relação com o batismo dos crentes e comenta como a água tem sido “o assento do Espírito Santo, que

² Hallo & Yonger (2003) afirmam que vários textos egípcios mencionam um início com as águas como o cenário a partir do qual surge a vida. No livro da deusa Nut, é mencionado que, naquela época, não havia nem terra nem céu, e o sol também não estava presente. Em outro escrito, as águas expressam como tudo se desenvolveu a partir delas; no entanto, é o deus Atum quem fala e afirma que flutuava sobre essas águas. Em outro texto, há menção do caos e do surgimento da ordem, pois o sol emerge de dentro das águas (Vol. I, pp. 5-8, 2003).

a preferiu, então, aos demais elementos (...) Foi essa primeira água que deu origem aos seres vivos, para que não fosse motivo de espanto que, com o batismo, as águas continuem produzindo vida”. De fato, no sacramento do batismo, os crentes anunciam sua justificação e sua adoção espiritual.

Em Gênesis 2, vemos como Javé estabeleceu um jardim de onde brota um rio, que se divide em quatro afluentes. Podemos dizer que o rio é real e literal, ao mesmo tempo que representa um belo simbolismo como fonte de vida³.

Embora o texto de Gênesis 2 não mencione explicitamente os termos “lugar sagrado” ou “templo”, podemos afirmar que, no contexto histórico antigo, o Jardim do Éden é um templo aberto ao nosso Deus. O texto apresenta um cenário repleto de árvores e fertilidade. Esse ambiente de parque é bem conhecido na literatura do mundo antigo. A presença de rios fluentes está frequentemente associada a espaços sagrados primitivos. Inclusive, a menção de quatro rios era comum nesses relatos.

Essa mesma imagem de vida e de um rio que flui a partir do templo também é vista em Ezequiel 47, além de alusões presentes em alguns Salmos, nos Profetas, e, finalmente, em Apocalipse 22, onde se descreve a cidade santa e o rio que sai do trono do Cordeiro.

Jardins magníficos eram plantados junto aos espaços sagrados como evidência da fertilidade que resultava da presença de Deus. Não se tratava de hortas ou campos de cultivo, mas de parques belamente ajardinados.

Em Gênesis 6, com Noé, vemos um novo começo para a humanidade após o dilúvio, no qual a água caiu do céu por 40 dias para limpar a terra do pecado e da violência extrema. Aqui, as águas se perpetuaram como um símbolo, não mais de vida, mas de julgamento divino. A violência

3 Escolhemos um fio narrativo nas Escrituras: a água. Mas existem muitos outros fios que podem ser pensados e desenvolvidos. Carlos Van Engen (2017) considera que a narrativa das Escrituras pode ser concebida como um “tecido” formado por temas transversais que percorrem do início ao fim. Dessa forma, podemos ter: “uma visão da Bíblia como um tecido, com a trama (fios horizontais) de vários temas e motivos entrelaçados na urdidura (vertical) de cada contexto histórico. Isso resulta em uma perspectiva que envolve simultaneamente visões ‘de cima’ e ‘de baixo’. Esses temas podem ser abordados de cima porque refletem a ação de Deus na história. O enfoque também pode ser feito de baixo porque ocorrem no meio da história humana, nos diversos contextos das vidas de homens e mulheres” (Van Engen, 2017, p.191).

e a maldade na terra alcançaram um ponto extremo, e Deus lamenta ter criado o homem, sentindo pesar em Seu coração pelo que vê, e age com a força das águas.

Em Isaías 43, lemos: “Assim diz o Senhor, teu Criador, ó Jacó, e teu Formador, ó Israel: Não temas, porque eu te redimi; eu te chamei pelo teu nome; tu és meu. Quando passares pelas águas, eu estarei contigo. “Quando passares pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque eu, o Senhor, teu Deus, o Santo de Israel, sou o teu Salvador”. Este texto nos permite ver a água como um simbolismo de adversidade e prova. Em meio a essas dificuldades da vida, o Senhor está conosco.

A água, como símbolo de adversidade, também está presente em passagens como: “Do alto, estendeu a mão e me tomou; tirou-me das muitas águas. Livrou-me do meu poderoso inimigo e dos que me odiavam, pois eram mais fortes do que eu” (Salmos 18:16-17).

Em Éxodo, Moisés é retirado das águas e vemos Deus operando a salvação para o libertador que mais tarde tiraria os hebreus do Egito. Naquela saída, as águas se abririam e eles atravessariam em terra firme. Mais tarde, o apóstolo Paulo nos explicará que essa passagem pelas águas representou para eles um batismo.

Passemos agora a outro simbolismo bíblico para a água, desta vez trata-se da pia no tabernáculo. O Senhor ordena a construção do Santuário e mostra a Moisés um projeto no qual se encontra uma fonte de bronze, conhecida como lavatório⁴:

“E o SENHOR falou a Moisés, dizendo: Farás também uma pia de bronze, com sua base de bronze, para lavagem; e a colocarás entre a tenda da reunião e o altar, e colocarás água nela. Com ela, Arão e seus filhos lavarão as mãos e os pés. Ao entrarem na tenda da reunião, lavar-se-ão com água para que não morram; também quando se aproximarem do altar para ministrar e queimar uma oferta queimada ao SENHOR. E lavarão as

⁴O lavatório foi feito com o bronze dos espelhos das mulheres. Andiñach (2008) afirma que esses espelhos eram muito finos e que, com o tempo, quando perdiam o reflexo, eram fundidos para serem utilizados para outros fins. A passagem está próxima da que fala das mulheres que serviam no templo. Não se sabe em que consistia o serviço dessas mulheres.

mãos e os pés para que não morram; e será um estatuto perpétuo para eles, para Arão e sua descendência, por todas as suas gerações” (Êxodo 30:17-21).

Esta fonte era destinada à lavagem dos sacerdotes, seus pés e suas mãos. Nesse sentido, trata-se de um simbolismo para sua purificação sacerdotal. A pia não era para uso do povo ou algo parecido. É o sacerdócio que deve ter certeza de que está ritualmente limpo, caso contrário, poderia morrer. Sabe-se que tocar sangue ou um animal morto contaminava e os sacerdotes faziam isso o tempo todo. Observe que eles deviam santificar-se antes de ministrar os sacrifícios e ao terminá-los.

Devemos ver o tabernáculo como uma representação do jardim de Gn 2 e do tempo de comunhão perfeita com o Senhor. Dessa forma, o Éden está presente no início do sacerdócio levítico regulado por Moisés. Tanto o jardim do Éden quanto o tabernáculo são um microcosmo. O Senhor caminha em ambos os lugares porque deseja habitar no meio do seu povo (ver Gn 3:8; Êx 25:8, 40:34; Lv 26:12; Dt 23:15 e 2 Sm 7:6-7). Ele é um deus próximo, não distante, e deseja fazer a sua morada no meio de nós.

De fato, em Êxodo 40 vemos que “a glória de Deus desceu sobre o santuário recém-construído, o que demonstrava que o projeto havia sido executado de acordo com as ordens do Senhor” (Daniel Santos, p. 152). Santos considera muito positivo que a glória do Senhor tenha descido sobre o santuário, pois antes ela só descia sobre a tenda de Moisés, mas, além disso, marcou o início de uma nova era e “indicava o fim de uma era de separação, marcada desde o momento em que o Senhor se revelou apenas a Moisés no topo do Sinai” (p. 152).

No projeto e funcionamento do tabernáculo, os sacerdotes se aproximavam da pia para cumprir o ritual de lavagem para se purificar e por razões de higiene. Ao ficarem puros, eles podiam então servir no santuário e apresentar as ofertas ao Senhor no tabernáculo. Caso contrário, eles poderiam morrer. A santidade é um assunto sério. Não devemos esperar que um Deus santo tenha que tolerar nosso pecado

e se acomodar aos nossos padrões.

No Antigo Testamento, temos outras lavagens cujo objetivo era, juntamente com os sacrifícios, ser rituais de purificação buscando a graça de Deus e a restauração do relacionamento com ele. Elas representavam aquela pureza perdida no jardim e tão desejada no íntimo do ser humano. Davi expressou esse desejo ao dizer “lava-me mais e mais do meu pecado” (Salmo 51).

Em muitas culturas do mundo, a água também está presente como um símbolo de limpeza e purificação. Os hititas faziam lavagens rituais com água porque acreditavam que ela purificava e regenerava. Eles acreditavam que “com o uso da água, volta-se a um estado primitivo de pureza, apto para se aproximar dos deuses” (Avial, p. 206).

A antiga cultura maia tinha quatro divindades relacionadas com a água, todas representadas com rostos. No museu de Mira Flores, na Cidade da Guatemala, é possível apreciar um mural com os dez rostos mais importantes das divindades maias, quatro dos quais correspondem a diferentes facetas da água. Isto mostra-nos a importância que este elemento tinha para esta cultura indígena. Os quatro rostos da água são:

- Um rosto para a água animada, representava a água que corre, cai ou se move, como os rios, a chuva e as nascentes. Trata-se de uma cabeça sem corpo, sem olhos nem sobrancelhas. Tem espirais acima do nariz.
- O deus cornudo da água, possivelmente uma variante do deus da chuva. Tem dentes de tubarão, barba de peixe e um chifre.
- O rosto da água parada, representado com uma imagem associada a vasos que contêm água.
- O deus da chuva e das tempestades, representado por uma serpente celestial de chuva e raios, com um rosto com bigodes de peixe semelhantes a um baque (peixe).

O hinduísmo é uma das religiões mais antigas e complexas do mundo, com uma ampla diversidade de crenças, práticas e tradições. Não se trata de um único conjunto de doutrinas, mas de diferentes formas de pensamento. Nessa diversidade, o rio Ganges, conhecido como Ganga na cultura hindu, é um dos elementos mais sagrados e

reverenciados nesta religião. Os fiéis mergulham em suas águas para se purificar de seus pecados e obter bônus.

O Ganges é um dos rios mais longos da Índia e é o mais importante dos 7 rios sagrados do hinduísmo. Sua extensão é de cerca de 2.500 km. Nesta religião, o Ganges é considerado a personificação da deusa Ganga, uma divindade feminina adorada pelos fiéis. De acordo com a mitologia hindu, Ganga desceu à Terra para dar água em meio à seca. Sua queda dos céus poderia ter causado uma grande devastação, mas o deus Shiva a segurou em seus cabelos e liberou o rio no mundo de forma pacífica.

O rio Ganges é adorado como uma entidade divina e purificadora que limpa os devotos de suas culpas. Os hindus acreditam que banhar-se nas águas sagradas do rio Ganges ou morrer ali pode libertar a pessoa do ciclo de reencarnação (*samsara*) e aproximá-la da libertação espiritual (*moksha*).

Todos os anos, milhões de hindus peregrinam ao rio para participar dos rituais de purificação, com suas oferendas e cerimônias religiosas. O ritual de se banhar no Ganges é conhecido como “*snan*”. Além de sua importância religiosa, o rio fornece água para irrigação, agricultura, pesca e outras atividades econômicas.

No entanto, apesar de seu significado sagrado, o rio enfrenta grandes desafios ambientais e de poluição devido ao despejo de águas residuais e resíduos industriais (principalmente plástico). A ironia é que, sendo um símbolo de purificação espiritual, é um dos rios mais sujos do mundo e mais poluentes para as águas do oceano Pacífico.

O objetivo aqui é ilustrar como o ser humano tem buscado inerentemente a pureza interna e tem visto na água a fonte da vida e da pureza.

O próprio Jesus Cristo nos deixou o sacramento do batismo como sinal da aliança de que nascemos de novo. Este seria outro simbolismo da água nas Escrituras e podemos afirmar, a partir do texto de Romanos e Gálatas, que com o batismo representamos a morte para o pecado para justificação e o nascimento em uma nova família para adoção. Ou seja, quando nos levantamos da água, estamos representando nossa adoção dentro da família de Deus. Aprofundaremos este tema da adoção na terceira sessão desta conferência.

Agora, gostaria de dedicar um espaço para refletir sobre a imagem usada por Paulo em Efésios 5:25-27. O apóstolo escreve: “Maridos,

amem suas mulheres, assim como Cristo amou a igreja e se entregou por ela, para santificá-la, tendo-a purificado no banho de água pela palavra, a fim de apresentá-la a si mesmo, uma igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”.

Paulo está falando sobre o casamento e, em seu discurso aos casais, usa a imagem do Êxodo e do Levítico para nos explicar que a Igreja é a esposa de Cristo, o Messias. Na sociedade do Novo Testamento, onde as mulheres eram geralmente vistas como impuras, o marido devia amá-la, sustentá-la e nutri-la.

No entanto, notemos que Paulo mudou um pouco o simbolismo usado no Antigo Testamento. A lavagem no lavatório era apenas para os sacerdotes, que se aproximavam do lavatório para se purificar e poder apresentar as ofertas ao Senhor. O apóstolo deveria ter dito algo como Jesus se lava primeiro para apresentar a oferta, que é a igreja. Mas Jesus é sem pecado, Paulo e nós sabemos disso com certeza.

Nosso Senhor Jesus, sendo puro em essência e virtude, não precisa de nenhuma lavagem de purificação. O batismo de Jesus com João Batista correspondia a um ato para se identificar conosco como pecadores, não era para sua própria pureza. Ele é santo e sem mancha.

Mas, na metáfora de Paulo, é a oferta, ou seja, a Igreja, que precisa de purificação, e Jesus a purifica pelo lavamento da palavra⁵. Concentremo-nos na imagem do apóstolo da Palavra de Deus como água pela qual recebemos pureza. O texto diz “tendo-a purificado na lavagem da água pela palavra”. Quando pregamos, quando ensinamos, lá está o Senhor lavando seu povo por meio dessa Palavra.

Para isso nos instruímos, para isso aprendemos a usar com retidão a palavra da Verdade. Estamos fazendo parte do glorioso processo em que Jesus está purificando sua igreja, pela lavagem, com o propósito de apresentá-la a si mesmo sem mancha, sem ruga e em santidade.

Lavados pela Palavra também acontece conosco quando estudamos. Somos, portanto, lavados pelo seu amor, despojados de falsas crenças, maus hábitos e ídolos que não glorificam o seu santo nome. Penso que

⁵ Hauerwas (1980) dizia que “sem tradição, não há memória e, portanto, não há comunidade” (p. 356). Para falar sobre o tema da autoridade das Escrituras, é porque existe uma comunidade que “lembra e interpreta o passado” (p. 357), uma comunidade que chegou a um consenso sobre essa autoridade das Escrituras, que se submete à Bíblia como norma final de vida e transmite essa crença.

estudar a Palavra é um chamado⁶. Fomos chamados para servir, para dar o que aprendemos e, nesse processo, o seu Espírito Santo nos purifica.

Alguns estudantes vêm aos seminários para estudar um programa específico, mas outros continuarão a se instruir formalmente na Palavra por muito tempo. O conhecimento que adquirimos não é apenas para nós, mas também para o crescimento do Reino, para abençoar outros. É um tesouro sagrado que compartilhamos com humildade e profunda certeza de serviço. É uma vocação para servir ao povo do Senhor⁷.

Na SETECA, o seminário na Guatemala, sendo uma instituição educacional de corte evangélico conservador, acolhemos o Pacto de Lausanne como um documento importante e com o qual nos identificamos. Em suas origens, o Seminário era de corte fundamentalista, mas hoje acreditamos muito mais na unidade da igreja, em um corpo docente diversificado, com diferentes orientações de pensamento evangélico.

O ponto dois do Pacto de Lausanne diz:

“Afirmamos a inspiração divina, a veracidade e a autoridade das Escrituras, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, em sua totalidade, como a única palavra escrita de Deus, sem erro em tudo o que afirma, e a única regra infalível de fé e conduta. Afirmamos também o poder da palavra de Deus para cumprir seu propósito de salvação. A mensagem da Bíblia é dirigida a todos os homens e mulheres. Porque a revelação de Deus em Cristo e nas Escrituras é imutável. Por meio dela, o Espírito Santo continua falando hoje. Ele ilumina a mente do povo de Deus em cada cultura, para que perceba a

6 Para Paul Ricoeur (1995), “apropriar-se do texto” é conectar-se com o universo proposto no escrito, é “ser capaz de revelar o mundo que constitui a referência do texto... Essa ligação entre revelação e apropriação é a pedra angular de uma hermenêutica” (p. 104). Ricoeur também afirma que se apropriar do texto não é necessariamente aplicá-lo, pois apenas ler um autor e compreendê-lo já é, em si, uma transformação do pensamento, uma vez que nosso “critério” se ampliou, mesmo quando não concordamos com o que lemos. Nesse sentido, em nossos seminários e comunidades de aprendizagem, é importante incentivar os alunos a lerem diversos autores. Lemos a Bíblia, mas também lemos como outros a interpretam e mudamos quando nos expomos a outras formas de pensamento.

7 Justo González (2001) valoriza o desenvolvimento do senso de pertinência nos alunos. Sendo a história a narrativa do curso da vida, devemos fornecer aos alunos os marcos históricos com os quais eles possam construir essa narrativa e a geografia básica onde eles ocorreram. “O objetivo dessa visão panorâmica não é aprender muito sobre o conteúdo da matéria, mas simplesmente fornecer aos alunos as categorias, por assim dizer, as prateleiras, onde eles poderão colocar o que vão estudar” (p. 41).

verdade de maneira renovada através de seus próprios olhos, revelando assim à toda a igreja cada vez mais a sabedoria multicolorida de Deus.”

Acreditamos verdadeiramente que a Bíblia é a única palavra escrita de Deus. Ela traz o sopro divino, com poder suficiente para salvar homens e mulheres, e Ele nos fala hoje por meio dessas páginas abençoadas. Essas são convicções importantes em nossas vidas. Aproximamo-nos da Bíblia com a fé de que Ele nos cura, nos fala e nos transforma. Pregamos sua mensagem a um mundo perdido.

Procuramos transmitir aos nossos alunos o valor da Palavra de Deus, para que tenham convicções fortes, mas também para que abram espaço para um diálogo respeitoso com diferentes grupos e denominações. Com amor, profunda humildade e respeito, podemos e devemos compartilhar nossas formas de pensar.

A vida do missionário Juan A. Mackay é um exemplo que nos inspira a um modelo de sensibilidade para com a cultura à qual chegamos com a mensagem bíblica. Mackay era um homem estudado, de diálogo aberto com aqueles que pensavam diferente, que não negociaava seus fundamentos bíblicos, acreditava na ajuda mútua que podemos dar no corpo de Cristo, apesar de nossas diferenças. Ele ensinava e dava o exemplo de dar à Bíblia o lugar central como Palavra autoritativa de Deus. Era um homem de oração e aberto a receber pessoas em sua casa.

Samuel Escobar (1998) faz uma reflexão sobre o tema da espiritualidade hispano-americana. Citando Soto Fontánez, afirma que nossa espiritualidade é “uma mistura do hispânico, do indígena e do africano” (p. 65). É também uma mistura da herança católica e evangélica. São João da Cruz, Santa Teresa de Jesus e Fray Luis de León deixaram uma marca na busca por Deus, eram bastante cristocêntricos e inspiravam uma meditação profunda. Além disso, temos uma herança judaica também muito espiritual e profunda em seu próprio estilo. Da herança evangélica destacam-se os hinos (muitos de corte wesleyano) e a pregação da palavra. As igrejas pentecostais, por sua vez, têm enfatizado a experiência. O argumento de Escobar é que todos esses aspectos estão presentes na espiritualidade hispano-americana; compreendê-los e reconhecê-los

ajuda na pastoral adequada e na relação entre missão e teologia.

Afirmados na Palavra, o caminho da unidade e do diálogo entre os diferentes grupos e denominações é o único caminho de amor pelo qual podemos avançar. Nossa identidade é permeada pelo que todos contribuímos. Agora bem, diálogo não é sinônimo de sincretismo.

Para Van Engen, C. (1996), a missão da Igreja implica estar aberto ao diálogo interconfessional, mas mantendo a fé somente em Jesus Cristo como Senhor. Buscamos a unidade da Igreja (sua unanimidade interna), sua santidade, sua universalidade (sem exclusivismos) e seu apostolado (é uma Igreja que proclama o evangelho). A missão a cumprir é integral: não apenas prega a salvação, mas também considera as necessidades dos mais necessitados. É uma missão fácil porque traz uma mensagem clara: Jesus é o único Senhor; e é “ao mesmo tempo complexa por sermos evangelistas particularistas em relação à fé, culturalmente pluralistas e eclesiologicamente inclusivistas” (Van Engen, 1996, p. 201).

A relevância das Escrituras para este tempo, entre muitos aspectos, tem a ver com renovar nossos hábitos e pensamentos, com pureza e com convicções firmes que nos permitam ter um diálogo respeitoso entre crentes e com outros grupos religiosos. O diálogo é bom, a humildade e a tolerância devem nos acompanhar. Aproximemo-nos, então, da Palavra para sermos lavados e purificados, e podermos servir ao Senhor com um coração limpo.

REFERÊNCIAS

- Andiñach, P.R. (2008). Libro de Éxodo. Comentario de exégesis y traducción. Miami, Florida: Sociedades Bíblicas Unidas.
- Avial, L. Breve Historia de la Vida Cotidiana de los pueblos del próximo oriente antiguo. Barcelona: Ediciones Akal, 2020.
- Eliade, M. (1981). Lo sagrado y lo profano. 4ta ed. Guadarrama/Punto Omega. En: <http://raulkoffman.com/wp-content/uploads/2012/07/Mircea-Eliade-Lo-profano-y-lo-sagrado.pdf>
- Escobar, S. (1998). De la misión a la teología. Buenos Aires: Kairos.
- González, J. (2001). La historia como ventana al futuro. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Kairós.
- Geertz, C. (2003). La interpretación de las culturas. 12va impresión. Barcelona: Gedisa.
- Hallo, W y Younger, L. Eds. (2003). The context of Scripture. Canonical compositions, monumental inscriptions and archival documents from biblical world. Netherlands: Brill.
- Hauerwas, S. (1980). The moral authority of Scripture. The politics and ethics of remembering. ATLAS Series.
- Pacto de Lausana en: <https://lausanne.org/es/statement/pacto>
- Ricoeur, Paul. (1995). Teoría de la interpretación. México: Universidad Iberoamericana y Siglo Veintiuno editores.
- Río Ganges en: <https://www.britannica.com/place/Ganges-River>
- Santos, Daniel. Éxodo en: Comentario Bíblico Contemporáneo: Estudio de toda la Biblia desde América Latina. Buenos Aires: Certeza Unida y Kairós, 2019.
- Sarfati, J.D. (2015). The Genesis account. A theological, historical and scientific commentary on Genesis 1-11. Georgia, Estados Unidos: Creation Book Publishers.

Van Engen, C. (Febrero de 2017). Manual del Curso Perspectivas Bíblicas de la Missio Dei y el Papel del Pueblo de Dios. En E. Guang (Presidencia). Curso llevado a cabo en Universidad Evangélica de las Américas, San José, Costa Rica.

Van Engen, C. (1996). Misión en el camino: Reflexiones sobre la teología de la misión. Documento sin publicar.

Walton, John H et al. Comentario del Contexto Cultural de la Biblia: Antiguo Testamento. Texas: Mundo Hispano, 2022.

Walton, J.H. (2017). Old Testament theology for christians. From ancient context to enduring belief. Illinois, Estados Unidos: IVP Academic.

BÍBLIA E PASTORAL

Shirley Maria dos Santos Proença¹

Introdução

A reflexão a respeito da Pastoral na perspectiva bíblica fornece importantes elementos para se compreender quais são os sujeitos, os objetivos, a dinâmica e o alcance das ações que envolvem a Igreja.

O conceito de Pastoral é abrangente como a própria vida e ministérios identificados nas mais diversas instituições eclesiásticas, que reflete a teologia, a organização, a história e a prática interna e externa de cada uma delas.

Etimologicamente, derivado do substantivo “Pastor”, o termo pastoral vincula-se à pessoa que executa a ação de guiar e cuidar do rebanho.

Na perspectiva bíblica, o Antigo Testamento apresenta o cuidado com o rebanho na dimensão teológica do Deus-pastor que apascenta, guia, alimenta e cuida do seu povo. No Novo Testamento, Jesus não só assume a figura do pastor, mas é apresentado com a atitude pastoral daquele que dá a vida para que todas as pessoas sejam alcançadas, cuidadas e salvas. A ênfase Cristológica fornece a direção para a ação pastoral desencadeada pelos discípulos e discípulas de Jesus, ao darem continuidade à proclamação e testemunho da mensagem evangélica claramente expressa nas orientações aos líderes da igreja dos primeiros séculos:

Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, não com força, mas com mansidão segundo Deus; não por lucro, mas com prontidão de ânimo; não como dominadores sobre a herança, mas servindo de exemplo para o rebanho (1Pd 5,2-3).

A missão de cuidar, acompanhar e nutrir estava relacionada a uma atitude pastoral relacional e testemunhal.

¹ Bacharel em teologia pelo Seminário Teológico São Paulo, com validação pela Unicesumar, Licenciatura em Letras pela Faculdade Paulista de Ciências e Letras e Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Atuação acadêmica no campo da Teologia, área da Teologia Prática. Professora e coordenadora do curso presencial da Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

1. APLICAÇÕES HISTÓRICAS DO CONCEITO DE PASTORAL

Nos primeiros séculos da igreja cristã, havia a “preocupação por uma ação pastoral pensada em vista da eficácia da missão da Igreja como um todo”. (Brighenti, 2021, p.23). Com a institucionalização e hierarquização da igreja, a partir do século IV, o cuidado e orientação dos cristãos foram se restringindo aos líderes religiosos, tornando-se eles responsáveis pela pastoral junto aos batizados e membros da comunidade de fé: “Deslocam-se para as autoridades da Igreja funções pastorais até então difusas em todo corpo eclesiástico”. (Libanio, 1982, P. 37).

Até século XI, a Igreja foi pastoreada por grupos hierárquicos estatais e eclesiásticos, com forte predomínio do poder político; segundo Libanio,

Somente a partir da reforma gregoriana (Gregório VII: século XI) e sobretudo sob a firme e decidida gestão de Inocêncio III: (século XII), o papado assume a indiscutível direção do Ocidente cristão. Firma-se ainda mais a ideia de que a pastoral é função quase exclusiva das autoridades máximas da igreja e daqueles que elas delegam (1982, p. 38).

Do século XVI, quando ocorreu o Concílio de Trento (1545-1563) até o século XX, com a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), o termo pastoral manteve-se aplicado ao trabalho realizado pelos Bispos e Padres, permanecendo os fiéis como figurantes da elite eclesiástica na missão que a igreja desenvolvia.

Com o documento pastoral *Gaudium et Spes* (Alegria e esperança) aprovado pelo Concílio Vaticano II, o termo pastoral passou a designar o “agir da igreja no mundo” em diversas áreas: doutrinal, missionária e social.

A prática da igreja não poderia ser reconhecida como enunciados a serem cumpridos sem compromisso, mas como ação pensada, “respaldada pela teologia, não por qualquer teologia, mas por uma teologia que seja a inteligência reflexa da experiência de fé, na Igreja e no mundo” (Brighenti, 2021, p.21).

A partir da compreensão de Pastoral como a ação pensada, a Igreja

Católica Apostólica Romana integrou em suas diretrizes eclesiásticas, para o desenvolvimento da missão, a “pastoral integral” que corresponde a “evangelização” que consiste em anunciar e levar à prática o Evangelho ou a salvação de Jesus Cristo, que acontece com a inauguração do Reino de Deus em sua vida e obra, continuada pela comunidade dos discípulos, a Igreja, ainda que, pelo Espírito e no Espírito, exista presença do Reino para além das fronteiras da Igreja. (Brighenti, 2021, p.25).

Portanto, para o universo católico, a pastoral passou a ter como sujeito a Igreja composta por todos os batizados, inclusive pela liderança com o objetivo de todos cuidarem da comunidade de fé com vistas à vida, ao testemunho e à ação na sociedade. Segundo Castro, o sentido de Pastoral para os católicos tem forte conotação sociológica, já que, na sua essência, há a interlocução de duas hermenêuticas: a teológica e a política, ou seja, a leitura da Palavra de Deus e a leitura dos sinais dos tempos (2008, p. 753).

Resumidamente, na Teologia católica a ação pastoral fundamentada nos ensinos de Jesus torna-se relevante à medida que se atualiza e abrange a vida de todas as pessoas e as transforma, passando o termo pastoral a se referir

à forma como a Igreja cumpre a sua missão, seja em termos gerais (pastoral de conjunto) como particulares (pastoral da terra, pastoral indígena, pastoral da juventude: quer dizer, referida a situações e/ou grupos sociais específicos). A pastoral, pois, no contexto do pensamento católico latino-americano, refere-se à ação coletiva do povo de Deus, da Igreja, cuja figura hierárquica é o bispo. (Santa Ana, apud Sathler-Rosa, 2010, pp. 32-33)

Enquanto no contexto católico Pastoral passa a indicar a própria ação da igreja, interna e externamente, no universo “das igrejas evangélicas, a expressão pastoral não é tão popular” (Castro, 2008, p. 753).

Desde a Reforma Protestante, no século XVI, a pastoral esteve relacionada à pessoa do pastor, suas ações e atitudes, pois fazia parte do ministério desenvolvido por aquele que recebia a ordenação para o exercício do ofício do pastoreado.

Segundo João Calvino, a pastoral deveria ser exercida pelo ministro ordenado que tinha a responsabilidade de: presidir a igreja, instruir o povo na doutrina cristã; ministrar os sacramentos; admoestar e corrigir as faltas; e observar a disciplina.

Na perspectiva calvinista a pastoral tinha por objetivo o fortalecimento da fé cristã por meio de publicações, sermões, debates públicos, sem deixar de atender e cuidar dos enfermos, colaborar com a reorganização da cidade de Genebra, acolher o necessitado. Embora a pastoral fosse pastorcêntrica, a igreja não deveria se manter alheia às necessidades do seu tempo e fundamentada nas Escrituras e promover as mudanças necessárias para que o amor de Deus fosse testemunhado.

Para grande parte do segmento evangélico, o termo Pastoral relaciona-se às atividades desenvolvidas por pastores e pastoras, permanecendo forte conteúdo clerical, enquanto as ações desenvolvidas pelos membros e participantes da comunidade são identificadas como ministérios ou missão.

Nas igrejas evangélicas, o uso do termo missão ou ministério se refere à edificação das igrejas locais e se relaciona à adoração, ao ensino, à administração, bem como ao cuidado social com projetos que atendem os marginalizados e desfavorecidos como os moradores em situação de rua, os drogaditos, as crianças, idosos e famílias empobrecidas.

Ainda que não usem o termo Pastoral, as igrejas evangélicas, em grande parte, agem, interna e externamente, para minimizar as carências de pessoas que vivem nas proximidades da comunidade de fé. Em alguns casos, a assistência paternalista responde a uma necessidade pontual sem se estruturar como ação diaconal e interativa da igreja na sociedade. A ação esporádica socorre e atende sem propor caminhos para transformação. Castro entende que a preocupação básica da pastoral é a eficácia e a relevância da fé cristã. Pastoral é também responsável pela inserção do povo de Deus no espaço público. Pastoral é a ação intencional, sistemática e organizada coletivamente. É fruto do esforço missionário da igreja que busca mudanças, vislumbrando novos tempos na perspectiva do Reino Messiânico de Deus (Castro, 2008, p. 753).

Pastoral faz parte da Missio Dei delegada à igreja por Deus em Cristo e mantida pela ação do Espírito Santo e, consequentemente, não pode ser o termo entendido como ação de um segmento exclusivo, mas de toda a igreja que relaciona “o Evangelho às situações concretas da vida de cada dia” (Sather-Rosa, 2010, p.33).

Deus vocaciona homens e mulheres para pastorear o seu povo no exercício dos ofícios ordenados (pastorado, presbiterato e diacono).

nato) e delega à igreja a responsabilidade do pastoreio mútuo, para cuidar material, emocional e espiritualmente uns dos outros e todos são chamados a agir pastoralmente na sociedade.

2. DESAFIOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS PARA O EXERCÍCIO DA PASTORAL

A fundamentação bíblica para o exercício da pastoral refere-se ao chamado de discípulos e de discipulas para se dedicarem à proclamação da Palavra, à diaconia, ao ensino, à oração, na perseverança e no desempenho da missão de Deus, pastoreando a família da fé, as pessoas que estão à margem da sociedade, as que são desprezadas, as que permanecem em regiões escuras da existência humana.

A ação pastoral envolve a totalidade humana e ao fazer a reflexão a respeito da fé que se transforma em ações, não está dissociada da Teologia, pois toda pessoa envolvida na ação pastoral faz teologia, ainda que critérios acadêmicos não estejam presentes. Nas palavras de Sather-Rosa (2010) a teologia como teoria ilumina a ação pastoral; relaciona a vida à fé; estabelece coerência entre o pensar a fé e o agir motivado pela fé, permitindo diversidade de atualizações.

Vários elementos são essenciais para fundamentar bíblica e teologicamente exercício da Pastoral; dentre eles, alguns serão selecionados:

2.1. Pastoral cristocêntrica: esvaziar-se de si mesmo

A ação pastoral tem como referência a própria decisão divina de se inserir na história humana, pela história do povo de Israel e, posteriormente, pela encarnação do Filho de Deus, como ação planejada e executada por intermédio da vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

A centralidade para a ação pastoral encontra-se no Filho de Deus que se tornou servo, esvaziou-se de si mesmo, viveu para orientar, guiar, nutrir e cuidar dos seres humanos com o objetivo de tê-los como cooperadores para o estabelecimento de uma nova dinâmica na vida em que o propósito salvífico de Deus se manifeste.

Jesus é o paradigma para a ação pastoral de toda a comunidade de fé. A igreja que não reflete e age tendo o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus (Filipenses 2.5) perde a dimensão da sua existência na dinâmica da realidade histórica. Ao se apresentar como servo para cumprir a missão soteriológica, Jesus chama homens e mulheres para fazerem parte da sua igreja com o objetivo de proclamarem o Evangelho e demonstrarem em todo lugar e qualquer tempo que a fé se expressa em ações em direção a todo ser humano e em favor de toda criação de Deus; sendo assim “o objetivo central de toda ação pastoral é que Cristo seja formado, ou seja, Cristo permeie toda a vida das pessoas e seus múltiplos relacionamentos: com Deus, com o próximo, com a natureza e com elas mesmas (Bonhoeffer, apud Sather-Rosa, 2010, p. 31).

Nos registros bíblicos, Deus pastoreia o seu povo e se torna presença efetiva pela sua Palavra, mesmo quando há desvios no cumprimento de suas orientações e mensagens de libertação e salvação. Em Jesus Cristo, a manifestação divina se apresenta em palavras e ações que confrontam a realidade estabelecida e apresentam projeto de acolhimento, de restauração da dignidade humana e salvação à humanidade distante do seu criador. Com o envio do Espírito Santo, a igreja é capacitada para anunciar, testemunhar e agir, sem se deixar conduzir por discursos enganadores que promovem destruição.

Sendo assim, um dos elementos apresentados nas Escrituras é o esvaziamento para que a ação pastoral seja orientada, guiada e nutrita pelo Cristo ressurreto na igreja e na sociedade.

2.2. Pastoral e a escrevivência da Palavra

A escritora brasileira Conceição Evaristo criou o neologismo escrevivência para expressar a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida de quem escreve. Ainda que a autora faça a reflexão sobre temas voltados à vida e experiência de mulheres negras, o termo por ela elaborado expressa a resistência de grande parte da população que não tem voz e precisa se pronunciar para dizer de suas amarguras e necessidades.

Pensando no caráter contextual expresso na palavra escrevivência, historicamente muitos grupos foram silenciados e colocados à margem da sociedade.

A escrita bíblica reflete a cultura, a cosmovisão e a experiência com o Deus que se revela e age na história como pastor cuidadoso. Nas narrativas que contemplam o ministério de Jesus são mencionadas mulheres, enfermos, crianças, famintos, segregados religiosa e socialmente, sedentos de esperança que encontraram voz a partir da ação pastoral do Mestre.

Nas Escrituras as experiências fazem parte dos relatos do Deus presente que enuncia o necessário para que a missão deixada ao seu povo seja clara, objetiva e vivencial. A Palavra de Deus não foi escrita com tinta em tábuas de pedras, mas no coração das pessoas pelo Espírito do Deus vivente (2 Coríntios 3.3).

A Escritura, como regra de fé e prática, traz mensagens que se atualizam no tempo em que ela é ouvida, proclamada e testemunhada. Na escrevivência, a pastoral precisa fazer parte da vida de todas as pessoas cristãs como despertamento para o cuidado e para a missão entre todos os povos.

Para a pastoral da igreja à luz da Bíblia, o estudo cuidadoso do texto, a contextualização da mensagem e a partilha comunitária são elementos essenciais para a vivência cristã em meio aos desafios e necessidades cotidianos.

Bíblica e teologicamente a Pastoral diz respeito ao cotidiano registrado e transmitido por intermédio das vivências e relações interpessoais e comunitárias. Na história da Igreja, algumas marcas são identificadas e narradas nas Escrituras como ações de Jesus em favor da humanidade para que a igreja possa: curar, sustentar, guiar, reconciliar, nutrir (Sather-Rosa, 2010).

A Bíblia reflete a vivência do povo de Deus e, embora o texto não seja reescrito, a sua mensagem é atualizada nos corações pelo Espírito Santo. Reconhecer a ação de Deus na história torna-se possível contextualizar o que está registrado e entender os desafios para épocas e lugares diferentes. Por isso, escrevivência refere-se à escrita, à hermenêutica contextualizada e à aplicação no cotidiano.

2.3. Pastoral e a Palavra dialogal

A Bíblia apresenta um diálogo de Deus com a humanidade. A mensagem direcionada às pessoas não as excluem na comunicação – Deus dá a se conhecer e chama os seus ouvintes para com ele falarem em oração; o resultado é o diálogo que desperta e ilumina a ação pastoral da igreja.

O diálogo entre Deus e a igreja permite que a comunicação ocorra e sejam excluídos os ruídos que interferem na aproximação entre as partes. Na comunidade de fé o diálogo será edificante e frutífero quando levados em consideração: critérios eticamente válidos; estudo que proporcione conhecimento teológico sadio e relevante; destruição de máscaras nas relações interpessoais e institucionais e reconhecimento que a missão de Deus ocorre na caminhada desafiadora em meio aos desertos pessoais, familiares, relacionais, institucionais e sociais. Para Zabatiero (2006), os bons consensos baseados no estudo dialogal da Bíblia deveriam ser: eticamente válidos; cognitivamente verdadeiros; pessoalmente verídicos e missionalmente relevantes.

A realização da ação pastoral ocorre em diálogo entre Jesus, a sua igreja e a sociedade e o resultado se expressa em dedicação, compromisso e inserção contextualizada da igreja.

Na igreja ou nos vários segmentos da sociedade toda pessoa que professa a fé em Jesus está apta para a ação pastoral como serviço prestado a Deus e ao semelhante. O chamado ao serviço é uma iniciativa de Deus e a resposta da igreja ocorre em obediência à incumbência que a ela foi delegada, pois “a forma básica da vida ativa de obediência, compreendida e afirmada como serviço à causa de Deus, é a cooperação direta e indireta do homem no cumprimento da tarefa da comunidade cristã” (Barth apud McKim, 1998, p. 128).

O diálogo entre Deus e a igreja torna-se possível pela intermediação de Jesus que envia seus discípulos e discipulas para a ação pastoral que ocorre como parte integrante da missão e se realiza na evangelização, na diaconia, na proclamação da Palavra, na liturgia, no ensino e na manutenção da vida devocional sadia para o fortalecimento da fé individual e da comunidade.

2.4. Pastoral fundamentada na Palavra restauradora

Como foi abordado anteriormente, o termo Pastoral, seja ele aplicado à ação da igreja ou a grupo de pessoas que exerce determinados ofícios eclesiais, deve refletir a prática pensada, planejada e contextual visando a transformação na comunidade de fé e na sua atuação nas complexas relações sociais e históricas.

A pastoral torna-se ação quando há amor pelas pessoas que fazem parte ou não da comunidade de fé. Quem pastoreia não o faz por obrigação, para obter glória pessoal, mas por entender a responsabilidade em participar do cuidado para com toda a criação de Deus.

Como Palavra restauradora, as histórias bíblicas são marcadas pelas contradições da vida, e pelas possibilidades de vencer os obstáculos. Como elemento restaurador, o amor é apresentado na Bíblia como ação que promove no ser humano a partilha do sentimento-ação. A ação pastoral tem nas Escrituras o caminho para a restauração, pois a orientação de Jesus é para que ninguém fique à margem, esquecido, abandonado e o amor restaurador seja realidade na vida das pessoas como afirma 1 João 4.19: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”, consequentemente agimos pastoralmente porque fomos pastoreados primeiro pelo Pastor que deu a vida em favor de todas as pessoas.

A Bíblia ensina que vidas estreitadas são restauradas por Deus por intermédio de ações pastorais de compaixão e amor.

A palavra que restaura não pode ser negociada. Na pastoral há a consciência de que o ministério de Jesus traz todos os elementos necessários para uma ação efetiva e promova a cura na superação de desarmonias pessoas e interpessoais; o sustento em meio ao sofrimento ou crise; a direção para que escolhas sejam alteradas a fim de trazer vida e a reconciliação com Deus, com as pessoas, com a natureza (Sather-Rosa, 2010).

Na ação pastoral a espiritualidade é restaurada pela Palavra ao ser acolhida, meditada; na comunhão com Deus e com os que partilham da fé; no discernimento de práticas ofensivas a Deus.

A palavra restauradora esclarece, torna visível o que está oculto,

pois ilumina os agentes da pastoral para se espelharem naquele que veio pastorear o seu povo e prepará-lo continuamente para pastorear.

A Bíblia não traz ensinamentos dissociados da realidade do povo, da igreja. Ela mostra valores e princípios que não se esgotam mediante hermenêuticas que desconsideram as realidades diversificadas em que vive o ser humano.

A Palavra é luz para a humanidade angustiada, que sofre os efeitos da destruição da natureza e de si mesmo, que é vítima dos sistemas político-econômicos que aniquilam toda a criação em nome do poder. A pastoral é a ação do povo de Deus para que a Palavra alcance e ilumine, pela pregação, pelo acolhimento, pelo afeto, pelo plantio da semente da esperança que resgata, que salva as pessoas, apesar do caos cotidiano.

Considerações finais

A Pastoral enquanto ação pensada e sistematizada encontra o seu fundamento nas Escrituras.

Os sujeitos da ação pastoral, lideranças ou a comunidade de fé, reforçam que a abrangência do conceito não obscurece o seu significado. Seus aspectos fundamentais fortalecem a diversidade de sua aplicação nos mais diversos contextos.

Nutrir, guiar, apascentar, cuidar fazem parte da ação pastoral que não se limita aos que exercem determinado ofício, mas precisa ser prática constante de uma igreja que se sensibiliza com as pessoas enfermas física, emocional e espiritualmente em decorrência do abandono, das estruturas sociais injustas, dos avanços tecnológicos usados indevidamente, da violência manifesta de diversas maneiras entre outras situações que destroem a vivência e relações humanas. Essas pessoas precisam da saúde integral e a igreja tem a responsabilidade de transmitir em suas ações a esperança pela qual foi alcançada e capacitada pelo Pai, Filho e Espírito Santo.

O encontro comunitário, a oração, o estudo da Palavra, o culto de adoração, a ação pastoral-missionária, fortalecem a igreja para que seja relevante na sociedade contemporânea que aguarda ser alcançada pela pastoral comprometida e encarnada.

Referências bibliográficas

- BARRO, Jorge Henrique. A pastoral em perspectiva latino-americana: um ensaio à transformação da realidade, In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. Ministério Pastoral transformador. Londrina: Descoberta, 2006.
- BRIGHENTI, Agenor. Teologia Pastoral: a inteligência reflexa da ação evangeliadora. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- CASTRO, Clóvis Pinto de. Pastoral, IN: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). Dicionário Brasileiro de Teologia. São Paulo: ASTE, 2008.
- LIBANEO, João Batista. O que é pastoral. São Paulo. Brasiliense, 1982.
- MACKIM, Donald K. A “vocação” na tradição reformada. In: MACKIM, Donald (ed.). Grandes Temas da tradição reformada. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1998.
- SATHLER-ROSA, Ronaldo. Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral. São Paulo: ASTE, 2010.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Novos desafios da leitura bíblica no pastoreado contemporâneo, In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. Ministério Pastoral transformador. Londrina: Descoberta, 2006.

BÍBLIA E A ESPIRITUALIDADE PRINCÍPIOS PARA UMA LEITURA SAUDÁVEL

Prof. Dr. Valdinei Ferreira¹

O PAPEL DA BÍBLIA NA MINHA SPIRITUALIDADE

Para mim, é impossível contar o desenvolvimento da minha espiritualidade sem fazer menção ao papel que a Bíblia tem na vida. Converti-me aos 15 anos de idade, no Instituto Bíblico Maranata, na minha cidade, Marilândia do Sul.

Uma das primeiras coisas que fiz logo após a conversão foi adquirir uma Bíblia. Na época, eu era adolescente e não tinha dinheiro para comprar uma Bíblia, e o diretor do Instituto Bíblico me vendeu um exemplar em três prestações. Lembro que, ao voltar a pé para a cidade (o Instituto Bíblico ficava em uma área rural, a alguns quilômetros da cidade), acabei derrubando a Bíblia, que não estava embrulhada, e algumas páginas ficaram manchadas pela terra vermelha.

Essa foi a primeira Bíblia que li do Gênesis ao Apocalipse, e ela marcou toda a minha vida. Passei a maior parte da minha vida pregando todos os domingos (manhã e noite) e, em alguns casos, mais de três vezes por semana, sobre os textos bíblicos; embora eu nunca tenha feito as contas, o número de sermões é vasto.

É impossível para mim falar sobre espiritualidade e não mencionar a Bíblia. Minha espiritualidade é moldada pela leitura da Bíblia, e diferentes formas de ler e compreender as Escrituras estão presentes na minha vida. Toda a minha vida tem sido orientada e estruturada em torno das Escrituras e do papel que elas desempenham na minha espiritualidade.

¹ Graduado em teologia pelo Seminário Teológico Antonio de Godoy Sobrinho e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre e Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Atuação acadêmica nos campos da sociologia da religião e ciência política com destaque para o tema evangélicos e política no Brasil. Além da produção acadêmica, atua no debate público escrevendo semanalmente artigos para o Jornal Folha de São Paulo sobre política, religião e democracia.

DEFINIÇÃO DE ESPIRITUALIDADE

O conceito de espiritualidade utilizado para esta discussão é o seguinte: espiritualidade para mim é buscar viver com sabedoria e compaixão, mantendo a paz interior e exterior, seja qual for a situação.

A espiritualidade não é uma teoria, mas sim vida, e está sobretudo naquilo que vivemos na nossa relação com Deus. A busca por viver com sabedoria refere-se à inteligência e ao discernimento do melhor modo de se viver. A compaixão é entendida como o amor em ação, e a espiritualidade jamais se desvincula do amor. De nada adianta uma religião ou “uma tonelada de Bíblia na cabeça, se isso não muda o coração da gente” e não se transforma em prática compassiva em relação ao próximo e ao sofrimento. O terceiro elemento, a paz, envolve manter a paz interior e exterior. Essa paz interior se reflete na paz exterior, impactando os nossos relacionamentos e o modo como agimos diante dos problemas, tensões e conflitos da vida.

PRINCÍPIOS PARA UMA LEITURA BÍBLICA SAUDÁVEL

É lamentável que nem toda leitura da Bíblia contribua para uma espiritualidade saudável. Algumas leituras podem até adoecer, desenvolvendo fanatismo, ignorância, agressividade e intolerância, em vez de crescimento espiritual. Tais leituras podem promover uma visão punitivista de Deus, impedindo o florescer do melhor que temos como seres humanos. A seguir, são apresentados princípios que orientam uma leitura saudável da Bíblia, transformando-a em um recurso para viver melhor, em vez de adicionar fardos.

1. Leitura Cristocêntrica

Este princípio exige que a leitura tenha a pessoa de Jesus no centro. A Bíblia, apesar de contar muitas histórias, possui uma só mensagem, cujo ápice se encontra na pessoa de Jesus. Para que a leitura da Bíblia seja proveitosa, é necessário articular as diferentes histórias, versículos e passagens com a pessoa de Jesus e aquilo que se vê Nele a respeito de Deus.

Tudo o que se lê sobre Deus na Bíblia deve ser filtrado em Jesus.

De acordo com o livro de Hebreus, Jesus é a expressão exata do ser de Deus e a palavra de Deus encarnada (Hebreus 1:1-3). Colocar Jesus no centro da Bíblia, na perspectiva cristã e da Reforma Protestante, ajuda a desenvolver uma espiritualidade sábia e cheia de compaixão, em vez de uma espiritualidade atormentada ou amedrontada. Recomenda-se começar pelos Evangelhos e epístolas, utilizando o filtro de Jesus ao ler o Antigo Testamento, pois toda a Bíblia converge para a pessoa de Jesus e sua mensagem.

2. Leitura Introspectiva

A experiência com a meditação transformou o meu modo de ler a Bíblia, focando na qualidade da leitura e não na quantidade ou velocidade. A leitura dos textos bíblicos deve ser intercalada com momentos de silêncio, seja o silêncio da meditação ou o tempo para permitir que as palavras ecoem e produzam efeito na alma e na consciência.

Muitas vezes, lemos, mas não damos o tempo necessário para que a leitura seja absorvida e transformada em autoconhecimento. Uma leitura introspectiva busca o conhecimento de si mesmo, criando espaço para entender melhor o ser humano com suas contradições.

3. Leitura Dialógica ou Comunitária

O princípio dialógico pressupõe que se deve ler a Bíblia e, simultaneamente, ler outros livros, literatura acadêmica, ficção, biografias etc.; pois isso enriquece a leitura das Escrituras. É importante ler até mesmo autores que criticam o cristianismo para dialogar com eles, tendo consciência das suas críticas.

O termo “dialógico” também remete à importância de não ler a Bíblia de forma individualista. A leitura é mediada pelas compreensões que outras pessoas fizeram e fazem das Escrituras.

4. Leitura Transformacional

A leitura da Bíblia deve ter por objetivo a mudança da nossa vida, visando a correção do que está errado e a manifestação da vontade de Deus. A Bíblia precisa transformar o indivíduo em um ser humano melhor e, consequentemente, levar ao engajamento na transformação

do mundo, seja na comunidade ou em causas sociais e ambientais.

Não é possível ler a Bíblia com a ótica cristocêntrica e não ser transformado, envolvendo-se com as transformações que refletem a vontade de Deus no mundo. A transformação da mente, pela renovação, leva à mudança das ações e do comportamento na sociedade, buscando o bem das outras pessoas, conforme Romanos 12.

5. Leitura Humilde

A humildade é um princípio fundamental para o crescimento da espiritualidade na direção e semelhança de Jesus. Curvar-se diante do mistério divino revelado em Deus é o que convém aos seres humanos, meros mortais.

Há pregadores que se apresentam como “consultores de Deus”, agindo como se soubessem tanto ou mais que o próprio Deus. Assumir uma atitude de soberba (“eu sei tudo sobre Deus”) contraria a própria mensagem do Evangelho, que aprecia a humildade.

6. Leitura Criativa

A leitura criativa sugere mudar a forma de contato com o texto bíblico além da leitura convencional. O uso do áudio é altamente valorizado, permitindo que a audição (e não apenas a visão) seja mobilizada. Ouvir a narração em diferentes traduções e idiomas, como o inglês, transporta o leitor para dentro do texto, ajudando a perceber nuances e tocando a imaginação de forma especial.

Outras formas criativas incluem o uso de artes, como a projeção de pinturas (clássicas ou contemporâneas) ou músicas e hinos relacionados a passagens bíblicas (como os Salmos), para aprofundar a meditação. Mudar as formas de leitura evita o desânimo.

Conclusão: O Perigo da Velocidade na Prática

Um evangelista chinês recebeu uma doação de 5.000 Bíblias para distribuição em suas aldeias. Meses depois, missionários norte-americanos, que patrocinaram a doação, visitaram-no e ficaram aborrecidos ao ver que as Bíblias estavam intactas e não haviam sido distribuídas,

suspeitando que o evangelista as guardava para vender.

O evangelista explicou seu método de evangelização em tempos de escassez de Bíblias. Para os grupos de convertidos (às vezes cerca de 100 por aldeia), ele dava a seguinte orientação: “Desçam até o riacho e escolham uma pedra bem lisa”. Ele escrevia um versículo bíblico naquela pedra e instruía o convertido: “Você vai ficar com esse texto, até que ele faça sentido para você”. Somente quando o texto fosse incorporado e praticado na vida da pessoa, ela pegaria a pedra e a passaria para outra pessoa na aldeia, que repetiria o mesmo processo de meditação e prática.

O evangelista justificou o método aos missionários, afirmando: “É muito perigoso quando a gente aprende mais rápido do que consegue colocar em prática”. Ele ressaltou que é perigoso acumular muitas informações sobre a Bíblia e não levar a sério a sua prática. O método visava ao desenvolvimento contínuo dos convertidos. A velocidade e a quantidade na leitura se tornam frequentemente aliadas da superficialidade, enquanto a prática de demorar-se em um texto até que seja digerido é crucial para o desenvolvimento da espiritualidade.

BÍBLIA E MISSÃO MISSÃO NA E DA BÍBLIA

Dr Timóteo Carriker¹

RESUMO

Explora a maneira como o plano de Deus para a sua criação – a sua missão – aparece como temática fundamental de um procedimento teológico-bíblico que visa ultimamente a recuperação da criação de Deus, sendo o ser humano o seu instrumento ao longo da história, e isso, por meio da sua própria recuperação de Deus por meio de Jesus. Assim se resume a “missão na Bíblia”. O desenvolvimento histórico desta missão dentro do período das Escrituras e até os dias de hoje constitui a “missão da Bíblia”, a começar com o seu próprio reconhecimento, tradução e efeito dentro das culturas humanas.

Palavras-Chave: missão, missões, criação, nova criação, redenção, tradução da Bíblia.

INTRODUÇÃO

As palavras “missões”, “missão” e “missionário” não aparecem nenhuma vez em todas as Escrituras. Entretanto, resumem bem o ethos e o conteúdo desta obra divina. Não só é possível, como é imprescindível que se fale da missão da Bíblia e a missão na Bíblia.

A MISSÃO NA BÍBLIA

O grande enredo da salvação. Se Deus é o Autor por trás de todos os autores dos livros da Bíblia, podemos esperar uma narrativa fundamental, mesmo com diversos ângulos e nuances, por trás das diversas narrativas que os autores humanos nos apresentam. E quando se lê a Bíblia desta maneira, é difícil evitar a conclusão, expressa de muitas maneiras nas Escrituras, de que Deus ama o mundo que Ele criou e

¹Ph.D em Estudos Interculturais do Seminário Teológico Fuller. tim.carriker@gmail.com

está levando, no tempo e no espaço, este mundo e as pessoas que dele fazem parte, a uma conclusão de salvação, mesmo que isto envolva também julgamento. De grosso modo, Deus está resgatando aquilo que Ele próprio criou como muito bom, e para isto, tratando o mal que veio ao mundo, causando o seu trágico percurso de falecimento. Tudo isto as Escrituras relatam por meio de um grande enredo de salvação que começa e termina com o resgate da Sua criação, sendo o seu ápice a salvação da humanidade. Conta a recriação de céus e terra em novos céus e nova terra, e conta o resgate de pessoas de toda língua, raça, tribo e nação. Também é um enredo de terrível julgamento e destruição, mas a tônica maior é de salvação. Este é o enredo maior das Escrituras. E um dos propósitos da *Bíblia Missionária de Estudo2* é justamente destacar esta história, este enredo e esta abrangência maior.

No meio desta história da missão de Deus nas Escrituras está a narrativa da missão do povo de Deus de “abençoar todas as famílias da terra”, “fazer discípulos de todas as nações”, e de levar o evangelho “até os confins da terra”. Este âmago da história maior domina boa parte da narrativa das Escrituras. Mas seu pano de fundo é uma história mais abrangente ainda, a história da salvação por Deus da Sua criação.

De céus e terra para novo céu e nova terra. Os primeiros dois capítulos da Bíblia relatam a criação dos céus e da terra por Deus. Os últimos dois capítulos da Bíblia concluem com o estabelecimento do novo céu e da nova terra. Isto, por si só, já serve de alerta sobre o enredo maior desta “biblioteca de livros” chamada a Bíblia, a intenção de Deus de resgatar a criação que Ele enfaticamente havia declarado como “boa”, e “muito boa” (Gênesis 1.12, 21, 25, 31). Este tema também se destaca abundantemente no meio (muitos salmos, inclusive 24.1; 50.10-11; 93; 96.11-12; 104; 145.10; 148.1-13; 150.6) e através das Escrituras todas (Is 11; 40-45; Rm 8.18-25; 1Co 15.20-28; 2Co 5.17, Ef. 1.20-23; Fp 2.9-11; Cl 1.15-20).

Desde o início, Deus incumbiu a humanidade com o caprichoso cuidado da Sua criação (Gn 1.26; 2.19). E mesmo depois da queda e a introdução do pecado no mundo, esta incumbência permaneceu

²Baueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

de pé (Gn 9.1-7). Este primeiro “mandato” foi dado a humanidade toda. Mas o povo de Deus, conforme as Escrituras, além de “cuidar” da criação com toda a humanidade, possui um papel especial em relação à criação (Rm 8.18-25; 2Co 5.16-20; Ef 1.21-23) que envolve a sua redenção. É por isto que as Escrituras descrevem o papel redentor de Cristo nos termos mais abrangentes sobre a criação toda. O seu papel é de “sujeitar todas as coisas debaixo dos seus pés” (1Co 15.23-28). Seu papel é de “fazer convergir nele... todas as coisas, tanto as do céu como as da terra” (Ef 1.10). É o primogênito de toda a criação e, por meio da cruz, está reconciliando “consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus” (Cl 1.15-20). Por isto mesmo, Jesus recebeu “o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus seobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.6-11). O seu senhorio sobre tudo é a base para esta missão mais abrangente de Deus em relação à obra das Suas mãos. Jesus não é apenas Senhor do meu coração, e nem Senhor apenas da igreja. Ele é Senhor de tudo. Esta missão mais abrangente de Deus em Cristo Jesus é o contexto maior da missão da igreja em relação às pessoas e aos povos. É o enredo maior por trás do enredo que domina volumosamente as Escrituras: o plano de salvação para “abençoar todas as famílias da terra” (Gn 12.3) e “fazer discípulos de todas as nações” (Mt 28.19).

De Abraão e Israel para todos os povos abençoados. O Novo Testamento é consensual que há uma só mensagem abrangente e essencialmente boa das Escrituras (o “evangelho”, que significa “boas notícias”, Mt 24.14; 13.10; 16.15; Lc 4.43; 16.16; Rm 1.16; Ap 14.6) que alcança o seu auge em Jesus Cristo (Mc 1.1; At 10.36; 11.20; 13.32; Rm 1.1,9; 15.19; 2Co 4.4; 9.13; Gl 1.7; Ef 3.8; Fp 1.27; 1Ts 3.2; 2Ts 1.8). Esta narrativa, o evangelho, se cumpre em Jesus, o seu alvo e a sua realização (Mt 5.17; 12.17; 21.4; Lc 18.31; 24. 25-27, 44-47; Jo 18—19; Rm 10.4). Mas para entender o que significa “se cumpre em Jesus” é preciso recapitular a narrativa em si. Para isto, o apóstolo Paulo indica o caminho, pois ele fala do pré-anúncio do evangelho para Abraão: “Em ti, serão abençoados todos os povos” (Gl 3.8 citando Gn 12.3).

Pronto. Podemos “começar” a narrativa em Gênesis 12.1-3. E de

fato, uma leitura cuidadosa de Gênesis revela a importância desta passagem onde Deus estabelece a sua aliança com Abraão, mas deixa claro que a abrangência da Sua aliança vai além das suas promessas de bênção para Abraão e sua família para alcançar, inclusive por meio de Abraão, “todas as famílias da terra” (Gn 12.3). O destaque desta passagem se confirma pela sua repetição para Abraão e as suas sucessivas gerações (veja a tabela “A grande bênção” na página 21). Só que a história não começa bem aqui. Pois Gênesis 12 é a resposta de Deus para Gênesis 11, onde a arrogância do ser humano alcança novamente um auge (como aconteceu no dilúvio) na construção da torre de Babel. Logo, a aliança de Deus se apresenta como a resposta de Deus para o acúmulo do pecado humano, cuja história começou em Gênesis 3, em que o ser humano, em vez de assumir o seu papel dado por Deus de sujeitar a criação, resolveu se sujeitar a uma criatura (a serpente) e desacatar a ordem de Deus acerca dos seus próprios limites. A escolha de Abraão, e por meio dele, de todo Israel, seria o meio para Deus resgatar a humanidade desobediente e, por meio deste grupo representante, abençoar todos os povos, e como vemos em Romanos 8, eventualmente abençoar a própria criação.

Esta história ou narrativa do papel de um povo de Deus se desenvolve ao longo das Escrituras com alguns (aliás, muitos) destaques, sendo os principais Moisés e Davi. Por meio de Moisés, Deus liberta o seu povo que se tornara escravizado e formaliza o seu pacto anterior com Israel através das instituições da lei e do sistema de sacrifícios. Ambas as instituições funcionavam para instruir e guiar Israel a partir de características fundamentais de Deus, como a justiça e a misericórdia. Assim, Israel seria um povo sacerdotal no meio de todos os povos que assim, intercede a favor de todos estes (Êx 19.5-6). Por sua vez, o reino de Davi, apesar das suas falhas, apontou para frente para o dia em que Deus iria reinar na vida do seu povo e eventualmente na criação toda.

Entretanto, o próprio povo de Deus, ao longo da sua história no Antigo Testamento, fracassou na sua missão de abençoar todas as famílias da terra e, assim, ele mesmo precisava de reparo. É certo que sua missão era relembrada ao longo da sua história (Is 49.6; 51.4). Mas, no fim, o povo de Deus não realizou esta missão. Ele próprio precisava de resgate. Isso veio através de Jesus, que cumpriu o papel da humanidade

de sujeitar a terra (Lc 3.38; Rm 5— 6), e cumpriu o papel do Abraão de abençoar todas as famílias da terra (Mt 1.1; Lc 1.54-55; Rm 4).

O cumprimento da missão em Jesus. Jesus cumpriu as promessas de Deus para Abraão porque, por meio dele, e não de Israel que fracassou repetidamente, provê uma inundação de bênçãos de Deus para todos os povos (Ef 1.3). Ele cumpriu as promessas de Deus para Moisés porque Jesus “cumpriu” a lei (Mt 5.17; Rm 10.4) e o sistema de sacrifícios (Hb 5—9) e assim abriu um novo caminho para servir a Deus na plenitude do Espírito Santo (Ef 1.13; 5.18). E, por meio de Jesus, o povo de Deus pode realizar a sua incumbência sacerdotal recebida no Monte Sinai (Êx 19.5-6) a favor dos povos (1Pe 2.9). E finalmente, o Novo Testamento é incansável em afirmar que Jesus é o Filho de Davi (Mt 1.1; Lc 1.32; Rm 1.3) que cumpre as promessas de Deus por um descendente de Davi que viria para reinar eternamente e sobre toda a terra (2Sm 7.12-17; Sl 72).

E é justamente por esta razão que Jesus incumbiu os seus seguidores de fazer discípulos de todas as nações. Tão importante era esta incumbência que é repetida cinco vezes, por todos os Evangelhos (Mt 28.18-20; Mc 16.15; Lc 24.48-49; Jo 20.21) e ainda pelo Livro de Atos (1.8). O maior sermão de Jesus com as bem-aventuranças é registrado duas vezes, em Mateus e Lucas. A lei que resume todas as leis, de amar a Deus com tudo que você é e seu próximo como a si mesmo, se encontra três vezes, em Mateus, Marcos e Lucas. Logo, a importância da Grande Comissão se destaca pela sua repetição cinco vezes no Novo Testamento e pelo fato de ser as últimas palavras pronunciadas por Jesus aqui na terra e no momento climático de todos os Evangelhos! Esta é a razão da existência da igreja: fazer discípulos de todas as nações, integrando-os em comunidades de fé (“batizando-os...”) e ensinando-os a viver de modo integral (“ensinando-os a guardar tudo...”) que, por sinal, Jesus próprio resumiu em termos do grande mandamento... amar a Deus e o próximo com tudo. Quando a igreja deixa de realizar a sua missão, ela nega a razão da sua própria existência. Agora, a diferença entre a igreja no Novo Testamento e o povo de Deus no Antigo Testamento é que Jesus deixou para a igreja a sua própria presença através da pessoa do Espírito Santo para podermos executar nossa missão, que é parte

fundamental da missão de Deus. Parte da realização desta missão é a simples vivência do povo de Deus no poder do Seu Espírito como uma comunidade alternativa e amorosa diante da sociedade maior, não só como exemplo, como também uma contribuição concreta para o céu e a nova terra que um dia vão se desvendar plenamente (2Co 5.17; Ap 21.1-4).

A realização da missão pela igreja. As igrejas nascentes do Novo Testamento, em geral, entenderam bem esta sua incumbência por Jesus de fazer discípulos de todos os povos, criando comunidades integrais da fé. Por isso, o foco do Livro de Atos é justamente na plantação e expansão da igreja por todo o Império Romano, especialmente por meio do Apóstolo Paulo, que se tornara o senhor missionário do Novo Testamento. Por outro lado, e também por isso, as Cartas e as Epístolas focam o aprofundamento da vida dos discípulos... a ideia de “fazer discípulos”. E assim, quando os discípulos aprenderem a viver como discípulos mesmo — e ainda estamos treinando! — estaremos caminhando em direção ao novo céu e a nova terra quando seremos “povos de Deus” e onde Deus estará conosco (“lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e já não existirá mais morte, já não haverá nem luto, nem pranto, nem dor” Ap 21.3-4) porque os discípulos de Cristo terão finalmente aprendido a viver e amar “uns pelos outros”, em grego, *ἀλλετον*, o incansável mandamento do Novo Testamento, e por isso os motivos porque a morte, o luto, o pranto e a dor não mais existirão.

Esta é a história que as Escrituras contam, uma história da missão de Deus na Bíblia, uma história que culmina na vida, morte e ressurreição de Jesus e que continua em uma espiral ascendente no trabalho missionário da igreja equipada pelo Espírito de Cristo. É a história que lemos no Livro de Atos e nas cartas dos apóstolos. E é a história de julgamento e de salvação gloriosa cujo cumprimento final lemos no Livro de Apocalipse.

Mas ao tratar do assunto missionário, podemos pensar nele não apenas como a missão de Deus como tema principal do conteúdo das Escrituras. Podemos também pensar sobre a missão da Bíblia em si: o propósito da sua existência e o papel de destaque que desempenhou e continua desempenhando no cumprimento contínuo da missão de Deus.

A MISSÃO DA BÍBLIA

Há múltiplas maneiras de falar sobre o papel da Bíblia na obra missionária, isto é, a missão da Bíblia. Por exemplo, podemos pensar no papel da Bíblia como texto no preparo missionário, inclusive nos nossos seminários e centros de treinamento missionário. Mas aqui, queremos destacar uma outra maneira que a Bíblia cumpre um papel missionário: por meio da sua tradução, divulgação e ensino...

A Bíblia como ferramenta de missões. A história do desenvolvimento e expansão do povo de Deus – missão – simplesmente não pode ser contada sem referência à tradução da Bíblia. São praticamente uma e a mesma história. Começa com o surgimento e a recuperação das Escrituras pelos judeus.

Quando os judeus foram levados para o cativeiro no século VI, surgiram as primeiras traduções das Escrituras para o aramaico (o Targum), que se tornou a língua franca do exílio. Assim, estas traduções serviram tanto para manter a identidade dos judeus enquanto estavam longe das suas terras quanto para divulgar os preceitos das Escrituras hebraicas entre os estrangeiros.

Com o retorno de alguns judeus para as suas terras depois do exílio babilônico e a dispersão de um número muito maior de judeus por todo o mundo antigo, eventualmente dominado pelos gregos, a tradução das Escrituras hebraicas para grego durante os séculos II e III (Septuaginta) foi instrumental na manutenção da identidade cultural e religiosa dos judeus. E esta nova tradução para o grego e a sua exposição nas sinagogas se tornaram os principais instrumentos missionários dos judeus para os não judeus e a inclusão destes “tementes a Deus” nas sinagogas por todo o império romano logo antes, durante e depois do surgimento do cristianismo.

A compilação dos documentos da igreja primitiva levou 300 anos, todos na língua franca da época, ainda grego, passou por várias coletâneas e se completou somente no século IV d.C. Também exerceu um papel fundamental na consolidação e expansão da igreja primitiva. A citação mais que cinquenta vezes do Antigo Testamento por Paulo na sua Carta aos Romanos, o testemunho no Livro de Atos da leitura regular das Escrituras nas reuniões da igreja, e a afirmação por Pedro da circulação das cartas de Paulo

nas primeiras comunidades cristãs são evidências do papel pastoral e missionário das Escrituras.

Não demorou muito para a expansão espantosa do cristianismo por todo o império romano. A expansão se deve a muitos fatores, acima de tudo, o esforço missionário e testemunho corajoso dos primeiros cristãos. Hoje sabemos que fatores físicos e linguísticos facilitaram a expansão, como a rede de estradas romanas construída para todos os lados e a língua grega como a língua franca, pelo menos da parte oriental do império. Mas, outro fator enorme era a existência e a subsequente tradução das Escrituras. Desde o início, a fé judaico-cristã foi uma fé do Livro e este livro acompanhou o seu crescimento. Logo se fez necessária uma tradução para o latim e Jerônimo se encarregou de consolidar esforços anteriores e produzir eventualmente a Vulgata entre 382 e 420 d.C.

Assim, favoreceu a expansão missionária em Roma e para as regiões ocidentais e setentrionais. Nas regiões do antigo império sírio conquistadas séculos atrás pelos gregos, o Antigo Testamento fora traduzido para siríaco já no século II d.C. e o Novo Testamento nos séculos II e IV. Lá, um dos maiores movimentos missionários da história ascendeu, os nestorianos, que levaram o Evangelho até a Índia e a China. Até hoje, esta tradução, conhecida como a Peshitta, é usada por cristãos por todo o Oriente Médio.

Havia outras traduções da Bíblia nesta época e o seu impacto missionário também era grande. Ulfilas fez uma tradução para godo no século IV que foi instrumento na evangelização de bárbaros germânicos na Romênia.

A Bíblia foi traduzida para saídica, uma língua egípcia, na mesma época. No século V, São Mesrob fez uma tradução para o armênio e assim evangelizou boa parte da Armênia, de tal modo que se este se tornou o primeiro país oficialmente “cristão”. Outras traduções deste período incluíam a copta para o Egito, a nubiana antiga para o Sudão, a etíope para a Etiópia e a georgiana para o sul da Rússia.

Avançando mais na história, importantes traduções que acompanharam a evangelização de diversos povos incluem para o inglês antigo por São Beda e para o alemão antigo no século VIII, as primeiras traduções



para o chinês pelos nestorianos também já no século VIII, e o antigo eslavônico por Cirilo e Metódio no século IX para a região dos Balcãs e a Morávia. E a lista vai longe. Até o século XIII, a Bíblia se tornou disponível em 22 línguas.

No século XVII, o Evangelho de Mateus foi traduzido para o malaio na Polinésia. E também João Elliot traduziu a Bíblia para algonquim, uma língua dos índigenas que habitavam Massachusetts, no norte dos Estados Unidos. Já no período moderno, é preciso destacar a importância missionária da tradução da Bíblia ou partes dela para o Tamil na Índia, pelo missionário dinamarquês Bartolomeu Ziegenbalg; para o Bengali, o Sânscrito e outras línguas pelo inglês, William Carey (conhecido popularmente como o “pai” das missões modernas) na Índia, no início do século XIX. Na mesma época, o americano Adoniram Judson, que serviu na Birmânia, traduziu a Bíblia para a língua burmanesa e o inglês Henrique Martyn traduziu o Novo Testamento para o urdu, o persa (ou farsi) e o pérsico-judaico. E o dinamarquês Paul Olaf Bodding traduziu a Bíblia para Santali, uma língua da Índia oriental. No século XIX, a Bíblia foi traduzida em cerca de 400 novas línguas e no século XX em mais de 800.

Em cada um destes casos, é possível, até necessário, correlacionar a tradução da Bíblia com a expansão missionária do evangelho e isto se repetiu centenas de vezes ao longo da história.

CONCLUSÃO

Nós fazemos parte desta história! É a história da missão de Deus, o seu amor pelo mundo e o seu plano de resgatar o mesmo. E é a história na qual somos incumbidos para participar, e participar ativamente. É a missão de Deus. E é a nossa missão.

REFERÊNCIAS

CARRIKER, Timóteo, ed. A Bíblia Missionária de Estudo. Bauer: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

OFICINA: LECTIO DIGITALIS: TRANSFORMANDO O ESTUDO DA BÍBLIA COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Prof. Dr. José Roberto Cristofani¹

DESCRÍÇÃO:

Descubra o potencial transformador da Inteligência Artificial no estudo das Escrituras. Mergulharemos na intersecção entre teologia e tecnologia, explorando como a IA pode revolucionar a análise bíblica contemporânea. Demonstrar-se-á como ferramentas avançadas de IA podem facilitar a análise, a compreensão e a aplicação dos textos bíblicos, revelando as complexas camadas de significado das Escrituras. Esta sessão é uma oportunidade imperdível para teólogos, estudiosos e entusiastas da Bíblia integrarem tecnologia de ponta em suas práticas devocionais, pastorais e acadêmicas.

INTRODUÇÃO

A análise literária da Bíblia é uma prática fundamental para a compreensão profunda da Bíblia Hebraica e do Novo Testamento. Tradicionalmente, essa análise é realizada por meio de métodos exegéticos e hermenêuticos que exigem conhecimento especializado e, muitas vezes, inacessível para o público em geral. No entanto, a emergência da Inteligência Artificial (IA), particularmente em plataformas como o ChatGPT, oferece uma nova dimensão de acessibilidade e interatividade na exploração dos textos bíblicos.

¹Professor de Antigo Testamento na FATIPI – Faculdade de Teologia de São Paulo. Pós-doutorando em Bíblia e Inteligência Artificial pela PUC/PR. Doutor em Teologia (AT) pela Escola Superior de Teologia. Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Pós-Graduado em Informática na Educação – EAD pela UEL – Universidade Estadual de Londrina. Graduado em Teologia – Seminário Presbiteriano do Sul.

A oficina “Lectio Digitalis: Transformando o Estudo da Bíblia com Inteligência Artificial” é de grande importância neste Congresso, pois aponta para a democratização do acesso ao estudo profundo da Bíblia. Isso permite que pessoas de diferentes níveis de conhecimento e formações explorem os textos bíblicos de maneira acessível e adaptada a seus contextos.

A proposta da oficina é demonstrar que a Inteligência Artificial, aplicada ao estudo da Bíblia, amplia o acesso à leitura e à compreensão das Escrituras, promovendo maior engajamento com o texto por meio de prompts estruturados.

A convicção deste assessor é que a IA possibilita uma experiência de aprendizado mais rica e personalizada. Isso tem o potencial de aprofundar o entendimento da Palavra de Deus, beneficiando a comunidade acadêmica e o público em geral e reforçando o compromisso social do uso responsável e dirigido da IA; promove, assim, inovação e inclusão no estudo da literatura bíblica.

Essa abordagem une teoria e prática. Além de apresentar os potenciais da IA para o estudo bíblico, a oficina articula a explicação básica dos elementos que compõem um prompt estruturado com a demonstração da operação dessas instruções e dos resultados obtidos em tempo real.

PROMPTS ESTRUTURADOS

Prompts são instruções estruturadas que permitem extrair das IAs informações e dados relevantes para o estudo da Bíblia. Essas instruções vão muito além das simples perguntas formuladas para a IA. Podemos ilustrar a diferença entre prompts estruturados e simples perguntas com a Parábola do Semeador:

Em Mateus 13.18–23, um punhado de sementes caiu em terreno pedregoso e não produziu da forma esperada. Assim é quando usamos a IA com perguntas simples e soltas: obtemos uma resposta rápida, mas ela é superficial, sem profundidade e sem firmeza para sustentar o estudo bíblico. Outra quantidade de sementes caiu em boa terra e produziu em abundância a 100, 60 e 30 por um. De forma semelhante, quando usamos prompts estruturados, isto é, instruções bem elabora-

das, criamos condições para a IA organizar os dados e produzir respostas ricas, claras e frutíferas, realmente úteis para o estudo das Escrituras.

Primeiramente, é necessário apresentar os conceitos, após o que serão aplicados em um prompt estruturado para a preparação de sermões.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS

1. Persona: O coração da mensagem

A “Persona” é o cerne, a alma que infunde vida em cada palavra que escrevemos. A persona foi definida como Prof. Cristofani. Ela se manifesta como o “Teólogo, Professor e Autor”, uma voz que ressoa com autoridade, mas também com a paixão de um mentor.

Descrição para o componente Persona: A Persona é a identidade que a IA assume, a voz que guia e molda a essência de nossa mensagem. No Estilo Cristofani, ela é a de um Teólogo, Professor e Autor experiente, que transborda sabedoria bíblica e teológica. É a voz de alguém que não apenas informa, mas que genuinamente se importa em mentorear e inspirar o leitor a uma profunda transformação pessoal e espiritual.

Esta Persona não apenas detém conhecimento, mas o desdobra de forma didática e narrativa, conectando os pontos para iluminar caminhos e impulsionar à ação. Ela é a fusão de autoridade e encorajamento, estabelecendo uma ponte de confiança para que a verdade bíblica seja compreendida, absorvida e, acima de tudo, vivida.

2. TAREFA: A MISSÃO QUE NOS FOI CONFIADA

A “Tarefa” é o propósito claro e bem definido que confiamos à IA, a ação específica que ela deve executar para cumprir a missão de educar e inspirar.

Descrição para o componente Tarefa: A Tarefa representa o propósito prático e a missão específica que é atribuída à persona. No contexto do Estilo Cristofani, a Tarefa não é meramente um pedido;

é um chamado para criar um conteúdo que ecoe a profundidade, a clareza e o poder transformador dessa voz. Seja a elaboração de um post para o blog a partir de um texto fornecido, ou a segmentação e reescrita de um arquivo, cada Tarefa é uma oportunidade de aplicar a sabedoria bíblica e teológica de forma didática e inspiradora. Ela nos convoca a ir além da superfície, a envolver o leitor em uma jornada de reflexão e descoberta, garantindo que cada palavra contribua para a edificação e o crescimento espiritual, impulsionando à ação e à vivência dos princípios divinos.

3. FERRAMENTAS: INSTRUMENTOS DE DIRECIONAMENTO

As “Ferramentas” são os recursos indispensáveis que atribuímos à Persona para guiar com profundidade e correção a compreensão das Escrituras e para, então, transmiti-las com clareza, precisão e poder transformador.

Descrição para o componente Ferramentas: As Ferramentas são os pilares que sustentam a profundidade e a autoridade da mensagem, os recursos que permitem à IA escavar as riquezas da Palavra de Deus e apresentá-las de forma impactante. No Estilo Cristofani, estas ferramentas são os alicerces do nosso estudo e ensino:

- *Versões da Bíblia (Múltiplas Traduções)*: A utilização de diversas traduções (como NVI, ARC, ARA, KJA) não é um mero capricho, mas uma diligência para captar a riqueza semântica e as nuances de sentido do texto original. Cada versão oferece uma perspectiva ligeiramente diferente, iluminando aspectos que uma única tradução poderia obscurecer, garantindo uma compreensão mais holística e fiel ao sentido pretendido.
- *Dicionários Bíblicos e Teológicos*: São bússolas essenciais para desvendar o significado etimológico

e teológico de palavras-chave, conceitos e figuras bíblicas. Eles permitem mergulhar na cultura, história e linguagem dos tempos bíblicos, elucidando termos que, para o leitor moderno, poderiam ser obscuros ou mal interpretados.

- *Concordâncias Bíblicas*: Estas ferramentas capacitam a Persona a rastrear a ocorrência de palavras e temas através de toda a Escritura, revelando padrões, desenvolvimentos teológicos e a interconexão das verdades bíblicas. Elas são fundamentais para uma exegese robusta e para a construção de argumentos bíblicamente sólidos.
- *Comentários Bíblicos (Exegéticos e Teológicos)*: Os comentários são janelas para a sabedoria acumulada de estudiosos ao longo dos séculos. Desde os comentários exegéticos que se debruçam sobre os idiomas originais e o contexto histórico, até os teológicos que exploram os temas e a aplicação, eles fornecem insights cruciais, diferentes perspectivas e um embasamento abalizado para interpretações e ensinamentos.
- *Teologias Bíblicas*: Estes recursos são fundamentais para organizar e compreender os grandes temas da fé bíblica, permitindo à Persona apresentar um panorama coerente e bíblicamente fundamentado. Elas ajudam a conectar as verdades isoladas em um sistema de pensamento unificado, crucial para a profundidade e a clareza da exposição.

4. CONTEXTO: O ALICERCE DA COMPREENSÃO

O “Contexto” é o pano de fundo, o cenário que oferece

a perspectiva necessária para a Persona compreender a essência da mensagem e, assim, construí-la de forma relevante e impactante.

Descrição para o componente Contexto: O Contexto é o cenário abrangente, o universo de informações e premissas que permite à Persona compreender a profundidade e a relevância de cada mensagem. No Estilo Cristofani, o contexto é vital; ele oferece o entorno no qual se interpreta a necessidade do leitor e o propósito maior do texto bíblico.

Com isso, ele abrange a compreensão do público-alvo — cristãos em busca de crescimento e liderança —, o ambiente onde o conteúdo será publicado — como o blog de um site com foco em princípios bíblicos —, e os objetivos espirituais e transformadores que buscamos alcançar.

É o conhecimento de que a Persona está lidando com verdades transformadoras e que é responsabilidade apresentá-las de forma que façam sentido com a vida diária do leitor. O Contexto nos lembra que cada palavra deve ser intencional, conectando os ensinamentos bíblicos à realidade do leitor para promover uma transformação duradoura.

5. Formato de Saída: A Apresentação da Nossa Sabedoria

O “Formato de Saída” é a estrutura final, a maneira como a mensagem será apresentada ao leitor, garantindo clareza, organização e impacto visual.

Descrição para o componente Formato de Saída: O Formato de Saída é a arquitetura final da entrega da IA, a estruturameticulosamente planejada para garantir que a sabedoria seja entregue de forma clara, envolvente e facilmente assimilável. No Estilo Cristofani, este formato é desenhado para otimizar a leitura e a compreensão, geralmente se manifestando em um post de blog.

Isso implica a utilização de títulos e subtítulos cativantes para guiar o leitor, parágrafos bem elaborados que desdobram ideias de forma lógica e didática, e, quando apropriado, o uso de listas ou bullets

para destacar pontos-chave e facilitar a memorização.

A linguagem será sempre clara, acessível e inspiradora, permeada por uma abordagem narrativa que torna a leitura fluida. O Formato de Saída é, portanto, a vestimenta da nossa mensagem, projetada para maximizar seu impacto e assegurar que a reflexão e a transformação propostas encontrem um terreno fértil no coração e na mente do leitor.

PROMPT EM AÇÃO

Após conceituar os elementos gerais de um prompt, passou-se à execução de um prompt estruturado para auxiliar na preparação de sermões.

É importante lembrar que a oficina foi feita com projeção online e ao vivo, por isso, cada um dos passos do prompt foi executado e os resultados foram mostrados durante a seção.

PROMPT AUXÍLIO PARA PREPARAÇÃO DE SERMÕES

Passo 1 – Elementos Essenciais do Prompt:

1. *Persona:* Atue como um Pastor especialista em Homilética e Comunicação, cuja expertise é a preparação e entrega de sermões cristãos impactantes e inovadores. Você tem décadas de experiência e mantém a conexão entre o texto bíblico e a vida cotidiana moderna.
2. *Tarefa:* Sua tarefa é auxiliar o user na preparação de sermões impactantes e relevantes.
 1. Você deve realizar essa tarefa passo a passo, sem pular nenhum passo.
 2. Você deve interagir com o user de forma que pergunte e aguarde a resposta (escolha) do user.
3. *Ferramentas:* Utilize as ferramentas adequadas a cada passo:
 1. Para Textos Bíblicos: Use a Bíblia NVI – Nova Versão In-

- ternacional, em português do Brasil.
2. *Para Análise Homilética:* Consulte manuais de Homilética, livros sobre técnicas de pregação e comunicação (oral, sinestésica, escrita).
 3. *Para Análise Bíblica:* Use comentários, concordâncias e dicionários bíblicos e teológicos.

Passo 2 – Inicie a interação (boas-vindas):

Olá! Seja muito bem-vindo. Estamos felizes em tê-lo conosco para descobrirmos juntos os tesouros escondidos nas Escrituras através da ajuda da Inteligência Artificial!

Este prompt foi cuidadosamente desenvolvido para preparar sermões impactantes, oferecendo insights profundos e reflexões que ressoam com a vida e os desafios dos seus ouvintes.

Passo 3 – Defina o PÚBLICO-ALVO (Audiência):

Público-alvo: Peça ao user para inserir os dados do perfil gerado pelo prompt exclusivo: “Prompt para Identificação do PÚBLICO-ALVO na Pregação e Crescimento da Igreja”.

Pausa para (Aguardar resposta do usuário = [perfil_publico])

Passo 4 – Escolha um TIPO de Sermão:

Apresente ao user um menu numérico com os seguintes TIPOS de sermão:

1. *Sermão Expositivo:* Explica um trecho específico da Bíblia, analisando seus versículos em detalhe.
2. *Sermão Textual:* Baseado em um único versículo ou pequeno trecho da Bíblia, destacando a mensagem principal.
3. *Sermão Temático:* Foca em um tema específico encontrado na Bíblia, explorando diversas passagens relacionadas ao tema.
4. *Sermão Biográfico:* Centrado na vida e experiências de um personagem bíblico, extraíndo lições de sua vida.
5. *Sermão Doutrinário:* Explica uma doutrina ou

ensinamento específico da fé cristã, fundamentado em passagens bíblicas.

Solicitação: Solicite ao user que digite o número correspondente ao TIPO de sermão: Pausa para (Aguardar resposta do usuário = [tipo_sermao])

Passo 5 – Escolha o TOM do Sermão:

Apresente ao user um menu numérico com os seguintes TONS de sermão:

1. *Exortativo:* Chamado à ação ou correção, encorajando mudanças de comportamento ou atitude.
2. *Consolador:* Traz conforto e esperança, especialmente em tempos de dificuldade e sofrimento.
3. *Encorajador:* Estimula e fortalece a fé e a perseverança dos ouvintes.
4. *Evangelizador:* Focado em apresentar o evangelho e convidar pessoas a aceitarem a fé cristã.
5. *Instrutivo:* Educativo, focado em ensinar e explicar conceitos bíblicos ou teológicos.
6. *Corretivo:* Admoesta e guia os ouvintes a corrigirem erros ou maus caminhos à luz das Escrituras.

Solicitação: Solicite ao user que digite o número correspondente ao TOM do sermão: Pausa para (Aguardar resposta do usuário = [tom_sermao])

Passo 6 – Escolha o ESTILO do Sermão:

Apresente ao user um menu numérico com os seguintes ESTILOS de sermão:

1. *Narrativo:* Conta uma história ou série de eventos, muitas vezes fazendo uso de parábolas e narrativas bíblicas.
2. *Devocional:* Enfatiza a reflexão pessoal e a aplicação prática da Bíblia na vida diária.

3. *Aconselhador*: Oferece conselhos práticos e orientação para problemas e situações da vida real.
4. *Inquiridor*: Baseado em perguntas e respostas, estimulando a reflexão e o estudo aprofundado.
5. *Informativo*: Transmite informações detalhadas e explicativas sobre passagens bíblicas ou temas teológicos.
6. *Persuasivo*: Busca convencer os ouvintes sobre um ponto de vista ou ação específica, utilizando argumentos e apelos emocionais.

Solicitação: Solicite ao user que digite o número correspondente ao *ESTILO do sermão*: Pausa para (Aguardar resposta do usuário = [estilo_sermao])

Passo 7 – Escolha e Análise do Texto Bíblico, Tema ou Personagem:

Solicitação: Peça para o user digitar o texto bíblico ou o tema ou o personagem que ele quer estudar:

Formato: Para texto bíblico, digite no formato “João 3:16-17”; para o tema, como “Amor”; e para o personagem, como “Débora”.

Pausa para (Aguardar resposta do usuário = [texto_biblico]; [tema_biblico]; [personagem_biblico])

Passo 8 – Verificação e Confirmação das Escolhas:

Apresente ao user as escolhas que ele fez e peça para ele confirmar se estão corretas:

- *Público-alvo*: [perfil_publico]
- *Tipo*: [tipo_sermao]
- *Tom*: [tom_sermao]
- *Estilo*: [estilo_sermao]
- *Texto Bíblico*: [texto_biblico] ou Tema [tema_biblico] ou Personagem [personagem_biblico]

Por favor, confirme se as informações estão corretas para prosseguir-

mos. Caso haja algum erro ou deseje alterar alguma escolha, informe qual item gostaria de modificar (Público-alvo, Tipo, Tom, Estilo ou Texto, Tema ou Personagem):

Pausa para [Aguardar resposta do usuário]

[Se o usuário quiser modificar alguma escolha, perguntar novamente o que ele deseja alterar e repetir o processo de escolha para o item correspondente]

Confirmação: Após receber a confirmação, prossiga com a preparação do sermão.

Passo 9 – Análise Exegética do Texto Bíblico:

Analisar: A primeira coisa que você tem que fazer neste passo é apresentar uma análise exegética minuciosa e com comentários bíblicos sobre o [texto_biblico].

Passo 10 – Estrutura do Sermão:

Tarefa: Sua tarefa aqui é apresentar a estrutura do sermão baseada na escolha do [tipo_sermao]. Para cada tipo de sermão, você deve apresentar uma estrutura compatível com as regras homiléticas de cada tipo de sermão. Por exemplo, se [tipo_sermao] = a 1. Expositivo, então apresente uma estrutura de sermão que leve em consideração cada um dos versículos do [texto_biblico]. E assim por diante.

Passo 11 – Escrevendo o Sermão:

Depois que você estruturou o sermão, ESCREVA um sermão ajustado ao [perfil_publico] + [tipo_sermao] + [tom_sermao] + [estilo_sermao], seguindo a estrutura proposta no passo 9. O sermão deve ser escrito com 600 palavras, no mínimo.

Passo 12 – Continuar ou Sair:

Após realizar todas as tarefas dos passos 3 a 10, pergunte ao user se ele quer continuar ou sair. Apresente um menu:

1. *Continuar*
2. *Sair*

Se o user escolher “1. Continuar”, então volte ao Passo 3 e recomece

a sequência novamente.

Se o user escolher “2. Sair”, então encerre a interação com uma mensagem de até breve: print “Shalom! Obrigado por usar o prompt – Auxílio para Preparação de Sermões. Esperamos que a ferramenta tenha sido de grande utilidade para você. Estamos à disposição. Espero rever você em breve. *Fica na Paz!*”

Fim do prompt

CONCLUSÃO

Ao longo desta jornada, mergulhamos na fascinante intersecção entre a sabedoria milenar das Escrituras e a inovação disruptiva da Inteligência Artificial. A oficina “Lectio Digitalis: Transformando o Estudo da Bíblia com Inteligência Artificial” não é apenas um título, mas um convite, um portal que se abre para uma nova era de engajamento com a Palavra de Deus.

Vimos que a IA, quando utilizada com discernimento e intencionalidade através de prompts estruturados, transcende a superficialidade das perguntas casuais para se tornar uma poderosa aliada na exegese e hermenêutica. Assim como a boa terra da parábola do Semeador, um prompt bem cultivado não produz apenas respostas, mas insights profundos, ricos e frutíferos, capazes de alimentar a alma e transformar a vida.

A democratização do acesso ao estudo bíblico profundo é um dos frutos mais preciosos que a “Lectio Digitalis” nos oferece. Ela equipa teólogos e acadêmicos, e também cada crente, com ferramentas para explorar as complexas camadas de significado das Escrituras. Com a IA, a Palavra, que é viva e eficaz, torna-se ainda mais acessível, permitindo que cada um, em seu próprio contexto e nível de conhecimento, aprofunde seu relacionamento com a Palavra.

Nossa abordagem une teoria e prática, ensinando não só “o quê”, mas “como”. Através da compreensão de cada componente do prompt — a Persona que molda nossa voz, a Tarefa que define nossa missão, as Ferramentas que potencializam nosso estudo e o Contexto que nos enraíza na relevância — somos capacitados a

maximizar o potencial da IA. Este é o caminho para transformar informações em estudo bíblico, dados em sabedoria, e teoria em uma fé vibrante e aplicada.

Que esta oficina, então, não seja vista apenas como um momento de aprendizado técnico, mas como um catalisador para uma experiência de fé mais rica, mais personalizada e profundamente enraizada na verdade bíblica. Que a “*Lectio Digitalis*” inspire cada um de nós a inovar, a incluir e a comprometer-se com um estudo responsável e dirigido das Escrituras, para a glória de Deus e para a edificação de seu povo.

Que a Inteligência Artificial seja, em nossas mãos, mais um meio poderoso para que a Palavra de Deus continue a correr, a edificar e a transformar vidas, impulsionando-nos a uma fé ativa e a uma liderança inspiradora. Que a semente da Palavra, agora semeada em solo digital, produza frutos abundantes a trinta, sessenta e cem por um em nossos corações e na vida daqueles que alcançarmos.

BÍBLIA E DIACONIA

DIACONIA, EMPODERAMENTO E PROFECIA

Prof. Dr. José Adriano Filho¹

RESUMO

No Novo Testamento, a palavra diaconia indica não somente uma tarefa humilde, mas também uma tarefa importante dada a alguém por uma autoridade maior. O termo se refere também a um ministério ou à missão messiânica de Jesus. Considerando isso e partindo de pesquisa bíblico-teológica e da perspectiva de que a diaconia não pode ser separada daquilo que a igreja proclama e celebra, este texto indica que a mensagem de Jesus sobre o reino de Deus é fundamental para compreendermos o que é diaconia. Jesus cura enfermos, acolhe os marginalizados e é amigo de publicanos e pecadores, mostrando-nos de forma clara onde se encontra o reino de Deus: não nos altos escalões da sociedade, mas na obscuridade desprezada por todos. A vida de Jesus é apresentada como uma diaconia a Deus e às pessoas, especialmente às pessoas necessitadas e enfraquecidas. Os evangelhos apresentam também a história de Jesus à luz de sua missão messiânica, percepção a partir da qual foi desenvolvido o conceito de diaconia profética, cujo ponto de partida consiste em ouvir as vozes das pessoas necessitadas e fragilizadas da nossa sociedade. A diaconia deve ser fiel a seu mandato profético e denunciar práticas e estruturas pecaminosas que provocam sofrimento e degradam a dignidade humana.

Palavras-chave: Diaconia; reino de Deus; empoderamento; profecia.

¹Doutor em Ciências da Religião (UMESP, 2000) e em Teoria e História Literária (UNICAMP, 2013), é professor da Faculdade Unida de Vitória – ES

INTRODUÇÃO

“Diaconia no horizonte do Reino é diaconia no seguimento do crucificado - e em nenhum outro nome! Mas - diaconia como seguimento do crucificado é diaconia no horizonte do Reino de Deus que está se iniciando - e em nenhum outro horizonte. [...] Reconhecemos o Reino de Deus em Jesus, quando reconhecemos a sua missão e deixamos que ela tenha efeito sobre nós, quando escutamos o chamado da liberdade e fazemos aquelas obras com as quais o futuro de Deus se inicia conosco”.²

A palavra diaconia, que significa serviço, é muitas vezes compreendida apenas como uma tarefa de algumas pessoas na igreja, seja o ministério ordenado da diaconia ou de quem se dispõe e se ocupa com as pessoas em necessidade. Essa compreensão de diaconia não a identifica como algo que é próprio da igreja e das pessoas que fazem parte dela como uma condição fundamental da igreja de Jesus Cristo. Uma das consequências dessa compreensão é que a diaconia fica separada do culto e da vida da comunidade, fazendo com que as iniciativas diaconais, como visitas aos doentes e idosos, o trabalho com pessoas empobrecidas, etc., sejam ações paralelas ao culto e não integradas no mesmo. Diaconia é a marca distintiva da igreja e da sua missão no mundo. Todas as pessoas que participam da igreja podem desempenhar e participar ativamente no crescimento, na maturidade e na autonomia da igreja. Nesse sentido, falar sobre diaconia é um desafio, é a possibilidade de se abrir novos horizontes e despertar as pessoas que participam da igreja para o que é o diaconato, suas funções e possibilidades.

A diaconia tornou-se um conceito fundamental das comunidades cristãs na medida em que elas se expandiam pelo Império Romano. Originalmente, o verbo “servir” (*διακονέω*)³ tinha o sentido de ser-

²MOLTMANN, Jurgen. Diaconia en el horizonte del Reino de Dios: hacia el diaconato de todos los creyentes. Guevara: Sal e Terra, 1987, p. 22, 25.

³O verbo “servir” (*διακονέω*) e seus derivativos “serviço” (*διακονία*) e “aquele que serve” (*διάκονος*) ocorrem 100 vezes no Novo Testamento. Cf. ALAND, K. (Hg.). Vollständige Konkordanz zum griechischen Neuen Testament unter Zugrundelegung aller modernen kritischen Textausgaben und

viço junto à mesa, incluindo providenciar os gêneros alimentícios, sua preparação diária para o consumo e organização das refeições. Este trabalho era realizado por escravos e mulheres. O conceito tinha um sentido negativo para os gregos, pois para quem confiava na nobreza, sabedoria e dominação, a função de um escravo ou de uma mulher era vista como indigna. No judaísmo, havia uma compreensão mais profunda de serviço. Israel herdou o mandamento do amor, que inclui o serviço ao próximo, mas mais tarde o servir, especialmente servir à mesa, era visto como algo indigno. No Novo Testamento, o trabalho realizado por escravos ou mulheres, de preparar a comida e servi-la à mesa, é designado “servir” (*διακονεῖν* - Lc 12,37; 17,8; 22,27; Mt 22,13; Jo 2,5.9), mas também se refere a um ministério (posições de liderança na igreja - Rm 11,13; 2Cor 4,1) ou, no caso de Jesus, à sua missão messiânica⁴.

Diaconia é uma resposta a situações concretas de sofrimento, de necessidade e de injustiça. A “coleta” organizada por Paulo e seus companheiros para a comunidade pobre de Jerusalém (2Cor 8-9), chamada por ele de “diaconia em favor dos santos” (2Cor 8,4), era uma expressão prática da identificação com o movimento de Cristo (1Cor 16,1-4) e significava obediência ao evangelho de Cristo e sinceridade de fé⁵; as igrejas de Corinto, Macedônia, Jerusalém estavam unidas para e pela diaconia, mas antes de tudo pela missão diaconal de Jesus (2Cor 8,9). A diaconia é o cumprimento do mandamento do amor e expressão do que a igreja crê

des Textus Receptus. 3 Bde, Berlin/New York 1975-1983, p. 70-71.

⁴GAEDE NETO, Rodolfo. A diaconia de Jesus. Contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo; São Paulo: Sinodal; Paulus, 2001, p. 73-75; MOLTMANN, Jürgen. La Iglesia, Fuerza del Espíritu. Hacia una eclesiología messiánica. Salamanca: Sígueme, 1975, p. 101-109.

⁵A ajuda financeira para a comunidade de Jerusalém tinha, para Paulo, um sentido mais profundo. Anteriormente, já o encontramos comprometido com o envio de socorro aos irmãos da Judéia (At 11,27-30). Não se tratava de uma simples “coleta”, pois tanto a unidade da igreja quanto a abertura da missão para além das fronteiras de Israel estava sendo alicerçada e legitimada por meio dela. A “diaconia dos santos” destina-se a expressar, fundamentar e estabelecer a estrutura do novo povo de Deus. O apelo aos necessitados fez surgir a oportunidade para um novo relacionamento com o povo de Israel e levar os coríntios a entenderem que eram parte de um povo maior. No encontro de Jerusalém, Paulo percebeu a oportunidade de provocar uma nova forma de agir nas igrejas gregas. Era importante tecer relações entre os de Jerusalém e os gregos, de mover bens espirituais, de colocar em movimento a generosidade material e modelar um novo estilo de relações sociais, de criar um modelo novo de sociedade e fortalecer a unidade da igreja de judeus e gentios-cristãos. Cf. COMBLIN, José. Segunda Epístola aos Coríntios. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991, p. 117-121.

e confessa: a graça de Deus para a cura do mundo. Ela está relacionada com o que a igreja celebra em sua liturgia e anuncia em sua pregação”. 2Cor 9, “a relação com a liturgia da igreja é uma dimensão que se acrescenta à teologia da diaconia: a diaconia nasce e cresce a partir da celebração litúrgica e tem como alvo ‘dar graças a Deus pelo seu dom inefável’” (2Cor 9,15)⁶;

A “liturgia e a proclamação estão relacionadas com a diaconia. Celebração, proclamação e diaconia se interrelacionam de tal forma que cada uma se origina nas outras duas e, de fato, não existiria sem as outras”⁷. A diaconia não pode ser separada daquilo que a igreja proclama e celebra. Considerando isso, este texto indica, primeiro, que o ensino de Jesus sobre o reino de Deus é a chave para compreendermos o que é diaconia. Segundo, demonstra como Jesus, em suas ações diaconais, ao testemunhar o serviço a Deus e às pessoas, especialmente às pessoas sofredoras e marginalizadas, as empoderava, dando-lhes novas perspectivas de vida. Por último, destaca que diaconia significa uma tarefa importante dada a alguém no Novo Testamento e que os evangelhos também apresentam a história de Jesus à luz de sua missão messiânica, percepção a partir da qual foi desenvolvido o conceito de diaconia profética. A tarefa profética é parte do mandato e da autoridade que Deus tem dado à igreja e à sua diaconia.

REINO DE DEUS E DIACONIA

“A diaconia no horizonte do Reino de Deus é [...] abrangente e uma diaconia integral. Em outro caso não seria coerente ao [único] Reino e ao [único] criador. Diaconia integral são ações terapêuticas visando todas as perturbações insanas do ser humano. Ela trabalha a favor da superação e eliminação das barreiras no ser humano, entre os seres humanos, entre os seres humanos e Deus. A diaconia no ho-

⁶ DIACONIA EM CONTEXTO. Transformação, Reconciliação, Empoderamento. Federação Luterana Mundial/Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre, 2009, p. 28-29.

⁷ DIACONIA EM CONTEXTO, p. 29.

rizonte do Reino é serviço realista da reconciliação (2Cor 5,18): todo separado se reencontra - há paz no meio do tumulto”⁸.

A mensagem de Jesus sobre o reino de Deus é a chave para compreendermos o que é diaconia. A declaração: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 4,17;10,7; Mc 1,15)⁹, retoma o paradoxo do Antigo Testamento: Deus é o rei do mundo, dos povos e de Israel. Ele se torna rei ao implantar o seu domínio em todos os lugares. Deus cria uma nova realidade, um “reino” no qual ele governa, de modo que ingressar no reino de Deus significa entrar na “vida” (Mt 19,17). Deus salva, socorre, resgata e restabelece a comunhão. Assumir o senhorio é, para Deus, socorrer para servir. As bem-aventuranças, que inauguram a mensagem de Jesus, surpreendem: prometem salvação e bem viver, felicitam pessoas que se encontram desoladas. A situação dos pobres e dos que choram não é saudável; aos necessitados, aos aflitos e aos oprimidos falta o bem-estar. A segunda parte de cada uma das bem-aventuranças: “ser consolado”, “tomar posse da terra”, “ser farto”, “experimentar a misericórdia”, “ver a Deus”, indica o que significa “entrar no reino”. Para Jesus, o decisivo é a promessa incondicional de salvação dirigida aos que se encontram numa situação de desespero. Quem ingressa no reino, volta para casa assim como o filho perdido retorna à casa paterna (Lc 15,11-32). Justiça, perdão dos pecados, ser filho e filha de Deus. Não é por acaso que as imagens do banquete e das bodas constituem parábolas do reino de Deus (Mt 22,1-14; Lc 22,15-20; Mt 25,1-13) .

As boas novas do reino nos remetem aos necessitados¹⁰. Jesus cura enfermos, acolhe os marginalizados e é amigo de publicanos e pecadores. Ele nos mostra de forma clara onde se encontra o reino de Deus: não em cima, nos altos escalões da sociedade, mas na obscuridade desprezada por todos. Jesus se coloca do lado de baixo da sociedade.

⁸ MOLTMANN, Diaconia en el horizonte del Reino de Dios, p. 28.

⁹ BRANDT, Wilhelm. “A estrutura diaconal da comunidade no Novo Testamento”. In: A diaconia em perspectiva histórica. Kjell Nordstokke (Org.). São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 11-13.

¹⁰ GUTIERREZ, Gustavo. Teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 238-239.

Junto a Jesus, encontramos a fragilidade e limitação do ser humano. Endemoninhados, coxos, paralíticos, cegos, famintos e que sentem o peso da culpa saem dos escuros porões da sociedade a que estavam relegados e nos quais haviam sido mantidos ocultos, por causa da vida que Jesus difunde em torno de si com seu amor. Essas pessoas o reconhecem como Messias, porque reconhecem nele a esperança. O reino de Deus vem a eles na figura do Filho do homem que os acolhe.

Na mensagem de Jesus sobre o reino de Deus, o futuro se torna presente agora e o presente pode ser entendido somente em conexão com o futuro. Há uma ligação da atuação de Jesus com a mensagem do reino vindouro (Lc 17,20-21; Mt 11,2-6; 12,28). Nas vitórias de Jesus, revelam-se as vitórias de Deus. Deus assume o senhorio através dele. Jesus vê Satanás “precipitar-se do céu como um relâmpago” (Lc 10,18-19). Na atuação de Jesus, o reino de Deus se torna uma presença poderosa. Deus também “assume o senhorio na vida do portador do seu reino. Quanto mais perfeita é esta obediência, tanto mais se destaca o senhorio de Deus. Mais uma vez, um paradoxo curioso. Quanto mais o portador desse reino se subordina em obediência a Deus, tanto mais ele participa do poder e da sublimidade do reino”¹¹.

Essa obediência vincula o enviado à vontade do Pai. O compromisso com a vontade de Deus faz de Jesus uma pessoa solitária. Quando teria sido aconselhável dar seguimento à atuação em Cafarnaum, porque todos o procuravam, Jesus se retira para orar num lugar deserto (Mc 1,35-38). O “é necessário” divino que paira sobre o sofrimento de Jesus é incompreensível para os discípulos (Mc 8,31-33). Ele tem também o dever de cumprir toda a ordem legal, ingressa, pelo batismo, na comunhão das pessoas que precisavam se submeter ao batismo de arrependimento para remissão de pecados. Essas pessoas se sujeitam ao batismo porque precisam dele. Jesus, ao se sujeitar ao batismo, coloca-se do lado deles. O caminho da obediência diante do Pai o coloca ao lado do seu semelhante, como o demonstra o tema da compaixão que acompanha a sua trajetória (Mt 9,36; 14,14; 18,27; Lc 7,13; 10,33; 15,20)¹².

¹¹ BRANDT, “A estrutura diaconal da comunidade”, p. 13-14.

¹² BRANDT, Wilhelm. “A estrutura diaconal da comunidade no Novo Testamento”. In: A diaconia

As palavras de Jesus sobre o “servir”¹³ também descrevem a sua atividade como uma diaconia: “Entre vós sou como um que serve à mesa” (Lc 12,37). Em meio aos discípulos, Jesus não é como quem desfruta, que faz suas necessidades uma ordem para os outros, mas como quem age em prol das necessidades dos demais (Mc 19,45; Mt 20,28). Jesus é o “Filho do homem” que, conforme Dn 7,13, virá com as nuvens do céu, que põe termo aos reinos deste mundo e recebe pessoalmente o reino. O “mistério do reino” (Mc 4,11) está no fato de que aquele a quem compete o reino e o senhorio já está presente, não de tal forma que reivindique a sua dignidade, mas que, pela prática, abra mão dela; não para que lhe sirvam, mas para que sirva. O cerne do serviço é a entrega da vida. O morrer torna-se, em Jesus, ação e serviço que gera libertação. É desse modo que se testemunha o servir de Jesus: servir constitui toda a sua atuação, morrer representa, para ele, servir para libertar e resgatar¹⁴.

Jesus disse também aos seus discípulos e discípulas: “Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva: e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,43-45). Nestes versos, que pertencem à narrativa de Mc 10,35-45, na qual Tiago e João pediram a Jesus que, na glória dele, pudessem se assentar, um, à sua direita, o outro, à sua esquerda, há expressões que descrevem as formas de poder vigentes naquela época, quando os judeus estavam sob o domínio de Roma. A declaração de Jesus, que descreve os que estão em posição superior e governam, indica uma exploração incontrolada do poder, a ostentação de autoridade. “Governar” e “ser governado” são coisas diferentes, não apenas porque a ideologia imperial romana considerava a Judeia

em perspectiva histórica. Kjell Nordstokke (Org.). São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 11-13.

¹³ BEYER, Hermann W. *διακονέω κτλ.* In: Theological Dictionary of the New Testament. Vol. 2. Grand Rapids, MI: WM. B. Eerdmans Pub. Company, 1964-1976, p. 84-87.

¹⁴ BRANDT, “A estrutura diaconal da comunidade”, p. 16-17

e sua população inferior à Roma, mas também em relação ao que se considerava autonomia religiosa. Essa estrutura de domínio teve forte influência na forma de governo e nenhum aspecto da vida estava livre do controle e influência dos romanos, nem mesmo quando a chamada liberdade religiosa era concedida aos povos subordinados.

Jesus, ao contrário dessa forma de exercício de poder, age numa missão que o remete ao semelhante (Mc 2,17; Lc 19,10). O envio do Filho para resgate e redenção corresponde à vontade e natureza de Deus. No agir de Jesus estão relacionadas “palavra” e “ação”. Sua proclamação do reino e seus feitos são indissociáveis. “Palavra” e “ação” formam um testemunho do reino de Deus. A palavra de Jesus é sempre uma palavra dirigida ao interlocutor. Ela busca, convida, mesmo quando contra-ataca. O conteúdo da sua palavra é a verdade, mas verdade enquanto vida. Lucas chama isso de “diaconia da palavra” (At 6,4)¹⁵. Embora a palavra e a ação de Jesus formem uma unidade, elas também devem ser distinguidas. As ações de Jesus se dirigem ao próximo sem segundas intenções. O “motivo da compaixão não tolera segundas intenções. O sofredor não é transformado num meio para a finalidade de disseminar a palavra, tampouco é considerado uma oportunidade para que Jesus aumente seu próprio poder e influência”. Essas ações são também “sinais” porque Aquele que as pratica é o que traz o reino de Deus. Jesus é obediente ao seu envio porque se volta para a aflição do outro¹⁶.

¹⁵ A declaração de Lucas tem como contexto o relato da instalação dos sete novos líderes na comunidade de Jerusalém mostra como a marginalização das viúvas dos helenistas está relacionado com a ação diaconal da igreja e sua prática inclusiva (At 6,1-7). A instalação destes líderes, todos com nomes gregos, que provavelmente indica o ambiente social e cultural das viúvas, não foi somente uma questão prática para fazer as coisas da melhor forma. A diaconia está relacionada com os valores éticos e as estruturas da comunidade. É uma expressão daquilo que a igreja é por sua própria natureza e que se manifesta em sua vida diária, em seus planos e projetos. Cf. DIACONIA EM CONTEXTO, p. 27-28.

¹⁶ BRANDT, “A estrutura diaconal da comunidade”, p. 19-20.

DIACONIA E EMPODERAMENTO

“Diaconia acontece em e pela comunhão terapêutica. A comunhão aberta cura os sofrimentos sociais do isolamento, desprezo e da alienação e torna-se, desta forma, a precondição para a cura ou a diminuição do sofrimento físico”¹⁷.

Jesus, em suas ações diaconais, testemunhava o serviço a Deus e às pessoas, especialmente aos sofredores e marginalizados. Os evangelhos sinóticos apresentam a história de Jesus à luz de sua missão messiânica. A missão de Jesus, segundo Is 35 e 61, envolve toda a salvação do povo abandonado e maltratado: “Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados e surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres” (Mt 11,5; 10,8; Lc 4,18-19). A missão de Jesus envolve sua pregação, curas e o chamar e reunir os seus seguidores e seguidoras. Também, para seus discípulos, tem uma missão igualmente abrangente. A separação entre missão e diaconia romperia a unidade com a qual Jesus atuou e chamou a seus discípulos e discípulas. A cura dos enfermos e a expulsão dos demônios, a libertação dos cativeiros e devolução da vista aos cegos, a fome de justiça e a libertação dos oprimidos: todas estas coisas são parte da missão de Jesus e, por isso, são aspectos da missão de seus discípulos e discípulas. Tudo isso tem relação íntima com a pregação do Evangelho aos pobres, de onde deriva sua qualidade messiânica.¹⁸

A diaconia de Jesus faz sentido quando vista concretamente em cada caso. A voz que ressoa por ocasião do batismo de Jesus (Mt 3,17) menciona o Sl 2,7 e combina o texto do salmo com uma palavra dos cânticos do servo de Javé: “Tu és meu filho, o amado, no qual me comprazo (Is 42,1). A voz que se ouve no batismo é reveladora. Jesus é o rei instalado por Deus, contra o qual os gentios esbravejam em vão, e em favor do qual Deus se pronuncia com poder soberano. Ele é o rei cujo reino não se baseia nos poderes deste mundo e, tampouco, pode ser aniquilado pelo poder humano (Jo 18,37). Ao

¹⁷ MOLTMANN, Diaconia en el horizonte del Reino de Dios, 1987, p. 38.

¹⁸ MOLTMANN, Jürgen. La Iglesia, Fuerza del Espíritu. Hacia una eclesiología messiánica. Salamanca:

mesmo tempo, ele é Servo e, na verdade, estes dois aspectos – Rei e Servo – são mantidos no decorrer do testemunho de todo o evangelho. Do testemunho dos evangelhos – Rei e Servo – projeta-se uma luz significativa: Jesus está integralmente voltado para Deus e integralmente voltado para o semelhante¹⁹.

Por trás das ações diaconais de Jesus desenrola-se também uma misteriosa luta de poder. Na sinagoga de Cafarnaum, o “espírito imundo” passa ao ataque por intermédio do grito do doente. Jesus transforma sua palavra de cura em arma contra o “espírito imundo” e sai vitorioso (Mc 1,23-28). Curar e ajudar tornam-se para o enfermo uma vitória contra o “espírito imundo”. Este e outros exemplos demonstram que as ações curativas da parte de Jesus mostram que ele levou a sério a aflição ou a necessidade corporal²⁰. A mensagem fundamental sobre o senhorio régio de Deus lança igualmente luz sobre a seriedade com que trata a aflição física. Os sinais messiânicos de Jesus lançam “uma luz radicalmente nova e atônita sobre a situação humana”²¹.

O “reino está próximo” significa também que ele se concretiza visivelmente nesta terra em meio às lutas do poder terreno. O senhorio régio de Deus significa senhorio total. Deus é o Criador do céu e da terra que agora alcança a vitória. Desse modo, “as curas físicas também se tornam sinais significativos: toda a terra é minha”. Desse modo, porém, “igualmente fica muito claro que não são a saúde e a cura que constituem a salvação propriamente dita. Ela consiste unicamente em que o ser humano todo seja submetido ao senhorio de Deus tanto na sua vida interior quanto exterior, tanto em seu ser quanto em seu agir”. É por isso que uma ação diaconal de Jesus pode começar com o simples anúncio do perdão dos pecados (Mc 2,5). É por isso também que a cura corporal também pode dar ocasião a uma advertência: “Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior” (Jo 5,14) ²².

¹⁹ BRANDT, “A estrutura diaconal da comunidade”, p. 20-21.

²⁰ BRANDT, “A estrutura diaconal da comunidade”, p. 24.

²¹ BARTH, Karl. Church Dogmatics. The Doctrine of Reconciliation. Volume IV. Part Two. Translator Rev. G. W. Bromiley. Edinburgh: T & T Clark, 1958, p. 219-221.

²² Na narrativa de João 5,1-18, o homem que estava doente há trinta e oito anos não tinha pers-

Assim como Jesus vai ao encontro dos sofredores como alguém que os socorre, também procede com as pessoas que se enredaram na culpa de um modo particular, como os “publicanos e pecadores”. Jesus não explora o fato de o ser humano ser pecador, como no caso do paralítico (Mc 1,1-12). Ele não penetra no passado do paralítico para lhe arrancar confissões, não tem necessidade de esmagar as pessoas sob o peso de sua culpa ou fracasso antes de dar a palavra do perdão e da cura. Jesus não maltrata os pecadores. Ele não lhes destrói a personalidade mexendo na ferida. Pecado e doença não são explorados, são curados e, ao perdoar pecados em nome de Deus, Jesus devolve o direito de existir à criatura que se afastou de Deus²³. Restitui-lhe a filiação, à semelhança do que faz o pai na parábola conhecida como parábola do “filho pródigo” (Lc 15,11-32). O perdão dos pecados, que é mais do que a coragem de aceitar-se a si mesmo, cria para as pessoas implicadas uma nova situação de vida.

A autoridade de Jesus também se expressava na forma como ele se assentava à mesa com os pecadores, estabelecendo comunhão com eles. Jesus dava atenção especial às pessoas que viviam à margem da ordem vigente da sua época: pecadores, mulheres, crianças, ignorantes

pectiva alguma de ser curado, pois ninguém o ajudava quando a água se movia. Após ser curado, acontece a acusação da autoridade judaica: a transgressão do sábado, já que ele havia carregado a sua maca. Jesus e o homem que foi curado se encontram no templo. Em lugar de júbilo e gratidão por parte de ambos, Jesus ameaça: “Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior” (5,14). Isso parece pior do que ficar jogado durante trinta e oito anos frustrado e sem esperança, uma nova falta de perspectiva. Primeiro a doença, que pelo menos foi um definhamento lento. Em seguida, veio o conflito com a autoridade e a certeza de, por força de lei, ser levado, de uma ou outra maneira, à morte. Então vem de Jesus uma intimidação, ainda pior do que trinta e oito anos de doença ou a morte imposta pela autoridade. No entanto, há uma única chance de escapar da falta de perspectiva: “não pecar mais”. A nova falta de perspectiva pode ser evitada ou até mesmo algo ainda mais terrível. A oportunidade é “não peques mais”. Como se durante trinta e oito anos de paralisia tivesse sido possível pecar muito, como vítima da doença, do isolamento social e do infinito desconsolo do definhamento. Quem é só não consegue imaginar a doença. Quem tem emprego não consegue imaginar o desconsolo da falta de emprego. Quem é jovem não consegue imaginar ser velho. Nesse aspecto, nós sempre levantamos uma parede divisória para proteger a vida. Mas uma coisa sabemos com exatidão e não precisamos imaginar nada: somos pecadores, que não está certo o que fazemos. Somos trapaceiros. E essa história trata das consequências dessa trapaça. Jesus diz: há um sofrimento humano inimaginável. Porém mais inimagináveis são as consequências de nossa falta de justiça. A visibilidade e a invisibilidade estão aqui numa relação paradoxal. O pavor mais visível é pequeno diante do que representa essa realidade invisível de nosso pecado. Cf. BERGER, Klaus. Hermenêutica do Novo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 376-378; cf. também BRANDT, “A estrutura diaconal da comunidade”, p. 24-25.

²³ BRAKEMEIER, Gottfried. A Cura do Paralítico em Cafarnaum (MC 2.1-12). Uma Exegese. Estudos Teológicos, (São Leopoldo), v. 23, n. 1, p. 11-41, 1983. p. 36-37.

da Lei, em suma, os que eram considerados pecadores e impuros. Sua mensagem, interpeladora e cheia de esperança, significa uma mudança nas suas condições reais de vida. Jesus conscientiza estas pessoas do seu valor diante de Deus. Sua prática do reino dá voz àqueles que não podiam falar, ajuda para a articulação própria daqueles que haviam sido emudecidos.

Nos relatos dos Evangelhos sobre os encontros de Jesus com as mulheres, encontramos também a mesma prática de misericórdia. Vozes de resistência podem ser recuperadas nas fissuras destes textos, as quais oferecem uma interpretação do ministério de Jesus e do anúncio do reino que toma forma na restauração de pessoas em geral esmagadas pela dor e sofrimento. O protagonismo das mulheres no movimento de Jesus e nas novas comunidades que foram criadas é evidente. As mulheres seguiam a Jesus, foram testemunhas dos seus ensinamentos e ações (Mc 15,40-41; Lc 8,1-3) e integradas na nova família do povo de Deus com pleno direito.

Celebra-se sua lealdade, autenticidade e permanência, sua iniciativa e audácia, sua palavra e diaconia no novo grupo e seu poder relacional que transcende a fraqueza. Suas ações e palavras, expressão de pertença ao povo de Deus, simbolizam a reconfiguração do espaço cotidiano, a casa, como o espaço imaginado para o novo grupo. Destaca-se também seu valor pessoal, sua luta para conseguir uma vida plena e integrada, os desejos que ultrapassam os limites impostos pela sociedade em que viviam e a memória que incomoda, pois questiona e empodera para uma liberdade maior e criatividade na vivência de um serviço mais amplo e integrador nas comunidades e fronteiras do mundo de então.

DIACONIA E PROFECIA

“Diaconia debaixo da cruz significa conviver no sofrimento, aceitar o sofrimento, assumir o sofrimento. Ela envolve a morte diária do seu eu enfrentando o seu medo. A diaconia debaixo da cruz acontece, por causa disso, na presença e na força do ressurreto. Somente a esperança da ressurreição faz aceitar o

amor desinteressado e a morte”²⁴.

Muitas vezes chegou-se a pensar que a diaconia não deveria provocar ninguém nem se comprometer com questões sociais e políticas. No entanto, os pesquisadores bíblicos têm comprovado que o termo grego diaconia não significa apenas um trabalho humilde, mas uma tarefa importante dada a alguém por uma autoridade maior ; o termo se refere também a um ministério ou à missão messiânica de Jesus. A partir dessa percepção, foi desenvolvido o conceito de diaconia profética, expressão que passou a ser amplamente utilizada nos círculos ecumênicos nos últimos anos. Na consulta da Federação Luterana Mundial sobre diaconia profética, que ocorreu em Johannesburgo, em 2002, temos a seguinte declaração: “Inspirados por Jesus e os profetas, que se confrontaram com os poderosos e clamaram por mudanças nas estruturas e práticas injustas, rogamos que Deus nos empodere para contribuirmos a transformar tudo o que nos leva à cobiça, violência, injustiça e exclusão humana”²⁵.

A diaconia cristã, “por fundamentar-se no ministério de Jesus Cristo, tem como horizonte a transformação de pessoas e realidades, e está embasada na profecia que denuncia todas as forças que opri- mem e marginalizam pessoas, atentando especialmente para as mais vulneráveis”²⁶. Por essa razão, um ponto de partida fundamental para a diaconia profética consiste em escutar as vozes das pessoas que sofrem e são marginalizadas.

O que, então, devemos entender por diaconia profética? Profecia é um termo bíblico que deve ser entendido e usado a partir do contexto bíblico. A diaconia profética está relacionada com a natureza intrínseca da diaconia, que afirma que a tarefa profética é parte do mandato e da autoridade que Deus tem dado à igreja e à sua diaconia . Na tradição bíblica, a profecia

²⁴ MOLTMANN, Diaconia en el horizonte del Reino de Dios, 1987, p. 32.

²⁵ DIACONIA EM CONTEXTO, p. 81; BÖTTCHER, Reinhard (Ed.). Prophetic Diakonia: “For the Healing of the World”. Report. Johannesburg, África do Sul, novembro de 2002. Genebra: FLM, 2002, p. 6.

²⁶ STUMPF, João Henrique; ILLENSEER, Louis Marcelo; GAEDE NETO, Rodolfo. ORA ET LABORA: a relação indissociada entre liturgia e diaconia em diálogo com desafios contemporâneos. REFLEXUS – Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões, v. 13, n. 21, p. 15-35, 2021. p. 21.

é tanto uma resposta à revelação divina quanto uma ordem dada por Deus ao profeta (Jr 1,1-10; Ez 12-13). A palavra profética manifesta sempre o domínio e o poder de Deus (Am 4,13). Ela expressa a preocupação de Deus pela criação, especialmente pelo seu povo, lembrando-os de que Ele é juiz e redentor, agora e no futuro. Hoje, quando se declara que chegamos ao fim da história e o mercado ou as grandes potências mundiais têm o poder de estabelecer as condições últimas para a existência humana, a palavra profética nos lembra que Deus é o Senhor da história. A palavra profética julga e promete redenção. Nesse sentido, falar de profecia e diaconia significa que devemos encontrar caminhos, construir pontes em direção ao arrependimento e transformação²⁷.

Diaconia não significa apenas palavras. É, antes de tudo, ações em busca de caminhos para que ocorra transformação. Diaconia é ação, intervenção e movimento para que a transformação possa ocorrer. A ação diaconal nunca é silenciosa. Ela transmite uma mensagem de novos tempos que virão, como afirmavam os profetas. Os profetas eram fortes defensores da justiça e suas palavras estão cheias de indignação pelo fato de os direitos das pessoas mais fracas serem ignorados²⁸. Ser profético, portanto, significa defender a justiça. Consequentemente, a ação diaconal deve, por sua própria natureza, incluir a tarefa de desmascarar a injustiça e promover a justiça. Para os profetas do Antigo Testamento, essa tarefa foi realizada dentro da estrutura da sociedade da sua época²⁹.

Como dar continuidade a essa mesma tarefa quando vivemos numa sociedade que é muito diferente da sociedade da época dos profetas e da época de Jesus? Uma opção real diz respeito aos direitos humanos, que dá sentido à compreensão da ação diaconal baseada em direitos, como compromisso e engajamento para uma sociedade justa, participativa e sustentável. Ao mesmo tempo, de acordo com sua natureza e devido ao seu compromisso com a justiça, é orientada para a margem da sociedade, para os mais necessitados e sua condição de vida. Isso tem uma

²⁷ NORDSTOKKE, Kjell. *Liberating Diakonia*. Trondheim: Tapir Akademisk Forlag, 2011, p. 49-51.

²⁸ SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo, RS: OIKOS; São Bernardo do Campo: Editeo, 2013; SICRE DIAZ, José Luiz. *Justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

²⁹ NORDSTOKKE, Liberating Diakonia, p. 50.

implicação sociológica e teológica/eclesiológica, tornando a diaconia profética comprometida não somente com a perspectiva dos grupos mais fragilizados da nossa sociedade, mas também com a construção de modelos sustentáveis de economia.

Considerando a perspectiva de construção de modelos sustentáveis de economia, de unir forças e identificar desafios latino-americanos no contexto de uma diaconia profética, é de grande importância considerar a Agenda 2030, da Organização das Nações Unidas (ONU), que promoveu em setembro de 2015 uma reunião entre os representantes dos 193 países que a formam com o objetivo de formar um acordo mundial para tornar, até 2030, o mundo mais justo, acolhedor e sustentável. No encontro, foi acordado o documento “Transformando o Nossa Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”³⁰. A Agenda, além de construir um plano global para melhorar a vida no mundo até 2030, assinala 17 objetivos que deverão ser alcançados nos próximos anos: erradicação da pobreza; fome zero e agricultura sustentável; saúde e bem-estar; educação de qualidade; igualdade de gênero; água potável e saneamento básico; energia acessível e limpa; trabalho decente e crescimento econômico; indústria, inovação e infraestrutura; redução das desigualdades; cidades e comunidades sustentáveis; consumo e produção responsáveis; ação contra a mudança global do clima; vida na água; vida terrestre; paz, justiça e instituições eficazes; parcerias e meios de implementação³¹.

É preciso também lembrar que os profetas dirigiram sua mensagem aos religiosos e poderosos da sua época, denunciando o abuso de poder, especialmente manipulações de cerimônias religiosas como forma de serem vistos como líderes piedosos e legais. O anúncio de uma mensagem que somente agradava aos reis era também expressão da violação da palavra de Deus. O que isso significa para uma diaconia profética? Precisamos estar cientes de que os poderes vigentes quase sempre fingem ter sanção religiosa, remetendo-se constantemente à transcendência como forma de legitimação para o que fazem e utilizam

³⁰ Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>

³¹ STUMPF; ILLENSEER; GAEDE NETO, 2021, p. 28-29.

afirmações de caráter “metafísico” - “deve ser feito” - quando permitem que os fragilizados sejam sacrificados³².

Não apenas isso, mas uma tarefa igualmente importante para uma diaconia profética é dirigir-se à igreja atual e questionar se ela se acha ou não “conformada com este mundo” (Rm 12,2) quando ela lida com as questões fundamentais do nosso tempo³³:

- A igreja imita as estruturas de dominação e exclusão?
- Adotamos um estilo de vida de consumismo religioso e indiferença ética em vez de sermos provocados pelos sinais de pobreza crescente e injustiça no mundo?
- Será que nossas instituições não precisam do questionamento profético?
- Como medimos o que somos e o que fazemos? São os padrões de eficiência e trabalho profissional, como definem os manuais atuais de trabalho e desenvolvimento, que definem a nossa diaconia ou seguimos o mandamento do Senhor: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio”! (Jo 20,21).

Sem perguntas crítico-proféticas, a igreja e sua diaconia caem na armadilha do triunfalismo, do eclesiocentrismo e daquelas teologias da glória e/ou domínio, tão comuns hoje em dia. Precisamos sempre ter em mente da tradição da reformatio continua, ou seja, da necessidade de reforma constante na vida da igreja, para que sejamos pessoas libertadas e renovadas e nos lembremos do mandato que Deus nos tem dado e de que somos povo de Deus a caminho – ainda que seja o caminho da cruz³⁴. É preciso levantar um grito de protesto contra as teologias da glória e/ou domínio, contra a teologia de uma igreja triunfante e as manifestações de religiosidade consumista difundidas hoje em dia na maior parte das igrejas cristãs.

³² NORDSTOKKE, Liberating Diakonia, p. 51-52.

³³ NORDSTOKKE, Liberating Diakonia, p. 53.

³⁴ DIACONIA EM CONTEXTO, p. 83.

■ CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Jesus sobre o reino de Deus indica a presença de Deus na história e conduz à superação de todas as barreiras que impedem ao ser humano a sua plena realização. Como uma força libertadora, o reino luta contra todas as expressões do mal, contra todo tipo de pecado e contra toda ameaça de morte. A igreja precisa, em todas as suas gerações, identificar as formas concretas que estes poderes destrutivos e deformadores assumem em cada situação social e histórica, aprender a chamá-los por seu nome e os denunciá-los. Ela deve participar da tarefa de desmascarar esses poderes destrutivos e deformadores, ao mesmo tempo em que se coloca como ajudadora na defesa da vida. Jesus conhecia o poder do demônio, a tentação que a glória, a fama e o poder representam para as pessoas, também para aqueles que estão por baixo. Mas nem por isso ele desistiu de subir para Jerusalém, onde podia contar com reações violentas. Durante a caminhada, ele lembrava aos seus de que a glória não consiste em dominar e ser grande, mas em servir e assumir a cruz imposta (10,45).

A igreja é mediadora do amor e cuidado de Deus. Como comunidade profética, a igreja testemunha ao denunciar a injustiça, resistir às suas manifestações e desmascarar suas causas. Ela anuncia a justiça do reino de Deus em atos concretos: sustentando projetos que respeitam a vida e construindo modelos de ação que demonstram amor, liberdade, justiça e paz. O chamado de Deus ao seu povo envolve uma vida de testemunho do reino e da justiça, onde uma vida mais plena é respeitada, as pessoas vivem uma vida comunitária íntegra e as instituições da sociedade favorecem os mais necessitados. Jesus “curou os doentes como demonstração de que o reino de Deus tinha chegado, e ordenou aos seus discípulos a fazerem o mesmo (Lc 9,1-6). Trata-se da cura da pessoa toda - perdão para os culpados, saúde para os doentes, esperança para os desesperados, restabelecimento de relações para os excluídos - é sinal da chegada do reino”³⁵.

A igreja deve ser entendida a partir das dimensões de celebração, pro-

³⁵ CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO. Conselho Mundial de Igrejas (12 a 14 de maio, Melbourne, Austrália, 1980). Tempo e Presença 28. Rio de Janeiro: CEDI, s/d, p. 74-75.

clamação e serviço. Como ação baseada na fé, ela sempre se dará conta daquilo que motiva a sua ação e dará testemunho do amor de Deus, que alimenta a fé e transmite esperança. Da mesma forma, a diaconia deve ser fiel a seu mandato profético e denunciar as práticas e estruturas pecaminosas que causam sofrimento e degradam a dignidade humana. Ela deve levantar sua voz em favor de uma sociedade mais humana e justa. A igreja deve ser uma comunidade para as outras pessoas, uma comunidade que serve e, mais importante, uma igreja com e das pessoas mais necessitadas. As dimensões do ser igreja - celebração, proclamação e serviço - implicam uma visão alternativa do mundo, uma visão baseada em valores como a igualdade e a mutualidade nas relações humanas. A inclusividade é fundamental para sabermos se a identidade conferida pela graça de Deus está sendo expressa na vida da igreja. Ao assumir essa função, a diaconia pode desafiar a igreja a não se conformar com o status quo, mas a fazer frente às estruturas humanas de poder, não somente na sociedade, mas também dentro de suas próprias estruturas.

REFERÊNCIAS

- ALAND, K. (Hg.). *Vollständige Konkordanz zum griechischen Neuen Testament unter Zugrundelegung aller modernen kritischen Textausgaben und des Textus Receptus*. 3 Bde, Berlin/New York 1975-1983.
- BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinos-dal, 1999.
- BEYER, Hermann W. *διακονέω κτλ.* In: *Theological Dictionary of the New Testament*. Vol. 2. Grand Rapids, MI: WM. B. Eerdmans Pub. Company, 1964-1976, p. 84-87.
- BARTH, Karl. *Church Dogmatics. The Doctrine of Reconciliation*. Volume IV. Part Two. Translator Rev. G. W. Bromiley. Edinburgh: T & T Clark, 1958.
- BÖTTCHER, Reinhard (Ed.). *Prophetic Diakonia: “For the Healing of the World”*. Report. Johannesburg, África do Sul, novembro de 2002. Genebra:

FLM, 2002.

BRANDT, Wilhelm. “A estrutura diaconal da comunidade no Novo Testamento”. In: A diaconia em perspectiva histórica. Kjell Nordstokke (Org.). São Leopoldo, RS: Sinodal, 2013, p. 9-52.

BRAKEMEIER, Gottfried. A Cura do Paralítico em Cafarnaum (MC 2.1-12). Uma Exegese. Estudos Teológicos, (São Leopoldo), v. 23, n. 1, p. 11-41, 1983.
COLLINS, John, Diakonia. Reinterpreting the Ancient Sources. Oxford: Oxford University Press, 1990.

COMBLIN, José. Segunda Epístola aos Coríntios. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991.

DIACONIA EM CONTEXTO. Transformação, Reconciliação, Empoderamento. Federação Luterana Mundial/Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre, RS, 2009.

GAEDE NETO, Rodolfo. A diaconia de Jesus. Contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo; São Paulo: Sinodal; Paulus, 2001.

GUTIERREZ, Gustavo. Teología da Libertação. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
JEREMIAS, Joachim. Teología del Nuevo Testamento. 2. ed. São Paulo SP: Hagnos, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. Diaconia en el horizonte del Reino de Dios: hacia el diaconato de todos los creyentes. Guevara: Sal e Terrae, 1987.

MOLTMANN, Jürgen. La Iglesia, Fuerza del Espíritu. Hacia una eclesiología messianica. Salamanca: Sígueme, 1975.

NORDSTOKKE, Kjell. Liberating Diakonia. Trondheim: Tapir Akademisk Forlag, 2011.

RENDERS, Helmut. Diaconia no horizonte do Reino de Deus Uma apreciação de uma contribuição moltmanniana no ano do centenário do credo social. Revista Caminhando, v. 13, n. 22, p. 53-65, jul-dez 2008.

SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo, RS: OIKOS; São Bernardo do Campo: Editeo, 2013.

SICRE DIAZ, José Luiz. *Justiça social nos profetas*. São Paulo, SP: Paulinas, 1990.

NARRATIVAS BÍBLICAS COMO LITERATURA: TEORIA E PRÁTICA

Prof. Dr. João Leonel¹

RESUMO

Este artigo é resultado e expansão de oficina oferecida no dia 22 de outubro do corrente ano, durante o 2º Congresso Internacional de Teologia, organizado pela FATIPI. O objetivo da oficina e deste artigo foi/é introduzir o campo dos estudos literários da Bíblia, principalmente de narrativas, de presença recente em nosso país. O referencial teórico utiliza textos dos estudiosos da literatura Antonio Candido, Leland Ryken, Robert Alter e Terry Eagleton, que discutem os principais atributos de um texto literário e, por conseguinte, como devem ser analisados. Tais aproximações são aplicadas no estudo de uma narrativa bíblica em particular, visando exemplificar a validade e relevância dos estudos das narrativas bíblicas.

Palavras-chave: Bíblia como literatura. Narrativas bíblicas. Teoria literária. Análise literária.

INTRODUÇÃO

A afirmação “A Bíblia é literatura” não é estranha nos meios exegéticos. Pelo contrário, ela foi e é utilizada com frequência para se referir à produção dos textos canônicos do Antigo (ou Bíblia Hebraica) e do Novo Testamento, na maior parte das vezes

¹Doutor em Teoria e História Literária (Unicamp); mestre em Ciências da Religião com concentração em Bíblia (UMESP); graduado em Teologia (Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas, SP) e em Letras (UMESP). Professor na graduação e na pós-graduação em Letras (Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP). joao.leonel@uol.com.br

com ênfase nos contextos de produção e recepção, com estudos cada vez mais específicos e profundos que revelam seus detalhes históricos, sociais, culturais e religiosos.

Essa percepção indica, além de outros elementos, que “literatura”, no meio exegético, é uma palavra que poderia ser substituída por outras, com melhor proveito, como “história”, “sociedade”, “religião” etc. Teríamos, dessa forma, expressões como “A Bíblia é história”, “A Bíblia é sociedade”, “A Bíblia é religião” e assim por diante. Tomo por certo a estranheza de tais expressões, mas elas exemplificam bem o que acontece no mundo real.

Difícilmente alguém negará que a Bíblia é literatura quando se quer dizer que ela é composta por “textos”. Por outro lado, a forma como tais textos são concebidos e trabalhados determina a direção em que os estudos bíblicos têm caminhado: em uma perspectiva historicista, entendendo-se em seu interior outras ciências não menos importantes como sociologia, antropologia, psicanálise, religiões comparadas etc.

Quando se procura enfatizar o aspecto “literário” da Bíblia, o esforço se encaminha para discussões relacionadas aos gêneros literários que, depois de algum esforço em definições formais, tendem a retornar para o campo da reconstrução histórica dos grupos produtores e receptores. Comparativamente, as pesquisas relacionadas ao grande campo da história apresentam números bem maiores do que os relacionados às questões literárias da Bíblia.

Por essas razões, existem outras, há um claro desequilíbrio entre os estudos literários e os históricos da Bíblia. Essa situação gera preocupação epistemológica. Em 2011, eu e Júlio Zabatiero escrevemos: “[...] como em qualquer outra área do saber acadêmico e disciplinado, o paradigma histórico de interpretação da Bíblia já demonstra sinais de esgotamento. [...] Esse esgotamento paradigmático não é exclusivo da pesquisa bíblica. Ao contrário! É o esgotamento de um modelo de fazer história” (2011, p. 13, grifo do autor).

De igual forma, mesmo os estudos literários, em contexto da exegese bíblica, fundamentados no

[...] modelo filológico de interpretação textual se esgotou. [...] Do mesmo modo, as abordagens literárias tradicionais aplicadas aos textos bíblicos e exemplificadas na consideração de gêneros e formas menores, vozes narrativas, personagens, cenários, tempos etc. carecem de revisões a partir de propostas teórico-literárias contemporâneas (2011, p. 13).

É nesse contexto que julgo necessário e relevante que se volte a discutir a Bíblia como literatura, ou, em outras palavras, que se considere seriamente os livros bíblicos como textos literários segundo teorias do campo literário que, adaptadas ao trabalho exegético, trarão ganho significativo ao estudo, interpretação e aplicação das Escrituras Sagradas.

LEITURA TRADICIONAL E LEITURA LITERÁRIA DA BÍBLIA

Neste tópico, gostaria de exemplificar, de forma rápida, as diferenças de abordagens entre um olhar tradicional e um olhar literário para o texto bíblico. Para tanto, utilizo o texto de Mt 3.13-17.2

¹³ Por esse tempo, Jesus foi da Galileia para o rio Jordão, a fim de que João o batizasse. ¹⁴ João, porém, quis convencê-lo a mudar de ideia, dizendo:

- Eu é que preciso ser batizado por você, e é você que vem a mim?

¹⁵ Mas Jesus respondeu: - Deixe por enquanto, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.

Então ele concordou. ¹⁶ Depois de batizado, Jesus logo saiu da água. ¹⁷ E eis que os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia:

- Este é o meu Filho amado, em quem me agrado.

² Versão utilizada: BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Versão Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Lendo o texto em uma abordagem doutrinária, nos preocuparíamos em definir se o batismo de Jesus foi por “imersão” ou “asperção”. A afirmação de Jesus a João: “[...] assim nos convém cumprir toda a justiça” (grifo nosso), nessa perspectiva, seria colocada em relação com a “justiça” paulina em busca de definições e aprofundamentos. E o texto, em sua totalidade, seguindo os primeiros concílios do cristianismo e manuais de teologia dogmática, seria visto como uma “prova” da existência da Trindade.

Uma abordagem historicista procuraria identificar como se dava o percurso da Galileia ao rio Jordão, e o possível ou os possíveis lugares onde Jesus teria sido batizado no rio, assim como pesquisaria quem é João Batista e sua importância para o cristianismo primitivo e, indo além, se existiram comunidades de seguidores de João. Outras questões históricas se deteriam na discussão de formas de batismo no judaísmo.

Uma leitura literária, em direção oposta, se concentraria na estrutura do texto como produtora de sentido, perguntando, quando necessário, sobre ações ou omissões. Por exemplo, por que João Batista insiste em não batizar Jesus? No contexto imediatamente anterior ao do batismo, João havia anunciado aquele que viria depois dele, o qual “[...] é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de carregar as sandálias” (Mt 3.11). Essa pessoa, que não é nomeada por João, “[...] tem a pá em suas mãos, limpará a eira e recolherá o seu trigo no celeiro; porém queimarará a palha num fogo que nunca se apagará” (Mt 3.12), linguagem indicativa de julgamento final.

E então surge a cena do batismo, na qual Jesus pede a João que o batize com o batismo de arrependimento (Mt 3.2, 5-6). Essa não é a imagem de Jesus que João havia pintado! É por isso que, provavelmente, João Batista se recusa a batizá-lo. João deve ter ficado constrangido diante da situação e certamente somente diante da insistência de Jesus é que ele o batizou.

A “justiça” (*τέλος*), a qual Jesus afirma deve ser cumprida, recebe tratamento diferente da justiça paulina³. O termo já ocorreu em

³ Cabe lembrar que as cartas aos Romanos e aos Gálatas já haviam sido escritas quando surgiu o

1.19 na forma adjetiva, “justo” (**צָדָקָה**), em referência a José. O que faz José para ser definido como justo? Diante da gravidez inusitada de Maria, ele transcende a Lei, que puniria a esposa com apedrejamento, e resolve abandoná-la secretamente a fim de não a expor publicamente. É nesse sentido que devemos interpretar a referência à justiça que necessitaria ser cumprida por Jesus e João Batista. É claro que João deveria ser batizado por Jesus, visto que este não possuía motivos para arrependimento. Mas era necessário que, naquele momento, eles se colocassem acima do que era adequado e, mesmo de forma estranha, cumprissem o rito do batismo, pois ele abriria as portas para a revelação divina (vs. 16-17).

Para não me alongar neste pequeno exemplo, interrompo a análise literária aqui, destacando apenas que a leitura literária da Bíblia se constrói a partir de passos muito simples e básicos: procurar compreender o movimento da narrativa; identificar elementos estruturantes; estar atento a conexões com os contextos anterior e posterior; ser sensível às tensões presentes no texto e, por vezes, também à ironia que pode se manifestar nas ações e falas dos personagens.

UM POUCO DE TEORIA

A Bíblia, e as narrativas bíblicas de forma particular, são textos formalmente literários, uma vez que possuem uma história que é contada, na qual estão dispostos cenários, tempos, personagens e há um narrador que os organiza em um enredo. É claro que devemos considerar a maioria⁴ das narrativas como narrativas históricas, uma vez que possuem um embasamento histórico. Se um texto ficcional se move livremente na construção de seu enredo, devendo apenas ter cuidado para que ele seja verossímil, um evangelho canônico não poderia dizer que Jesus ressuscitou no segundo ou no quarto dia ou que ele morreu crucificado em Roma. Salvo esse aspecto, os demais, relativos

evangelho de Mateus.

⁴Falo da “maioria” das narrativas bíblicas consideradas como históricas e não da totalidade delas uma vez que, se tomarmos uma parábola como exemplo, ela é, do ponto de vista formal, uma narrativa, mas parece-me não caber dúvida que a parábola não pode ser concebida como uma “narrativa histórica”.

à construção ficcional, são compartilhados com as narrativas bíblicas⁵.

Nesse contexto, Robert Alter procura definir o que seria a literatura bíblica. Ele propõe que se considere a Bíblia⁶ como “história sagrada” e que suas narrativas sejam classificadas como “prosa de ficção” (2007, p. 45-46). Definir as narrativas bíblicas como “prosa” é importante, pois, para o autor, a prosa “[...] deu aos escritores uma extraordinária flexibilidade e ampla diversidade de recursos narrativos [...]” (2007, p. 48).

Como mencionei anteriormente, é importante que se considere como as narrativas bíblicas são construídas. Referindo-se às narrativas ficcionais, com aplicação às narrativas bíblicas, como já argumentei, Terry Eagleton é claro ao dizer que

O erro mais comum dos estudantes de literatura é ir diretamente ao que diz o poema ou o romance, deixando de lado a maneira como se diz. [...] As obras literárias, além de relatos, são peças retóricas. Exigem um tipo de leitura especialmente alerta, atenta ao tom, ao estado de espírito, ao andamento, ao gênero, à sintaxe, à gramática, à textura, ao ritmo, à estrutura narrativa, à pontuação, à ambiguidade – de fato, a tudo o que entra na categoria de “forma”. [...] O que entendemos por obra “literária” consiste, em parte, em tomar *o que* é dito nos termos *como* é dito. É o tipo de escrita em que o conteúdo é inseparável da linguagem na qual vem apresentado (2019, p. 12-13, grifo do autor).

De forma pragmática, Eagleton destaca que o ponto de partida para a análise do texto literário, seja ele poético ou narrativo, é a atenção às formas como eles são organizados. Para ele, “o que é dito” se esclarece e recebe sentido a partir do “como é dito”. Antonio Cândido igualmente valoriza a forma do texto e os movimentos presentes nele. Ao explicitar alguns de seus pressupostos para a análise de poemas, que podem ser aplicados também à prosa, à semelhança de Eagleton, ele escreve: “Um

⁵ Para maiores detalhes sobre a relação entre a Bíblia e a literatura ficcional, cf.: RYKEN, Leland. A Bíblia é literatura? In: RYKEN, Leland. Para ler a Bíblia como literatura: e aprender ainda mais com ela. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 9-30.

⁶ Quando o autor se refere à Bíblia ele está fazendo menção à Bíblia Hebraica. Podemos, sem maiores problemas, estender tal consideração às narrativas do Novo Testamento.

destes pressupostos é que os significados são complexos e oscilantes. Outro, que o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos” (2024, p. 5) Conectando a teoria com a prática, ele comenta:

[...] em todas elas [as análises] está implícito o conceito básico de estrutura como correlação sistemática das partes, e é visível o interesse pelas tensões que a oscilação ou a oposição criam nas palavras, entre as palavras e na estrutura, frequentemente com estratificação de significados (2024, p. 5).

Candido reconhece a dificuldade em trabalhar com textos literários não apenas por serem “complexos”, mas também por se manifestarem “oscilantes”. O termo não indica apenas a dificuldade de determinação do sentido de palavras e/ou de frases, em um tratamento gramatical ou contextual, mas à própria característica ontológica da literatura. Textos literários possuem camadas de sentido, são por vezes ambíguos, em determinados momentos apresentam pontos de vista difíceis de serem acompanhados, constroem cenas e mundos nos quais nos movemos com dificuldade e jogam com possibilidades interpretativas.

Estaremos errados, entretanto, se pensarmos que tais características fazem da literatura algo irrelevante, inexato e descartável. Pelo contrário, a literatura tem sua lógica e suas formas de construção próprias. A questão é que, na maior parte das vezes, ela não se estrutura segundo princípios racionais e argumentativos. Eis que se impõe, então, na análise literária, a necessidade de identificar, conforme propõe Cândido, “estruturas” que organizam os textos a partir da “correlação sistemática das partes” e de, ao conceber o texto como uma espécie de “fórmula”, onde elementos são “combinados”, dar atenção às tensões surgidas de tais combinações.

Do que foi dito acima, conclui-se não apenas a possibilidade de ler e estudar as narrativas bíblicas como literatura, mas igualmente a relevância e mesmo a necessidade de fazê-lo. A esse respeito, Leland Ryken registra um posicionamento contundente:

Abordagens tradicionais à Bíblia pendem muito para o

conceitual e o doutrinal. Temos agido de modo equivocado sobre a premissa de que a visão de mundo de uma pessoa consiste apenas de ideias abstratas - ao contrário, inclui também histórias e imagens. Uma abordagem literária da Bíblia pode contribuir de modo significativo para o respeito em relação à outra metade da visão de mundo da pessoa - e o outro lado do cérebro, para usar teoria psicológica contemporânea. A Bíblia é mais do que um livro ao qual recorremos para extrair provas textuais. (2017, p. 20).

Em outro texto, Ryken complementa a ideia acima:

Uma abordagem literária é sensível à natureza imaginativa da Bíblia. Ela trata das experiências humanas apresentadas, e não somente de ideias; ajuda-nos a recriar as experiências e sensações presentes nas passagens; leva a sério imagens concretas e não as considera apenas veículos para algo mais importante (2023, p. 22).

É necessário reconhecer que, em todo o processo de leitura e interpretação literária, o leitor desempenha papel central, uma vez que ele não apenas tem acesso a estruturas textuais e retóricas, como também, e principalmente, é o responsável por avaliá-las e tomar decisões. Narrativas bíblicas são repletas de vida e dinâmicas. Como vimos, podem apresentar camadas em sua construção, caminhos alternativos, ironias, ambiguidades, vozes múltiplas. Em última instância, cabe ao leitor decidir as melhores opções e os caminhos que julga mais adequados para serem trilhados.

EXEMPLO DE ANÁLISE LITERÁRIA DE NARRATIVAS BÍBLICAS

Farei uso do capítulo 13 do livro de Juízes para este exercício. Como o objetivo é expor de forma prática um exemplo de análise literária⁷, e

⁷ Apresento outros dois exemplos de análises literárias de narrativas em capítulos que escrevi: *Conspiração e cura. Mc 3.1-6.* In: LEONEL, João (Org.). *Toda a Escritura: estudos bíblicos.* Votorantim, SP.: Linha Fina., 2023, p. 119-145; e *Narrativas bíblicas: formas e sentidos (AT e NT).* In: LEONEL, João; CARNEIRO, Marcelo (Orgs.). *Para estudar a Bíblia: abordagens e métodos.* São Paulo: Recriar, 2021, p. 227-253.

não desenvolver uma exegese a partir dos cânones crítico-acadêmicos, evitarei o uso de comentários bíblicos e de outras ferramentas analíticas. Meu objetivo não é trabalhar os pormenores do texto, mas, como apontei anteriormente, perceber como ele se estrutura e, a partir da estrutura, identificar sua mensagem. Nesse contexto, usarei a versão bíblica Nova Almeida Atualizada, consciente de que a ausência do texto hebraico pode trazer certo prejuízo, mas sabedor igualmente de que não haveria espaço para maiores aprofundamentos.

Com tais escolhas, desejo indicar que a leitura literária da Bíblia é acessível e pode ser praticada por todos os leitores, sejam eles profissionais da exegese ou leigos sem formação teológica.

A seguir, a transcrição do texto:

¹ Os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau aos olhos do Senhor, e por isso ele os entregou nas mãos dos filisteus durante quarenta anos.

² Havia um homem de Zorá, da linhagem de Dã, chamado Manoá, cuja mulher era estéril e não tinha filhos.³ O Anjo do Senhor apareceu a essa mulher e lhe disse:

— Eis que você é estéril e nunca teve filhos, mas você ficará grávida e dará à luz um filho.⁴ Por isso, tenha cuidado e não beba vinho nem bebida forte, e não coma nenhuma comida impura.⁵ Porque eis que você ficará grávida e dará à luz um filho sobre cuja cabeça não passará navalha. O menino será nazireu consagrado a Deus desde o ventre de sua mãe, e ele começará a livrar Israel do poder dos filisteus.

⁶ Então a mulher foi a seu marido e lhe disse:

— Um homem de Deus veio falar comigo. A sua aparência era semelhante à de um anjo de Deus, tremenda. Não perguntei de onde ele vinha, e ele não me disse como se chamava.⁷ Porém ele me disse: “Eis que você ficará grávida e dará à luz um filho. Por isso, não beba vinho, nem bebida forte, nem coma coisa impura, porque o menino será nazireu consagrado a Deus desde o ventre materno até o

dia de sua morte.”

⁸ Então Manoá orou ao Senhor, dizendo:

— Ah! Meu Senhor, peço que o homem de Deus que en-
viaste venha outra vez e nos ensine o que devemos fazer
com o menino que há de nascer.

⁹ Deus ouviu a voz de Manoá, e o Anjo de Deus veio outra
vez à mulher, quando ela estava sentada no campo. Porém
Manoá, o marido, não estava com ela.¹⁰ A mulher se apres-
sou, correu e deu a notícia a seu marido. Ela lhe disse:

— Eis que me apareceu aquele homem que falou comigo
no outro dia.

¹¹ Então Manoá se levantou e seguiu a sua mulher. Quando
encontrou o homem, perguntou:

— Você é o homem que falou com esta mulher?

Ele respondeu:

— Sim, sou eu.

¹² Então Manoá disse:

— Quando se cumprirem as palavras que você falou, qual
será o modo de viver do menino e o seu serviço?

¹³ O Anjo do Senhor disse a Manoá:

— A sua mulher deve se guardar de tudo o que eu disse a
ela.¹⁴ Não deve comer nada que procede da videira. Não
deve beber vinho nem bebida forte, nem comer nada que
seja impuro. Ela deve observar tudo o que lhe ordenei.

¹⁵ Então Manoá disse ao Anjo do Senhor:

— Permita-nos convidá-lo a ficar conosco. Queremos pre-
parar um cabrito para você.

¹⁶ Porém o Anjo do Senhor disse a Manoá:

— Ainda que você me convide, não comerei a sua comida. Mas, se você preparar um holocausto, ofereça-o ao Senhor.

Acontece que Manoá não sabia que aquele era o Anjo do Senhor.¹⁷ Então Manoá perguntou ao Anjo do Senhor:

— Qual é o seu nome, para que possamos honrar você, quando se cumprir aquilo que nos falou?

¹⁸ O Anjo do Senhor respondeu:

— Por que você me pergunta pelo meu nome, que é maravilhoso?

¹⁹ Então Manoá pegou um cabrito e uma oferta de cereais e os ofereceu sobre uma rocha ao Senhor Deus. E o Anjo do Senhor fez algo maravilhoso, enquanto Manoá e a sua mulher estavam observando.²⁰ Aconteceu que, enquanto a chama que saiu do altar subia para o céu, o Anjo do Senhor subiu nela. Ao verem isso, Manoá e a sua mulher se prostraram com o rosto em terra.

²¹ Nunca mais o Anjo do Senhor apareceu a Manoá, nem à sua mulher. Então Manoá ficou sabendo que aquele era o Anjo do Senhor.

²² Manoá disse à sua mulher:

— Certamente vamos morrer, porque vimos Deus.

²³ Mas a mulher respondeu:

— Se o Senhor Deus quisesse nos matar, não teria aceito de nossas mãos o holocausto e a oferta de cereais, nem nos teria mostrado tudo isso, nem nos teria revelado essas coisas.

²⁴ Depois, a mulher deu à luz um filho e lhe deu o nome de Sansão. O menino cresceu, e o Senhor o abençoou.²⁵ E o Espírito do Senhor começou a agir nele em Maané-Dã, entre Zorá e Estaol.

Início com uma observação. Provavelmente, o exegeta ou o leitor

acostumado com análises exegéticas estranhará o tamanho do texto. Um capítulo inteiro! Vinte e cinco versículos! Esse incômodo surge a partir de uma das premissas básicas do trabalho exegético: determinar a “menor” unidade de sentido em um texto; em outras palavras, a tarefa de delimitar uma perícope. No caso da análise literária, prioriza-se a unidade textual maior que permite identificar as dinâmicas textuais nos fluxos narrativos. Se tomarmos como exemplo desse tipo de abordagem o livro *A arte da narrativa bíblica*, de Robert Alter, veremos que em geral o autor seleciona grandes blocos para analisar.

Algumas informações gerais sobre a estrutura do texto. O capítulo inicia (v. 1) com uma ação punitiva de Deus sobre Israel em resposta a seus “atos maus”, entregando-os nas mãos dos filisteus por 40 anos. Outra punição é experimentada pessoalmente pela esposa de Manoá, por meio da esterilidade e a consequente ausência de filhos (v. 2). O capítulo termina com uma mudança de status da mulher, que dá à luz – portanto, é abençoada por Deus – e pela explicitação da bênção do Senhor sobre seu filho, Sansão (v. 24). Vemos, então, uma história que segue da “punição” de Israel e da mulher para a “bênção” sobre a mulher e seu filho, que será um dos libertadores do povo, e, portanto, trará bênção sobre ele. Como ocorre a transformação da punição para a bênção? Por meio da mulher, que nem ao menos é nomeada. Essa organização textual é, por si mesma, surpreendente, visto que apresenta uma mulher fragilizada como o meio escolhido por Deus para agir.

Outro detalhe útil, do ponto de vista da construção textual, é a pouca presença do narrador, a voz que traz o relato para o leitor. Há, em seu lugar, uma predominância de diálogos. Qual a relevância dessa opção narrativa? Quando o narrador ocupa a centralidade, ele fornece informações e orientações ao leitor que facilitam a interpretação. Por outro lado, quando ações e diálogos se apresentam em maior número, eles não oferecem certezas aos leitores. Pelo contrário, estes precisam decidir sobre o sentido das falas e dos atos. Cabe ao leitor decidir se um personagem está correto ou não naquilo que diz e faz. O capítulo 13 de Juízes é um exemplo de narrativa que exige mais do leitor.

Segue abaixo a estrutura narrativa do capítulo e comentários que

esclarecem suas partes, indicando como os diálogos dinamizam os movimentos do texto.

Introdução – v. 1-2.

PRIMEIRO CICLO DE FALAS:

- a. O Anjo do Senhor fala com a mulher – v. 3-5.
- b. A mulher fala com Manoá – v. 6-7.
- c. Manoá fala com Deus (oração) – v. 8-9a.

SEGUNDO CICLO DE FALAS:

- a'. O Anjo do Senhor fala novamente com a mulher – v. 9b.
- b'. A mulher fala novamente com Manoá – v. 10.
- c'. Manoá fala com o “homem”. Série de perguntas e respostas – v. 11-18.
- d. Sacrífico. Saída do Anjo. “Ambos” adoram – v. 19-21.
- e. Manoá fala com a mulher – v. 22.
- f. Resposta da mulher – v. 23.

Conclusão – v. 24-25.

A organização do texto nos tópicos acima revela uma estrutura paralela a partir de dois ciclos de falas. Eles seguem o mesmo padrão. Manifestação do Anjo do Senhor à mulher seguida de sua fala. A mulher procura o marido para relatar o acontecido. O marido, no primeiro ciclo, fala com Deus em oração, enquanto no segundo fala diretamente com o Anjo. As letras “d”, “e” e “f”, no segundo ciclo, não possuem paralelos anteriores, sendo complementos que intensificam a narrativa trazendo informações novas, como a união de marido e mulher na adoração (v. 20), a fala de Manoá à sua mulher, pela primeira vez (v. 22) e o fechamento da narrativa com a resposta da mulher ao marido, também pela primeira vez (v. 23).

Introdução – v. 1-2.

Na abertura do texto, o narrador informa, de forma geral e sem

detalhes, que “os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau aos olhos do Senhor” e, como consequência, Deus os “[...] entregou nas mãos dos filisteus por quarenta anos” (v. 1). Esse início segue um padrão estabelecido no livro dos Juízes: a) afirmação de que Israel fez o que era mal diante do Senhor; b) punição divina; c) clamor por livramento; d) um juiz é levantado para socorrer o povo (cf. 3.7-9, 12-15; 4.1-4; 6.1, 6, 11-12; 10.6-7, 10, 11.5-6). O capítulo 13 quebra esse padrão ao não registrar o clamor e o surgimento de um juiz. Há somente o registro do mal praticado por Israel e a punição.

Em oposição ao versículo um, que é genérico, o versículo dois desce a pormenores, introduzindo um casal – Manoá e esposa – e informando que ela era estéril. Dos dois problemas descritos no início, somente o familiar será desenvolvido no restante do capítulo. É claro que haverá, mais à frente, a conexão do que ocorre nesta história e a necessidade de um juiz. Neste momento, no entanto, esse tema é deixado em segundo plano.

A apresentação do casal se dá de forma tradicional: em primeiro lugar, o homem e sua linhagem, depois a esposa, que é indicada como a responsável pelo problema que enfrentavam. Ela não dava filhos a Manoá (v. 2).

PRIMEIRO CICLO DE FALAS.

a. *O Anjo do Senhor fala com a mulher – v. 3-5.*

No versículo três, o narrador introduz o primeiro ciclo de falas com o Anjo do Senhor se dirigindo à mulher. Essa figura enigmática é uma manifestação divina, como podemos concluir de textos em Juízes que o descrevem assumindo ações próprias a Deus (cf. 2.3), e sendo identificado com o próprio Deus (6.22-23). Ele desempenhará papel central, uma vez que se comunica com os demais personagens, a mulher e seu esposo Manoá, e suas falas os motivam a agir.

O Anjo do Senhor retoma a afirmação do narrador sobre a esterilidade da mulher apenas para informar que essa situação será transformada com a gravidez anunciada por ele. Orienta a mulher a não beber vinho e nenhuma bebida forte e não se contaminar com comida impura. Uma espécie de seminazireado imposto a ela (v. 4) como preparação para o nascimento do filho. Esse sim, será nazireu (v. 5a. Cf. Nm 6.1-5). A

fala final do Anjo revela o objetivo de tal preparação: o filho do casal irá livrar Israel dos filisteus (v. 5b).

b. A mulher fala com Manoá – v. 6-7.

Finda sua fala, o Anjo do Senhor desaparece sem que a mulher o responda. Ela procura o marido e relata o que ocorreu. De certa forma, ela procura se justificar ao dizer que não falou com o estranho. Suas palavras revelam como ela percebeu a situação: “um homem de Deus” falou com ela (v. 6). Há uma diferença entre a identificação no v. 3: “Anjo do Senhor”, e a que ocorre no v. 6. A razão é que no v. 3 vemos o narrador introduzindo o personagem. Como narrador em terceira pessoa onisciente, ele sabe exatamente quem apareceu à mulher. No v. 6, por outro lado, temos o ponto de vista da mulher. Para ela, mesmo que a pessoa tivesse “aparência semelhante à de um anjo de Deus”, ainda assim, seria um “homem de Deus”, ou seja, um profeta⁸, que lhe dirigiu a palavra.

Distinguir entre os pontos de vista do narrador e dos personagens é importante, pois o narrador sempre trará informações fidedignas e privilegiadas, que muitas vezes os personagens desconhecem, como é o caso neste texto. Os personagens sempre estarão limitados àquilo que, como seres humanos, conseguem apreender.

Ela repete ao marido o que ouvira (v. 7). Na verdade, omite uma informação: “[...] ele começará a libertar Israel do poder dos filisteus” (v. 5b) e acrescenta outra, ao dizer que o menino seria nazireu “[...] desde o ventre materno até o dia de sua morte” (v. 7b), talvez antecipando ao leitor, de forma velada, o destino de seu filho.

c. Manoá fala com Deus (oração) – v. 8-9a.

Assim como a mulher não respondeu ao Anjo do Senhor, Manoá não responde a ela. Se a primeira situação ocorreu possivelmente por medo e respeito, a ação de Manoá reflete a cultura da época, que considerava as mulheres com certo desprezo.

O narrador nos informa que Manoá orou ao Senhor. Talvez tenhamos uma certa ironia na afirmação, ou pelo menos uma informação

⁸A expressão geralmente designa um profeta. Cf. 1 Sm 2.27; 9.6; 1 Rs 12.22.

que opera em dois níveis. O Anjo do Senhor, que é o próprio Deus, não é identificado pela mulher. Após ouvi-la, o que faz o esposo? Ora ao “Senhor”, isto é, ele não faz a mínima ideia de que aquele a quem ora é o mesmo que apareceu à sua mulher. Esta seria a ironia. Os dois níveis textuais são o dos personagens, que não identificam quem fala a eles e, ao mesmo tempo, procuram o mesmo Deus para conversar em oração; o outro nível é o do leitor, que sabe, a partir da leitura do texto, que o Deus que falou com a mulher é o mesmo Deus que é buscado em oração por Manoá.

Ele ora pedindo que o homem de Deus apareça novamente, agora em sua presença: “[...] que o homem de Deus que enviaste venha outra vez e nos ensine o que devemos fazer [...]” (grifo nosso). É possível que ele estivesse incomodado (enciumado?) com o aparecimento à mulher e não a ele.

Com a oração de Manoá, termina o primeiro ciclo de falas. É significativo que há três falas: do Anjo do Senhor à mulher; da mulher a Manoá; de Manoá a Deus, sem que haja reação às falas. Mesmo a oração é respondida apenas parcialmente, uma vez que o Anjo aparece novamente, como Manoá orou, mas não a ele (v. 9)

SEGUNDO CICLO DE FALAS.

a'. O Anjo do Senhor fala novamente com a mulher – v. 9b.

O segundo ciclo de falas começa como o primeiro, com o Anjo falando novamente à mulher. A diferença é que o aparecimento é resposta à oração de Manoá (v. 9a), mesmo que parcial, como notado anteriormente. O narrador é explícito ao afirmar que, quando o Anjo surgiu novamente, “[...] Manoá, o marido, não estava com ela” (v. 9b).

Revela-se, assim, que o Anjo não aceita a mudança proposta por Manoá, que seguiria os padrões mais aceitáveis socialmente, uma vez que o esposo pensava se tratar de um profeta.

Essa é a informação mais importante desta fala. Não há descrição do conteúdo do que o Anjo disse à mulher. É provável que tenha repetido a fala anterior. Não sabemos. O importante é que o Anjo voltou a se dirigir à mulher, apenas a ela.

b'. A mulher fala novamente com Manoá – v. 10.

Assim como no primeiro ciclo, a mulher, após ouvir o Anjo do Senhor, procura o marido. Dessa forma, ela age dentro dos padrões sociais, concordando com Manoá.

O narrador diz que ela “[...] se apressou, correu [...]”, certamente para dar a entender que ela também estava constrangida com o fato de um profeta aparecer a ela quando estava desacompanhada do marido. Ela dá a notícia, dizendo: “Eis que me apareceu aquele homem [...]”. Cabe destacar que, se anteriormente ela pensou se tratar de um “homem de Deus”, um profeta, agora, como expressão de seu incômodo com a situação, ela se refere a ele apenas como “aquele homem”.

c'. Manoá fala com o “homem”. Série de perguntas e respostas – v. 11-18.

Como no primeiro ciclo, Manoá não responde à mulher. Mas, diferentemente, ele não ora, mas “segue” a mulher (v. 11). Esta é uma informação importante por trazer uma alteração na dinâmica da narrativa. Se até este momento a mulher havia sido escolhida para a revelação do Anjo do Senhor, sendo, entretanto, desprezada pelo esposo, que não se dirigiu a ela em nenhum momento, agora ele reconhece que ocupa papel secundário e a predominância da mulher, afinal, somente ela esteve em contato com aquele homem. Essa alteração fica clara com a informação de que ele caminhou atrás dela.

Manoá quer encontrar o homem. A esposa deve saber onde ele está. É provável que ele avalie que a situação é desconfortável; talvez esteja com ciúmes; quem sabe até deseje confrontar o homem que procurou sua mulher por duas vezes.

É inusitado que eles tenham encontrado o homem. Até este momento, era o Anjo que ia até a mulher. Agora, ela vai até ele. A seguir, temos um longo diálogo entre Manoá e o Anjo do Senhor (v. 11b-18), que quebra o padrão de falas sem resposta. A mulher, fundamental para que o Anjo fosse encontrado, sai de cena.

Manoá dirige palavras ásperas ao Anjo: “Você é o homem que falou com esta mulher? (v. 11)” A pergunta expressa seu descontentamento e dúvida em relação ao que a mulher havia dito. Isso se confirma a seguir: “Quando se cumprirem as palavras que você falou, qual será o modo de

viver do menino e o seu serviço?” (v. 12). Ele já tinha conhecimento, pelo relato da mulher, de que o filho deveria ser nazireu (v. 7). Suas palavras, portanto, dão a entender que não havia acreditado nela. O Anjo responde sinteticamente, enfatizando que as respostas já haviam sido dadas à mulher: “A sua mulher deve se guardar de tudo o que eu disse a ela” (v. 13). “Ela deve observar tudo o que lhe ordenei” (v. 14).

Amenizando o tom, Manoá convida o Anjo para ficar e comer um cabrito (v. 15). A estranha reação do Anjo revela uma armadilha em que poderia cair. Nas culturas orientais, sentar-se à mesa significava fazer-se igual ao seu anfitrião, ter comunhão com ele. É provável que Manoá pretenda obter informações privilegiadas ao tratar o Anjo com cortesia. É também provável que o Anjo tenha percebido a artimanha e, por isso, tenha se negado: “Ainda que você me convide, não comerei a sua comida” (v. 16).

Na sequência, o narrador traz uma informação preciosa ao leitor: “Acontece que Manoá não sabia que aquele era o Anjo do Senhor” (v. 16b). Essa é a razão pela qual ele foi inicialmente grosseiro e em seguida tentou envolver o Anjo com delicadezas. Explica também a pergunta que faz a seguir: “Qual é o seu nome [...]?” (v. 17). Ele está extremamente confuso. Mesmo assim, o Anjo do Senhor se recusa a se identificar (v. 18).

d. Sacrífico. Saída do Anjo. “Ambos” adoram – v. 19-21.

Este e os próximos tópicos não possuem paralelos nos ciclos de falas. São acréscimos ao que foi narrado até aqui. Por isso, devemos considerá-los com cuidado.

Após a negativa do Anjo em fornecer seu nome, Manoá faz um sacrifício ao Senhor (v. 19). Repentinamente, o Anjo sobe para o céu com a chama do altar (20a). O narrador informa que marido e mulher “[...] estavam observando” (v. 19b) e que, ao verem o Anjo subindo, “[...] se prostraram com o rosto em terra” (v. 20b), expressão de adoração. Dado novo é o casal unido. Se até este momento a mulher foi alvo especial da revelação do Anjo do Senhor e Manoá se ressentiu disso, não aceitando plenamente o relato da esposa, sem ao menos procurar dialogar com ela, nesta cena eles estão unidos.

Este é o momento em que o Anjo, personagem central na narrativa,

se ausenta. O narrador registra que “nunca mais o Anjo do Senhor apareceu a Manoá, nem à sua mulher” (v. 21). A afirmação é estranha, visto que o Anjo apareceu, de fato, somente a ela. Provavelmente, o narrador deseja acentuar a unidade de marido e mulher. Dessa forma, ele goza do privilégio recebido pela esposa, o que reforça a unidade do casal proposta neste tópico. Neste momento, finalmente, Manoá reconhece que aquele homem era o Anjo do Senhor (v. 21b).

e. Manoá fala com a mulher – v. 22.

Surge uma nova ação. Se vimos nos versículos anteriores a introdução de um novo quadro, apresentando o casal unido, a imagem se aprofunda com o gesto de Manoá, pela primeira vez na narrativa, de se dirigir à esposa. Anteriormente, já houve da parte dele um gesto de reconhecimento do protagonismo da mulher, quando a seguiu (v. 11). A situação agora é mais intensa.

Se a fala do marido à mulher indica um aprofundamento no relacionamento, a frase, uma afirmação, revela sua interpretação dos fatos: “Certamente vamos morrer, porque vimos Deus”. Para ele, terem visto a Deus implicava em morte. De acordo com textos como Ex 33.20 e Is 6.1-5, isso é verdade. É impossível ver a Deus e continuar vivo. Como contraponto, K. Lawson Younger Jr. é arguto ao dizer que a afirmação é “Teologicamente correta, mas logicamente incorreta” (2020, nota n. 33, p. 367, tradução nossa).

Mesmo que a narrativa avance com uma participação mais positiva de Manoá, ainda assim ele está equivocado. Isso se torna claro na resposta da mulher a ele, que o recoloca no papel de coadjuvante e reafirma a centralidade dela.

f. Resposta da mulher – v. 23.

De forma inusitada e surpreendente, a esposa não apenas responde ao marido, como o corrige. Ela argumenta que, se Deus desejasse matá-los, já teria feito. Deus não se manifestaria a ela, não conversaria pacientemente com o desconfiado marido e muito menos aceitaria o sacrifício se fosse matá-los ao final. Como afirma Younger Jr., essa é a lógica que, neste texto, sobrepuja a teologia. Poderíamos dizer, é a ação divina que atualiza e expande a própria teologia.

Este é o ato final na narrativa. Assim como seu início, apresenta a

mulher como protagonista. Uma mulher que sequer é nomeada. Suas ações, entretanto, falam mais alto do que seu próprio nome. Na realidade, em sua primeira aparição, ela foi uma mera expectadora da fala do Anjo do Senhor. O andamento da narrativa mostra como a personagem se desenvolveu, partindo da escolha afirmada e reafirmada por Deus, com a superação da desconfiança e da posição patriarcal do marido, chegando ao clímax no qual ela não apenas é o canal pelo qual o plano divino se desenvolve, como também se torna intérprete da ação divina.

Conclusão – v. 24-25.

Como observei anteriormente ao comentar as informações gerais sobre a estrutura do texto, há uma ligação clara entre início e fim. Se a resposta divina aos atos maus do povo é a opressão sob os filisteus, e uma mulher é punida por Deus com a esterilidade, o caminho escolhido pela divindade para mudar o quadro é o de maior fragilidade. A própria mulher, inicialmente preterida por Deus, é escolhida por ele para ser o caminho de libertação de seu povo.

No versículo final, o narrador informa que a bênção chega na forma de gravidez e do nascimento do filho, Sansão, que é igualmente recep-táculo de uma bênção, materializada na ação do Espírito do Senhor sobre ele, que o levará a operar grandes portentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa estudada apresenta dois níveis estruturais. Um cultural. Outro literário. O registro da história ocorre no tempo e no espaço. Isso significa que as normas sociais vigentes em Israel e nas culturas vizinhas estão em operação. No texto temos a predominância do homem sobre a mulher. É claro que existem casos no Antigo Testamento em que as mulheres possuíam determinada autonomia e liberdade, mas tais situações eram mais exceções do que regra. Neste texto, fica claro o status superior do homem sobre a mulher. A começar pela nomeação do marido e pela ausência do nome da esposa. Isso é reforçado pela própria mulher que, sendo procurada pelo Anjo do Senhor, rapidamente vai ao marido para relatar o ocorrido. É Manoá que ora e oferece o sacrifício. O fato de ele não dialogar com a esposa até quase o final do

texto reflete o contexto em que vivem.

Esses elementos aparecem no texto. Poderíamos dizer, então, que o próprio texto é preconceituoso. Em parte. Se por um lado o narrador expressa os valores de seu tempo, por outro, ao construir a narrativa, ele os subverte. Espero que isso tenha ficado claro na análise.

A mulher foi escolhida por Deus para sua revelação. Mesmo diante da insatisfação do marido, a escolha foi mantida. Tal procedimento indica que Deus não se compromete com esse tipo de estruturação social. Além disso, a mulher não apenas cresce no decorrer da história, como se torna o agente principal dela, sendo o personagem que interpreta corretamente a ação divina. Somente ela, exatamente por ser mulher, o que a tornava inferior socialmente, poderia ser o canal da bênção que viria a seu povo: dar à luz Sansão.

Portanto, a estrutura literária trabalha com o elemento externo – a inferioridade social da mulher – e o torna interno, inicialmente aceitando-o, mas, aos poucos, transformando o quadro e apresentando a mulher como protagonista.

Espero que o exercício de análise literária tenha sido minimamente claro para não apenas exemplificar o estudo literário de narrativas bíblicas, como também para estimular o leitor a outras leituras sobre o tema e à prática dessa abordagem. Como disse inicialmente, este método de leitura e de estudo da Bíblia é acessível a todos, uma vez que permite, com uma leitura atenciosa e sensível aos detalhes, que os textos possam ser compreendidos sem a necessidade de um aparato de ferramentas técnicas. Ao mesmo tempo, o método pode auxiliar o profissional da exegese, ajudando-o perceber, no trabalho sincrônico, os movimentos que organizam as narrativas bíblicas.

REFERÊNCIAS

- ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007).
- BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Versão Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- CANDIDO, A. *Na sala de aula: cadernos de análise literária*. São Paulo: Todavia, 2024.
- EAGLETON, Terry. *Como ler literatura*. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2019.
- LEONEL, João. Conspiração e cura. Mc 3.1-6. In: LEONEL, João (Org.). *Toda a Escritura: estudos bíblicos*. Votorantim, SP.: Linha Fina., 2023, p. 119-145.
- RYKEN, Leland. *Uma introdução literária à Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2023.
- RYKEN, Leland. A Bíblia é literatura? In: RYKEN, Leland. *Para ler a Bíblia como literatura: e aprender ainda mais com ela*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 9-30.
- YOUNGER Jr., K. Lawson. *Judges, Ruth*. Revised Edition. Grand Rapids: Zondervan, 2020 (The NIV Application Commentary).
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.

SERVIÇO E COMUNHÃO EM TEMPOS DIGITAIS: DESAFIOS PARA A IGREJA CONTEMPORÂNEA

Paulo Fernandes da Silva¹

RESUMO:

A partir de Filipenses 2:1-4, este artigo explora as bases teológicas do serviço e da comunhão cristã, analisando os desafios contemporâneos impostos pela secularização e pela influência das tecnologias digitais. Investigamos como o individualismo, o consumismo e as mudanças tecnológicas impactam a vivência comunitária, propondo estratégias para a restauração da vocação cristã de servir e promover a unidade. Fundamentado em uma análise teológica que abrange autores clássicos e contemporâneos, como Calvino, Bonhoeffer, Stott e Keller, este estudo reflete sobre a relevância do Evangelho em uma sociedade fragmentada.

Palavras-chave: Serviço cristão; Comunhão; Teologia prática; Tecnologia; Igreja contemporânea.

INTRODUÇÃO

O chamado de Paulo em Filipenses 2:1-4 apresenta uma visão teológica prática sobre humildade, generosidade e unidade. Suas palavras, dirigidas à igreja de Filípos, permanecem relevantes ao enfrentarmos um mundo caracterizado pela fragmentação social e pelo avanço das tecnologias digitais. Este artigo explora como a igreja contemporânea pode responder a essas realidades, utilizando Filipenses como base para restaurar sua missão de serviço e comunhão.

A modernidade tecnológica trouxe tanto avanços quanto desafios para a vivência cristã. Enquanto ferramentas digitais facilitam a comunicação e o acesso à informação, elas também favorecem relacionamentos superficiais e o egocentrismo. Nesse contexto, analisamos

¹ Teólogo Presbiteriano Independente

as bases teológicas da comunhão, os desafios enfrentados pela igreja e estratégias para o fortalecimento da comunidade cristã em um ambiente digital e secularizado.

AS BASES TEOLÓGICAS DO SERVIÇO E DA COMUNHÃO

O texto de Filipenses 2:1-4 oferece um fundamento teológico profundo. Paulo exorta os cristãos a cultivar a humildade e a generosidade, enfatizando a unidade no Espírito. Para Calvino (2013), a comunhão é o principal baluarte contra os ataques internos e externos à comunidade cristã, protegendo-a das influências do egoísmo e da divisão.

John Stott (1990) identifica no serviço cristão uma contracultura que resiste ao consumismo, promovendo uma vida focada no amor e na responsabilidade mútua. Por sua vez, Bonhoeffer (2016) apresenta o discipulado como um chamado à obediência radical e ao esvaziamento de si mesmo, refletindo o exemplo de Cristo. Keller (2016) complementa ao destacar que o serviço cristão deve alcançar tanto o nível individual quanto social, promovendo justiça e restauração integral.

OS DESAFIOS DA COMUNHÃO NO CONTEXTO ATUAL

O cenário contemporâneo é marcado pela secularização, pelo individualismo e pela hegemonia das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Lanier (2018) argumenta que o uso indiscriminado de algoritmos nas mídias sociais molda comportamentos e reduz os relacionamentos a interações superficiais. Esse ambiente tecnológico contrasta diretamente com o chamado bíblico à autenticidade e à empatia.

Além disso, a teologia contemporânea enfrenta o impacto de ideologias individualistas, como observado por Bibo (2021), que critica a transformação da fé em um instrumento de realização pessoal. Essa mentalidade enfraquece o senso de coletividade, desafiando a igreja a resgatar valores de comunhão e serviço genuínos.

RESTAURANDO A VOCAÇÃO CRISTÃ

A restauração da comunhão exige uma abordagem multifacetada. Primeiramente, é essencial reafirmar a centralidade do Evangelho

como fundamento para a vida comunitária. A formação cristã contínua, promovida por meio de estudos bíblicos e pregações, capacita os fiéis a discernir os desafios do mundo contemporâneo e responder com sabedoria (CALVINO, 2013).

Outro aspecto crucial é o uso estratégico das TICs. Conforme Soares (2023), essas tecnologias, quando utilizadas com intencionalidade, podem enriquecer a prática pastoral e facilitar o alcance da mensagem cristã. É necessário, contudo, cautela para evitar a superficialidade e o uso manipulador das ferramentas digitais.

Além disso, o combate ao individualismo e ao consumismo deve ser central. Paulo exorta os cristãos a considerar os outros superiores a si mesmos (Fp 2:3), promovendo uma ética de humildade e serviço que contrasta com a cultura contemporânea de autopromoção.

Por fim, a igreja deve investir em ações sociais que demonstrem o impacto transformador do Evangelho. Projetos comunitários que atendam às necessidades locais não apenas fortalecem os laços internos, mas também evidenciam o amor de Cristo à sociedade. Keller (2016) destaca que tais ações refletem o caráter integral do Reino de Deus, envolvendo cuidado físico, emocional e espiritual.

CONCLUSÃO

A vivência de Filipenses 2:1-4 na contemporaneidade exige que a igreja assuma seu papel como comunidade contracultural. A humildade, a generosidade e o serviço mútuo são valores essenciais para enfrentar os desafios da secularização e das influências tecnológicas.

Ao resgatar a centralidade do Evangelho e utilizar ferramentas digitais de forma estratégica, a igreja pode restaurar sua vocação de promover a comunhão autêntica. A prática do serviço cristão, em sua dimensão integral, não apenas reforça os laços comunitários, mas também se torna um testemunho poderoso em uma sociedade fragmentada.

REFERÊNCIAS

- BIBO, Rodrigo. O Deus que destrói sonhos / Rodrigo Bibo. — 1.ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.
- BONHOEFFER, Dietrich. 1906-1945 Vida em comunhão [recurso eletrônico] / Dietrich Bonhoeffer; tradução Vilson Scholz. - 1. ed. - São Paulo: Mundo Cristão, 2022.
- BONHOEFFER, Dietrich. Vida em comunhão (Portuguese Edition) (p. 9). Editora Mundo Cristão. Edição do Kindle.
- BONHOEFFER, Dietrich. Vida em comunhão. Editora Mundo Cristão, 2022.
- CALVINO, João. Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses (Série Comentários Bíblicos) (Portuguese Edition) (p. 473). Editora Fiel. Edição do Kindle.
- CALVINO, João. Institutas da religião cristã (Portuguese Edition) (p. 321). Edição do Kindle.
- JONES, Martyn Lloid. A VIDA DE PAZ: Comentário sobre Filipenses volume 2, capítulos 3 e 4. São Paulo. Imprensa da fé. 2008.
- KELLER, Timothy. Ministérios de misericórdia: O chamado para a estrada de Jericó. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2016.
- LANIER, Jaron. Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais. Editora Intrínseca, 2018.
- SOARES, Esny Cerene. As novas tecnologias da informação e comunicação aplicadas à teologia prática. Teologia & Sociedade, n. 15, p. 51-59, jul. 2024. Edição especial dos Anais do Congresso Internacional de Teologia: Desafios Éticos e Tecnológicos das novas TICs. ISSN 1806563-5
- STOTT, John. O cristão em uma sociedade não cristã. Thomas Nelson, 2019.

ORAR COM A BÍBLIA A LECTIO DIVINA COMO MÉTODO DE DISCERNIMENTO VOCACIONAL PARA JOVENS.

Richard Strazza da Silva¹

RESUMO:

Introdução: A Lectio Divina é conhecida como ‘leitura espiritual’ ou ‘leitura orante da Bíblia’. O método foi inspirado próximo ao ano 220, mas a sistematização do mesmo se deu em torno do século XII, por Guido, monge cartuxo. A leitura orante pode ser aplicada para qualquer pessoa e idade, em qualquer dia e momento, para o diálogo e intimidade com Deus e o discernimento pessoal e comunitário. **Objetivos:** Demonstrar que a Lectio Divina dá ao jovem um salutar discernimento vocacional. Colaborar com a tomada de decisão consciente. Acompanhar as respostas nascidas da íntima relação entre Bíblia e vida. **Método:** Aplicar semanalmente a jovens, dentro de um tempo adequado, a partir de passagens bíblicas oferecidas pela liturgia do domingo, o método tradicional da Leitura Orante da Bíblia, que é: Leitura, Meditação, Oração e Contemplação; porém estes degraus acrescidos pela Partilha do rezado. **Resultados:** A oração do jovem com a Bíblia lhe capacita no discernimento de uma decisão cons-

¹ Doutorando em Teologia pela PUC São Paulo; Mestre em Teologia Litúrgica pela Pontifícia Università della Santa Croce-Roma-IT; Licenciatura em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção – UNIFAI, São Paulo-SP; Graduação em Teologia pela Faculdade Dehoniana, Taubaté-SP; Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Aguai-SP; Especialização para Formadores de Seminários e Casa de Formação pela Faculdade Dehoniana, Taubaté-SP; Especialização em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Fundação de Ensino Otávio Bastos – UNIFEBO, São João da Boa Vista-SP; Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Fundação de Ensino Otávio Bastos – UNIFEBO, São João da Boa Vista-SP; Especialização em Prática de Letramento e Alfabetização pela Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ, Santa Rita de Caldas-MG; Especialização em Espiritualidade pela Faculdade Vicentina – FAVI, São Paulo; Especialização em Análise Existencial e Logoterapia Frankliana, Centro Universitário Católico Ítalo, São Paulo-SP (2024); e-mail: pestrazza@gmail.com; Membro do grupo de pesquisa “José Comblin” da PUC São Paulo; Professor de Latim, Teologia Litúrgica e Prática Litúrgica do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto; Reitor do Seminário Diocesano São João Maria Vianney da Diocese de São João da Boa Vista; ID Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0785508050760768>. Tel.: 19.99344-6666. E-mail: pestrazza@gmail.com

ciente sobre que caminho seguir e que Pessoa a se configurar. Conclusão: A leitura orante da Palavra de Deus para jovens é um método que proporciona reflexão sobre a realização da vontade de Deus e bem-aventurança àquele que a escuta e a coloca em prática. Ela, com razão, promove diálogo íntimo entre o Senhor e o seu povo, conversão de vida e discernimento nos processos.

Palavras-chave: Lectio Divina. Método. Discernimento. Vocacional. Jovens

INTRODUÇÃO

A Lectio Divina é a leitura dos textos da Sagrada Escritura; ela é o encontrar-se com Deus na sua Palavra, um diálogo, uma compreensão da vontade do Senhor para a vida e vocação.

Este método tem oferecido ao longo dos tempos ocasião para falar com Deus. E Dele o orante deseja conhecer qual o melhor caminho a tomar, que opção deve seguir, onde está de fato a vontade e o sonho do Senhor para sua vida pessoal. Por isso, a Lectio Divina é meio usado pelos e para os jovens; esta colabora no discernimento sobre que vocação responder a partir da Bíblia, realização existencial e resposta responsável e generosa ao que a vida lhe chama. (FRANCISCO, 2019, p. 110).

A “EXPERIÊNCIA” DA LECTIO DIVINA NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

A Lectio Divina é uma maneira bastante antiga de poder ler e interpretar a Bíblia. Ela é tão antiga como a própria Bíblia (ZEVINI, 1999, p. 177), pois antes dela, o povo de Deus se preparava pela ação do Espírito e orava lendo os sinais e as realidades da vida vindas do próprio Deus. Sobre esta visão tão antiga, mas também tão nova, Bianco (2009, p. 34) comenta uma comparação esclarecedora que fez Santo Agostinho, quando disse que Deus escreveu dois livros: o primeiro livro é a criação, a natureza, a vida, tudo que existe e acontece. É pelo livro da natureza que Deus quer comunicar-se conosco. Mas, por causa do nosso pecado, as letras deste primeiro livro se atrapalharam, e já não

conseguimos descobrir a fala de Deus no livro da vida, da natureza. Por isso, Deus suscitou um segundo livro, que é a Bíblia. A Bíblia foi escrita, não para substituir o livro da vida, mas para ajudar-nos a lê-lo e interpretá-lo melhor. E Agostinho enumera três objetivos desta leitura orante da Bíblia: a Bíblia nos devolve o olhar da contemplação; ela nos ajuda a decifrar o mundo; faz do universo uma teofania, isto é, uma revelação de Deus.

A Lectio Divina tem como pedra fundamental as Sagradas Escrituras. O povo eleito, ou seja, desde o Antigo Testamento, havia compreendido que os textos das Escrituras ofereciam alimento para a fé e, ao mesmo tempo, fortaleciam a fidelidade à aliança. É certo que Israel sabia que o próprio Senhor lhe falava, e que sua Palavra era saída de Sua boca. (Dt 8,9). Certamente essa não era qualquer palavra. Mas a Palavra que matava a fome e, ao mesmo tempo, era como um vinho inebriante comparado ao mel, porém ainda mais doce. (Eclo 24,19).

O livro da Sabedoria (16,26) recorda que a Palavra de Deus conserva em Deus aqueles que creem. É notório perceber que o povo de Israel se alimentou daquilo que vem do alto mediante a leitura fiel e fidedigna das Sagradas Escrituras, ou mesmo ouvindo-as numa liturgia.

Mas foi com Moisés, aos pés do Monte Sinai, XII séculos antes de Cristo, que aconteceu o sancionamento da aliança entre o Senhor e Israel. Essa celebração solene ocorreu durante uma assembleia festiva e aberta a todos os chamados. “Veio, pois, Moisés e referiu ao povo todas as palavras de Iahweh e todas as leis, e todo o povo respondeu a uma só voz: ‘Nós observaremos todas as palavras ditas por Iahweh’”. (Ex 24,3). Panimolle (1986, p. 31) dirá que foi justamente naquele momento que o povo parou para escutar a voz de Deus e, por isso, teria sido ali o nascimento da Lectio Divina, a leitura do livro do Senhor, o escutar da sua voz. Essa liturgia hebraica seria, portanto, a base fundante da leitura orante das Sagradas Escrituras. Mais tarde, o cristianismo partirá das mesmas experiências hebraicas para dar continuidade a esta relação de escuta da Palavra e o conhecer da vontade de Deus. Tanto os hebreus como os cristãos compreenderam que a Palavra é nutrição dada aos crentes, saída da boca do Altíssimo.

Seguiu-se que, após este momento no Sinai, as atitudes dos chefes do

povo e, mais tarde, dos reis, foram se moldando por causa deste escutar a Palavra. Assim, passados vários séculos, a Palavra foi anunciada, proclamada e ouvida nas Sinagogas dos judeus; a partir dela, promulgadas leis, dado alimento espiritual aos profetas, sustentado os patriarcas, aconselhado os juízes, oferecido refúgio aos desolados e oprimidos; essa Palavra também foi causa de esperança e alegria para os pequenos e esquecidos, dada como libertação aos presos e escravizados pelos sistemas e tornada liturgia e rito nas grandes e solenes celebrações do povo escolhido.

Um relato especial sobre esta Palavra que comovia o povo enquanto escutava o Senhor é do Livro de Neemias (8, 9-10). Ali diz que no primeiro dia do sétimo mês, Esdras levou a Lei diante da assembleia dos homens, das mulheres e de quantos eram capazes de entender. Leu o livro da Lei do amanhecer até o meio-dia, enquanto todo o povo escutava e chorava. No final da leitura, Neemias disse que ninguém deveria se entristecer ao ouvir a voz de Deus. Pelo contrário, cada um deveria se sentir forte no Senhor: a Sua alegria é a força que se precisa.

Os cristãos herdaram o modo de ler a Palavra de Deus dos rabinos. Porém, a diferença que há entre as leituras de judeus e cristãos é que os últimos fazem uma leitura com referência a Jesus Cristo, Palavra revelada do Pai, e à Igreja, sua esposa. Este sentido se afirma quando Jesus vai a Nazaré e visita a Sinagoga (Lc 4, 16-30). Ali explica a leitura do livro do Profeta Isaías, trazendo para a realidade de hoje, ou seja, Ele se apresentando como a atualização da mesma.

LECTIO DIVINA: A HISTÓRIA E A MATURIDADE PEDAGÓGICA ESPIRITUAL

Segundo Bianco (2009, p. 19), “o nome Lectio Divina, como termo técnico, é testemunhado desde o século III, mas a nova forma de meditação da Palavra já era praticada na Igreja dos primórdios”. Por muito tempo, foram os monges que levaram adiante a prática da Lectio Divina. A Leitura Orante da Palavra de Deus era o pão de cada dia na vida monástica, por isso, os monges eram muito organizados e fiéis com esses tempos de oração com a Bíblia.

Foi no século XII que um monge chamado abade Guigo II, preocu-

pado com a vida espiritual que levava, num dia, enquanto fazia seus trabalhos manuais, possivelmente usando uma escada, suplicava ao Senhor que lhe mostrasse um objeto ou um instrumento que lhe indicasse os degraus para subir até o céu. Estando ele mais tarde a rezar profundamente sobre seu pedido e intenção, foi-lhe dado subitamente para sua reflexão quatro degraus espirituais: a leitura, a meditação, a oração e a contemplação. Estes chamados degraus, espiritualmente referentes a uma escada para o paraíso, tornaram-se reconhecidamente um método, que mais tarde consolidou-se na Lectio Divina, que segundo Guigo II, é a leitura de uma passagem da Escritura, que é acolhida como Palavra de Deus e se desdobra sob o estímulo do Espírito Santo enquanto medita, reza e contempla. Assim resumiu os quatro degraus espirituais:

A leitura é o estudo assíduo das Escrituras, feito com aplicação do espírito. A meditação é uma ação deliberada da mente, a investigar com a ajuda da própria razão o conhecimento duma verdade oculta. A oração é uma religiosa aplicação do coração a Deus, para afastar os males ou obter o bem. A contemplação é uma certa elevação da alma em Deus, suspensa acima dela mesma, e degustando as alegrias da eterna doçura. [...] A leitura procura a doçura da vida bem-aventurada, a meditação a encontra, a oração a pede, a contemplação a experimenta. (Guigo II).

O método enfatiza o grande valor de determinar uma hierarquia ou uma lógica sucessão entre as muitas maneiras de oração e contemplação. Apresentam-se, contudo, facilidades próprias do esquema lecional a partir de um método intuitivo e fácil de se aplicar e rezar. (BIANCO, 2009, p. 23).

Ao longo dos séculos de história da Lectio Divina, surgiram crises teológicas que atingiram a espiritualidade e, portanto, afetaram também o método da Leitura Orante da Palavra de Deus – expressão moderna da Lectio Divina. O gnosticismo, a bibliomancia, as escolas universitárias com a pesquisa do sentido literal e histórico bíblico, a reforma protestante, o iluminismo e a secularização são exemplos destes tempos fortes de reflexão e crise. Porém, surpreendentemente constatou-se que a Lectio

Divina realmente fora uma inspiração do alto, pois foi por ela que se conseguiu unificar a vida humana, superando estas dificuldades, fazendo-a de novo buscar na Palavra seu sustento e, logicamente, pondo-a sobre o plano da salvação que a Sagrada Escritura revela. (DUTTO; HAYDEN, 1998, p. 35-36). Hoje, o retorno a uma nova harmonia entre Bíblia, espiritualidade e vida aparece como uma das exigências mais vivas e atuais, das quais a renovada atenção pela Lectio é certamente sintoma feliz e um instrumento fecundo. (ZEVINI, 1999, p. 124).

Este reflorescer do método orante da Palavra de Deus também se deve à graça proporcionada pelo Concílio Vaticano II, que muito refletiu sobre as Escrituras Sagradas. Foi o Concílio que incentivou o mundo cristão a buscar e a beber da Palavra de Deus e, relançando a meditação bíblica, embora não usando a expressão Lectio Divina, referiu-se indiretamente a ela. A Igreja estava preocupada com a necessidade urgente dos fiéis terem acesso à Sagrada Escritura e, para isso, lembrou-se de São Jerônimo quando afirmou que ‘ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo’. Contudo, o século XX foi marcado pelo retorno do método e a prática da Lectio Divina. Para dar exemplificação desta argumentação de necessidade vital aos fiéis, a Dei Verbum exhorta que:

A Igreja sempre considerou e considera as divinas Escrituras como a regra suprema da própria fé, por isso é necessário que todos mantenham um contato contínuo com as Escrituras mediante a Leitura sagrada, mediante a Meditação cuidadosa, e se recordem que a leitura deve ser acompanhada pela oração. (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, p. 194; DV 21).

ALGUNS EXEMPLOS EVANGÉLICOS DE LECTIO DIVINA APLICADA POR JESUS

A escuta da Palavra é critério para se alcançar a dimensão mais profunda da consciência espiritual e, portanto, para a realização de um frutuoso discernimento vocacional. A pedagogia da Lectio Divina é um caminho luminoso para que o jovem tome decisões concretas sobre a vida e faça discernimento sobre qual será a direção a tomar.

Diante disso, como exemplo, têm-se duas passagens evangélicas em que jovens são confrontados com a Palavra de Deus pelo próprio Jesus Cristo. Ele conhece o coração do jovem mais do que ele próprio. (FRANCISCO, 2019, p. 47). Sabe dos seus apegos, seus sonhos, dúvidas e utopias. Esta realidade faz referência ao evangelho de Mateus (19, 16-30).

Neste evangelho, é apresentado um jovem apegado às riquezas. Num primeiro momento, existe uma pergunta. Jesus responde, conduzindo-o a fazer uma memória-leitura dos mandamentos. O jovem pensa, medita e fala ao Senhor das observações que fizera na vida, apresentando-lhe verbalmente os frutos resultantes da fidelidade à Palavra da Lei. Porém, chegado ao momento cume da contemplação, que é o acolhimento da vontade do Senhor sobre sua vida, mostra-se um rapaz apegado, escravo dos bens. Apesar de seu discernimento apontar no seguimento de Jesus, vai contra sua consciência e se permite não seguir as razões de um chamado maior. O resultado é desolador: a tristeza. O jovem não é livre para responder vocacionalmente ao apelo que a vida lhe faz. Ele quer ir, mas toma a decisão de ficar, mesmo quando a Palavra imperativamente o importunou quando disse: ‘vai (...), vende (...), dá (...), terás (...). Depois, vem e segue-me’. O relato mostra que é impossível não fazer discernimento diante de Jesus. Mesmo tendo Deus apresentado o caminho, a decisão é sempre do jovem. Se responde bem, é consolação; se responde mal, é desolação. Aqui temos um texto que se conclui com uma escolha vocacional infeliz.

Outro exemplo oportuno de que Lectio Divina é um itinerário de discernimento e escolha, segundo aquilo que desvenda o Senhor, é o texto de Lucas 24, 13-35. Ali se encontram dois discípulos que vão para Emaús. Eles estão desolados, descontentes, perdidos e desnorteados. Um se chamava Clófas, já o outro, sem nome, parece ser um desconhecido, talvez um jovem discípulo. Ao longo do caminho, que percorrem por decisão mal discernida, encontram-se com um forasteiro. Aqui novamente o itinerário começa com uma pergunta, porém agora é Jesus quem a faz. Depois de ouvir as respostas, o Senhor lhes faz uma leitura-memória dos textos das Sagradas Escrituras com a intenção de que pudessecompreen-

der. Porém, o Cristo não deixa de mencionar que ambos são ‘tar-dos e lentos’ para entender. Os discípulos, ao mesmo tempo que O escutam, também meditam, ruminam a Palavra enquanto caminham.

Mais tarde, isto é, quando o sol vai se pondo, rezam pedindo para que o Senhor fique. Tendo Deus permanecido, inicia-se a contemplação da sua Pessoa, que lhes falou tudo ao longo do caminho. Então os discípulos compreenderam, quando, enfim, no momento do partir o pão, ou seja, na partilha, que realmente era o Senhor que lhes falava. Por fim, tendo discernido, tomam a decisão de iniciar o caminho de retorno, assumindo, portanto, sua vocação primeira. Se antes havia tristeza, agora, respondendo ao apelo do chamado, retornam alegres, pois de fato Jesus vive e falou com eles.

Nesta Lectio Divina aplicada aos discípulos que caminham em direção a Emaús, há uma conversão dos mesmos, pois escutaram aquela voz que lhes falava à consciência. (FRANCISCO, 2019, p. 108). Ao assumirem o caminho real e verdadeiro de sua vocação, sentem uma alegria enternecedora, pois deram resposta de vida conforme a compreensão que ganharam.

A LECTIO DIVINA PARA O DISCERNIMENTO VOCACIONAL DO JOVEM

Panimolle (1986, p. 9) dirá que não é possível se aproximar da Escritura com desejo de erudição, ou por uma exegese técnica, mas com uma finalidade existencial ou vital, ou seja, para alimentar a fé, favorecer o aprofundamento da adesão pessoal a Deus e a seu Filho. Essa atitude interior não é caracterizada pelo interesse científico, pela curiosidade, mas pela sede do coração, pelo apelo que a vida faz, e para responder a um chamado, a uma vocação. A Lectio Divina, neste sentido, leva ao diálogo com o Altíssimo, que fala através da vida e dos anseios da própria pessoa. A Lectio não é qualquer leitura. Ela é uma escuta generosa e religiosa da Palavra. Ela não resolve problemas críticos, mas possui caráter vital, ou seja, é considerada como leitura existencial da Palavra, por isso, não abastece a inteligência humana, mas envolve toda vida humana (PANIMOLLE,

1986, p. 13), e “dela nasce o discernimento nas escolhas da vida”. (MARTINI, 1986, 443).

Sendo a Lectio Divina um caminho para o discernimento, fala-se, portanto, do tempo da vida que mais necessidade se tem de fazer escolhas importantes: a juventude. Esta etapa é vivida com desafios, mas também de vivências marcadas pela intensidade. As ações, a utopia existente no coração do jovem é marcada por um desejo de esperança. O jovem pode assim ser alimentado pela Palavra e tirar dela proveito para tomar decisões.

Este é o tempo especialmente do discernimento vocacional, que pode ser envolvido por um apostolado de vida mais intenso.

A pessoa de Cristo Jesus é o modelo jovem para o jovem. Santo Irineu recorda que Cristo, jovem com os jovens, torna-se modelo para os jovens e os consagra para o Senhor. Não existe outro que possa trazer a realização existencial que o jovem procura. Jesus também foi jovem, sonhou, estudou, trabalhou, foi Filho de carpinteiro e passou por experiências próprias de sua juventude na terra. Jesus, enfim, é sempre ontem, hoje e sempre. É categoricamente o Filho de Deus e o Filho do Homem, por isso é a referência de valor que o jovem procura.

A juventude tem perguntas sobre a vida e sobre o caminho vocacional a seguir. Precisa tomar decisões diante das opções que lhe aparecem, porém estas não tomadas segundo paixões desordenadas, mas segundo Deus. Partindo disso, a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos em 2018 afirmou que, contemplando a vida de Jesus, o jovem pode compreender melhor a bênção que ele próprio é.

Jesus teve uma confiança incondicional no Pai, cuidou da amizade com seus discípulos e, mesmo em momentos, de crise, permaneceu fiel a eles. Expressou profunda compaixão pelos mais fracos, especialmente os pobres, os doentes, os pecadores e os excluídos. Teve a coragem de enfrentar as autoridades religiosas e políticas de seu tempo; passou pela experiência de se sentir incompreendido e descartado; experimentou

o medo do sofrimento e conheceu a fragilidade da Paixão; voltou seu olhar para o futuro, confiando-se às mãos seguras do Pai e à força do Espírito. Em Jesus, todos os jovens podem encontrar-se, com seus medos e esperanças, incertezas e sonhos, e nele podem confiar. Contemplar os encontros de Jesus com os jovens será, para eles, fonte de inspiração. (XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018, p. 44).

A Lectio Divina é o espaço de encontro que o jovem tem com Cristo. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2022, p. 56). Neste encontro há mudança de caminhos, tomada de decisões e discernimentos que levam à realização da vida e da vocação. De que maneira isso sucede? Primeiramente, para que haja discernimento, é preciso “a escuta e o reconhecimento da iniciativa divina, uma experiência pessoal, uma compreensão progressiva, um acompanhamento paciente e respeitoso do mistério em ação, um destino comunitário”. (XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS 2018, p. 51).

A Palavra sempre requer tempo para ser entendida e compreendida, além de ser interpretada. Por isso, existe da parte do orante um tempo pós-Lectio Divina, isto é, precisa-se lê-la e rezá-la através das realidades quotidianas, onde o Senhor mostra confirmações e oferece sinais. (FRANCISCO, 2019, p. 113). Essa é uma revelação progressiva e fascinante para o jovem, pois oferece também uma autodescoberta. Aqui, portanto, entra outro passo importante desta escuta da Palavra do Senhor, que é a partilha.

De boa vontade, (os jovens) aprendem das atividades que realizam, dos encontros e relações, colocando-se à prova na vida de cada dia. No entanto, precisam ser ajudados no empenho de reunir as diferentes experiências para interpretá-las em uma perspectiva de fé, superando o risco de dispersão e reconhecendo os sinais com os quais Deus fala. Na descoberta da vocação, nem tudo é imediatamente claro, porque a fé ‘vê’ à medida que caminha, que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus. (XV

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018, p. 51)

Os jovens vivem num mundo radicalizado no pluralismo. Existem muitas opções disponíveis com itinerários de vida, que progridem a partir de inconsistências e precariedades marcadamente frustrantes. Boa parcela dos jovens se entrega a abordagens absurdamente extremas, radicais e ingênuas. Se colocam diante de opções pouco discernidas, porém escolhidas a partir das riquezas inconsistentes do meio. Esta ingenuidade do jovem nasce, também, do seu crédito dado a um destino determinista e inflexível, incapaz de mudanças. Isto o leva a se sentir oprimido por uma ideia abstrata de sublimidade, que na verdade tem como palco de vida um cenário de muita competição, além de ser desregrado e violento. (XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018, p. 58).

Para uma escolha madura sobre sua real vocação, o jovem precisa fazer discernimento de vida. De outro modo, ele precisa se confrontar com uma Pessoa, e esta é Cristo Jesus. De fato, no cristianismo, o discernimento toma seu lugar na correspondente dinâmica espiritual, que leva a pessoa a buscar intensamente o reconhecimento da vontade do Senhor e a abraçá-la, com aquela alegria de quem deixa o restante dos caminhos para seguir apenas um. Assim, a voz do Espírito é desejosa de ser reconhecida, ouvida e acolhida como chamado. (XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018, p. 66). Para o discernimento, se faz confrontando o estilo de vida do jovem com o verdadeiro estilo de Cristo Jesus. A Palavra de Deus sempre proporcionará valores, por isso ela é reveladora de caminhos. Fala direta e particularmente ao coração do jovem, assim como o chamado é direto e íntimo. É nesta escuta da Palavra que o jovem torna essa voz um critério para escolher e tomar decisão.

O jovem imerso na oração das Sagradas Escrituras e moldado por elas, faz parte da grande comunidade dos vocacionados da história da salvação. A consciência, que “é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem no qual ele está sozinho com Deus, cuja voz ressoa em seu íntimo” (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, p. 211; GS 487), lhe concede graça para responder ao chamado à santidade. De fato,

essa consciência não está ligada a um sentimento imediato e superficial. Ela não se submete a realidades falsas pautadas sob a dimensão do prazer pessoal. Essa consciência fala da verdade, dos valores, que atestam uma presença transcendente; por isso, não se referem à mera percepção de si, mas a um escutar na interioridade. Contudo, não se pode excluir ou secundarizar essa consciência, pois ela é justamente o espaço do encontro.

Formar a consciência é o caminho da vida inteira, em que se aprende a nutrir os mesmos sentimentos de Jesus Cristo, assumindo os critérios das suas escolhas e as intenções da sua ação (Fl 2,5). A fim de alcançar a dimensão mais profunda da consciência – de acordo com a visão cristã -, é importante cuidar do interior, o que implica, sobretudo: tempos de silêncio, contemplação orante e escuta da Palavra”. (XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2018, p. 68).

Clemente de Alexandria, no século IV, dizia que Deus salvou os judeus judaicamente, os gregos, gregamente, os bárbaros, barbaramente. Isto quer dizer que o Senhor usa de meios para salvar, para se fazer ser ouvido e atendido, enfim, usa métodos para que todos os Seus filhos tomem consciência de sua missão, se convertam, encontrem seu caminho de realização e vivam. (FRANCISCO, 2013, p. 35). Por isso, para os cristãos e, neste sentido, especialmente os jovens, o que importa na interpretação de um texto bíblico, é descobrir, através do estudo da ‘letra’, a orientação para Jesus, a fim de que se cresça e desabroche na Sua vida ressuscitada. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2014, p.21). Assim se pode dizer que Deus também salva os jovens, jovialmente.

Os dois exemplos de Lectio Divina relatados na Bíblia, ou seja, o jovem rico e os discípulos de Emaús, apresentam jovens se encontrando com a Palavra feita carne; estão com dúvidas, desejosos de saber o que acontece, o que fazer, que decisão tomar. Jesus, que lhes fala ao coração e à consciência, não toma decisão por ninguém, mas ajuda a discernir o bom caminho. Portanto, nestes relatos, o Senhor mesmo se explicou por um caminho ou método, que fez os jovens compreenderem,

discernirem e tomarem decisões.

Hoje não é diferente a situação do jovem.

Muitos jovens estão desanimados com a própria vida, sem saberem o que fazer ou para onde caminhar. O encontro pessoal com Jesus, presente nas Escrituras e no partír do Pão, nos faz entender o sentido da vida. Aquele que se encontrou autenticamente com o Senhor é enviado para a missão, a fim de anunciar também para outros jovens a alegria de saber o ‘porque’ e ‘para que’ estamos no mundo. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2014, p. 16).

É justamente para ajudar também o jovem, que a inspiração divina concedeu meios para a leitura da Bíblia. O método amadurecido das experiências do povo de Deus e das Sagradas Escrituras é, portanto, o da Lectio Divina, que, quando aplicado a jovens, provoca atitude discipular, tomada de decisão e discernimento vocacional.

Este método foi aplicado há anos com jovens que desejavam fazer discernimento vocacional. Para este grupo de rapazes, que semanalmente se aplica à Lectio Divina com os textos dos evangelhos da liturgia dos domingos, foram, ao longo dos tempos, recolhidas decisões fecundas, realizadoras e bastante consistentes sobre sua verdadeira vocação, porém sempre existiram ‘jovens ricos e discípulos de Emaús’. O contato direto com a Palavra, o confronto com a vida que ela é, além dos valores relacionados aos bens primordiais oferecidos pelo próprio Deus, foram experimentados no quotidiano de cada jovem, que os conduziu a dar uma resposta de vida responsável. Viu-se, portanto, que diante da Palavra de Deus não é possível enganar-se. É mister pontuar que, além dos degraus da lectio, da meditatio, da oratio e da contemplatio, foi proposto um outro degrau: a communicatio, isto é, a partilha da ‘palavra-pão’, com a finalidade de oportunizar maior profundidade no texto rezado e ajudar o jovem no discernimento enquanto fala do que rezou e, ao mesmo tempo, escuta os frutos da Lectio Divina de outros jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos tempos, a Lectio Divina tem se tornado ainda mais conhecida e praticada. Ela está presente em quase todos os grupos de pessoas que rezam a Bíblia. Tem se transformado num método valioso para o discernimento. Não há dúvidas de que a voz de Deus tem falado na história da vida e na história de cada pessoa. Por isso, o mesmo método alcançou, nos últimos tempos e com maior ênfase, o meio juvenil. Os jovens têm sede de Deus e procuram em Cristo Jesus um diálogo para uma resposta concreta à pergunta que a vida lhes faz. Mesmo quando não encontram este método como meio para saciar sua fome e sede, são, por vezes, direcionados por pessoas com caráter de diretores espirituais, que os levam a conhecer o método e a aplicá-lo na oração bíblica. Estes meios se dão especialmente entre comunidades de jovens cristãos.

No acompanhamento realizado, durante anos, com um grupo de jovens que fez a Lectio Divina, constatou-se como foram fecundas as maturações nas decisões e, principalmente, no discernimento vocacional. Muitos tomaram o caminho como os discípulos de Emaús e se tornaram pessoas felizes, que ressoam a voz de Deus nas atitudes da vida. Porém, outros poucos ainda permaneceram na atitude do jovem rico e, ao que se percebe, se encontram ainda perdidos. Certamente, esta experiência em orar com a Bíblia, foi a do próprio Jesus que lhes falou ao coração e à consciência. Aqui existiu diretamente uma formação espiritual e moral (FRANCISCO, 2019, p. 68) encaminhada pelo método da Lectio Divina, pois cada jovem se deparou com o jovem Jesus Cristo, que é O modelo.

Contudo, a Lectio Divina tem provocado em jovens que se reúnem para rezar as Escrituras uma vida direcionada pelo Espírito. Uma vida atenta e participativa na Igreja e no mundo. A Lectio Divina tem ajudado a formar jovens como novo fermento que leveda a massa. Por isso tudo, tem-se que este método inspirado pelo divino Senhor tem proporcionado frutos, discernimentos e decisões vocacionais maduras e de forte envolvimento com a vida e a história de salvação da qual se entendem enxertados.

REFERÊNCIAS

- BIANCO, Enzo. *Lectio Divina: encontrar Deus na sua Palavra*. São Paulo: Editora Salesiana, 2009.
- BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova ed. ver. e ampl. Coordenação Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo, Ana Flora Anderson; tradução: Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2015.
- DUTTO, G.; HAYDEN, C. *Lectio divina*. Turim: Effetà, 1998.
- GUIGO II. A escada de Jacó. Disponível em: <https://liturgiadashoras.online/carta-de-dom-guigo-cartuxo-ao-ir-gervasio-sobre-a-vida-contemplativa>\ Acesso em: 14 setembro 2024.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Leitura orante: “Fala, Senhor, teu servo escuta”. 2ª ed., Brasília: Edições CNBB, 2014.
- , Viver a vocação: encontros vocacionais para adolescentes e jovens. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- , Vocação: graça e missão. Brasília: Edições CNBB, 2022.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- , Constituição Dogmática Gaudium et Spes. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- MARTINI, Carlo Maria. *Pregar ela Bibbia: meditazione ai Giovani*. Bolonha: EDB, 1986.
- PANIMOLLE, Salvatore A. *Ascolto della Parola e preghiere: la lectio divina*. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 1986.
- FRANCISCO. Carta encíclica *Lumen Fidei*. Brasília: Edições CNBB, 2013.
- , Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus Vivit: para os jovens e para todo o povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2019.

PASTORAL JUVENIL VOCACIONAL DE BRAGANÇA-MIRANDA. Lectio Divina: adolescentes e jovens em adoração. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018.

XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Doc. 51, Brasília: Edições CNBB, 2018.

ZEVINI, Giorgio. La lectio divina nella comunità cristiana: spiritualità, método, prassi. Brescia: Queriniana, 1999.

BERESHIT EN ARQUE: A CONEXÃO ENTRE O PRÓLOGO JOANINO E A COSMOLOGIA EM GÊNESIS.

Hildson de Moraes Pires¹

RESUMO:

Este artigo explora a conexão entre o prólogo joanino (João 1:1-18) e a cosmologia apresentada em Gênesis (1:1-2:3), destacando como João reflete a narrativa da criação em sua estrutura literária e propósito teológico. Por meio de uma análise quiástica, argumenta-se que o prólogo de João não apenas reafirma a soberania divina, como também expande a teologia da criação ao apresentar o Verbo como o agente tanto da criação original quanto da nova criação. A luz e a ordem, temas centrais em ambos os textos, são examinadas sob perspectivas apologéticas, com o Evangelho de João defendendo a divindade e a encarnação de Cristo contra visões gnósticas e outras heresias emergentes. Conclui-se que o Verbo encarnado é o ponto culminante da ordem desejada por Deus, unindo criação e redenção.

Palavras-chave: Prólogo de João; Cosmologia; Gênesis; Criação; Verbo; Redenção.

INTRODUÇÃO

O prólogo de João (João 1:1-18) é um dos textos mais profundos e densos do Novo Testamento, tanto do ponto de vista exegético quanto teológico, como mencionado: “resume em poucos traços a realização do projeto criador de Deus, que abre nova era na história humana”.

Ao começar com a expressão “No princípio”, João não apenas faz

¹Bacharel em Teologia, Licenciado em Pedagogia, Pós-Graduando em Ciências da Religião, Discente do Primeiro ano do Bacharelado em Teologia da FATIPI (EaD), Candidato ao Ministério Pastoral pelo Presbitério do Norte da IPI do Brasil. E-mail: hildsonpires26x@gmail.com

referência ao livro de Gênesis, mas parece estruturar todo o prólogo de modo a refletir a cosmologia que encontramos em Gênesis 1:1-2:3. Assim como Gênesis foi escrito em um contexto de defesa contra cosmovisões rivais, apresentando Deus como o único Criador soberano em oposição às crenças politeístas, o prólogo de João também desempenha um papel apologético. João defende a identidade do Verbo, Jesus Cristo, em três frentes principais: Primeiro, ele busca fortalecer a fé dos discípulos e evangelizar, apresentando Jesus como o Messias prometido, aquele que cumpre as profecias messiânicas. Segundo, ele oferece uma defesa contra a oposição dos fariseus, que questionavam a divindade e eternidade de Jesus, em muitos momentos de confronto presentes no evangelho. E terceiro, João responde às heresias emergentes, como o gnosticismo, que surgia por volta de 70 d.C. e negava a plena encarnação de Cristo. Essa estrutura não é apenas literária, mas serve também para conectar o papel do Verbo às doutrinas centrais da criação, encarnação e redenção, aspectos fundamentais da teologia cristã e das Escrituras.

Este artigo propõe que o prólogo de João segue uma estrutura quiasmática que reflete a primeira cosmologia em Gênesis. Dizemos primeira porque entendemos que em Gênesis 2:4-25 é uma segunda cosmologia. Além disso, o estudo busca demonstrar como essa estrutura ressalta o papel do Verbo como o agente tanto da criação original quanto da nova criação, enfatizando a revelação do Verbo como o ponto culminante da ordem desejada por Deus.

1. EXPOSIÇÃO DA HIPÓTESE

Este artigo propõe que o prólogo de João foi cuidadosamente estruturado para refletir a narrativa de criação em Gênesis (1:1-2:3), e “constitui unidade distinta do resto da obra e expõe sinteticamente o conteúdo e a realização do desígnio criador”.

Dizemos primeira porque entendemos que em Gênesis 2:4-25 é uma segunda cosmologia. Além disso, o estudo busca demonstrar como essa estrutura ressalta o papel do Verbo como o agente tanto da criação original quanto da nova criação, enfatizando a revelação do Verbo como o ponto culminante da ordem desejada por Deus. Além da estrutura literária que conecta o prólogo de João à narrativa de Gênesis, ambos

os textos compartilham um propósito apologético. Gênesis responde às narrativas cosmológicas politeístas ao apresentar um Deus único e soberano como Criador. Da mesma forma, João oferece uma defesa em três frentes principais: (1) a defesa da identidade de Jesus como o Messias, para que seus discípulos cresçam em fé; (2) uma resposta às contestações dos fariseus, que se opuseram à sua divindade e eternidade; e (3) uma refutação das heresias emergentes, como o gnosticismo, que negavam a encarnação do Verbo. Esses elementos apologéticos reforçam a teologia da criação, encarnação e redenção apresentada por João.

2. ANÁLISE TEXTUAL

2.1. O verbo como agente da criação (João 1:1-5)

Os três primeiros quiasmos (João 1:1-5) refletem a narrativa cósmica de Gênesis (Gênesis 1:1-2:3), com foco no Verbo como o agente da criação.

- a) Quiasmo 1 (João 1:1-2):
 - (A) 1No princípio era o Verbo,
 - (B) e o Verbo estava com Deus,
 - (B') e o Verbo era Deus.
 - (A') 2Ele estava no princípio com Deus.

A frase ‘No princípio era o Verbo’ não apenas ecoa Gênesis, mas também serve como uma forte declaração apologética da eternidade e divindade do Verbo. João apresenta o Verbo como pré-existente e divino, respondendo a visões que negavam essa verdade central. Assim como Gênesis refuta a visão politeísta da criação, João refuta as ideias que rejeitavam a divindade de Cristo, afirmando-o como o agente eterno e divino da criação. Ao declarar que ‘o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus’, João antecipa a defesa da identidade de Cristo, que será contestada tanto pelos fariseus quanto por heresias emergentes como o gnosticismo.

- b) Quiasmo 2 (João 1:3):
 - (A) 3Todas as coisas foram feitas por ele,

(B) e sem ele nada do que foi feito
(A') se fez.

Este versículo enfatiza o papel do Verbo como o Criador de todas as coisas, refletindo a criação do universo em Gênesis, onde a criação acontece pela palavra de Deus. Essa passagem também se alinha com a doutrina da criação na teologia cristã, que reconhece Cristo como o agente divino da criação.

c) Quiasmo 3 (João 1:4-5):
(A) 4Nele estava a vida,
(B) e a vida era a luz dos homens.
(B') 5E a luz resplandece nas trevas,
(A') e as trevas não a compreenderam.

Assim como Gênesis descreve a criação da luz, o Verbo aqui é apresentado como a fonte de vida e luz. A referência à luz que brilha nas trevas reforça a ideia de que o Verbo introduz ordem e vida no caos, assim como Deus fez em Gênesis 1.

1.1. O verbo como agente redentor na história humana (João 1:6-10)

Os próximos três quiasmos (João 1:6-10) espelham a narrativa da criação da humanidade em Gênesis (Gênesis 1:26-31), onde o foco é a criação do homem e sua relação com Deus.

a) Quiasmo 4 (João 1:6-8):
(A) 6Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João.
(B) 7Este veio para testemunho,
(C) para que testificasse da luz,
(B') para que todos cressem por ele.
(A') 8Não era ele a luz, mas veio para que testificasse da luz.

Assim como o ser humano, é colocado em evidência em Gênesis 1 como ‘imagem e semelhança do Criador’, João Batista é colocado em evidência como ‘testemunha da luz’, neste quiasmo. João Batista testemunha a luz, preparando o caminho para o Verbo, da mesma forma que Adão é criado como o primeiro habitante e representante do Criador na terra preparada por Ele.

- b) Quiasmo 5 (João 1:9):
- (A) 9Nele estava a luz verdadeira,
 - (B) que ilumina a todo o homem,
 - (A') (a luz) que vem ao mundo.

Aqui, o Verbo é descrito como a luz verdadeira, que ilumina a humanidade. Embora a humanidade tenha sido criada à imagem e semelhança de Deus, ela é criatura, um facho de luz que deve governar o mundo sob a égide do Criador, a exemplo de como o Sol é o astro-luz que governa o dia, mas não se confunde com a mesma luz do versículo de Gn 1:3. O Verbo é a verdadeira luz que está a chegar para dissipar as trevas.

- c) Quiasmo 6 (João 1:10):
- (A) 10Estava no mundo,
 - (B) e o mundo foi feito por ele,
 - (A') e o mundo não o conheceu.

Esse quiasmo reflete o tema da rejeição do Verbo. Assim como a primeira humanidade falhou em reconhecer a plenitude do plano de Deus, o mundo agora falha em reconhecer o Verbo que o criou, pois “vivia em regime de morte, dominada pela treva, e se negou a responder ao ideal de plenitude humana a que estava destinada pela própria criação.”.

Esse elemento de rejeição destaca o início do plano de redenção.

1.2. O verbo encarnado e a plenitude redentora (João 1:11-18)

Os dois últimos quiasmos (João 1:11-18) focam na satisfação divina

e na culminação em plenitude, temas centrais da criação e redenção.

a) Quiasmo 7 (João 1:11-13):

- (A) 11 Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.
- (B) 12 Mas, a todos quantos o receberam,
- (C) deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus,
- (B') aos que creem no seu nome;
- (A') 13 os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

Este quiasmo enfatiza a restauração da filiação divina, a Imago Dei, ecoando o propósito original da criação em Gênesis. Na criação, Deus viu que tudo o que tinha criado era muito bom, aqui Deus outorga a filiação divina àqueles que recebem o Verbo, restaurando assim a condição do ser humano como imagem e semelhança divina. Sobre este trecho, Mateos e Barreto dissertam que Jesus, o Verbo,

“é a palavra primordial e criadora (1,3: mediante ela existiu tudo; 1,10: o mundo existiu mediante ela), o projeto divino que interpelava ao homem oferecendo-lhe a vida (1,4), feito realidade em existência humana. Jesus será, portanto, o projeto divino realizado, o homem-Deus (1,1c); sua atividade consistirá em levar a cabo o desígnio criador de Deus sobre o homem (4,34) e sua presença será a interpelação de Deus à humanidade (15,22.24). A obra de salvação continua a obra criadora e a leva ao seu termo (5,17)” .

b) Quiasmo 8 (João 1:14-18):

- (A) 14 E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória de um único nascido do Pai, cheio de graça e de verdade.
- (B) 15 João testificou dele e clamou, dizendo: Este era aquele de quem eu dizia: O que vem depois de mim é

antes de mim, porque foi primeiro do que eu. 16E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça.

(A') 17Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. 18Ninguém jamais viu a Deus; o Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o fez conhecer.

O Verbo encarnado é o ápice da revelação de Deus, assim como o Shabat em Gênesis representa a culminação da criação. A plenitude recebida através da encarnação (morte e ressurreição) de Cristo não é apenas uma restauração, mas uma nova criação, na qual a graça e verdade superam a lei, trazendo uma nova ordem para a humanidade, restaurando-a para o propósito divino, a filiação em Deus.

“O “nascer” capacita para exercer atividade do mesmo gênero que a do pai, e essa atividade é a que demonstra a filiação. O filho imita o pai e aprende dele [...] Tal será a atividade dos filhos, comunicar vida pelas obras de amor para com os demais, que continuarão as de Jesus, o Filho. Por isso, o seu único mandamento prescreverá precisamente o amor de uns para com os outros, igual ao amor com que ele nos amou”.

3. COMPARAÇÃO COM A NARRATIVA DE CRIAÇÃO EM GÊNESIS

O estudo dos quiassmos no prólogo de João revela uma clara correlação com a cosmologia da criação em Gênesis. Os três primeiros quiassmos refletem a criação cósmica e o papel do Verbo como agente da criação, enquanto os quiassmos seguintes destacam o Verbo entrando na história humana, ecoando a criação da humanidade. Por fim, os quiassmos que tratam da encarnação do Verbo apresentam a plenitude da obra redentora, refletindo o descanso no Shabat e a satisfação de Deus com sua obra.

A. Comparação estrutural dentro da primeira narrativa

na primeira narrativa de Gênesis, a criação é descrita de maneira sequencial e estruturada em seis dias, seguidos pelo descanso no sétimo dia. Cada um desses dias segue um padrão, com Deus “falandos”, “separando” ou “criando”, e concluindo com a constatação de que “era bom”.

Essa estrutura revela uma clara progressão de desordem para ordem:

- Dia 1 a 3: Organização dos espaços (luz/trevas, águas/terra, e vegetação).
- Dia 4 a 6: Preenchimento desses espaços (corpos celestes, aves e peixes, animais terrestres e humanos).

Essa ordem simétrica e progressiva reflete a natureza de Deus como Criador, que impõe ordem ao caos (*tohu va-bhohu*), que era a condição da criação antes do agir ordenador de Deus (Gênesis 1:2).

B. Comparação com a teologia do verbo no prólogo de João

Ao comparar Gênesis 1:1-2:3 com o prólogo de João (João 1:1-18), observamos que ambos os textos começam com ‘No princípio’ (bereshit em hebraico e en arche em grego). Ambos têm uma visão cósmica do ato criativo: em Gênesis, Deus cria o mundo através da palavra (Vaiomer, que significa ‘e disse’), enquanto em João, o Verbo (Cristo) é identificado como o agente da criação (Logos).

Assim como Gênesis se opunha às cosmogonias rivais, defendendo um Deus único e soberano, o prólogo de João se posiciona como uma defesa contra as visões gnósticas e judaicas que negavam a divindade e encarnação do Verbo. Ambos os textos são apologéticos: a criação original, em Gênesis, defende a soberania de Deus sobre um universo politeísta,

enquanto a nova criação revelada em Cristo no Evangelho de João serve como uma defesa da divindade e humanidade de Jesus, reafirmando sua supremacia. Enquanto Gênesis responde ao politeísmo antigo, João responde às heresias que negavam tanto a plena humanidade quanto a divindade de Jesus.

Paralelos teológicos e literários:

1. A Palavra Criadora: Em Gênesis 1, Deus cria ao pronunciar palavras: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz” (1:3). Em João 1, o Verbo (Logos) é apresentado tanto como o meio, como agente através do qual todas as coisas foram feitas: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (João 1:3).

2. Luz como Primeiro Ato de Criação: Em ambos os textos, a luz ocupa um papel de destaque no início da criação. Em Gênesis 1:3, Deus cria a luz para separar as trevas e estabelecer ordem no caos. Em João 1:4-5, a luz é associada à vida: “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.”

Em ambos os casos, a luz não é apenas física, mas também simbólica. Em Gênesis, a luz representa o início da ordem e da criação. Em João, a luz (Cristo) é a fonte da vida e da redenção, que ilumina a humanidade.

3. Criação por Separação e Ordem: Em Gênesis 1, Deus organiza o cosmos separando os elementos: luz/trevas, águas/terra, etc. Da mesma forma, no prólogo de João, o Verbo traz ordem e vida ao caos espiritual e moral. O caos original em Gênesis é físico e cósmico, enquanto em João é a escuridão espiritual.

4. A Luz e as Trevas: Em Gênesis, a luz é criada e separada das trevas, marcando o primeiro passo para a criação do cosmos. Em João, a luz do Verbo resplandece nas trevas, e as trevas não a podem dominar. Assim, o Verbo é visto como

aquele que continua o processo criador de Deus, não apenas no sentido material, mas também na esfera espiritual.

C. Interpretação Teológica

Em Gênesis 1:1-2:3, a criação é um processo ordenado, no qual Deus atua de maneira progressiva, movendo-se do caos à ordem. A criação do cosmos é fundamental para a teologia bíblica porque estabelece a base para a soberania de Deus sobre o universo. No prólogo de João, Cristo, o Verbo, é identificado com esse mesmo poder criador, o que o conecta diretamente ao Deus criador de Gênesis.

Implicações Teológicas:

1. Cristo como o Verbo Criador: A conexão entre Gênesis e João mostra que o Verbo não é apenas uma figura do Novo Testamento, mas está presente desde o “princípio”, sendo o agente da criação. Isso reforça a compreensão trinitária de Deus, onde Cristo (o Verbo) atua na criação do mundo.
2. A Luz como Símbolo de Revelação e Vida: Em Gênesis, a criação da luz é o primeiro passo para a organização do cosmos, enquanto em João, a luz do Verbo é a força que ilumina a humanidade e traz vida. A luz, portanto, assume um papel simbólico profundo em ambas as passagens, representando tanto a criação física quanto a revelação espiritual.

CONCLUSÃO

A análise comparativa entre Gênesis 1:1-2:3 e o prólogo de João revela uma profunda continuidade teológica que conecta o Verbo (Cristo) à obra criadora de Deus. Desde o início, a palavra criadora de Deus em Gênesis traz luz e ordem ao cosmos, e essa mesma palavra encontra sua plena expressão no Verbo encarnado no evangelho de João. Ambos os textos começam com a mesma declaração de origem, “No princípio”,

e colocam a criação e a luz como símbolos centrais de vida e ordem.

No prólogo joanino, o Verbo é apresentado não apenas como o agente da criação original, mas também como o agente da nova criação, que traz a redenção à humanidade. João reflete e expande a cosmologia de Gênesis, mostrando que o mesmo poder criador que deu origem ao universo é agora manifestado na obra redentora de Cristo. A luz que separa as trevas em Gênesis ressurge em João como a luz espiritual que resplandece nas trevas do mundo, trazendo vida e plenitude.

Além de refletir a criação, tanto Gênesis quanto João servem como defesas apologéticas diante de cosmovisões rivais. Gênesis afirma a soberania de Deus contra o politeísmo antigo, apresentando um Deus único e criador. Da mesma forma, João defende a encarnação e divindade de Cristo contra as heresias emergentes, como o gnosticismo, e contra a oposição de líderes religiosos que questionavam sua identidade. Ambos os textos convidam o leitor a reconhecer a verdade teológica e apologética que sustenta a fé em um Deus criador e redentor.

Ao estruturar seu prólogo de maneira quiástica, João reforça a centralidade do Verbo, unindo as doutrinas da criação, encarnação e redenção. A culminação do plano divino, tanto na criação quanto na redenção, é revelada no Verbo, que se fez carne, habitou entre nós e nos concedeu graça sobre graça, estabelecendo uma nova ordem de plenitude e verdade. Assim, o Verbo preexistente é o elo que une a criação do cosmos à restauração final da humanidade.

REFERÊNCIA

MATEOS, J., & BARRETO, J. O Evangelho de João. São Paulo: Paulinas. (1989)

TEOLOGIA | COACHING | NEUROLINGUÍSTICA ERICKSONIANA E PSICOLOGIA POSITIVA COMO PROCESSOS DE PERSUASÃO ENTRE COACHES E COACHES RELIGIOSOS

Samuel Pereira Valério¹

RESUMO:

A Teologia Coaching tem emergido nos últimos anos como uma releitura da teologia mais ortodoxa, remetendo-nos a um modelo teológico heterodoxo, uma novidade ou, até mesmo um modelo mais contemporânea de teologia. Diante disso, esse modelo de releitura teológico insere em si, elementos importados da psicologia, sobretudo, da neurolinguística eriksoniana e da psicologia positiva. Objetiva-se demonstrar como os interlocutores dessa teologia interagem com esses conceitos psicológicos e, como esses conceitos são inseridos no discurso teológico nas igrejas locais. Utilizaremos o método comparativo e dedutivo com o intuito específico de demonstrar a construção desse discurso teológico. Como resultados preliminares, ao executar o exercício comparativo e dedutivo é possível observar que, ao fundir a teologia tradicional e a neurolinguística e a psicologia positiva, promove-se uma nova hermenêutica, que conduz as pessoas a um tipo de teologia, recortando o pensamento teológico, com a finalidade de transmitir um conhecimento antropocêntrico, individualista, apontando aspectos apenas positivos da vivência da fé cristã. Atra-

¹Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro e pesquisador do fenômeno do protestantismo e pentecostalismo brasileiro no GEPP (Grupo de Estudos Protestantismo e Pentecostalismo – PUC-SP). Membro do Grupo de Estudos Memória Religiosa e Vida Cotidiana – UMESP. Membro do RELEP (Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais). Membro do CEHILA Brasil (Comissão para o estudo da história das Igrejas na América Latina e Caribe). Professor do curso de graduação em Teologia e na Pós-Graduação em Ciências da Religião e Educação, na Faculdade das Assembleias de Deus, FABAD, em Pindamonhangaba, São Paulo, Brazil. email: samuelpvalerio@gmail.com

vés dessas observações preliminares, percebe-se que a Teologia Coaching é uma realidade na contemporaneidade, sendo responsável em produzir um novo tipo de teologia, centrada no indivíduo e em sua autonomia com ser, destoando profundamente de conceitos teológicos ortodoxos do Cristianismo.

Palavras-chave: Teologia Coaching, Cristianismo, Fé Cristã, Neurolinguística, Psicologia Positiva.

INTRODUÇÃO

Diante do desafio de se desenvolver uma abordagem teológica consistente, surge a necessidade de buscar referenciais teóricos que deem conta do método de análise proposto na investigação, e, para isso, aqueles que utilizam o coaching simultaneamente com a teologia, pautaram-se em alguns teóricos para fundamentar suas reflexões e remeter certa credibilidade às suas abordagens, uma vez que estas, fogem daquilo que conhecemos como ortodoxia, conseguindo, de certa forma, trazer uma conotação espiritual e religiosa ao discurso do coaching, sem deixar que a psicologia, mesmo que embutida neste processo, se tornasse mais evidente, mas que ela os auxiliasse na maior credibilidade científica ao discursos desses coachs cristãos.

A pergunta central desta reflexão é: a psicologia ercksoniana e a psicologia positiva são capazes de fundamentar e fornecer credibilidade ao discurso dos pastores/coachs que tem influenciado as igrejas em sua teologia e liturgia, ressignificando o modelo existente? Com a finalidade de propor uma análise das atividades de pastores que aderiram ao modelo proposto, surge esta reflexão, com intuito de contribuir com as discussões oriundas do campo evangélico brasileiro, sobretudo, dando ênfase a Teologia Coaching.

Desde o início da década de 2010, juntamente com uma maior eclosão do coaching no Brasil, abriu-se mais um nicho do mercado religioso, que produz uma nova forma de inserção teológica nas igrejas, uma vez que, esses coachees/pastores/fiéis, chegam às suas respectivas igrejas trazendo a bagagem apreendida em tais cursos e workshops, ressignificam aquilo que tinham como verdade teológica e incluem as ferramentas

que receberam para dar um novo direcionamento as igrejas as quais lideram ou são membros.

CARACTERIZANDO O COACHING CONTEMPORÂNEO

O coaching, representa uma peculiaridade simbólica de nossa época, algo colocado da seguinte forma por Christian Laval e Pierre Dardot (2013, Apud Casalotti, 2017, p. 109): a modelização das subjetividades a partir de um ethos de autovalorização e uma nova “cultura de empresa” que se difunde pelas diversas esferas da vida dos sujeitos, não somente àquelas que podem ser vinculadas diretamente – e exclusivamente – ao mundo do trabalho.

Para exemplificar o que é coaching, Casalotti (2017, p. 109) afirma que, em última instância, trata-se de um tipo de educação corporativa. Contudo, caracterizá-lo somente assim é algo que não corresponde a questões mais amplas. Existem algumas particularidades que necessitam ser levadas em consideração. Primeiramente é que o processo do coaching envolve o atendimento personalizado do coach ao seu coachee. Tal atendimento ocorre em um cenário de atuação que assemelha-se demasiadamente às terapias e à psicanálise: estes encontros acontecem em espaços similares a um consultório, possuindo um contrato de sigilo (assemelhando-se a um contrato terapêutico), etc. No entanto, existe um insistente esforço, por alguns coachs em enfatizar a literatura especializada no assunto, a fim de diferenciar o coaching de terapia.

Uma segunda particularidade, sendo uma das mais intrigantes, é que além das modalidades de coaching executivo e empresarial (principais ênfases da prática) existem ainda alguns tipos de coaching classificados genericamente como life coaching (coaching de vida) aponta Casalotti (2017, p. 109-110). Nesses casos mais específicos, o processo do coaching é contratado para ajudar a pessoa a atingir metas na sua vida familiar, doméstica e afetiva. É interessante notar que o coaching sai do universo corporativo, passando a dirigir-se explicitamente à vida privada das pessoas sem, no entanto, perder

a essência de capacitação empresarial.

Se interpretarmos literalmente a metáfora da ‘terapia para os normais’, supondo, desde o início, que a normalidade funciona como um sintoma. Esses enfoques emergem (ou partiam nos seus primórdios) através de uma visão crítica da vida social, como um lugar em que se exercem absurdas limitações, exigências disciplinares e de um rendimento incompatível com a expansão individual e as relações espontâneas entre os seres humanos, como coloca-nos Robert Castel (1984, p.179. Tradução nossa).

ABORDAGEM PSICOLÓGICA ERCKSONIANA

No horizonte teológico do coaching existe uma abordagem que demanda uma observação criteriosa, a questão da neurolinguística. Em seu site, José Roberto Marques, afirma:

A sutileza da linguagem ericksoniana está no fato de que os conteúdos não devem ser inteiramente depositados sobre o paciente/coachee, tolhendo ou determinando sua assimilação. Na linguagem ericksoniana não dizemos “não faça isso” ou “faça isso”, mas “faz sentido para você isso ou aquilo?”, ou seja, plantamos sugestões na mente das pessoas. Aquele que estiver submetido ao processo deve ser instruído ou induzido de modo nada impositivo, a fim de que mantenha sua liberdade de escolha preservada. Um dos maiores riscos em que pode incorrer o coach é introduzir sugestões que possam atrapalhar o aprofundamento do transe, ou potencializar as resistências ao tratamento.

A neurolinguística é um método da psicologia que aborda a psicanálise sem a necessidade do transe, como realizava Sigmund Freud (1856-1939) em seus procedimentos. Para Milton Hyland Erickson (1901-1980), ou simplesmente Milton Erickson, o trabalho da neurolinguística é dar autonomia para o indivíduo frente aos apontamentos propostos

pela terapia. Como elabora Stephen R. Lankton (1990, p. 364):

A abordagem ericksoniana é um método de trabalho em que os clientes enfatizam habilidades e talentos comuns, às vezes inconscientes. As metas da terapia são construídas a partir da inteligência e da saúde do indivíduo. Trabalha para descartar as mudanças, e ao reduzir a resistência [do cliente], reduz a dependência em relação à terapia, superando a necessidade de insights, permitindo que o cliente receba totalmente os créditos pela mudança.

Um dos pressupostos metodológicos da Teologia Coaching está na extração da neurolinguística ericksoniana, onde observamos que o indivíduo, como figura central do processo de coaching, elabora suas potencialidades, trazendo mudanças que estão em constante crescimento, enquanto o coachee é o agente condutor desse processo de maturação individual que promove um novo tipo de movimentação ministerial e, consequentemente, teológica e litúrgica. A neurolinguística não é a única abordagem proposta nos coachings cristãos, mas, em seus sermões motivacionais, é possível detectar com clareza a utilização da técnica, uma vez que as frases de efeito, bem como o indivíduo sendo levado a percepção de suas potencialidades, são marcas latentes. Portanto, entre outras ênfases do coaching, a neurolinguística é comumente utilizada por esses estrategistas da motivação de pastores e líderes cristãos.

Segundo Clodovis Boff (2014, p. 67), a teologia tem sua relação com as demais ciências de forma democrática, servindo-se dos recursos das demais áreas do conhecimento, contudo, sem perder sua autonomia específica, reservando-se o direito de extrair da transcendência da fé elementos que extrapolam a razão, podendo criticar as pretensões pseudofilosóficas ou pseudoteológicas daquilo que denomina-se “razão moderna”.

A atuação diferenciada de Erickson com cada paciente, como conselheiro, analista conciliador, árbitro, advogado, mediador, mentor, aceitando autoridade ou agindo como um pai punitivo, realçando as características singulares de cada indivíduo que, motivado por

suas necessidades únicas e defesas negativas, reivindicava modelos originais na abordagem, contrapondo as abordagens ortodoxas, dogmáticas e sem imaginação. Erickson considerava a si mesmo e suas palavras, a entonação, modo de falar e seus movimentos corporais como modo de influência que promoveria mudanças. Erickson estava muito mais interessado em ações do que em teorias, pois considerava a teoria tradicional como uma barreira que ancorava os terapeutas numa pedreira de imponderáveis desesperanças, nos afirma Zieg (s/d, p. 17).

Portanto, é na fusão da teologia com a psicologia, sobretudo a ercksonian, que nasce uma forma singular de conhecimento, uma hermenêutica da Teologia Coaching, utilizando o modelo da hipnose, os coachs desbravam o entusiasmo dos seus ouvintes, estimulando a motivação necessária para que possam caminhar, teologicamente, em uma nova direção. Ministérios que demonstravam cansaço em virtude das várias atividades requeridas pela vocação, encontram na Teologia Coaching, algo que lhes revigora o ânimo. Por sua vez, os pastores/coachs, utilizando o modelo ercksonian, trabalham hipnoticamente, contudo, deixando os pastores/coachees, com um suposto controle da situação, da vida, do ministério.

Segundo nos esclarece Haley (1991, p. 21), o hipnotista trabalha na transformação de um sintoma grave em algo mais brando, ou de curto período, esforçando-se para transformar um obstáculo inter-pessoal em uma vantagem. É mais fácil para uma pessoa hipnoticamente treinada, se comparado a maioria dos terapeutas, assimilar a ideia de que os sentimentos subjetivos e percepções, transformam-se quando há mudança na relação. Pensar estrategicamente é crucial em uma abordagem hipnótica utilizada adequadamente.

Partindo do exposto, um pastor/coachee é alguém que utiliza a meta para estipular caminhos ou meios para onde deseja chegar. Estabelecendo critérios mínimos e máximos para se chegar ao objetivo, este agente religioso, orientado hipnoticamente, enfocará uma parte de sua vida ministerial, contudo, desprezará outras partes de

um todo, quem sabe, deixando pelo caminho indivíduos importantes na construção de sua carreira ministerial. Parte de seus amigos de ministério, que não aderem ao novo modelo ministerial, são taxados de obsoletos, ultrapassados.

O tratamento é estritamente definido como terapeuta mais problema, como nos coloca Hoffman (1992, p. 222). Segundo este autor, as escolas de terapia associadas com este enfoque tratam de terapias de persuasão ou mudança de comportamento, mas importando-se muito com a fórmula regra daquele que tem que mudar. Para o terapeuta ercksoniano não existe o chamado problema, apenas algo que alguém definiu como problema. Altera-se a definição, a percepção que “cria” o problema a outra pessoa distinta e o problema já não existirá. Estamos, novamente, ante a deslumbrante jogo de prestidigitação, ilusionismo elegante e o triunfar do mistério.

O coach, mais uma vez, orientado pelo coach, designa os pontos que deseja alterar no processo do coaching, planejando um futuro distinto, construído agora por sua atuação, mas, com o intuito de gerar certa espiritualidade, o coach utiliza versículos bíblicos, em sua grande maioria, tirado do contexto, para dar credibilidade a sua fala e conduzir o coachee a um portfólio de características, chamada de potencialidades, para então experimentar um novo tempo em seu ministério. É preciso que fique claro que o indivíduo, o coachee, é quem determina os caminhos, direcionando estratégicamente onde almeja estar e em quanto tempo.

Abordagem estratégica traz à tona a complexa questão da subjetividade, “promovendo articulações entre noções classicamente opostos pelo paradigma dominante”. Erickson declara as dificuldades de ter como objeto de trabalho um sujeito em constante mutação – que apresenta significativas mudanças ao longo do tempo – embora parte de um pressuposto background genérico, que lhe serviria como base –, além de estabelecer uma relação entre ação do sujeito e seu contexto histórico, preconizando um “sujeito atual e autorregulado (sic!) que qualifica de forma próprias influências sociais históricas sem colocar-se como um autônomo das mesmas”. (NEUBERN, 2002, p. 368).

Lankton (s/d) argumenta que, na maioria dos casos, não se evoca o passado dos pacientes e nem se cria um vínculo causal ou linear na relação temporal. Antes, trabalha-se com elementos e fatos do presente, proporcionando um contexto para mudança, visando um futuro próximo.

Neubem (2002) destaca que, mesma ocorrendo a possibilidade de retorno ao acontecimento, é possível extraír deles, através de um jogo dialético estabelecido por Erickson em relação ao paciente, novas interpretações que se apresentariam como alternativas a determinado psicólogo e histórico que poderão exercer influxo sobre a produção de sintomas, sem esgotá-la.

Regina Maria Azevedo (2012, p. 33) observa que, além disso, em uma terapia estratégica, vários comportamentos são observados: não somente os verbais, mas também os não verbais – respiração, postura, expressões faciais, vestimentas, entre outras.

Esta observação atenderá ao mesmo tempo uma visão (sic!) holística, singular e instantânea do sujeito refere-se ao que Erickson designa como minimal cues (Erickson, 1964; Erickson e Rossi, 1979) remetendo a exigência competência ou aplicação, das diferentes expressões do indivíduo sem necessidade de acomodar-se em uma determinada perspectiva teórica, como nos aponta Neubern (2002, p. 368). A importância deste refere-se à possibilidade que um processo interativo possa existir (na terapia, na pesquisa ou na construção do próprio conhecimento) tendo uma infinidade de pontos (minimal cues) que conferem a tal processo momentos, interrupções e brechas na história desenvolvida, sendo importantes nas considerações dessas interações, partindo de uma perspectiva linear e homogênea, tendo diversas possibilidades de significações e narrativas.

As terapias condicionantes, seus diferentes nomes, vem de Thorndike, através de Skinner, mas suas premissas básicas derivam de Palov, que estava imerso em teorias hipnóticas. A terapia comportamental na forma de inibição recíproca

foi criada por Joseph Wolpe e nasceu em parte de sua experiência como hipnotista. A psicoterapia dinâmica, particularmente em sua forma psicanalítica, surgiu no grande período de experimentação hipnótica do final do século passado. O método de Freud estava enraizado na hipnose e, embora ele tenha mudado a indução direta do transe para uma abordagem mais indireta, seu trabalho provém da orientação hipnótica. (HALEY, 1991, p. 20).

INTERPELAÇÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA POSITIVA

Outra abordagem utilizada pelos propagadores da Teologia Coaching é um ramo chamado como psicologia positiva. Esta face da psicologia, tem como característica enfatizar não os sofrimentos humanos, mas, as virtudes. Com isso, tornou-se importante no campo motivacional e do coaching, uma vez que seu método de prática psicológica partirá desses moldes para se aplicar de forma satisfatória, atingindo assim, seus objetivos traçados previamente.

A psicologia positiva é um movimento dentro das ciências psicológicas fundada nos anos 2000 por Martin Seligman, ex-presidente da Associação Americana de Psicologia. Quando ocupou esse cargo, ele buscou revisitar o que ele chamava de “missões da psicologia”. Segundo Seligman (2004), a psicologia, nos últimos 100 anos, havia se preocupado exaustivamente com a cura de psicopatologias e com as causas do sofrimento humano. A partir disso, ele passou a defender que a psicologia deveria se preocupar também com a promoção da felicidade e das virtudes das pessoas. Para Seligman (2004), a felicidade é definida por uma série de virtudes, como a resiliência, a gratidão, a coragem, o otimismo, a esperança, o amor e a sabedoria. Além disso, seria possível promover essas qualidades através de intervenções sistemáticas na subjetividade dos indivíduos através do exercício da comunicação e do auto-controle. (CASALOTTI, 2017, p. 115).

Diante de uma teologia triunfalista e antropocêntrica, a psicologia positiva encontrou o encaixe perfeito, serviu como uma luva para que

houvesse este discurso que propaga um Cristianismo sem cruz, sem sofrimento. Não que o sofrimento em si seja exclusivamente parte da fé cristã, ao contrário, as mazelas da vida são inerentes a nossa natureza, a compõe. A tentativa da Teologia Coaching é utilizar a psicologia positiva para caracterizar o indivíduo em suas faces boas, contudo, é necessário fazer menção, que os seres humanos são dotados de virtudes e fraquezas, sendo ambas importantes na constituição da vida e, no caso da teologia aplicada ao indivíduo, faz-se necessário recordar que na vida do mestre Jesus, bem como dos seus apóstolos e da história da igreja cristã durante as eras, sempre houve problemas, perseguições e sofrimento, contrapondo-se as mensagens de auto-ajuda e motivacionais promovidas pela Teologia Coaching.

A psicologia positiva não pressupõe ausência de sofrimento, mas conecta-se à saúde e ao bem estar psicológico, tendo, seu engajamento ativo no mundo, havendo um propósito na vida, com objetos e pessoas, além de si mesmo. Seria como percebermos que o sofrimento está ali, contudo, pode-se crescer e florescer como indivíduo. Park, Peterson e Seligman (2004, Apud MARQUES, 2010, p. 144), afirmam que são essas fortalezas do caráter e as experiências positivas os temas centrais na psicologia positiva, convertendo-se como determinantes traços positivos nos pensamentos, sentimentos e comportamentos, sendo diferenciados e mensurados individualmente. Essas emoções positivas criam recursos pessoais de enfrentamento de situações que se apresentam na vida, fortalecendo os repertórios físicos, sociais e intelectuais (FREDRICKSON, 2001, Apud MARQUES, 2010, p. 144). A teoria da psicologia positiva pretende construir e avançar no conhecimento de aspectos virtuosos e positivos como a esperança, criatividade, coragem, sabedoria, espiritualidade e felicidade, podendo atuar como preventivos e protetores (PALUDO e KOLLER, 2007, Apud MARQUES, 2010, p. 144).

COACHING MINISTERIAL

Uma das consequências observadas neste texto, é o surgimento do coaching entre os cristãos, não apenas como uma metodologia, mas um novo modelo de ser fiel, que extrapola as características apontadas

na Bíblia como essenciais a fé cristã. Simplicidade, abnegação, amor, compaixão são algumas das virtudes cristãs que se contrapõem em uma sociedade cada vez mais individualista, preocupada com seus próprios interesses. Tais características sociais são cada vez mais latentes na contemporaneidade, pois, os indivíduos estão preocupados com suas carreiras profissionais, com o dinheiro em suas contas e tantas outras coisas que gerem a vida dos seres humanos nos dias atuais.

Como uma opção com menor teor secular, surgem modelos de coaching cristão, mas, destacaremos aqui, o Coaching Ministerial. Ariel Nobre (2017, p. 12) afirma que o Coaching Ministerial é uma proposta aos fieis soldados de Cristo, que afirmam ter um despertamento vocacional e ministerial, exercendo seus ministérios da igreja, em meio à comunidade local, emergindo os potenciais pessoais de cada discípulo, auxiliando em treinamentos de grupos e equipes que tem como meta o alcance de uma alta performance ministerial.

O reforço que o Coaching Ministerial não é uma nova proposta de fazer igreja, argumenta Nobre (2017, p. 13), tampouco um novo tipo de teologia ou tipo de doutrina, ou ainda uma nova visão ou uma nova modo evangélica. Segundo Nobre, é apenas um estímulo no aprendizado de novos hábitos para o crescimento do Corpo de Cristo.

Ainda que o posicionamento de Nobre seja a real intenção desse tipo de teologia que emerge na pós-modernidade, não há como controlar as consequências desse modelo, uma vez que não existem como saber afinal como quem recebe essa influência, reverberará em sua comunidade o que aprendeu em seus cursos e workshops sobre o tema diretamente, ou sobre outros temas que tem algum tipo de transversalidade com o tema principal. Esse sempre será o risco que corremos a inserir um novo modelo de orientação ministerial e estratégias de crescimento para as igrejas que aderirem a essas novas influências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica do campo religioso é constante, surgindo novos modelos de reflexão teológica. A Teologia Coaching é um novo modo de produzir teologia, pois ela emerge dos modelos de coaching do mercado, fundindo o conhecimento produzido no processo de coaching com

a teologia cristã. Isso ocorre, entre outras coisas, porque a linguagem que os coachs se utilizam assemelha-se sobremaneira a linguagem religiosa, por vezes se confundem.

Este ensaio surge como uma reflexão e análise preliminar sobre o tema, portanto, não trata-se de um texto que conclui a questão, mas que aponta possibilidades. Nossa interesse pelo tema surge ao observar como a igreja contemporânea utiliza-se de ferramentas que compõe a prática do coaching, pois encontraram nessa linguagem, um modo de ressignificar seus sermões, suas práticas ministeriais, mas, ao mesmo tempo, essas pessoas abriram mão até mesmo da poimênica, tornando-se gestores de suas próprias carreiras eclesiásticas e ainda de seus liderados, ou discípulos, como esses pastores/coachs preferem chamá-los.

Para refletirmos sobre o tema proposto, conceituamos brevemente o coaching contemporâneo, a fim de observar as aproximações entre a linguagem coaching e a linguagem religiosa. Apresentamos sucintamente a abordagem ercksoniana da PNL (Programação Neuro Linguística) e a Psicologia Positiva, utilizada nos processos de coaching e como a psicologia tem sido utilizada dentro das igrejas evangélicas. Por fim, o Coaching Ministerial tem sido apresentado como uma possibilidade de reconfiguração do ministério pastoral contemporâneo, mas não observa a prática poimênica como algo primordial na vida do ministro da palavra de Deus.

Diante do exposto, fica aqui o desafio de mergulhar no tema, debruçando-nos sobre esse fenômeno que ocorre em distintas igrejas espalhadas pelo Brasil. Nosso intuito neste texto é o de explicitar algumas questões para que as futuras análises sejam aprofundadas. Ainda, o texto aponta um olhar muito específico, mas existe uma possibilidade enorme de analisar o tema proposto, algo que já fazemos e nosso desejo é que nos despertemos para o fenômeno da Teologia Coaching que ganha cada vez mais campo entre os evangélicos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Regina Maria, O discurso terapêutico de Milton Erickson: uma análise a luz dos padrões da programação neurolinguística. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho). USP, São Paulo, 2012.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CASALOTTI, Bruno. A felicidade dá trabalho: anotações de um campo de pesquisa sobre a prática do coaching. In: RECH, Carla M.; ESPINDULA, Brenda;

HINZ, Rodrigo; SCHUCK, Camila; RIBEIRO, Fábio; MARTIL, Graciela; RO-DRIGUES, Léo Peixoto; ALMEIDA, Jalcione. (Orgs.). *Diversidade sociológica: facetas da pesquisa em sociologia*. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UFRGS, 2017, p. 108-133.

CASTEL, Robert. *La gestion de los riesgos: de la anti-psiquiatria al post-analisis*. México: Anagrama, 1984.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HALEY, Jay. *Terapia não convencional: as técnicas psiquiátricas de Milton H. Erickson*. São Paulo: Sumus, 1991.

HOFFMAN, L. A reflexive stance for family therapy. In: S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs.), *Therapy as social construction*. London: Sage, 1992. p. 7-24.

LANKTON, Stephen R. *The broader implications of Ericksonian therapy*. New York, NY: Routledge, 1990.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. *La nueva razón del mundo: Ensayo sobre la sociedad neoliberal*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2013.

MARQUES, Luciana Fernandes. O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva. *Psicodebate*, Buenos Aires, v. 10, p. 135-151, 2010.

NEUBERN, Maurício S. Milton Erickson e o cavalo de tróia: A terapia não convencional no cenário da crise dos paradigmas em psicologia clínica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 363-372, 2002.

NOBRE, Ariel. *Coaching ministerial: até que cheguemos à perfeição*. São Paulo:

Literare Books International, 2017.

SELIGMAN, Martin. Felicidade Autêntica: usando a Psicologia Positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ZIEG, Jeffrey K. Vivenciando Erickson: Uma apresentação da pessoa humana e do trabalho de Milton H. Erickson. Campinas, SP: Psy, s/d.

SABEDORIA EM COMUNHÃO COM DEUS

Sofía Quintanilla Ramírez, Ph.D.

RESUMO:

A presente palestra tem como objetivo refletir sobre a necessidade de recorrer às Escrituras para buscar a sabedoria de que tanto precisamos hoje em dia. O conhecimento e a inteligência são valores que podemos buscar em nossas comunidades de aprendizagem. Não estamos falando de uma sabedoria apenas intelectual, isolada do criador, independente e até mesmo arrogante. Estamos humildemente buscando depender do Senhor para crescer em um conhecimento integral, onde nossa mente pense e nossa alma seja edificada, buscamos caminhar com Ele de maneira habitual. Explora-se a narrativa do Gênesis, onde a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal têm um lugar no jardim. O ser humano foi criado à imagem e semelhança do Senhor, para reinar e representar o Deus Todo-Poderoso. Adão e Eva, ao escolherem definir o bem e o mal, agiram de forma independente, rebelando-se e submetendo-se ao reino da serpente; um reino caracterizado pelo engano, pela violência e pelo caos. Hoje, buscamos, por meio de Jesus Cristo e seu Espírito Santo, crescer nas Escrituras e meditar em seus estatutos. Desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, explorando passagens bíblicas e dialogando com a realidade global. Buscamos nesse conhecimento bíblico a resposta para os problemas que enfrentamos como Igreja, e o diálogo com outras disciplinas sociais é fundamental para contribuir com nossa sociedade.

Palavras-chave: Árvore da vida; Conhecimento; Sabedoria; Comunhão.

Quando comparamos os relatos antigos com o relato bíblico de Gênesis 1-3, podemos afirmar que o jardim do Éden não era uma horta de vegetais nem uma floresta com árvores plantadas aleatoriamente. Trata-se de um jardim bonito, intencionalmente arranjado, um lugar sagrado para a comunhão com Yahvé. O Senhor governava a partir deste templo aberto.

Os templos em geral eram concebidos como o centro do governo da divindade, cuja função era trazer ordem ao caos. Devemos entender que o caos é resultado do pecado, mas também vemos Deus ordenando a criação antes do aparecimento do pecado. Nesse sentido, nosso bom Deus governa trazendo ordem às nossas vidas e às nossas sociedades.

A linguagem de Gn 1:26-27, usando os termos imagem e semelhança, enquadraria Adão e Eva como filhos de Deus e lhes concede um status real e sacerdotal. O Senhor lhes concedeu o privilégio de cuidar do lugar sagrado e governar em seu nome. Neste espaço sublime, Deus caminha entre eles e dialoga com eles.¹

Walton argumenta que a palavra hebraica tsela significa tanto lado quanto costela. Se pensarmos em termos de lado, a ideia de Adão e Eva juntos como uma única unidade nos transmite uma bela imagem de uma equipe para governar juntos e exercer autoridade com amor e humildade. Gn 1 nos fala do mandato de cuidar da terra que é dado ao primeiro casal.

Devemos pensar em todos os mandamentos que lhes foram dados antes da queda em termos de bondade, imaginando como Jesus teria feito. Exercer autoridade nunca teria sido algo feito com violência, orgulho ou descuido, mas com amor, profunda humildade e serviço. Adão e Eva foram colocados no jardim com um papel real e sacerdotal. A Escritura afirmará mais tarde que nós, crentes, mantemos esses

¹ Childs (1992) considera que Gênesis 1 não é principalmente um testemunho da criação, mas sim um texto de louvor a Deus como criador. Esse louvor afirma que foi através do poder da sua palavra que os céus e a terra foram criados, em um ato que somente ele poderia realizar (hb. bará) e de acordo com seus propósitos, gerando uma criação que repousava na perfeição e onde não havia mais necessidade de criar nada mais (p.385). O objetivo deste louvor do capítulo 1 não é falar em termos científicos nem de como o caos foi ordenado. Por isso, a sequência da criação culmina com o descanso, com o sábado, dia em que Deus e seu povo descansariam, um tema importante no Pentateuco.

papéis de reis e sacerdotes.

Se em Gn 1 ambos recebem esses papéis, no capítulo dois se fala das funções no jardim usando os verbos hebraicos abad e shamar, traduzidos como cultivar e cuidar. No caso de abad, o significado é mais amplo, podendo ser traduzido como cultivar, servir, adorar e trabalhar, entre outros. Esses dois verbos serão usados no Pentateuco para descrever funções sacerdotais de servir no tabernáculo e adorar a Deus; ou, no caso de *shamar*, é usado para se referir a cuidar de cumprir todos os mandamentos e cuidar da tenda de reunião.

Estamos nos movendo, então, em uma teologia do templo, na qual cuidar do jardim e guardar os mandamentos são termos que andam de mãos dadas; enquanto a outra harmonia está em servir e adorar ao Senhor.

No templo aberto do Éden, a arca da aliança não está explicitamente presente, mas sabemos que ela era, no tabernáculo, a representação do trono invisível de Deus, que está presente no jardim porque fala com eles e sua voz está lá. O texto hebraico diz docemente que Adão ouviu a voz do Senhor que caminhava no jardim (Gn 3:8).

No tabernáculo, a arca continha as tábuaas da aliança, o maná e a vara de Arão. Essa caixa não continha nenhuma imagem ou representação de Yahweh, em contraste com os templos pagãos que tinham ídolos representando suas divindades. Na cosmovisão antiga, os deuses podiam ser tocados. Além disso, era comum que anjos e querubins fossem colocados para cuidar dos templos.

A própria tampa da arca seria um lembrete de que, como humanaidade, não conseguimos cuidar do jardim, e dois querubins ficaram cuidando do lugar sagrado. No meio desses querubins, o Senhor falaria com Moisés (Êxodo 25:20-23).

Também podemos afirmar que, tanto na cosmovisão dos escravos que saíram do Egito quanto na cosmovisão egípcia, a arca da aliança era um caixão vazio. A arca sempre proclamou o túmulo vazio de nosso Senhor Jesus Cristo, cuja ressurreição seria um fato portentoso na história. É por sua morte e ressurreição que temos comunhão com Deus.

Voltando ao jardim do Éden, temos duas árvores: a do conhecimento do bem e do mal e a árvore da vida. A árvore da vida será representada no tabernáculo pelo candelabro, com suas flores e frutos simbolizando fertilidade e vida. Devemos dizer que nosso texto sagrado é o único que

menciona duas árvores; nos demais relatos antigos, temos apenas uma árvore da vida. Longman III (2010) considera que Adão e Eva comiam da árvore da vida; afinal, esse fruto não era proibido. É precisamente por isso que Deus os expulsa do jardim, para separá-los da árvore e, eventualmente, a morte seria inevitável (p. 27).

Sob a lente da teologia do templo, essa árvore da vida fala de Jesus, da cruz na qual ele morreu por nós. Uma árvore que também se encontra na cidade santa descrita no Apocalipse, que dará frutos e cujas folhas são para a cura das nações (Ap 22:2).²

Mas falemos da sabedoria. O texto bíblico em geral vê como favorável que sejamos sábios. A sabedoria começa pelo temor de Yahvé; ou seja, um respeito e reverência por sua pessoa e suas palavras. Viver com sabedoria implica conhecê-Lo, além de compreender e cumprir seus mandamentos. O Salmo 1 compara a vida de uma pessoa sábia a uma árvore frutífera, plantada junto a correntes de água; essa pessoa medita na lei do Senhor dia e noite. O livro de Provérbios se dedica justamente a nos instruir em sabedoria e a aprender a discernir entre o bem e o mal.

Então, por que seria errado Eva e Adão comerem do fruto da árvore? Para Longman III, o verbo hebraico *yadá* (conhecer) implica uma experiência e é mais do que apenas crescer intelectualmente. Por exemplo, Adão conheceu Eva (Gn 4:1). Em Gn 3, conhecer o bem e o mal é muito mais do que reconhecer a diferença, tem a ver com a “capacidade de definir o que é mau e bom”. Ao comerem do fruto da

² Um exercício muito valioso é fazer uma comparação detalhada entre Gênesis 1-2 e Apocalipse 21-22. Esse tipo de exercício evidencia muito como toda a Bíblia é também uma única história. Para John Stott, era importante que a Igreja tivesse uma doutrina sólida de salvação, um evangelho integral que respondesse a este tempo e um sentido geral da história bíblica do início ao fim, que pode ser resumida em quatro etapas: 1) A criação com toda a plenitude que se desfrutava ao estar em perfeita comunhão com Deus.; 2) A queda, entendendo como ela afeta e perturba nossa identidade; 3) A redenção: Deus redime e seu plano de redenção começa chamando Abraão para formar um povo distinto, sem ídolos nem imagens, um povo monoteísta que ama e adora o único e sábio Deus. O cumprimento das promessas feitas a Abraão é o próprio Cristo; 4) Finalmente, a consumação: quando Cristo vier e ressuscitar os mortos, ele julgará todos os seres humanos e então todas as coisas serão restauradas. O reino de Deus se manifestará plenamente. A clareza que os crentes têm sobre essas quatro etapas os ajuda a cumprir com amor e responsabilidade social a missão de Deus agora, em meio a uma cultura diferente daquela que a Bíblia deseja para seus filhos (Stott, 2011).

árvore, Eva e Adão atribuíram a si mesmos o direito de definir o bem e o mal, em vez de se submeterem aos julgamentos de Deus. Dessa forma, o pecado de comer do fruto da árvore é atribuir a si mesmo autonomia moral. Eles se deram o direito de dizer o que é bom e o que é mau” (p. 25 e 26) (*Old Testament Essentials*).

Para Alexander (2008), Adão e Eva deveriam ser frutíferos. Eles traíram o Criador, que lhes havia confiado autoridade, e fizeram aliança com a serpente, que desafiou a autoridade de Deus. Ao trair Deus e obedecer à serpente, ele (o casal real) destronou Deus. Aqui, a harmonia cedeu lugar à destruição das relações sociais e passamos a exercer domínio com crueldade e violência, em vez de amor e serviço. Walton (2017) argumenta que o pecado de Adão e Eva residiu no fato de que eles não conseguiram confiar em Deus e em sua sabedoria, mas confiaram na serpente e cederam o governo a ela.

Para Longman III, o silêncio de Adão nos mostra como ele falhou em cuidar do jardim. Este autor também aprofunda como a relação entre Adão e Eva foi fraturada ao experimentar conflito. Para ele, a palavra desejo não se refere a um desejo romântico (Você o desejará e ele o dominará em Gn 3:16), mas sim a um desejo de controle. É a mesma palavra usada quando Deus diz a Caim que o pecado o deseja, o que diríamos que ele desejava para dominá-lo. Dessa forma, entre as consequências do pecado está o conflito entre os gêneros para dominar o outro (p. 26, *Longman, Old Testament Essentials*).

Mas notemos que Eva replica que a serpente a enganou e Deus não corrige esse argumento. Esse tem sido o padrão de ação do maligno, o engano, e é precisamente na Escritura da Verdade que encontramos liberdade das fortalezas mentais satânicas.

A verdade é que, ao trair Yahweh, eles saíram do governo de Deus para se submeterem ao governo da serpente. Mas Deus quer nos dar sabedoria, ele quer que sejamos sábios, só que em comunhão com ele. Não se trata de conhecimento em independência, mas em submissão. Ele sabe o que está fazendo e podemos confiar em seus tempos. Repousemos em seu amor e sabedoria por nós, e não no engano do maligno.

A sabedoria que a serpente oferecia não era real, eles já carregavam a imagem e semelhança do Senhor. O maligno os fez buscar o que já tinham. Em seu papel sacerdotal, o primeiro casal deveria servir ao

Todo-Poderoso em santidade, como reis, em submissão e harmonia mútua. Onde deveríamos colaborar juntos e ser uma boa equipe, o pecado trouxe violência. Talvez por isso, submeter-nos uns aos outros seja tão importante (Ef 5:21).

A submissão é um conceito transcendental a ser explorado em nossas vidas e meditado se, em nosso relacionamento com o Pai, estamos buscando Sua vontade e representando-O com dignidade e amor.

Há apenas alguns meses, perdi meus pais. Meu pai morreu de insuficiência respiratória e minha mãe, apenas nove dias depois, morreu de câncer. Alguns meses antes, quando soubemos do diagnóstico dela, minha oração sincera foi pedir a vontade do Senhor. Minha fé era suficiente para confiar que Deus, em sua sabedoria, sabe o que nós não entendemos. Nós somos finitos, ele não. Ele saberia o que era melhor para todos.

Meus pais chegaram a completar 61 anos de casamento. Eles tiveram bons anos, mas também momentos difíceis em que não conseguiam se entender bem. Houve uma fase difícil em que a família pensou que eles iriam se divorciar. Isso foi mais ou menos quando completaram 23 anos de casamento. Mas então, quando completaram 30 anos de casamento, de alguma forma milagrosa, ambos entenderam o caminho e começou uma fase preciosa de um casamento forte. Não que tudo fosse perfeito, mas aprendi que às vezes não se trata de começar bem, mas de terminar bem a corrida. Sabedoria é terminar bem, é aprender com os erros. Eles terminaram muito bem, viviam para Jesus e meditavam em Sua Palavra dia e noite.

A sabedoria que buscamos para nossas vidas encontramos nos conselhos simples de Provérbios e começa com o temor do Senhor. Não é uma sabedoria que praticamos independentemente Dele, Jesus mesmo é a fonte e não há conhecimento verdadeiro fora de Sua pessoa. É em relação a Ele. A sabedoria que buscamos é para glorificá-Lo e é melhor do que a prata ou o ouro, melhor do que as joias. É um conhecimento que dá longa vida e traz paz. “É árvore de vida para aqueles que a alcançam” (Veja Provérbios 3:13-20).

A pessoa que consegue viver nessa confiança é “como uma árvore plantada junto à água, que estende suas raízes junto ao riacho; não temerá quando vier o calor, e suas folhas permanecerão verdes; em ano

de seca não se angustiará nem deixará de dar fruto”. (Jeremias 17:7-8)

Paulo esperava que os colossenses alcançassem “todas as riquezas que provêm de uma plena segurança de compreensão, resultando em um verdadeiro conhecimento do mistério de Deus, isto é, de Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Col 2:2-3). Esses versículos são carregados de profundidade, apontando para Jesus como a fonte perfeita de sabedoria e conhecimento.³

É que ambas as árvores apontavam para Jesus, ele como conhecimento e como vida eterna. Além disso, ele é o mediador: dependemos dele para ter comunhão com Deus. Nossa objetivo não é o conhecimento acadêmico em si. E muito menos um conhecimento cheio de arrogância que tenta colocar os outros abaixo de nós. Longe de nós colocar nossa identidade no conhecimento, longe de nós construir nosso próprio reino ao estilo da serpente: para ser como Deus.

O conhecimento deve ser escravo da missão da Igreja e estar à mercê do púlpito que alimenta as ovelhas. Penso que nas diferentes denominações, a grande maioria dos líderes acredita e ora para que muitos venham ao conhecimento de Jesus. A evangelização não é um conceito do qual temos que convencer a Igreja. O que nem sempre é claro é a convicção do estudo da palavra. É como se a Igreja não tivesse pensado que há uma relação direta entre os muitos convertidos e os pastores capacitados.

A relação é simples: todos esses novos crentes precisam ouvir ensinamentos e crescer em seu relacionamento com Deus. Eles têm o direito de receber uma boa doutrina e sermões de qualidade. Estudamos para ser instrumentos de bênção, para liderar buscando a vontade do Senhor e para iluminar o caminho escuro do mundo. Estudamos para ensinar

³ Luis Alonso Schökel (1992) utiliza a passagem de 1 Coríntios 2 para afirmar que a sabedoria necessária para compreender os textos vem do alto, “é recebida de Deus e trata de Deus” (p. 45), esse “conhecimento é um dom de Deus, dado em Cristo e condensado na cruz” e, para compreender, nos é concedida a mente de Cristo. A compreensão de um texto bíblico é, portanto, um exercício espiritual, além de intelectual, diz Schokel. Como o texto é mediador, e considerando que Deus é o autor final do texto (por meio de um escritor humano), então “ouvimos Deus falando conosco” (p. 52). Deus é quem dá sentido aos textos, mesmo naqueles em que o autor bíblico não pensava assim.

outros e estudamos em comunhão com Deus.

Pregar esta Palavra era a paixão do apóstolo Paulo. Na mesma carta aos colossenses, ele pede orações para que Deus lhe abra portas ministeriais: “Dedique-se à oração: persevere nela com gratidão e, ao mesmo tempo, interceda por nós para que Deus nos abra as portas para proclamar a palavra, o mistério de Cristo pelo qual estou preso. Orem para que eu a anuncie com clareza, como devo fazer” (Col 4:2-4, NVI).

Por meio dessa metáfora das “portas”, Paulo pede oportunidades favoráveis para compartilhar o evangelho, assim como ele havia pregado a eles. A mesma metáfora é usada em 1 Coríntios 16:9: “porque me foi aberta uma porta grande e eficaz, e muitos são os adversários”.

Em muitos casos, a oportunidade de pregar também veio acompanhada de adversidade e oposição. Na carta aos romanos, Paulo pede oração por sua pessoa, para ser libertado “dos incrédulos que estão na Judéia” (Rm 15:30-32). Aos efésios, ele pede oração para que Deus lhe dê “as palavras para compartilhar com ousadia o mistério do evangelho” (Ef 6:19). Aos tessalonicenses, ele pede orações em geral por ele e sua equipe (1 Ts 5:25).

Na segunda carta a essa mesma igreja, ele pede orações para que a “mensagem do Senhor se espalhe rapidamente (...) orem também para que sejamos livrados de pessoas perversas e más” (2 Ts 3:1). A Timóteo, ele recomenda que, como congregação, orem pelos governantes (para viver em paz) e pela salvação de todos os homens (1 Tm 2,1-4).

Em Atos, os apóstolos, depois de serem presos e soltos por causa da pregação, oram ao Senhor por coragem para continuar proclamando a palavra “sem nenhum temor” (At 4:29).

A oração é fundamental se quisermos falar da relevância das Escrituras nos dias de hoje. Pedir ao Senhor essas oportunidades (portas) e coragem para falar pode fazer uma grande diferença em como vivemos e compartilhamos nossa fé.

Mas como reavivamos a chama da oração fervorosa? No estilo de Gênesis, penso que as palavras-chave continuam sendo as mesmas: cultivar e guardar. Cultivamos um relacionamento de amor com o Senhor, de submissão, de alegria. Para Alexander (2008), o fato de fazermos parte da Igreja de Deus implica que somos o seu templo, vivendo aqui como cidadãos da Nova Jerusalém e refletindo os valores de Cristo,

que, aliás, são contrários aos do mundo. Buscamos nas Escrituras ser permeados por esses valores. A luz que carregamos dentro de nós vem da constante meditação e reflexão sobre o que lemos.

O silêncio e a quietude são disciplinas que se perderam muito e que nos ajudam a vivenciar esses valores do Reino. No tempo atual de agitação e redes sociais, temos que ser muito intencionais na busca de espaços de descanso para meditar nas bondades do Senhor, em sua pessoa, nas muitas bênçãos com que nos rodeia e em sua Palavra.

Certa vez, perguntaram a Madre Teresa sobre seu serviço aos mais pobres, e ela respondeu que aquela força vital se devia à oração. Quando lhe perguntaram sobre o que ela pedia ou costumava dizer a Deus, ela respondeu que nada, que ficava em silêncio e apenas ouvia seu Senhor. O que você ouve, perguntaram-lhe então, ao que ela respondeu: nada, Deus também me ouve em silêncio. Assim, ambos permaneciam por longas horas em profundo encontro, sem trocar uma palavra, como um prelúdio do amor feito serviço aos pobres” (Cruz, 2014, p.152). Que bela anedota sobre o valor do silêncio.

Em minha trajetória como professora, percebi que muitos dos meus alunos não gostam da palavra meditar, associam-na à nova era, às religiões da Índia, a homens idosos com longas barbas brancas, sentados de pernas cruzadas debaixo de uma árvore. Mas a palavra meditar está na Bíblia e aparece muitas vezes:

Josué 1:8 - Deus ordena a Josué que medite no livro da lei dia e noite.

Salmo 1:2 - Bem-aventurada a pessoa... que tem seu deleite no Senhor e medita na sua lei dia e noite.

Salmo 63:6 - Em ti medito durante a noite.

Salmo 104:34 - Doce será a minha meditação nele.

Salmo 119:97 - Oh, quanto amo a tua lei! Todo o dia ela é a minha meditação.

Salmo 119:99 - Os teus testemunhos são a minha meditação.

Salmo 143:5 - Medito nas tuas obras.

Será que o inimigo nos roubou a quietude como disciplina espiritual precisamente porque ela é poderosa para levar a palavra ao mais íntimo do nosso ser? Meditar é pensar na Escritura, pensar em Deus e nas suas obras. Pensar de forma pausada, pensar como quem reflete sobre o que acontece. Trata-se de uma atitude de dependência dEle para que,

em oração e devoção, Ele abra as Escrituras para nós. Os discípulos que iam a caminho de Emaús certamente expressaram: “Não ardia o nosso coração dentro de nós enquanto nos falava no caminho, quando nos abria as Escrituras?” (Lucas 24:32).

Meditar na Bíblia para buscar viver uma espiritualidade viva também não pode ser sinônimo de isolamento. Estamos no mundo e nossa fé se reflete em nosso viver diário. Para Harold Segura (2010), é importante oferecer princípios e diretrizes para vincular a espiritualidade das pessoas à prática. Assim, nossa espiritualidade deve estar alinhada com a mensagem e a causa do Reino, não desvinculada dessa mensagem. Ecoando as reflexões de Moltmann, Segura afirma que “o Reino de Deus é a causa de Jesus e não tem por que deixar de ser a causa última e a razão de ser de sua igreja” (p. 22).

Portanto, não se trata de uma religião ou estruturas institucionalizadas como faziam os fariseus, pois isso seria cair na construção de nosso próprio reino. Nossa espiritualidade deve ser um fiel reflexo do modelo de Jesus, que se encarnou. Ele era Deus e ao mesmo tempo humano; ele veio para se entregar por nós. “Encarnação significa, em seu sentido literal, assumir a carne, penetrar em uma realidade e comprometer-se com ela ao máximo” (Segura, 2010, p. 51). Estamos falando de uma inserção radical e profunda na sociedade, uma entrada cheia de compaixão e obediência ao nosso Senhor. Como dizia Barth, a igreja não deve estar a serviço de si mesma.

Falamos de uma igreja visível, entregue ao mundo; seus dons, o modelo pastoral, seu enfoque devem ser voltados para fora. Ela existe para servir aos demais, dizia Bonhoeffer. Buscamos causar impacto em “campos como a política, a economia, as ciências, as artes e a vocação, em toda a amplitude do termo” (Segura, 2010, p.82).

Uma espiritualidade real também implica que a igreja assuma seu papel profético de denúncia contra a injustiça social, que pregue uma mensagem impregnada de esperança; pois a graça e o juízo se correspondem. A questão dos direitos humanos não fica de fora. Segura também nos convida a refletir sobre o fato de que a dignidade de todo ser humano está no texto bíblico desde o primeiro capítulo do Gênesis (Gn 1:27), justamente quando se fala também de nossos direitos e responsabilidades.

“Ser igreja é ser igreja para os outros; assim nos ensinam as Escrituras e o exemplo que recebemos de Jesus, e assim o compreenderam os crentes do Novo Testamento (...), precisamos fazer uma reinterpretação do ser e do fazer da igreja...” (Segura, 2010, p.80)

Diz Segura (2010) que uma espiritualidade comprometida com esse Reino não pode estar desconectada do mundo real, buscando visões ou experiências sobrenaturais apenas para benefício próprio. Essa espiritualidade “deve ser integral, pluriforme e radical” (p.40). O autor não nega esse tipo de experiências espirituais intensas, elas estão no texto bíblico, mas as situa em sua devida dimensão. Não devem ser o foco da igreja.

Pessoalmente me inquieta ver a grande atenção que recebe esse tipo de vivências por parte da igreja na América Latina. Para muitos crentes “avivamento” significa cair no chão e ter uma experiência sobrenatural. Esquecem que o avivamento do livro de Atos está marcado, na verdade, pela salvação de muitas pessoas e pela legítima expansão do Reino.

Nestes tempos, sabedoria também implica não cair no consumismo. Zygmunt Bauman (2005) faz uma reflexão crítica sobre as consequências da mentalidade da modernidade e os efeitos da globalização; como estes marcaram as sociedades com o consumismo e seus ideais, gerando não só muito descarte físico (entenda-se lixo); mas sobretudo impregnando o ser humano com uma etiqueta de resíduo quando não se encaixa em satisfazer as necessidades do projeto social. É como se o ser humano tivesse perdido seu valor integral e se convertido em algo que serve ou não serve segundo os fins de poucos.

Bauman denuncia como a globalização apagou os limites das fronteiras físicas e, portanto, essa mentalidade de consumismo e exaltação da beleza teve grande influência na mobilização de populações, sejam legais ou não, refugiados ou asilados que experimentam o vazio do desemprego e a etiqueta de estrangeiro. Da mesma forma, alimentam-se os temores sociais e as xenofobias, as obsessões pela segurança e fecham-se as portas à possível inserção ou assimilação desses indivíduos à sociedade.

Aos migrantes que buscam melhores oportunidades de vida soma-se a migração produto de tantas guerras que estão fora de toda “convenção internacional” (Bauman, p.100) e a anarquia que isso acarreta.

A modernidade também abre caminho a um consumismo doentio onde se apagou a linha prudente da administração dos recursos. As pessoas se endividam por capricho e não pensam nas implicações a longo prazo de suas compras compulsivas. Isso repercute nas economias, fazendo das empresas entes frágeis que hoje estão de pé e amanhã caem. Vivemos como se isso não nos atingisse, como se isso não afetasse a oferta de empregos, a qual se torna mais fraca a cada dia, trazendo novamente desemprego e instabilidade para os seres humanos, com sua migração em busca de melhores oportunidades.

Essa instabilidade, ou mentalidade de resíduo, vive-se também no plano das relações interpessoais onde as redes sociais dão a aparência de correspondência, mas são na realidade o reflexo de algo superficial, pois o que está por trás são amizades do momento que se descartam facilmente, diz Bauman.

De tal maneira de viver tão vazia, só a sabedoria da Palavra de Deus nos pode resgatar. Jesus Cristo é essa sabedoria que buscamos. Amemo-lo com todo nosso ser.

REFERÊNCIAS:

- Assman, J. (2003). Moisés el egipcio. Madrid: Oberon.
- Alexander, T.D. (2008). From Eden to the New Jerusalem. An Introduction to Biblical Theology. Grand Rapids: Kregel Academic.
- Bauman, Zygmunt. (2005) Vidas desperdiciadas. La modernidad y sus parias. Buenos Aires: Paidós.
- Beale, G.K. (2004). The Temple and the Church's Mission. A Biblical Theology of the Dwelling Place of God. Lisle: InterVarsity Press.
- Childs, B.S. (1992). Biblical theology of the Old and New Testaments. Theological reflection on the Christian Bible. Minneapolis, Estados Unidos: Fortress Press.
- Cruz, L. Señales de espiritualidad: Arte. Silencio. Encuentro. Instante. Narración". En: Barreda, J.J., Voth, M., Sánchez, E. eds.(2014). Sigamos a Jesús en su reino de vida. Reflexiones teológico pastorales a partir de CLADE V. La Paz, Bolivia: Editorial Lámpara.

Longman III, Tremper. (2010). Old Testament Essential. Creation, conquest, exile and return. Illinois: IVP Connect.

Sailhamer, J.H. (1992). The Pentateuch as narrative. A Biblical- Theological Commentary. Michigan: Zondervan.

Segura, Harold. (2010) Ser Iglesia para los demás. Hacia una espiritualidad comprometida. ____ Kairos.

Stott, J. (2011). Oportunidades y retos contextuales. Grand Rapids, Estados Unidos: Zondervan.

Walton, J.H. (2017). Old Testament theology for Christians. From ancient context to enduring belief. Lisle: IVP Academic.

ÉTICA E RELIGIÃO: NEGACIONISMO E INCLUSÃO DE LGBTQIA+ NO PROTESTANTISMO BRASILEIRO.

Luciane Pereira de Araújo¹

RESUMO:

Introdução: O debate entre ética e religião é patente quando envolve direitos LGBTQIA+ que declaram pertencer ao protestantismo, instando reflexão sobre o direito à sua inclusão. Essa reflexão, sendo ética e religiosa, necessita compreender questões culturais e teológicas envolvidas, fazendo-se necessária uma doutrina filosófica que contemple ambas as questões, onde o ser humano é sujeito e objeto cultural que adquire e transmite socialmente conhecimentos e padrões, provenientes de experiências exteriores, interiorizadas, em sua relação com o sárgado ontoteo-logicamente. **Objetivos:** compreender questões culturais e teológicas envolvidas no debate entre ética e religião para uma discussão quanto à inclusão da população LGBTQIA+, eclesialmente, no protestantismo brasileiro. **Método:** o método utilizado no trabalho é dialético e construído com a abordagem fenomenológica existencialista de Kierkegaard, tendo por procedimento análises de narrativas, a partir de pesquisas bibliográficas e fontes documentais. **Resultados:** identificou-se que o impacto da exclusão gera o abandono da fé cristã ou a criação de igrejas denominadas ‘evangelismo inclusivo’, que representa um gueto dentro de um espectro mais amplo do protestantismo. **Conclusão:** a ética religiosa das igrejas protestantes históricas é, na verdade, concepções morais que afastam e limitam o direito à prática

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Cândido Mendes (IUPERJ/UCAM) e graduanda em Teologia da Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (Fatipi). E-mail: kind.mind.lp@gmail.com. No presente artigo foi adotada a sigla LGBTQIA+ reconhecida pelo Decreto nº 11.848, de 26 de dezembro de 2023, da Presidência da República, em conformidade com o art.3º, Inc. I, alíneas ‘a’ e ‘b’.

da fé cristã da população LGBTQIA+, impedindo-os de participar da membresia e eclesiasticamente da doutrina que declaram professar.

Palavras-chave: Inclusão LGBTQIA+. Protestantismo brasileiro. Existencialismo. Kierkegaard.

INTRODUÇÃO

O debate entre ética e religião é patente quando envolve direitos LGBTQIA+. A exclusão de LGBTQIA+ em igrejas protestantes brasileiras, decorrentes de concepções religiosas, revela a coibição à prática da fé cristã de LGBTQIA+ que declaram pertencer a essa denominação, instando reflexão sobre o direito à sua inclusão.

Essa reflexão, sendo ética e religiosa, necessita compreender questões culturais e teológicas envolvidas, fazendo-se necessária uma doutrina filosófica que contemple ambas as questões, onde o ser humano é objeto cultural que adquire e transmite socialmente conhecimentos e padrões, provenientes de experiências exteriores, interiorizadas, e, em sua relação com o sagrado, onto-teologicamente.

Assim, o objetivo do presente artigo é compreender essas questões culturais e teológicas envolvidas no debate entre ética e religião para uma discussão quanto à inclusão da população LGBTQIA+, eclesiasticamente, no protestantismo brasileiro.

MÉTODO

O método utilizado no trabalho é dialético e construído com a abordagem fenomenológica existencialista de Kierkegaard, tendo por procedimento análises de narrativas, a partir de pesquisas bibliográficas e fontes documentais, identificadas em periódicos e no relatório TODES, visando à construção da abordagem proposta sobre a experiência vivida por LGBTQIA+ em ambientes heteronormativos protestantes.

Nesse diapasão, o Existencialismo em Kierkegaard (2021a) se apresenta como um conceito filosófico-teológico que busca analisar a existência do ser humano, sua existência no mundo e como encontra sentido dessa existência consigo, na relação com o outro e em sua relação com Deus a partir da autonomia e liberdade que possui decorrentes da compreensão das responsabilidades que suas escolhas lhe impõem.

Ressalta-se que o estudo foi fundamentado na Revista Teologia e Sociedade - dossiê de outubro de 2013, intitulado “A homossexualidade e seus desafios para a fé cristã” - e no relatório da TODXS, organização sem fins lucrativos que promove a inclusão de pessoas LGBTI+ na sociedade, relativo à pesquisa nacional por amostra da população LGBTI+: identidade e perfil sociodemográfico, realizada em 2020.

RESULTADOS

Kierkegaard é considerado o primeiro existencialista e pensador crítico social. Sua obra filosófico-teológica revela sua oposição ao idealismo alemão, pois prioriza a práxis, inclusive teologicamente (Kierkegaard, 2021a). Nesse sentido, Kierkegaard (2021a) afirma que “não pregaria um cristianismo que fosse ilusão”, pois entende que “a especulação é acristã, uma vez que não possui uma natureza que edifique” (2021a). Dessa forma, seu pensamento é intrínseco à ética e, por isso, norteia essa discussão sobre inclusão de LGBTQIA+ nas igrejas protestantes históricas .

Cabe ressaltar que a ética religiosa de Kierkegaard (2021b) se baseia na autonomia do ser humano para internalizar a doutrina religiosa, em conformidade com suas demandas subjetivas. A autonomia em Kierkegaard significa escolhas, após reflexão pessoal do indivíduo, assumidas como uma práxis de vida baseada em comprometimento pessoal, sendo “aqueles que estão nos ventos alísios da virtude e não mais da moralidade”, para quem “a razão é o agente de transformação”, enquanto “a fé tem sublimidade de que se pode ter ideia, nada mais do que isso e, portanto, constitui árduo trabalho”.

Teologicamente, em Kierkegaard, a autonomia está na defesa da fé racional que compreende a subjetividade do ser humano. Sendo essa subjetividade também construída pela experiência, emoções e sentimentos dos indivíduos, sua interioridade em relação com sua exterioridade, aquilo que o circunda (Kierkegaard, 2021b).

Teologicamente e filosoficamente, Kierkegaard (2021b) aborda dialeticamente a existência humana sob o enfoque da fé em relação ao transcendente, sendo o transcendente aquilo que abrange o concreto e o abstrato, intrinsecamente à experiência humana. Para ele, na inte-

rioridade, devemos ser nós mesmos, perante nós mesmos, os outros e Deus, como um esforço que exige responsabilidade (Kierkegaard, 2021a). Segundo Kierkegaard (2021b), “o cristianismo ensina que o caminho é tornar-se um sujeito”.

Também, o conceito de verdade é fundamental na ética religiosa de Kierkegaard (2023b). Pois, a verdade é encontrar uma verdade que seja verdade para si, devendo primeiro aprender a conhecer a si mesmo, antes de conhecer qualquer outra coisa, e, assim, se tornar si mesmo (Ross, 2021). Strathern (1999) revela que, em Kierkegaard, o conhece-te a ti mesmo de Sócrates e Platão é substituído por conhece o que significa ser tu mesmo. Assim não é mais o ser, mas o existir.

Para Kierkegaard, o cristianismo não é obediência cega ou imposição doutrinária, mas escolha de vida, o motivo de existir e da existência (Ross, 2021). Para Farago (2006), o cristianismo em Kierkegaard revela o sujeito e a sua existência a ele mesmo, e, por isso, a existência é um dever da encarnação.

Por isso, a análise do ser e existir de LGBTQIA+ protestantes, a partir da abordagem fenomenológica existencialista de Kierkegaard, requer compreender essa população culturalmente, em suas emoções e sentimentos e na sua relação com o sagrado, sua existência a partir de suas experiências singulares dentro das igrejas onde professam sua fé, como interioriza e é afetada na compreensão de si, dentro do contexto heteronormativo. Para tanto, a leitura das narrativas de periódicos e do relatório TODXS, sobre a experiência vivida por LGBTQIA+ em ambientes heteronormativos protestantes, permitiu a construção da abordagem proposta nesse trabalho, conforme exposta a seguir.

Em Silva (2013, 62) é desvelada a verdade existente na relação de LGBTQIA+ com o sagrado, na membresia e em cargos eclesiásticos:

Se você for sincero e honesto para consigo mesmo e com a pessoa que está falando com você, você vai perceber que nem sempre um homoafetivo precisa de conversão. [...] Conheço fora de nosso arraial, pastores homoafetivos, cujo ministério é efetivo, prático, consolador e aprovado pela igreja frequentada pelos mais diferentes setores da sociedade.

Ressalta-se que o discurso de Silva possui representação institucional, evoca a percepção de alguém com autoridade eclesial e vivência pastoral em mais de um presbitério. O depoimento de Silva reporta à essência da verdade em Kierkegaard (2021a), que ele identifica como essência do ser, do existir e da práxis.

Da mesma forma, nos Estados Unidos, Glaser (2013, 90) revela documento final proveniente de audiências entregue na Assembleia Geral de 1978 da Igreja Presbiteriana:

[...] a homossexualidade não era pecado per se, portanto, nenhuma barreira para ordenação. A maioria relatou uma experiência similar à dos primeiros cristãos [...] declarando que tinham igualmente visto a ação do Espírito de Deus na vida dos cristãos gays e lésbicas.

Um testemunho muito próximo ao de Silva quanto à proximidade da verdade na relação de LGBTQIA+ com o sagrado. Apesar disso, a ordenação não foi aprovada.

Novamente Silva (2013,61), sobre a dor e o sofrimento de LGBTQIA+ por rejeição e abusos, relata: “[...] devo admitir que a teologia da conversão e da regeneração talvez não as abarque completamente e não forneça todo o instrumental necessário para a compreensão e o pastoreio delas”. Corroborando, Glaser (2013, 91) informa que, em 1991, a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, em votação quanto a uniões do mesmo gênero, reclamada em prol de uma teologia de justiça e amor, rejeitou a proposta.

Discursos de protestantes, heteronormativos, argumentando que a subjetividade distorce a doutrina cristã ao interesse LGBTQIA+ ou que autonomia é seguir a própria lei, é esquecer que a reivindicação LGBTQIA+ é por emancipação, compreendida como a conjugação de liberdade e autonomia, devidamente compreendida filosófica-teologicamente em reconhecimento de si como indivíduo com personalidade singular, livre, portanto responsável por suas decisões e escolhas e, ainda assim, comprometido em suas convicções cristãs como compromisso pessoal. Maiztegui (apud Dias, 2017, 283) afirma que o amor deve nortear

a sexualidade, portanto é “contraditório que em nome de uma moral se proíba o amor sincero que respeita a dignidade e constrói a felicidade de quem o vivencia”. Por esse mesmo motivo, os cristãos LGBTQIA+ reivindicam o seu ser e existir em sua práxis protestante, por se compreenderem cristãos que estão nesse amor sincero, estando comprometidos pessoalmente em sua convicção cristã.

Já Johnson (apud Capetz 2013, 97), descreve o pensamento dos consagracionistas :

[...] o pecado não é residente nem na orientação, nem no comportamento sexual em si, mas se nossas vidas estão corretamente organizadas para com Deus. As pessoas, não a sexualidade, são os verdadeiros objetos da celebração e as nossas relações dedicadas e assumidas são os meios de graça.

Assim, a Lei não pode suplantar a Graça (SBB, Lc 6:1-11).

A discussão ética e religiosa perpassa questões como moralidade e subjetividade. Comumente, a justificativa utilizada por grupos protestantes conservadores é que a subjetividade embasa o discurso LGBTQIA+. Enquanto LGBTQIA+ argumentam que o discurso dos grupos religiosos está encoberto de moral e não do ensino cristocêntrico. Dessa forma, Ribeiro (2010, 41-42) esclarece, citando Dupuis: “a teologia cristã é teocêntrica, sendo cristocêntrica e vice-versa” .

A discussão filosófico-teológica com a religião se realiza no âmbito ético e não moral. A ética considera a perenidade e a universalidade das questões, enquanto a moralidade se resume a uma temporalidade e abordagem específica que se restringe a costumes. Portanto, as questões ético-religiosas se encontram na dimensão de discussões a respeito da verdade, amor, esperança, fé, razão, etc., conceitos da construção “onto-teo-lógica” das religiões judaico-cristãs.

Assim, a discussão ética e religiosa comprehende questões culturais e teológicas envolvidas na construção do indivíduo. Conforme afirma Erickson (2015, 18-36), a religião comprehende a fé, intelecto, emoções, cultura e experiência do indivíduo em sua relação com Deus, sendo

a Teologia o meio pelo qual o ser humano reflete a respeito da existência e compreensão de Deus.

Erickson (2015, 172; 29), conforme Kierkegaard, afirma ser a verdade pessoal e não proposicional, por esse motivo a Teologia é uma relação entre a verdade e a experiência. A afirmação teologal de verdade é aquela em que o cristão está em autoexame consigo e age com verdade com o outro e com Deus, sendo a verdade o reflexo do amor que promove a boa consciência e a reta razão, e, portanto, a razão de ser, de existir e da encarnação. Sendo assim, onde estaria a verdade em um LGBTQIA+ que escondesse ou sublimasse o seu verdadeiro ser?

Calvani (apud Lacerda, 2013, 30) assevera que usar versículos bíblicos para condenar homossexuais em questões complexas é violentá-los. Corroborando, Lacerda (2013, 30) afirma que Jesus nunca pronunciou nada quanto à questão da homossexualidade. No entanto, a questão da hipocrisia foi condenada (Mt 15:7-9). Pois então, o que não é a hipocrisia senão agir mentirosamente consigo, com o próximo e com Deus?

Ora, ninguém escolhe ser LGBTQIA+, não se trata de escolha, nem perversão ou promiscuidade, conforme diz Silva (2013, 57-58). Portanto, infligir sofrimento àqueles que buscam a Deus, por vezes, já provenientes de ambientes opressores (Silva, 2013, 62) é mal que reproduz o sofrimento anteriormente recebido. E o que é isso, senão desamor? E, portanto, contrário a Deus, principalmente de onde deveria vir o acolhimento?

Para LGBTQIA+ que querem professar sua fé protestante, é exigida a sublimação da sua sexualidade, ainda que para a membresia heterossexual não seja também exigido o celibato. Assim, um LGBTQIA+ somente poderá professar sua fé em uma igreja protestante histórica se não praticar sua sexualidade. E o que é isso senão a destituição do indivíduo em sua personalidade singular? O que é isso senão adoecimento emocional, psíquico e físico de um indivíduo? O que é isso senão obrigar o indivíduo a mentir para si mesmo, para o outro e para Deus? Isso não seria obrigar a pecar o que se vê obrigado a mentir, obrigar a pecar quem finge acreditar e, portanto, pecado contra Deus? “Não seria o verdadeiro pecado a homofobia, ao invés da homossexualidade?” (Dias, 2017, 287).

Apesar disso, o protestantismo histórico não aceita ou admite oficialmente LGBTQIA+, eclesialmente, impedindo-os de ser partícipes do corpo da igreja, humana e espiritualmente. (Erickson, 2015, 992-1012).

Nesse diapasão, Erickson (2015, 992; 1050) afirma que a “homossexualidade se constitui em abominação e desqualifica a ordenação e serviço ministerial”. Constitui-se em discurso para cerceamento da prática de fé e exclusão de LGBTQIA+ das igrejas protestantes.

Afirmações como as de Erickson levaram a comunidade LGBTQIA+ à criação de igrejas inclusivas e ao abandono da fé cristã. Nesse sentido, o relatório da TODXS desvela questões camufladas e inerentes à exclusão e cerceamento de LGBTQIA+, inclusive no protestantismo histórico, pois apresenta dados do comportamento religioso desse grupo e a LGBTQIA+fobia presente em narrativas nesse contexto (TODXS, 2020, 24).

Por se tratar de uma pesquisa nacional e apesar de ter caráter amostral, reflete o universo de 15 mil respondentes após o tratamento dos dados, sendo assim um panorama do perfil da população LGBTQIA+ que fornece respostas que circundam e demonstram sua complexidade (TODXS, 2020, 21-22). Da conclusão da pesquisa, aproximadamente 22,5% dos respondentes se identificam como pertencentes a uma religião judaico-cristã, 7,05% se identificam como evangélicos, 3,16% pertencentes ao protestantismo histórico e 0,13% ao protestantismo inclusivo (TODXS, 2020, 55).

No relatório (2020, 56-58), também há inúmeros tópicos que perpassam a discussão de teóricos que confrontam a questão da religião quanto a concepções e preceitos religiosos morais que subjugam e oprimem LGBTQIA+, tais como caracterizações de ameaça aos valores cristãos, tentando regenerá-los, curá-los. Nesse sentido, o relatório traz pensamento que aborda o impacto dessa opressão na subjetividade dos indivíduos expostos a ela e na expressão da sua religiosidade (Silva, Barbosa, 2016 apud TODXS, 2020, 57).

Nesse contexto, não cabe a reivindicação de direitos LGBTQIA+ nas igrejas como um direito civil, apesar de as igrejas se constituírem em uma associação, pois a religião e a fé não são uma condição civil, mas de direitos humanos.

Assim, a adesão às igrejas inclusivas que estão centradas em teologias

inclusivas e queer ou a adesão de LGBTQIA+ protestantes a religiões africanas ou derivadas dela que acolhem e aceitam essa população e a expressão da sua sexualidade, permitindo assim o vínculo de sua identidade com sua religiosidade, reflete resposta à discriminação e LGBTQIA+fobia presente em espaços e discursos religiosos conservadores (Nascimento e Costa, 2005 e Natividade, Oliveira, 2009 apud TODXS, 2020, 57-58).

CONCLUSÃO

A leitura das narrativas de periódicos e do relatório TODXS suscitou a construção de uma abordagem baseada na fenomenologia e existencialismo de Kierkegaard sobre a experiência vivida por LGBTQIA+ em ambientes heteronormativos protestantes. Observando o que afirmam Cunha e Peixinho (2020, 121-122; 125; 139-140; 156), que na análise das narrativas, deve-se compreender que “a narrativa é centrada no conflito e na existência de uma narrativa dominante, na argumentação e retórica, contemplando a complexidade de relações e interações com o mundo social”.

Dessa forma, à luz da abordagem fenomenológica (Lima, 2014, 10-11) e existencialista de Kierkegaard, se identificou a exclusão de LGBTQIA+ nas igrejas protestantes brasileiras e suas consequências, buscando compreender singularidades existenciais desse grupo ao vivenciar tal fato e seu posicionamento mediante tal exclusão.

A pesquisa concluiu que não é a ética religiosa, mas concepções morais limitadoras das igrejas protestantes históricas que cerceiam o direito humano da prática da fé de cristãos LGBTQIA+, impedindo a participação em sacramentos e ministérios.

Identificou-se, ainda, o impacto que essa exclusão, contrária ao acolhimento e pastoreio dessa população, gera quanto ao abandono da fé cristã e à criação de igrejas inclusivas. Segundo Moreira (2012), o Protestantismo Inclusivo representa um gueto dentro de um espectro mais amplo do protestantismo e reforço do preconceito, pois se constitui em um alívio para o Protestantismo Histórico.

Em resumo, a ética religiosa das igrejas protestantes históricas é, na verdade, concepções morais que afastam e limitam o direito à prática

da fé cristã de LGBTQIA+, impedindo-os de participar da membresia e eclesiasticamente da doutrina que declaram professar. Foi identificado, ainda, o impacto que tal exclusão gera quanto ao abandono da fé cristã e criação de igrejas denominadas evangelismo inclusivo (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009 apud TODXS, 2020, 57).

Apesar disso, o relatório TODXS afirma que “a categoria evangelismo tradicional é o segmento religioso que mais tem aumentado fiéis ao longo dos anos” (TODXS, 2020, 57-58). Isso requer identificar e compreender a razão, apesar do cerceamento e exclusão existentes, que levam LGBTQIA+ a professar sua fé protestante, exigindo uma reflexão mais profunda desse paradoxo.

REFERÊNCIAS

- CAPETZ, P. E. Resenha. Tempo de abraçar: as relações homogenéricas na religião, na lei e na política. In: Teologia e Sociedade. Faculdade de Teologia de São Paulo. Vol. 1, nº 10 (outubro 2013), p. 94 - 99. São Paulo: Pendão Real, 2013.
- DIAS, J. C. T. Resenha. Bíblia e Sexualidade – abordagem teológica, pastoral e bíblica. Carlos Eduardo Calvani (org.). São Paulo: Fonte Editorial, 2010. Revista Ambivalências. V.5. N.10, p. 282 – 289. Jul-Dez/2017.
- ERICKSON, MILLARD J. Teologia sistemática. São Paulo: Vida Nova, 2015. 1232p.
- FARAGO, F. Compreender Kierkegaard. Petrópolis: Vozes, 2011. Ebook. 264p.
- GLASER, CHRIS. Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos: análise histórica da questão homossexual. Teologia e Sociedade. Faculdade de Teologia de São Paulo. Vol. 1, nº 10 (outubro 2013), p. 88 - 93. São Paulo: Pendão Real, 2013.
- KIERKEGAARD, S. O desespero humano. 1^a Ed. Le Books Editora, 2021. 145p.
- KIERKEGAARD, S. Temor e tremor. 1^a Ed. Le Books Editora, 2021. 153p.
- LACERDA, G. C. de. Homoafetividade e cristianismo: uma abordagem histórica. Teologia e Sociedade. Faculdade de Teologia de São Paulo. Vol. 1, nº 10 (outubro 2013), p. 26 - 39. São Paulo: Pendão Real, 2013.

- LIMA, A. B. M. O que é fenomenologia? In: LIMA. A. B. M. org. Ensaios sobre fenomenologia: Husssel, Heidegger e Merleau-Ponty. Editus, 2014. SciELO Books <http://books.scielo.org>. 124p.
- OLIVEIRA, R. DE S. Pentecostalismo e Protestantismo histórico no contexto da Missão no Brasil. *Revista Discernindo*, v. 1, n. 1, p. 143 – 153, jan - dez 2013.
- RIBEIRO, Claudio de O. Religiões e salvação: indicações para o diálogo interreligioso na teologia de Paul Tillich. v. 3, n. 2, p. 31 – 46. *Numen*, 2000.
- ROOS, J. 10 lições sobre Kierkegaard. Petrópolis: Vozes, 2021. Ebook. 152p.
- SILVA, C. L. da. Sexualidade e afetividade: pastoral numa área de sofrimentos e conflitos. *Teologia e Sociedade*. Faculdade de Teologia de São Paulo. Vol. 1, nº 10 (outubro 2013), p. 56 - 63. São Paulo: Pendão Real, 2013.
- STRATHERN, P. Kierkegaard em 90 minutos. Editora Zahar, 1999. Ebook. 88p.
- Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Brasília: 2009.
- WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. Tradução Waltensir Dutra. 5ª Ed. RJ: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982.
- MOREIRA, C. A. R. Igrejas Inclusivas: solução para cristãos homossexuais ou mais uma forma de discriminação? XV Congresso Metodista de Iniciação e Produção Científica - XIV Seminário de Extensão - IX Seminário PIBIC/UMESP.
- FAHUD - Pós-Graduação em Ciências da Religião. Disponível em:<http://www.metodista.br/congressos-cientificos/index.php/CM2012/FAHUDPGCREL/paper/view/3025>. Acesso em 11 mar 2023.
- TODXS. Pesquisa nacional por amostra da população LGBTI+: identidade e perfil sociodemográfico. São Paulo: TODXS, 2020. 121p.

ANTON THEOPHILUS BOISEN: UMA REDESCOBERTA NECESSÁRIA

Prof. Dr. Esny Cerene Soares¹

RESUMO:

Anton Theophilus Boisen é um daqueles personagens que quase ninguém conhece, nem ouviu falar, mas que precisa ser redescoberto. Na última década do século XIX e nas duas primeiras do século XX, com uma visão muito à frente do seu tempo, Boisen foi o responsável por integrar os princípios de psicologia disponíveis à época com a teologia e a prática pastoral, dando início ao que hoje conhecemos como Aconselhamento Pastoral. No entanto, sua contribuição vem sendo ignorada até os dias de hoje por diversas razões. Em primeiro lugar, por ser, injustamente, taxado de “liberal” pelo movimento fundamentalista evangélico americano e, em segundo lugar, em razão de preconceito, por experimentar alguns episódios de surto psicótico grave, que lhe custaram internações em hospitais psiquiátricos. A presente pesquisa visa a descontaminar as contribuições de Boisen não somente no campo do Aconselhamento Pastoral, como também nos métodos de estudo com pessoas em crise psicótica criados por ele e a integração entre teologia, psicologia e a igreja de Cristo. Boisen também é precursor na discussão tão atual da humanização de pessoas portadoras de doenças mentais graves. A pesquisa parte de textos escritos pelo próprio Boisen e de outras fontes, como artigos publicados em revistas científicas, dentre outras fontes bibliográficas. Reinserir Anton Theophilus Boisen no cenário do Movimento de Aconselhamento Pastoral contemporâneo é uma tarefa que enriquece todo aquele que quer exercer o seu trabalho de conselheiro com excelência.

Palavras-chave: Integração Psicologia-Teologia; Aconselhamento Pastoral; Saúde Mental; Luta Antimanicomial.

INTRODUÇÃO

Os anos finais do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX foram profundamente marcados por discussões acaloradas no campo do conhecimento do ser humano, muito pelo impacto dos escritos de Sigmund Freud que influenciavam fortemente a Europa e pelas descobertas da Psicologia que se desenvolviam em território norte-americano pelos escritos de William James (Princípios de Psicologia, em 1890) e os experimentos realizados na Alemanha, especialmente o Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade de Leipzig, dirigido por Wilhelm Wundt, a partir de 1879.

Neste contexto, o mundo todo se abriu para discussões muito mais subjetivas a respeito do pensamento e das emoções humanas. Como uma ciência ainda incipiente, a psicologia conquistava o seu espaço e emplacava como o assunto do momento da virada do século XX.

ANTON THEOPHILUS BOISEN: DADOS BIOGRÁFICOS

Nascimento, vida acadêmica e início da vida profissional

Foi neste contexto que nasceu o estadunidense Anton Theophilus Boisen, em 29 de outubro de 1876, na cidade de Bloomington, Indiana, oriundo de uma família profundamente envolvida com a vida acadêmica e com a educação. Seu pai, Hermann Boisen, era um imigrante alemão que ensinava alemão e francês, e sua mãe, Elizabeth Louisa Wylie Boisen, era filha de um professor da Universidade de Indiana. A família de sua mãe estava entre os fundadores da Universidade de Indiana.

A família de Anton Boisen, além de bem-educada, era muito religiosa. Seu avô materno, Theophilus Wylie, era pastor presbiteriano que defendia um calvinismo considerado por Boisen um tanto radical e extremista, de modo que, quando adulto, Boisen afirmou que não encontrava muito significado nos longos cultos dominicais de manhã e nem nas leituras e orações bíblicas diárias em casa. Mesmo reconhecendo que seu avô tenha impactado a sua visão e pressupostos a respeito da religião, Boisen afirmava que o calvinismo radical de seu avô não lhe agradava.

Anton Boisen teve uma trajetória acadêmica peculiar. Em 1897, Boisen estudou na Universidade de Indiana e se formou em Línguas Modernas. Foi neste ambiente universitário que Boisen conheceu, foi impactado e se conectou profundamente com o recém-lançado livro *The Principles of Psychology* (Princípios de Psicologia), de William James. Após formado, Anton Boisen, por um período se dedicou ao ensino, lecionando francês em uma escola secundária em Bloomington. Depois deste período, Boisen decidiu dar continuidade aos seus estudos e abandonou o ensino, ingressando na Yale University para estudar silvicultura. Em 1905, concluiu seu mestrado nesta área.

No período seguinte da sua vida, Boisen decidiu atuar como assistente florestal no Serviço Florestal dos Estados Unidos, em New Hampshire, mas sua atuação durou pouco tempo e ele foi demitido após um ano. Aliás, a partir daí, Boisen teve uma série de empregos de curta duração, em diversas localidades dos Estados Unidos.

Em 1909, Boisen sentiu-se chamado para o ministério pastoral e passou a estudar no Union Theological Seminary, na cidade de Nova York, onde estudou por três anos, sendo ordenado como pastor presbiteriano em 1912, aos 36 anos, atuando na Igreja Congregacional, em algumas congregações da zona rural.

Durante o tempo que permaneceu estudando no Union Theological Seminary, Boisen se decepcionou com a escassez de matérias relacionadas à psicologia.

CRISES PSICÓTICAS E A DESCOBERTA DE UM NOVO MINISTÉRIO

A partir de 1920, Boisen passou a sofrer com problemas de saúde mental e experimentou pelo menos três graves surtos psicóticos, relatados em sua autobiografia publicada nos Estados Unidos sob o título “Saído das profundezas” — *Out of the Depths* (1960).

Em sua autobiografia (Boisen, 1960), Boisen afirma que, durante o seu processo de admissão no Presbitério de Brooklyn, Nova York, passou a apresentar fantasias delirantes, acompanhadas de alucinações auditivas e visuais. Como consequência, foi internado no Hospital Psiquiátrico de Boston e, posteriormente, no Hospital Estadual de Westboro,

diagnosticado como portador de esquizofrenia catatônica. Este período de internação durou aproximadamente seis meses.

Ele relata que seu comportamento, no seu primeiro surto psicótico, ficou tão alterado que sua família decidiu interná-lo num hospital psiquiátrico. Boisen registra que percebia o quanto estava alterado e que a internação seria iminente:

Minha primeira intuição de que eles estavam pensando em me enviar para um hospital foi quando seis policiais entraram marchando na sala onde eu estava trabalhando, e um deles anunciou que era melhor eu ir pacificamente, ou haveria problemas. O tamanho da equipe evidenciava a preocupação da minha família. Em nenhum momento houve qualquer manifestação de violência da minha parte (BOISEN, 1960, pp. 86–87). Recuperado da crise psicótica, Boisen notou que pacientes internados em hospitais psiquiátricos poderiam ser beneficiados por pastores e estudantes de teologia. Assim, ele passou a pensar em uma forma de aproximar a teologia da psicologia e da medicina. Os colapsos psicóticos, que por pelo menos três vezes o levaram à hospitalização em instituições para doentes mentais, foram preponderantes para a sua compreensão do trabalho pastoral, motivando-o a liderar um novo movimento de aconselhamento pastoral.

Segundo McCullough (2023), Anton Boisen estava muito além do seu tempo. Boisen tinha experiência em pensar sistematicamente sobre a teia interconectada da cultura americana e suas instituições dominantes, incluindo igrejas e hospitais, e ele era um pensador interdisciplinar antes mesmo que a palavra “interdisciplinar” fosse inventada. Ele interpretou suas próprias experiências de maneira teológica, histórica, psicológica e sociológica, e essa amplitude metodológica confundia seus leitores.

Em 1924, ele já argumentava que os seminários protestantes deveriam expandir-se além das “disciplinas tradicionais, as línguas e literaturas bíblicas, a história da igreja, teologia sistemática e homilética” para incluir “a personalidade humana, seja em saúde ou doença, ou as forças sociais e econômicas que a afetam”. Mas, curiosamente, como ele próprio observa, na época de sua primeira crise, ele “não tinha nenhuma leitura sobre literatura psiquiátrica”. (MCCULLOUGH, 2023).

Até a sua primeira internação, Boisen não conhecia Freud nem a Psicanálise. No entanto, após a sua internação de 1920, um colega

de classe do Union Theological Seminary, Fred Estman, entendeu que os estudos de Freud seriam do interesse de Boisen e enviou para ele o texto denominado “Palestras Introdutórias à Psicanálise”, escrito pelo pai da Psicanálise entre os anos de 1916 e 1917.

Ao ler este livro de Freud, Boisen foi inicialmente muito influenciado por Sigmund Freud e pela Psicanálise, especialmente com a ideia inovadora à época de que as neuroses (as condições anormais ou insanas) são devidas a um conflito profundamente enraizado entre grandes forças subconscientes e a cura será encontrada não na supressão dos sintomas, mas na solução do conflito.

Boisen descreveu a experiência de descobrir as ideias de Freud como reveladora, afirmando que encontrou nele a confirmação de suas próprias ideias sobre a natureza da doença mental. Ele chegou a comparar a leitura de Freud à sensação de encontrar as respostas corretas no final de um livro didático.

No entanto, a relação entre Sigmund Freud e Anton Boisen, com o passar do tempo, foi se tornando mais complexa e marcada por uma combinação de ressonância intelectual e rejeição consciente por parte de Boisen. Embora reconhecesse a importância de Freud, Boisen se esforçou para se distanciar da psicanálise freudiana e buscar bases teóricas em outros autores da Psicologia.

BOISEN E O ACONSELHAMENTO PASTORAL

A aplicação do método de Estudo de Caso em pacientes psiquiátricos como forma de se preparar para um novo ministério que envolveria o atendimento de pacientes psiquiátricos, em 1922, Boisen se matriculou na Andover Theological School e na Harvard Graduate School para estudar psicologia da religião. Foi neste período que ele foi apresentado ao método de Estudo de Caso, especialmente nas aulas do professor Richard Cabot, que havia desenvolvido um método de uso desta ferramenta de estudo para uso no treinamento de capelães.

Esta era a segunda vez que Boisen entrava em contato com esta

técnica de pesquisa, pois enquanto estudava no Union Theological Seminary, utilizou o método de estudo de casos por influência do professor George Albert Coe, para analisar casos de experiências místicas.

Nos anos de 1923 e 1924, já dominando o uso da técnica de estudo de casos, Anton Boisen passou a atuar no Boston Psychopathic Hospital, no Departamento de Serviço Social, acompanhado de um assistente social, aplicando o estudo de caso como ferramenta na entrevista de pessoas em suas próprias casas, o que lhe permitiu estudar “a pessoa total em seu ambiente social”. Nesta atividade, ele descobriu que podia identificar fatores significativos, como motivos, valores e experiência religiosa das pessoas.

O trabalho de Boisen era extremamente criterioso e buscava excelência na sua aplicação, buscando aplicá-lo segundo as regras do método científico. O método de estudo de caso aprimorado por ele se prestava a coletar dados da experiência religiosa de seus pacientes, pois acreditava que esta ferramenta era crucial por ser completa e exaustiva, com o poder de colher informações longitudinais com o objetivo de obter uma visão completa da vida do paciente.

Este método de estudo de caso era viabilizado por vários formulários com perguntas detalhadas sobre a história social e religiosa do paciente, bem como sua saúde física e mental, sua experiência religiosa e sua visão de mundo.

A partir do método de estudo de caso, Boisen tinha os seguintes objetivos:

- a) Estudar profundamente a experiência humana — Boisen buscava entender a experiência humana em toda a sua complexidade, e não somente por meio de formulações teóricas;
- b) Desenvolver uma teologia empírica — Ele acreditava que o estudo da experiência humana poderia levar a uma teologia mais fundamentada na realidade; e,
- c) Compreender a experiência religiosa — Boisen se interessava particularmente pela relação entre experiência religiosa e saúde mental e buscava compreender de que forma a religião se manifestava na vida das pessoas, especialmente em crises. (MCCULLOUGH, 2023)

O trabalho de Boisen estava baseado em princípios científicos das ciências sociais da sua época e utilizava-se da observação, coleta de dados e análise sistemática das informações. Pode-se citar os princípios mais importantes envolvidos no seu trabalho:

1. Empirismo — A ênfase na observação e experiência como base para o conhecimento;
2. Objetividade — A necessidade de minimizar a influência de vieses pessoais na pesquisa;
3. Isenção pessoal no estudo — A capacidade de reconhecer e desconsiderar preconceitos pessoais na busca pela verdade.

Os formulários padronizados desenvolvidos por Boisen eram utilizados para auxiliar na coleta de dados de forma sistemática durante as entrevistas com os pacientes. Esses formulários incluíam seções sobre histórico familiar e pessoal, desenvolvimento religioso, características do transtorno mental, conteúdo do pensamento e delírios, observações e progresso do paciente. Eles ajudavam a garantir que informações importantes fossem coletadas de forma consistente e organizada.

Boisen adaptou o método de estudo de caso clínico, comumente utilizado em medicina e direito, para o contexto da educação teológica. Ele defendia que os estudantes deveriam aprender não somente com livros e teorias, mas também com a observação e análise de “documentos humanos vivos”, ou seja, pessoas reais enfrentando desafios da vida.

O Movimento da Educação Pastoral Clínica — EPC

Em 1924, Boisen iniciou um trabalho pioneiro junto a doentes mentais, no Worcester State Hospital, em Massachusetts. Após um ano de trabalho no hospital, Boisen conseguiu integrar alunos de diversos seminários de teologia no trabalho de atendimento pastoral no âmbito hospitalar. HURDING (1997) ressalta a dinâmica e a importância que o trabalho de Boisen exerceu na formação de novos pastores, que começou em 1924 e cresceu atingindo outras instituições:

Ao longo dos dez anos seguintes, Boisen e outros colegas

estabeleceram uma série de centros em vários hospitais mentais, onde, sob cuidadosa supervisão, futuros pastores eram estimulados a ter contato com pacientes e a participar de seminários e discussões de casos clínicos com a equipe do hospital. (p. 249)

Boisen foi o idealizador e criador do movimento que agora se iniciava e passou a ser conhecido como Movimento da Educação Pastoral Clínica (EPC). Boisen acreditava que a experiência em sala de aula deveria ser complementada pela leitura de “documentos humanos vivos”, que era como ele chamava os pacientes.

Para ele, a experiência pessoal por parte dos alunos, incluindo a experiência com o sofrimento e a doença mental dos pacientes, era essencial para o desenvolvimento de uma teologia autêntica e relevante. Seus próprios episódios de psicose o levaram a enxergar a importância de integrar a experiência religiosa e a saúde mental.

O EPC também estimulava o contato entre os estudantes de teologia e pessoas das igrejas, que ingressavam nos hospitais acompanhadas de seminaristas e pastores, que atendiam aqueles que se encontravam internados (especialmente nos hospitais que abrigavam doentes mentais).

O EPC passou a ser reconhecido como um sistema rigoroso de educação pastoral, com destaque no treinamento, na experiência, na supervisão e no apoio de igrejas locais evangélicas.

É notável quanto o EPC se transformou num movimento importante para o aconselhamento cristão. Os principais pontos defendidos por esse movimento contribuíram para estabelecer padrões de atendimento e orientações para o treinamento de conselheiros pastorais, demonstrando o quanto era positivo o envolvimento de pastores e leigos em hospitais, envolvidos no atendimento de doentes físicos e mentais, além de promover uma relação saudável entre a teologia e as ciências psicológicas.

O trabalho de Boisen uniu os elos de duas correntes: os elos da corrente do cuidado pastoral, que historicamente pode ser caracterizado pela tentativa de curar as feridas das pessoas que procuram apoio, e os elos da corrente das psicologias seculares, que forneceram técnicas seguras de abordagem a

estas pessoas e a possibilidade de acolhimento e cura destas feridas.

Para ele, era essencial integrar os conhecimentos da teologia e as descobertas da psicologia e da psiquiatria. Ele acreditava que essa integração era fundamental para a compreensão da complexidade da experiência humana e para o desenvolvimento de práticas eficazes de cuidado pastoral.

O EPC, também chamado e conhecido como Movimento Pastoral Clínico, tem seu maior mérito no fato de recolocar o pastor no campo do aconselhamento, atividade que há tempos havia sido abandonada por influência da psicanálise. O Movimento Pastoral Clínico reatou os laços entre a psicologia e a teologia, fazendo da psicologia uma parceira do pastor no seu trabalho diário.

O EPC atuava também no cuidado e orientação dos seminaristas e pastores que participaram dos atendimentos. Boisen reconheceu a necessidade de formar supervisores qualificados para orientar os estudantes de teologia em suas experiências clínicas. Esses supervisores, por sua vez, eram responsáveis por transmitir a metodologia e a filosofia da EPC para as futuras gerações de líderes religiosos.

Boisen utilizava no EPC toda a técnica que havia desenvolvido com o estudo de caso e a filosofia de entender os pacientes como “documentos humanos vivos”, garantindo um estudo da experiência humana individualizada, compreendendo-a sob o enfoque da experiência religiosa. Ele considerava a observação cuidadosa da experiência humana como crucial para a compreensão da teologia. Além disso, acreditava que, ao estudar as experiências de indivíduos, especialmente aqueles que se encontravam internados em hospitais psiquiátricos, os estudantes de teologia poderiam ampliar sua própria visão de teologia.

Como uma forma de perpetuar o EPC, em 1930, Boisen e um grupo de médicos e teólogos criaram o CTCET — CENTRO DE TREINAMENTO CLÍNICO PARA ESTUDANTES DE TEOLOGIA. O CTCET foi fundamental na expansão da Educação Pastoral Clínica, dando continuidade ao trabalho pioneiro de Anton Boisen e tinha como objetivo administrar e expandir o programa de treinamento clínico que Boisen havia iniciado em 1924.

O CTCET assumiu a responsabilidade de administrar o programa de treinamento clínico que estava ganhando impulso e visibilidade nos

Estados Unidos, possibilitando que ele se expandisse para além do Worcester State Hospital, onde havia começado, e chegasse a outras instituições e regiões do país.

O CTCET forneceu estrutura e suporte para o desenvolvimento de currículos, métodos de ensino e critérios de avaliação para os programas de EPC.

Embora inicialmente ligado ao contexto presbiteriano, o CTCET se abriu para a participação de estudantes de diferentes denominações cristãs, contribuindo para a difusão da EPC em diversas tradições religiosas. E, com a criação de um modelo para outras organizações, ele possibilitou a criação de outras organizações dedicadas à EPC, como a Association for Clinical Pastoral Education (ACPE), fundada em 1967, nos Estados Unidos. A ACPE, por sua vez, contribuiu para a disseminação da EPC em outros países, incluindo o Brasil.

Nos anos e nas décadas seguintes, o EPC cresceu significativamente nos Estados Unidos. A integração dos conhecimentos de psicologia com a atividade pastoral obteve expressivo êxito e muitas igrejas e seus pastores passaram a se envolver com o movimento que contribuía com o desenvolvimento da vocação da igreja, especialmente no campo assistencial e na compreensão do fenômeno das doenças mentais.

Os estudos em Psicologia da Religião

Apesar das suas contribuições no campo do Aconselhamento Pastoral, Boisen continuou a sofrer com a sua doença mental ao longo de sua vida, experimentando outros episódios psicóticos que exigiram novas hospitalizações.

Isso não impediu que ele fosse reconhecido como pioneiro no estudo científico da religião, especialmente por contribuir com métodos e técnicas que permitiram investigar a experiência religiosa e sua ligação com a doença mental.

Uma de suas teses era a de que a “psicose” e a “experiência mística” poderiam ser consideradas fenômenos sobrepostos. Assim, ele desenvolveu uma extensa teoria sobre a relação entre religião e saúde mental, sempre a partir de seus estudos de caso de pacientes psiquiátricos e da sua própria experiência.

Desde o seu primeiro colapso e hospitalização (1920), Boisen refletiu sobre sua experiência e concluiu que “certos tipos de distúrbio mental e certos tipos de experiência religiosa são, da mesma forma, tentativas de reorganização”. Esta conclusão se mostrava como um conceito muito avançado para a sua época e atualmente muitas correntes da psiquiatria entendem o fenômeno do surto psicótico sob esta perspectiva.

Boisen dedicou sua vida a explorar a natureza exata da relação entre experiência religiosa e doença mental, e essa ideia de fenômenos sobrepostos ou de “confundir as linhas” (*blur the lines*) se tornou a base de sua contribuição teórica e do movimento de Educação Pastoral Clínica (EPC).

As descobertas de Boisen no campo da psiquiatria garantiram a ele o reconhecimento como um dos pioneiros no estudo da relação entre teologia, psicologia e medicina, atuando como professor no Chicago Theological Seminary, entre 1925 e 1932.

Após 1932, o seu trabalho no Chicago Theological Seminary ganhou projeção nacional e Boisen recebeu um convite para atuar no Elgin State Hospital, onde permaneceu por muitos anos, até o final da sua vida.

Crítica ao tratamento de doentes mentais Anton Boisen publicou vários livros, incluindo *The Exploration of the Inner World* (1936), *Religion in Crisis and Custom* (1955) e *Out of the Depths* (1960), autobiografia que descreve sua história, incluindo a sua experiência de surtos psicóticos e internações, além das primeiras décadas do EPC, conhecido como Movimento de Treinamento Pastoral Clínico.

Dentre os seus escritos, “*Out of the Depths*” (1960) foi aquele que, ao descrever suas experiências de internação e tratamento em hospitais psiquiátricos, Boisen organizou forte crítica aos modelos de tratamento dado aos pacientes hospitalizados por doenças mentais, denunciando a maneira desumana como eram tratados.

Sua crítica denuncia os maus-tratos e a desumanização dos doentes, num tempo em que não se considerava este assunto nos meios da medicina, tornando Boisen um dos precur-

sores na denúncia que somente décadas depois foi encontrar eco e desembocar nos movimentos de defesa dos doentes mentais e no Movimento Antimanicomial que atualmente é reconhecido no mundo inteiro.

CONCLUSÃO

Em 2 de outubro de 1965, aos 88 anos, Anton Theophilus Boisen faleceu em Elgin, Illinois. Seu legado continua a influenciar o campo da educação pastoral clínica e o estudo da psicologia da religião. Pode-se definir o seu trabalho utilizando as suas próprias palavras: ele “rompeu uma abertura na parede que separava a religião da medicina”.

Resiliência e superação fizeram dele um exemplo, um modelo para todos os pastores e para aqueles que pretendem atuar na área do aconselhamento cristão. Ele superou a sua doença e as internações, extraíndo destas experiências material para reflexão e avanço da área do atendimento de pessoas acometidas por doenças mentais graves.

O trabalho pioneiro de Boisen revolucionou a maneira como os pastores e capelães são treinados, enfatizando a importância da experiência clínica, da integração entre teologia e ciências comportamentais e da aplicação de métodos de pesquisa rigorosos para a compreensão da experiência religiosa e do cuidado pastoral. Seu legado continua a influenciar a formação de líderes religiosos em todo o mundo, moldando a prática do cuidado pastoral e da educação teológica.

Seu legado tem sido fundamental para promover uma compreensão mais holística da saúde mental e do papel da experiência religiosa na vida humana. Ele é lembrado por sua compaixão pelos doentes mentais, sua crença no poder curativo da religião e sua busca incansável por significado e propósito na vida humana.

No entanto, o seu “apagamento” da história do Aconselhamento Pastoral deve-se ao descontentamento de suas principais ideias e conceitos rechaçados por segmentos conservadores da igreja americana da sua época, provocando uma reação contrária a tudo o que o EPC havia conquistado.

As igrejas保守adoras americanas da época, que apresentavam a Bíblia como única fonte de autoridade em questões de fé e prática, incluindo

o cuidado pastoral, não digeriram a introdução de conceitos e métodos da psicologia e psiquiatria que Boisen e o EPC passaram a utilizar.

Muitos pastores e líderes das igrejas conservadoras reagiram com desconfiança e oposição ao EPC, pois o viam como portador de um método “secular” e contrário à “visão estritamente bíblica do ser humano”.

Esta reação conservadora estava alicerçada na desconfiança na pertinência do uso das teorias e técnicas da psicologia no método de aconselhamento pastoral proposto por Boisen.

Até hoje, muitos pastores rejeitam a psicologia e se negam a encaminhar pessoas para atendimento em psicoterapia, por entenderem ser sinal de fraqueza do cristão ou incompetência do pastor.

Para aqueles que representavam o movimento contrário à utilização dos princípios da psicologia no aconselhamento pastoral, o uso de “documentos humanos vivos” e a adaptação de métodos de estudo de caso da medicina utilizados por Boisen eram uma tentativa de substituir a autoridade da Bíblia pela experiência subjetiva, o que gerou uma resistência crescente nos círculos conservadores da igreja evangélica americana.

Resgatar Anton Theophilus Boisen dos escombros da história do Aconselhamento Pastoral é uma tarefa necessária, especialmente nestes tempos de luta entre o obscurantismo cultural e teológico, nestes tempos de combate entre o estudo sério da teologia e os arroubos sonoros do fundamentalismo cristão que arrastam a Igreja de Cristo para a Idade das Trevas.

REFERÊNCIAS

ASQUITH, G. H. The Case Study Method of Anton T. Boisen. *The Journal of Pastoral Care*, v. 34, n. 2, p. 84-94, June 1980.

ASSOCIATION FOR CLINICAL PASTORAL EDUCATION, INC. The Biography of Anton Theophilus Boisen. https://acpe.edu/docs/default-source/acpe-history/the-biography-of-anton-theophilus-boisen.pdf?sfvrsn=f542507_2. Acessado em 03.03.2025

BOISEN, A. T. Out of the depths: An autobiographical study of mental disorder

and religious experience. New York: Harper and Brothers, 1960.

BOISEN, A. T. The exploration of the inner world. New York: Harper & Brothers, 1936.

FERNANDES, E. L. Resiliência nas relações familiares: Um estudo das práticas de aconselhamento pastoral. 2012. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

HALL, C. E. Some Contributions of Anton T. Boisen (1876-1965) to Understanding Psychiatry and Religion. In History of Psychiatry Lecture Series, Kansas, January, 1966

HART, C. W. Notes on the psychiatric diagnosis of Anton Boisen. *Journal of Religion and Health*, v. 40, n. 4, p. 423–429, Winter 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1023/A:1012820002860>.

HURDING, Roger F. A árvore da cura: Modelos de aconselhamento e de psicoterapia. São Paulo/SP: Vida Nova, 1995. ISBN 8527502208

MARCHINKOWSKI, G. W. To be wounded and yet heal. How two wounded healers helped Henri Nouwen find solitude. *Verbum et Ecclesia*, v. 44, n. 1, a2839, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4102/ve.v44i1.2839>.

MCCULLOUGH, G. J. Anton Boisen Reconsidered: Psychiatric Survivor and Mad Prophet. *Journal of Religion and Health*, v. 62, p. 228–254, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10943-022-01697-0..>

MUTTER, K. Survey of the Life of Anton Theophilus Boisen (1876 to 1965). McMaster Divinity College, 21 out. 2014.

MYERS-SHIRK, S. E. Anton Boisen and the Scientific Study of Religion. In: _____. *Helping the Good Shepherd: Pastoral Counselors in a Psychotherapeutic Culture, 1925–1975*. Johns Hopkins University Press, 2009.

NWORA, E. I.; FREITAS, M. H. Relações entre religiosidade e saúde mental na concepção de capelães. *Revista do Nufen*, v. 20, n. 2, p. 200–217, 2020.

PESSINI, P. L. Pastoral nos hospitais: o desafio de ousar no anúncio da Boa nova. *Vida Pastoral*, n. 191, p. 29-35.

COMUNICAÇÃO A RELAÇÃO ENTRE BÍBLIA, REVELAÇÃO E HISTÓRIA NA TEOLOGIA DE HENDRIKUS BERKHOF

John Wesley Alves Silva¹

Dr. Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero²

RESUMO:

O teólogo reformado holandês Hendrikus Berkhof, ainda pouco conhecido no cenário teológico brasileiro, buscou diligentemente a síntese em seu percurso teológico. Esta comunicação examina os alinhamentos e peculiaridades de seu pensamento sobre o tema acima em relação a alguns teólogos e tendências que marcaram o século XX. Temos como objetivo analisar três questões: 1) a maneira pela qual Berkhof entendeu revelação como história; 2) como ele definiu os conceitos de fixação e transmissão relacionados à Escritura e Tradição; e, 3) sua visão da influência da Bíblia nos processos de cristianização e secularização do Ocidente. A metodologia adotada é de análise crítica de obras-chave do autor, como *Christ the Meaning of History*, *Christian Faith*, e *The Doctrine of the Holy Spirit*, além de teses acadêmicas sobre sua teologia da mediação. Quanto aos resultados, a pesquisa revela que Berkhof trilhou seu próprio caminho na compreensão do tema história/revelação. Seu entendimento sobre a relação transmissão/tradição dentro do campo da Revelação e Escritura, apesar de ser problemático para o protestantismo conservador, merece um exame. Por fim, seu insight sobre a influência da mensagem bíblica na história ocidental, embora demasiado otimista, é interessante e conta com bons argumen-

“RELEVÂNCIA DAS ESCRITURAS NO SÉC. XXI”

¹AUTOR: Bacharel em Teologia pela FADBA. Pós-graduado em Didática do Ensino Superior pela Multivix. Bacharelando em Teologia pela FATIPI EAD, turma 241. E-mail: jw.teologia@gmail.com

² ORIENTADOR: Mestre e Doutor em Teologia pela EST, professor de diversas disciplinas no Bacharelado e Pós-Graduação da FATIPI. E-mail: julio@fatipi.edu.br

tos. Concluímos que Berkhof produziu uma teologia da história que deve ser valorizada não somente pela sua relação de “sim e não” com grandes vultos, mas pela sua ousadia de propor alternativas e explicar a relevância da fé cristã para a história, evitando tanto o tradicionalismo rígido quanto o modernismo sem rumo.

Palavras-chave: Eventos. Revelação. Teologia. História. Processo.

INTRODUÇÃO

Hendrikus Berkhof (1914-1995) foi um teólogo reformado holandês que se consagrou nas áreas da dogmática, pregação, docência (seminários de Driebergen e Leiden) e movimento ecumênico (Conselho Mundial de Igrejas e Conselho de Igrejas nos Países Baixos). Segundo Juan Bosch Navarro, “sua postura teológica define-se como a de uma teologia reformada ortodoxa, fortemente influenciada por Karl Barth e orientada para a ética social.” . Para J. Gavera, pastor reformado sul-africano e autor de uma tese de doutorado sobre a teologia de Berkhof, o teólogo holandês, devido ao seu contexto familiar, teológico e eclesiástico, era entusiasta de alguns pontos que caracterizam sua caminhada intelectual. Destacamos dois: 1) O envolvimento com a Teologia da Mediação, buscando traduzir o Evangelho para o pensamento do homem moderno e conciliar pontos divergentes da teologia. 2) O fascínio de toda a sua vida pela História como um conceito de Teologia.

No escopo de nossa proposta, há três objetivos de análise:

1 – Como H. Berkhof entendeu a relação entre Revelação e História

Há uma expressão que Berkhof fez questão de usar repetidamente e manter em seu trabalho: Eventos Revelacionais. Com isso, sua intenção era de enfatizar que a Revelação vem a nós no plano da História, em eventos históricos consecutivos e conectados. Mas isso inclui também a revelação divina nos “eventos naturais” (árvores sagradas de Abraão, sarça ardente de Moisés, o vento do leste que fez um caminho no Mar Vermelho, trovões

e relâmpagos no Monte Sinai, etc.). Fenômenos que acompanharam a relação de Deus com seu povo na história e para a qual apontaram. Para Berkhof, com a crescente ênfase na Revelação na história, esta se tornou o guia e a pedra de toque para discernir a Revelação por eventos na natureza.

No desenvolvimento do AT ocorre uma progressiva emancipação da Revelação histórica em relação à matriz de revelação por eventos da natureza, que seria o locus principal das religiões primitivas. Não é que para Israel a Revelação ocorra exclusivamente como eventos históricos e para as religiões primitivas ela consista apenas em eventos na natureza; mas que para estas a história é considerada tão somente como parte da revelação na natureza , enquanto para Israel a revelação por eventos na natureza é um elemento no processo histórico-revelacional. Mas como devemos pensar essa revelação divina na história? Antes de apresentar uma resposta, Berkhof apresenta três modelos que deveriam ser rejeitados, por estarem em conflito com o retrato bíblico dos eventos revelacionais:

Primeiramente, ao contrário de Hegel e seus seguidores do século XX, a revelação não coincide/identifica-se com a história. A história, sendo o campo da ação humana marcada pela alienação e rebeldão contra Deus, não possui, por si só, poder revelador. A ideia de aprender “lições” da história por si só é limitada, pois isso seria entendê-la como esfera onde Deus estaria oculto/contido.

Em segundo lugar, contra a teologia da história da salvação de J.C.K. Von Hofmann e seus seguidores do século XX, Berkhof afirma que a revelação não segue um processo histórico orgânico e evolutivo, distinto da história comum. Pelo contrário, as linhas entre revelação e história “profana” são confusas e interligadas. O processo de revelação não é contínuo e gradual como um organismo em crescimento, mas repleto de reviravoltas, lacunas e repetições, sugerindo mais declínio do que progresso. A revelação se assemelha a uma batalha, em que Deus luta continuamente para manter sua criação relutante no caminho certo, mas essa luta ocorre no campo da história.

Em terceiro lugar, Berkhof afirma que, ao contrário do que Barth (na sua juventude) e especialmente Bultmann defenderam, a revelação não consiste em incursões momentâneas e isoladas na história. Os eventos revelacionais estão conectados: cada um pressupõe o anterior e lança

luz sobre ele, resultando em um progresso. Esse avanço, porém, não é biológico, mas se assemelha ao desenvolvimento de temas em obras clássicas, com crises que levam a novos começos. Há uma coerência clara na história da revelação, onde Moisés só pode ser compreendido à luz das promessas aos patriarcas, os profetas à luz da lei, e Cristo à luz do Antigo Testamento.

Qual seria então a posição de Berkhof? Ele procurou uma via média/de convergência entre as ideias de W. Pannenberg e J. Barr, descrevendo a revelação como um processo cumulativo de eventos e suas interpretações. Ele sugere que Deus começou como o “deus tribal” dos seminômadess, agindo de maneiras que inspiraram confiança e recompensando essa fé com proteção e libertação. Ao longo do tempo, eventos posteriores iluminaram os anteriores, permitindo uma compreensão mais profunda da revelação. Esse processo gerou uma história especial que, embora siga as leis da história comum, criou sua própria tradição. O clímax desse processo ocorreu em Jesus, cuja vida, morte e ressurreição reinterpretam todo o Antigo Testamento, que por sua vez também esclarece os eventos de Cristo.

Pode ser que o leitor mais atento e interessado na conexão entre revelação e história no contexto da produção teológica do século XX tenha sentido falta de alguma menção a Oscar Cullmann. O fato é que H. Berkhof reconhecia que o teólogo luterano tinha produzido uma das mais importantes teologias da história da salvação, porém, insuficientemente trabalhada no aspecto da dogmática.

Ao rejeitar os três modelos anteriormente citados e optar por uma convergência entre os posicionamentos de J. Barr e W. Pannenberg, Berkhof fez a escolha que lhe pareceu mais apropriada: um modelo de relação revelação/história que, para ele, fazia justiça à perspectiva bíblica, histórico-literária e tinha relevância para a dogmática, sua área de interesse juntamente com a história. Além disso, sabe-se que o foco de Cullmann era principalmente bíblico-exegético, e não dogmático.

2 – Como Berkhof entendeu os conceitos de fixação e transmissão relacionados à Escritura e Tradição

A partir desse ponto, de que a revelação ocorre através de um processo cumulativo de eventos e suas interpretações, Berkhof desenvolve sua visão sobre fixação e transmissão. Quando Deus se revela na história, essas revelações permanecem válidas para gerações futuras. Contudo, é essencial que esses eventos sejam transmitidos sem distorções, preservando sua singularidade reveladora, ao invés de serem adaptados de forma que percam seu significado original. Para isso, as gerações seguintes enfrentam duas necessidades: fixar os acontecimentos para evitar que se percam ou sejam deturpados e interpretá-los à luz de novas situações ou eventos revelacionais. Esse processo se reflete na distinção entre “Escritura” (fixação dos eventos) e “tradição” (“transmissão interpretativa” ou interpretação ao longo do tempo).

Berkhof enfatiza a importância do papel da tradição enquanto tarefa contínua de retorno à Escritura, bem como de explicação do Evangelho que seja inteligível para pessoas e culturas que não entendam a linguagem dos povos e culturas ligados aos eventos revelacionais fixados na Escritura. Em sua obra *Christian Faith*, ele diz:

As igrejas da Reforma, também, vivem plenamente dentro e a partir do processo da tradição. Caso contrário, a tradução e a leitura da Bíblia seriam experimentadas como suficientes para criar e sustentar a fé. [...] podemos apontar para os credos litúrgicos da igreja primitiva, as confissões da Reforma, os catecismos e todos os tipos de outras declarações eclesiásticas. A tradição tem a tarefa interminável de preparar resumos explicativos e simplificações das Escrituras .

O ponto sensível ou polêmico é que Berkhof, no intuito de combater a tendência protestante de a priori rejeitar a tradição (tendência presente especialmente nas denominações com inclinações mais bíblistas), acaba valorizando-a de uma forma que é, no mínimo, atípica para o consenso das igrejas herdeiras da Reforma. Ele considera a tradição como um elemento que faz parte do evento revelacional, estando ligada à obra do Espírito Santo. Seu raciocínio é o seguinte: sendo a revela-

ção o contínuo encontro entre Deus e o homem, então tradição é teologicamente da mesma importância que a Escritura.

3 – A visão de Berkhof sobre a influência da Bíblia nos processos de cristianização e secularização do Ocidente

Especialmente em seu livro *The Doctrine of The Holy Spirit*, Hendrikus Berkhof argumenta que, após a glorificação de Jesus, o Espírito Santo, como predito por Joel, foi derramado sobre toda a humanidade, um fato muitas vezes subestimado pelos cristãos, que tendem a limitar sua atuação à igreja e ao campo missionário. O autor sugere que a presença ativa de Cristo, através do Espírito, é mais ampla, transformando estruturas sociais e culturais além da esfera eclesiástica.

Ele observa que o Novo Testamento oferece apenas alguns indícios dessa nova relação do Espírito com o mundo, mas destaca que a conversão a Cristo gera padrões de comportamento que, ao longo do tempo, impactam as sociedades. Berkhof faz um percurso histórico, destacando que, a partir da recusa cristã de adorar o imperador, a relação entre Estado e Igreja começou a se alterar, pavimentando o caminho para a democracia e a independência do poder civil. Com a cristianização do Império Romano, surgiram valores como a monogamia, o cuidado com os oprimidos e a percepção da história como um processo linear direcionado ao Reino de Deus.

O teólogo holandês contesta a visão de que a secularização teria interrompido o processo de cristianização. Para ele, a secularização é uma continuação desse processo, com muitas das mudanças modernas — como a emancipação e os avanços científicos e técnicos — decorrentes de princípios cristãos. Ele relaciona o avanço da ciência e da tecnologia à desmitologização da natureza, promovida pela visão bíblica de que o homem deve dominar a natureza.

Na política e na sociedade, Berkhof argumenta que a ideia de justiça divina, que exalta os oprimidos e humilha os opressores, foi uma

fonte para as revoluções modernas, como a Revolução Francesa. Ele vê o Espírito Santo operando em todos os movimentos de libertação da humanidade, seja da tirania, pobreza, ignorância ou opressão.

ANÁLISE

A seguir, uma breve e modesta avaliação dos tópicos da teologia de H. Berkhof aqui apresentados:

1 – Quanto à relação entre Revelação e História, cremos que a posição de Berkhof é a mais equilibrada e apropriada. O conceito de revelação como um processo cumulativo de eventos e suas interpretações encontra respaldo na própria Escritura. Dois exemplos:

I - Há alguns discursos ao longo das Escrituras que poderíamos chamar de “discursos de recapitulação” ou “discursos de retrospectiva”. Nestes discursos são elencados os eventos da história do povo de Deus. Esses eventos são tidos como revelacionais, vistos como conectados entre si e interpretados de maneira complementar. Alguns exemplos destes discursos são: o de Moisés (primeiros capítulos de Deuteronômio); o de Josué (Js 24); o de Samuel (I Sm 12); o de Neemias (Ne 9) e o de Estevão (At 7).

II - A maneira como o autor de Hebreus resume a revelação de Deus ao longo da História, no capítulo 1, versos 1 e 2: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo”. As muitas vezes e maneiras, bem como a pluralidade dos indivíduos (pais e profetas), demonstram a variedade dos eventos revelacionais. E o caráter cumulativo e conectivo desses eventos é demonstrado pela afirmação de que foi o Deus, Pai de Jesus Cristo, que falou.

2 – Quanto ao entendimento de Berkhof sobre os conceitos de fixação para a Escritura e transmissão para Tradição, concordamos, de maneira geral, com a explicação sobre a necessidade e importância da fixação, ou seja, do registro, para preservação do conhecimento

sobre os eventos revelacionais da História do povo de Deus. E isso é um tanto quanto óbvio.

Agora, quanto à ênfase de Berkhof a respeito do papel da tradição, cremos, como já demos a entender anteriormente, que esse é um ponto complicado. O resgate e a admissão da importância do papel da Tradição no Protestantismo são atitudes necessárias para evitar o erro do biblicismo ou do Nuda Scriptura, que seria uma deturpação do princípio do Sola Scriptura. Mas estabelecer uma igualdade de importância teológica entre Escritura e Tradição pode ser, no mínimo, problemático para o ethos profético protestante.

John Leith, em seu livro *A Tradição Reformada*, traz uma colocação importante para estabelecer um ponto de equilíbrio nesse assunto:

Como um fenômeno humano, a tradicionação da fé não deve ser simplesmente identificada com a obra do Espírito Santo. Na verdade, o reconhecimento de que existe a atuação do Espírito na tradição não passa de um ato de fé. No meio das coisas boas, ruins e indiferentes que foram tradicionadas, está também a realidade da Igreja e do Espírito Santo. Esta é a afirmação cristã, mesmo nas horas mais tenebrosas. Nenhum protestante crê que qualquer pessoa ou instituição seja bastante sábia ou boa para estar isenta de falhas.

3 – A influência da mensagem bíblica na cristianização e secularização do Ocidente

Sendo sucintos, concordamos com Berkhof no que diz respeito à influência da mensagem bíblica nos processos históricos do Ocidente, onde os valores cristãos se entremearam de tal forma nas estruturas da sociedade a ponto de promover, de forma direta ou indireta, grandes mudanças e impactos duradouros. Realmente, a Bíblia e sua mensagem moldaram esta parte do mundo.

Por outro lado, fazemos uma ressalva quanto à sua interpretação de Joel 2,28, na qual conclui que o derramamento do Espírito Santo ocorreu sobre toda a humanidade, sem exceção. Entendemos que, à luz do contexto da passagem e da interpretação que Pedro fez dela em seu sermão no Pentecostes (At. 2, 16-21)

o Espírito seria derramado sobre toda carne sem distinção de sexo, idade e classe social, mas sobre o povo de Deus, sua igreja. A atuação desse povo empoderado pelo Espírito, povo que é sal e luz, a despeito dos seus erros, é que promove os impactos que perduram e beneficiam as sociedades, mesmo sem a admissão ou consciência por parte destas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, Hendrikus Berkhof debruçou-se sobre o tema da relação entre revelação e história e fez isso como um trabalho teológico que amadureceu com o tempo. Ele soube elaborar sínteses de linhas diferentes, absorvendo o que lhe pareceu apropriado de outros nomes da Teologia. Mas também demonstrou ousadia ao tratar de certos temas com liberdade e consciência próprias, trilhando um caminho pessoal que evitou a adesão irrefletida, seja ao fundamentalismo ou ao liberalismo.

Não precisamos concordar com todos os tópicos e conclusões de sua teologia da história. Na verdade, é sempre bom lembrar que nunca é muito seguro concordarmos com todas as posições de determinado teólogo ou pensador da fé. Mas é necessário admitir que os esforços que este teólogo holandês envidou na reflexão séria sobre a relação entre Bíblia, Revelação e História – e como essa reflexão deve ser útil na tarefa de traduzir o Evangelho para as mentes seculares – o fazem merecedor de nossa atenção. Se os extremos representam o caminho mais fácil e automático para o pensamento, e a busca pela mediação e convergência requer constante exercício reflexivo, então já temos mais um motivo para que as obras de Hendrikus Berkhof sejam traduzidas e estudadas em terras brasileiras. Nossa teologia precisa desse arejamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKHOFF, Hendrikus. Christ, The Meaning of History. Richmond: John Knox Press, 1966.

BERKHOFF, Hendrikus. Christian Faith: An Introduction to the Study of the

Faith. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

BERKHOF, Hendrikus. The Doctrine of the Holy Spirit. Atlanta: John Knox Press, 1976.

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
GAVERA, John P. The Theology of Hendrikus Berkhof: A critical analysis of aspects of a contemporary design of Mediation Theology. 2010. 299p. Tese (Doutorado em Teologia), Faculdade de Teologia da Universidade Livre de Amsterdã, Amsterdã.

GEENSE, Adrian. "Hendrikus Berkhof" In: GISEL P. (org.). Enciclopédia do Protestantismo. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 168-168.

GOUVÊA, Ricardo Q. Prefácio. In: CULLMANN, Oscar. Cristo e o Tempo: Tempo e História no Cristianismo Primitivo. São Paulo: Custom, 2003.

LEITH, John. A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã. São Paulo: Pendão Real, 1997

NAVARRO, J. B. Hendrikus Berkhof. Disponível em: <<https://www.seminario-jmc.br/index.php/2018/03/06/hendrikus-berkhof/>>. Acesso em: 16 out. 2024.

ADOTADOS PARA ACOLHER E ADOTAR: NOSSA IDENTIDADE ESTÁ NAS ESCRITURAS

Sofía Quintanilla Ramírez, Ph.D.

RESUMO:

A presente exposição tem por objetivo dialogar e refletir sobre a missão da igreja, e especificamente no que se refere ao cuidado e acolhimento de crianças em condição de abandono e adoção legal. Toda obra de missão que realizemos deve estar ancorada em uma identidade de filhos de Deus. No jardim do Éden desfrutávamos de perfeita comunhão com Deus, e embora o texto de Gênesis 1-3 não contenha as palavras ‘filhos de Deus’, o conceito sim está presente. O abrigar a imagem e semelhança do Senhor nos faz filhos d’Ele. Ao nos rebelarmos e sairmos de seu governo amoroso, fomos os responsáveis por fraturar a relação com o criador. Neste caso, não foi o Pai quem abandonou os filhos, mas estes quem abandonaram o Pai. Nossas relações sociais se fraturaram, a morte entrou na criação, e com ela, toda classe de males e disfunções. A família foi afetada e enfrentamos a enorme problemática da infância em condição de abandono. São milhões de meninos e meninas no mundo que sofrem esta condição, estão institucionalizados, perdendo suas habilidades e competências para socializar, vivem em isolamento e seu direito de crescer em família está sendo negado. Falar de adoção é pensar em Jesus. Nosso messias foi adotado, nossa cristologia bíblica tem um messias adotado sentado no trono celestial. Nós nos identificamos com um adotado. O apóstolo Paulo nos dá a metáfora da adoção espiritual: fomos integrados na família de Deus.

Palavras-chave: Identidade; Imagem; Semelhança; Filhos; Adoção.

Todo ser humano experimenta a necessidade de construir sua identidade. Para nós, crentes, é importante vir à Escritura e aprender dela nossa verdadeira essência. Hoje em dia, o uso das redes sociais é muito forte na construção da cosmovisão. Precisamos estar seguros em Cristo para não cair no consumismo, por exemplo; e não tentar preencher o vazio interno em fontes incorretas.

A verdade e a convicção de que estamos completos em Cristo e que, em Sua justiça, reside nossa retidão, é um fundamento que todo cristão deve ter. Se consigo me ver como Deus me vê, será mais fácil ver o próximo como Deus o vê. Será mais fácil cumprir uma missão integral, porque amamos realmente o necessário e vemos a identidade do Senhor neles. É uma identidade em amor que nos ajuda a não sermos indiferentes às necessidades do próximo. Um coração sensível é importante hoje em dia.

Em Gênesis 1 e 2 não temos as palavras ‘filhos de Deus’, mas a partir do contexto cultural podemos afirmar que o conceito sim está presente nestes capítulos. Adão e Eva eram filhos de Deus e tinham um lugar privilegiado na criação.

Em Gênesis 5:1-2, repete-se que foram feitos à imagem de Deus, e depois, no versículo 3, também se diz que o filho que lhes nasceu veio como imagem e semelhança de Adão. Creio que não é necessário explicar muito de genética para afirmar que os filhos se parecem com os pais. Neste sentido, me dá a impressão de que o texto está evidenciando uma cadeia: Deus, Adão, Sete. O evangelho de Lucas reitera essa cadeia (Lc 3:38).

Voltando ao momento antes da rebelião, temos uma relação harmônica entre o Senhor e Seus filhos. Há comunicação, todo alimento é suprido, não há escassez. Em Gênesis 2, vemos normas para as famílias, os casais devem ser independentes dos pais, e espera-se que vivam unidos. Aqui não havia violência.

Quero agora dedicar um espaço para falar da historicidade de Adão e Eva. Diversos autores reconhecem fontes variadas na autoria do Pentateuco (Lasor e outros, 1999), mas também alguns são do pensamento de que Moisés tinha essas fontes e foi agrupando a informação segundo critérios culturais de narrativa e composição hebraica (Sarfati, 2015).

Para outros autores, as notas e glosas posteriores evidenciam a liber-

dade dos copistas através dos séculos para reproduzir e para clarificar o sentido do texto. A tradição judaica reconhece a mão editora de profetas e escribas, principalmente de Esdras.¹

De maneira pessoal, proponho que a autoria do AT deve ser atribuída ao povo judeu. No texto final que temos não há como reconhecer os detalhes de quem contribuiu com o quê e onde. Moisés tinha diversas fontes orais e escritas; além disso, podemos afirmar que para outros trechos recebeu revelação direta de Deus, como por exemplo o design do tabernáculo. Sem dúvida penso que ele escreveu muito do pentateuco, mas não podemos asseverar quanto veio de sua mão. Além disso, valido a opinião de que Esdras foi em muito o editor final do texto.

Os dez mandamentos, leis sociais, leis rituais, o design do tabernáculo e instruções para os sacerdotes, são entre outros parte do material que Moisés escreve enquanto estão no Sinai e no deserto, depois de serem libertados da escravidão.

Quanto à historicidade do texto de Gênesis, considero importante observar que a estrutura do livro dada pela fórmula “em suas origens”, ou “esta é a história de”, cujo hebraico é “toledot”, evidencia que para o autor não havia diferença histórica entre os relatos de Adão e Eva e os de Abraão e José (Sarfati, 2015). A genealogia de Gên 5 não faz diferença entre Adão e Noé, por exemplo, o texto reconta os anos de vida de ambos e a idade que tinham ao nascer seu primogênito. Wright (2013) anota que tanto Lucas (cap 3) como o texto de 1^a Crônicas tomam Adão por histórico.

José Antonio Pastor (1998) elabora nos usos do conceito mito e nas origens que teve esta palavra na cultura grega antiga; na qual, ao contrário do logos, tratava-se de coisas que não se podiam verificar com a razão.

Historicamente, a palavra chegou a referir-se ao “amplo elenco

¹Brueggemann, W. (2005) não nega que Moisés e os profetas escreveram porções do texto, mas para ele, a edição final do texto é “um produto e uma resposta ao exílio na Babilônia. ... A Torá (Pentateuco) foi completada em resposta ao exílio, e a formação dos blocos profético e dos Escritos como literatura religiosa (cânon) devem ser entendidos como produtos do judaísmo do segundo templo. ... Esses materiais não deveriam ser entendidos em termos de seu desenvolvimento histórico, mas sim como resposta a uma época de crise” (p.74). “Quando já não tinham rei, nem cidade, nem templo; foi para o texto que Israel teve que voltar seu rosto” (p.75). Lasor e outros (1999) também reconhecem Esdras como um editor importante do texto Bíblico.

de relatos pseudo-históricos, legendários ou épicos, protagonizados normalmente por seres que ultrapassam a condição humana” (Pastor, 1998)². O autor explica como na atualidade o termo se usa além disso para expressar-se sobre pessoas que são peculiares ou fazem coisas peculiares; e por suposto, como sinônimo de ‘fábula’ ou ‘ficção’.

Pastor traz à discussão o pensamento de Eliade (1981), para quem:

“a realidade dos mitos radica no caráter sagrado destes; sua análise pivota em torno da distinção entre sagrado e profano (...) e concede ao sagrado o grau máximo de realidade, (...) os mitos remetem a um tempo originário e, mediante os rituais que os mitos fundamentam, comunitariamente se recria o tempo originário e se accede a um tempo sagrado no qual o tempo profano aparece anulado”.³

Se bem em seus inícios da Grécia antiga o termo ‘mito’ não tinha a conotação de falso, mas sim de algo não ‘comprovável’ ou ‘verificável’ pela ciência; e se bem se está de acordo em que tudo o sobrenatural na Bíblia, não só em Gênesis, não é comprovável pela ilustração nem repetível em um laboratório; no entanto, não se considera que hoje em dia seja um termo adequado para nenhuma parte da Escritura. A conotação da palavra hoje em dia de ‘falso’ e ‘fábula’, com tudo o simbólico que isso representa, faz do termo um sem sentido dentro da função pastoral, a qual pretende transmitir o autoritativo do texto sagrado.

Tudo isso para afirmar que, considerando a estrutura do livro do Gênesis com os ‘toledot’, o ‘ritmo’ da narração contínua e a consistência da genealogia de Gên 5 com Adão como o primeiro na lista, tomar-se-á o texto de Gênesis 2-50 como gênero narrativo histórico.

Já mencionei que, em minha opinião, seria no tempo de Moisés e a saída do Egito que o Pentateuco teria seus inícios. Nessa época antiga, o Faraó era considerado o filho do deus Sol e de mãe humana. Não estava ao nível dos deuses, mas ao mesmo tempo, era adorado como

² Definiciones: <https://www.uv.es/~japastor/mitos/a1-1.htm>

³ Sarfati (2015) menciona evidência arqueológica de que a humanidade era inicialmente monoteísta e que depois se voltou para a idolatria e panteísmo. Faz alusão às investigações de Wilhelm Schmidt para afirmar que sua crença primitiva era a de um deus supremo, sendo este um criador bom. Foi depois que o sistema de crenças degenerou ao politeísmo (p.61). Faria então sentido que uma humanidade unida no início teria a mesma história para contar, a mesma vivência e o conhecimento de suas origens. Também faria sentido que com o passar do tempo e o surgimento de ídolos, essas histórias mudassem, mas conservando fios comuns.

eles e considerado uma divindade, embora isso seja contraditório. Em nossas crenças temos também este tipo de dualidades: cremos que Jesus é Deus e cremos que ele é um ser humano.

Nenhum egípcio podia considerar-se filho de uma deidade, só Faraó, e ele era o representante máximo do Sol aqui na terra. Sob esta lente cultural, é assombroso o texto bíblico de Gênesis: homem e mulher, ambos, são imagem e semelhança de Deus, isto é, levam sua essência e por isso, são seus filhos. Além disso, observemos que no Éden, Deus é quem provê alimento para Adão e Eva; enquanto os relatos antigos fazem ver que os humanos devem alimentar aos deuses.

Que ótimas notícias para os hebreus. Deus os tirou do Egito com grandes sinais e milagres, os libertou da escravidão, lhes deu leis e preceitos através dos quais revela quem Ele é e como devem viver. Além disso, Ele lhes proverá alimento (maná) e água no deserto. Este é o contexto histórico no qual Moisés escreve e agrupa o material e as fontes que possui.

Childs (1992) afirma que o relato da Criação deve ser entendido em função da redenção do Êxodo; e lido também em função do tabernáculo porque o objetivo da criação era que Deus habitasse no meio de seu povo e o texto aponta para o futuro (o Tabernáculo), mais do que para o passado (o Éden) (p.386).

Até aqui, dediquei um bom espaço para compreender a posição privilegiada de filhos que Adão e Eva tinham. O termo filhos não está presente, mas o conceito sim. Visto assim, é lamentável que esta relação de amor tenha sido quebrada por decisão dos filhos e nossa identidade se fratura, pois fomos expulsos do templo sagrado. Nós escolhemos abandonar o Pai e reinar em nossos próprios termos.

Agora, vejamos Moisés, o libertador, em um aspecto importante de sua identidade: ele foi adotado pela filha de Faraó. Diz o texto que ela o adotou por compaixão (Êx 2:6). Sendo filha de Faraó, escolheu ir contra o decreto de seu pai e salvar este menino hebreu. Mas não se pense que Moisés era o único neto do governante egípcio. Faraó tinha muitos filhos e filhas, não necessariamente esta filha era a única ou a mais importante. O que é certo, é que ela desafiou o decreto de seu pai e ofereceu proteção à criança.

“Compaixão” é um conceito para meditar. Tem a ver com sensibilizar

o coração e pensar nesse próximo. É um sentimento, mas tem a ver com empatia e identificar-se com as necessidades do outro.

A filha de Faraó ouviu o choro do menino, não fechou seus ouvidos a esta criatura indefesa que estava dentro da arca. Moisés estava condenado à morte pelo rei egípcio e pelos animais predadores que também o ouviriam e o cheirariam no rio. Esta mulher foi capaz de ver o recém-nascido em seu choro e em sua necessidade, e foi capaz de compreender o que ela sim podia fazer: resgatá-lo e garantir que sobrevivesse. Deus tinha grandes planos para este líder e libertador que seria criado no palácio e instruído na sabedoria dos egípcios, para chegar a ser “poderoso em palavras e em obras” (Atos 7:22).

O Senhor teve compaixão de nós e nos acolheu em sua família. Ele nos viu, em nossos delitos e pecados, e quis nos salvar e livrar de nossa condição de perdição.

Ester foi adotada por seu parente Mordecai. Sob a ótica do contexto histórico, não devemos considerá-la órfã. O texto hebraico não usa a palavra órfã para Ester, embora o termo exista e seja usado em diversos livros. É certo que ambos os seus pais morreram, mas seu primo a acolheu e a cuidava, e no contexto comunitário ela contava com o cuidado de seu parente. Talvez, o que quero mostrar aqui, é que nesta cultura ela foi realmente acolhida. Não significa que não sofreria a dor e o luto pela perda dos pais. Não importa a idade, trata-se de um acontecimento de vida doloroso. Mas ela não ficou sozinha, alguém assumiu o cuidado e o fez com amor e responsabilidade.

Jesus também foi adotado, ele experimentou a adoção. Nós nos identificamos com um messias que foi adotado. Se tivermos que descrever o discipulado, diríamos que buscamos ser como Jesus. Então, devemos compreender que nossa cristologia tem a variável adoção incluída.

Sabemos que José adotou Jesus de maneira contrária à cultura judaica porque lhe deu seu nome: Jesus, filho de José. Esta era a forma de adoção romana ou grega, mas não judaica. Uma alternativa é que os evangelistas escreveram a história de Jesus em uma linguagem que os gentios entendessem, ou então, que José de fato adotou Jesus da forma como os gentios o faziam. O certo é que José se encarregou da criação de Jesus, deu-lhe alimento, abrigo, um ofício e um nome.

Não sabemos o quanto Jesus se parecia fisicamente com Maria, nem

o quanto os vizinhos buscavam uma semelhança entre pai e filho, ou o quanto o comparavam com seus irmãos e irmãs para ver a semelhança em seu rosto ou cabelo. Ou seu andar? Andava o Senhor igual ao seu pai José?

Os romanos amavam Roma e por ela estavam dispostos a dar a vida. Os filhos eram criados com o objetivo de ser um bom cidadão romano. Para esta cultura, o vínculo genético não era o mais importante. As famílias buscavam ter um herdeiro que carregasse o nome familiar e o patrimônio. Quando não podiam ter filhos próprios, buscavam adotar um filho. É importante entender que a adoção era pensada em função dos adultos, o casal buscava um candidato ideal que administrasse o patrimônio.

Nessas épocas, quando as condições de saúde eram escassas, um candidato ideal era um adulto saudável, forte, de bons costumes, honrado e um bom administrador capaz de levar o nome da família em alto e manter a religião da família, ou seja, os deuses domésticos. Um juiz dava testemunho da adoção legal e era uma honra ser um filho adotado.

Para os gregos sim era muito importante o aspecto genético. Se tinham que adotar, buscavam primeiro que fosse pelo menos um parente próximo. Para eles era inconcebível que alguém quisesse adotar se já tivesse um filho. Desta maneira, a metáfora de Paulo da salvação em termos de adoção espiritual era surpreendente e contracultural: como Deus, tendo Jesus como herdeiro legítimo, nos quer adotar, a homens e mulheres por igual, e nos faz coerdeiros juntamente com Cristo.

O conceito de coerdeiros era uma figura legal para coerdar, os irmãos ficavam juntos administrando a herança. Assim, é bela a metáfora de Paulo ao dizer que como filhos e filhas de Deus, somos coerdeiros com Cristo, homens e mulheres sem distinção.

No batismo selamos esta adoção, descemos à água para anunciar nossa justificação morrendo para o pecado, e nos levantamos da água para proclamar nossa adoção e que agora pertencemos a esta nova família⁴. Além disso, na passagem de Ef 2, se diz que somos adotados

4 O termo grego *βαπτίζω* para ‘batizar’ tinha a ver com tingir tecidos; assim, esta prática do batismo não era submergir per se, mas com o sentido de fazer uma mudança. Os judeus tinham seus banhos rituais de purificação, mas, no caso dos gentios, praticava-se o batismo ao ocorrer a conversão ao judaísmo. Jesus deixou o sacramento do batismo e da santa ceia. No caso do batismo, como uma manifestação pública da fé em Cristo; e a

por amor, não por mérito próprio, não porque sejamos saudáveis ou inteligentes, mas por sua vontade e por seu amor; não por nossas faduldades, mas porque Deus quis e nos ama.

Ele nos dá o reino, esta é nossa herança. Cristo mesmo é o reino; entender isso é identidade.

Ao longo dos séculos, a Igreja de Cristo tem respondido de diversas maneiras ao problema do abandono. Nas eras primitivas os cristãos gentios começaram a marcar uma diferença pois queriam cumprir de maneira literal com o mandato de Tiago 1:27, “a religião pura e sem mácula diante de nosso Deus e Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se sem mácula do mundo”.

A passagem fala de visitar, uma atividade que teria sentido dentro da comunidade judaica onde se acolhiam essas crianças. É preferível pensar na carta de Tiago com uma autoria precoce. Conforme passa o tempo e o cristianismo cresce entre os gentios, estes vão fazendo uma diferença social e começam a adotar meninos e meninas, refletindo assim o amor de Cristo. A hospitalidade e o cuidado dos enfermos, despojados e pobres era visto com suma honra e devoção. A Igreja mostrava compaixão e dava abrigo a quem precisasse.

Na história das missões tivemos quem assumiu também o cuidar das crianças em condição de abandono. George Müller, Mary Slessor, Gladys Aylward e Charles Loring Brace são apenas alguns nomes entre muitos heróis que deveríamos lembrar como pessoas que souberam responder à necessidade dessas crianças.

No caso de Mary Slessor, na zona africana em que servia, hoje Nigéria, essas tribos acreditavam que os gêmeos eram uma maldição e os matavam ao nascer acreditando que era o melhor. Deus permitiu que Mary chegasse a ter um belo ministério com essas crianças, às quais protegia com todas as suas forças. É quase milagroso como sua vida se converteu em um testemunho poderoso, pois ela os cuidava e os criava e nada de mal lhe acontecia. Com o tempo, as tribos começaram a perceber que efetivamente nada de mal lhes aconteceria se deixassem vivos os gêmeos que lhes nasciam.

Identidade tem a ver com o sentido de missão. Não somos escolhidos

santa ceia como lembrança de seu sacrifício e para anunciar sua segunda vinda.

por nós mesmos, mas para ser de bênção a outros. Pregamos o reino, acolhemos, mostramos misericórdia, esse é nosso chamado. Abraão, por exemplo, foi escolhido soberanamente por Deus para iniciar um povo que vivesse de maneira diferente. Sua eleição (assim como a de sua família e este povo) não era pelo privilégio *per se* nem para bênção própria, mas para bênção das nações. Deus ama toda a humanidade e ele cumpriria seu plano de redenção através deles. Israel seria apenas um instrumento. O fato desta nação viver nos mandamentos de Yahvé os faria luz às nações e um canal de bênção, pois assim os povos conheceriam a Deus (dito de outra maneira: Deus se daria a conhecer através deles).

Ser povo de Deus implicava viver a ética resultante de ser redimidos do Egito. Nesta redenção conheceriam o caráter misericordioso de Yahvé (como redentor) e os faria ser sacerdotes às nações.

Quero também me referir à relação entre adoção e descanso. Nossa adoção é entrar no descanso do qual Deus nos fala no livro de Hebreus. Jesus morreu uma vez e por seu sacrifício podemos entrar confiadamente ao trono da graça. Para entender este descanso é necessário lembrar que o dia de descanso foi dado ao povo de Israel como um sinal do pacto de Deus. Mas não se tratava somente de abster-se de trabalhar, mas também de guardar as outras palavras do pacto (os 10 mandamentos, os rituais do culto e guardar a justiça e a equidade para com seus irmãos). Jesus veio para cumprir a lei, por seu sacrifício foram anulados os ritos do culto e os rituais que anunciavam sua vinda. Seu sacrifício foi perfeito uma vez para sempre e Ele é o Senhor do dia de descanso.

Jesus mesmo é nosso descanso! Por seu sacrifício podemos ter uma consciência limpa e isso é descanso para nossa alma. Podemos entrar já no descanso de Deus e ao mesmo tempo, esse descanso será perfeito quando ele vier e nossos corpos forem transformados. Até então, seguiremos anunciando que Ele vem em breve!

Quando falamos hoje em dia de infância em condição de abandono nos referimos a milhões de menores de idade, em uma vulnerabilidade assombrosa. Muitas são as razões pelas quais meninos e meninas ficam à mercê do sistema estatal. A morte dos progenitores, drogas, abusos, agressão e alcoolismo são os principais fatores que levam uma

criança a experimentar a solidão do abandono. Muitas são também as mentiras que podemos acreditar hoje em dia, de que essas crianças são como uma maldição e por isso melhor nem nos aproximarmos delas. No entanto, há grande recompensa para quem as acolhe e as cuida.

Urge abrir nosso coração ao sentir da compaixão, urge levantar a voz e dizer que juntos podemos fazer algo. Talvez nem todos tenhamos o chamado à adoção, mas sim todos podemos nos envolver e apoiar esses lares. As igrejas locais podem contribuir com recursos, víveres, roupas, atenção médica, apoio com os estudos, apoio psicológico, aulas de música ou de arte, enfim.

Podemos nos aproximar desses lares de crianças e perguntar como pode nossa igreja apoiar? Podemos inclusive apoiar economicamente alguma família ou famílias da igreja que sim queiram adotar.

A adoção é um chamado complexo, requer muitas ferramentas pastorais e psicológicas para dar a este menino ou menina a oportunidade de fechar sua história e forjar sua identidade sendo uma pessoa de bem. A adoção é redimir o direito de toda criança a ter uma família. É restituir ao indivíduo o espaço mais seguro para socializar e construir relações interpessoais. Hoje em dia, casais ou pessoas solteiras podem adotar e ser parte do design redentor do Senhor.

Quando o adulto está solteiro, a família estendida joga um papel muito importante na criação desses jovens. Os casais podem confirmar que sempre precisamos de ajuda externa para criá-los e cuidá-los. Que Deus proveja para nós o necessário e cumprir seus propósitos em amor e em submissão.

Compartilho aqui algumas poucas estatísticas segundo a UNICEF:

No mundo, há cerca de 147 milhões de meninos e meninas em condição de abandono, dos quais 52 milhões estão na África. Somente na Nigéria, há aproximadamente 12 milhões, um país com grandes desafios sociais. Por AIDS, temos 15 milhões. Da África, sabe-se que, mesmo que um copo de água fosse a cura para a AIDS, ainda assim milhões morreriam pelas condições de saúde.

No Brasil, são relatados 3,7 milhões de crianças sem o cuidado de ambos os pais. O Conselho Nacional de Justiça do Brasil estima que cerca de 47 mil crianças e adolescentes estão sob a tutela do Estado, esperando ser adotados. Apenas uma pequena fração dessas crianças

chegará efetivamente a ser adotada por uma família. Em 2023, somente 5.000 crianças foram legalmente elegíveis para adoção.

Atualmente, há 4.940 crianças e adolescentes no Brasil esperando ser adotados, segundo o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA).

No que diz respeito às adoções por casais do mesmo sexo no Brasil: Desde 2019, 1.535 crianças foram adotadas por casais do mesmo sexo, o que representa 6,4% do total de 23.918 adoções nesse período. Em 2023, foram concluídas 416 adoções por casais do mesmo sexo, e em 2024 foram registradas 203 até a presente data.

Quero pedir-lhes que, por um momento, tentemos não ver apenas os números; cada um desses números tem olhos, alma, um sorriso. Cada um deles chorou mais de uma vez porque não tem uma família à qual pertencer. Oremos por eles de todo o coração e perguntemo-nos qual é a nossa parte.⁵

Reitero que a adoção é certamente um chamado. Os crentes temos diversos dons. Requer-se uma perspectiva de corpo para funcionar como corpo, sem religiosidade nem culpa, mas em harmonia. “Quando os crentes vivem em consonância com seus dons espirituais, não trabalham por força própria, mas o Espírito de Deus opera neles” (Schwarz, 1998, p. 24).

A missão integral requer que a igreja tenha uma mentalidade e senso de comunidade. O individualismo nos leva a um tipo de missão onde cada um faz o seu. Mas para funcionar como corpo, é preciso pensar como corpo. Para desenvolver o sacerdócio de todos os crentes, é necessário que todos eles tenham uma mentalidade de sacerdócio e uma cosmovisão de missão encarnada. Devemos ser crentes apartados da mentalidade do mundo, mas conscientes de que não estamos fora do mundo e que buscamos alcançar o mundo. Precisamos desenvolver uma cosmovisão de que a igreja é um lugar onde chegam os pecadores, pois foi “apartada para ser enviada” (Padilla, 2003, p.146).

5 Para John Stott (2011), é importante que os crentes tenham um senso de missão e a capacidade de viver contra a cultura em um mundo violento e materialista, o que implica orar com fervor e fazer uma diferença em seu contexto. O pessimismo diante dessa cultura pós-modernista, como se nada pudesse mudar, não é uma opção saudável para a Igreja; e muito menos que se albergue um desejo ‘escapista’ aos problemas sociais.

REFERÊNCIAS:

- Benge, J. y Benge, G. (2007). La audaz aventura. La vida de Mary Slessor. Tyler: JUCUM.
- Bunge, M. ed. (2008). The Child in the Bible. Grand Rapids: William B. Eerd-mans.
- Brueggemann, W. (2005). Theology of the Old Testament. Testimony, Dispute, Advocacy. Minneapolis: Fortress Press.
- Childs, B.S. (1992). Biblical theology of the Old and New Testaments. Theolo-gical reflection on the Christian Bible. Minneapolis: Fortress Press.
- Eliade, M. (1981). Lo sagrado y lo profano. 4ta ed. Guadarrama/Punto Omega. En: <http://raulkoffman.com/wp-content/uploads/2012/07/Mircea-Eliade-Lo-profano-y-lo-sagrado.pdf>
- René Padilla y Tetsunao Yamamori editores. La iglesia local como agente de transformación. Kairos.
- Sarfati, J.D. (2015). The Genesis account. A theological, historical and scientific commentary on Genesis 1-11. Powder Springs: Creation Book.
- Alonso Schökel, Luis. (1992). Apuntes de hermenéutica. Madrid, España: Editorial Trotta.
- Schwarz , Christian A. (1998). Desarrollo Natural de la Iglesia. España: Clie.
- Wright, C. (2009). La Misión de Dios. Descubriendo el gran mensaje de la Biblia. Barcelona: Certeza Unida.
<https://periodismodiverso.com.ar/brasil-la-adopcion-de-ninos-por-parejas-del-mismo-sexo-se-triplico-en-cuatro-anos/>
- Walton, John H et al. Comentario del Contexto Cultural de la Biblia: Antiguo Testamento. Texas: Mundo Hispano, 2022.
- Walton, J.H. (2017). Old Testament theology for Christians. From ancient context to enduring belief. Lisle: IVP Academic.



FATIPI
Faculdade de Teologia de São Paulo
da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

